

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE HISTÓRIA, DIREITO E SERVIÇO SOCIAL**

RAFAEL CARDOSO DE MELLO

**Um “Coronel de saias” no interior paulista:
a “Rainha do Café” em Ribeirão Preto (1896-1920)**

**FRANCA
2009**

RAFAEL CARDOSO DE MELLO

**Um “Coronel de saias” no interior paulista:
a “Rainha do Café” em Ribeirão Preto (1896-1920)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de História, Direito e Serviço Social, da UNESP, campus Franca, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: História e Cultura Política.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Pereira Silva

**FRANCA
2009**

Mello, Rafael Cardoso de

Um “coronel de saias” no interior paulista : a “rainha do café”
em Ribeirão Preto (1896-1920) / Rafael Cardoso de Mello.

–Franca : UNESP, 2009

Dissertação – Mestrado – História – Faculdade de História,
Direito e Serviço Social – UNESP

1. Iria Alves Ferreira – Biografia. 2. Café – História – Ribeirão
Preto (SP).

CDD – 981.552RP

RAFAEL CARDOSO DE MELLO

**Um “Coronel de saias” no interior paulista:
a “Rainha do Café” em Ribeirão Preto (1896-1920)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de História, Direito e Serviço Social, da UNESP, campus Franca, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em História.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____
Profa. Dra. Márcia Pereira Silva - UNESP/Franca

1ª Examinadora: _____
Profa. Dra. Dulce Maria Pamplona Guimarães - UNESP/Franca

2ª Examinadora: _____
Profa. Dra. Regina Célia Lima Caleiro - Universidade Estadual de Montes Claros / UNIMONTES

Franca, ____ de _____ de 2009.

Há muito tempo que eu saí de casa,
Há muito tempo eu caí na estrada,
Há muito tempo que eu estou na vida,
Foi assim que eu quis, e assim eu sou feliz.

Principalmente por poder voltar a todos os lugares onde já cheguei,
Pois lá deixei um prato de comida, um abraço amigo, teto pra dormir e sonhar,

E aprendi que se depende sempre de tanta muita diferente gente,
Toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas.

*É tão bonito quando a gente entende que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
É tão bonito quando a gente sente que nunca está sozinho por mais que pense estar...*

(Caminho do coração, Gonzaguinha)

Este trabalho é dedicado a memória daqueles que estiveram presentes durante seu processo de elaboração, porém, por motivos que fogem as nossas forças, não puderam desfrutar do trabalho terminado:

A Professora Sandra Jatahi Pesavento e

principalmente ao

Professor José Evaldo de Mello Doin

Agradecimentos

Agradeço a todos que estiveram presentes em minha formação enquanto historiador, desde meus esforços iniciais em 2003 até a entrega desta dissertação. Neste exercício de memória, recordo-me das conversas no Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto com as Profas. Ms. Tânia Registro e a Profa. Ms. Lilian de Oliveira Rosa, assim como com Mauro Porto, os primeiros pares a me apresentar o mundo da documentação. (Não me esqueço de Bia, Lúcia, Sandra e Simone pelo carinho e atenção dispensados).

Graças a orientação que tive durante a Iniciação Científica do então professor, hoje amigo, Prof. Humberto Perinelli Neto, entrei em contato com textos, obras literárias, documentos, enfim, uma infinidade de possibilidades interpretativas no ofício do historiar. Agradecer é pouco.

Lembro também aqui as prosas com o Prof. Dr. Lélcio de Oliveira. Importantíssimas foram as indicações de leitura e o encorajamento a ingressar no Programa de Pós Graduação da UNESP.

Não poderia me esquecer daqueles que ainda em 2004 formaram a banca examinadora de meu TCC. Os Professores Ms. Fábio Augusto Pacano e Dra. Dulce Maria Pamplona Guimarães, para além do Prof. Humberto (orientador). Com leitura absurdamente competente, os três indicaram novos caminhos e abordagens para um novo projeto. Sem aquelas indicações esta pesquisa não existiria.

Graduado em História, busquei apurar as leituras e procurar novas perspectivas para compreensão do real, como me havia sido sugerido. Foi em 2005 que, a convite do Prof. Humberto Perinelli Neto, pude conhecer o Prof. Dr. José Evaldo de Mello Doin. Ainda lembro da nossa primeira conversa sobre esta pesquisa, do interesse do professor Evaldo e de seu convite a adentrar ao CEMUMC. À todos os membros do grupo, meu muito obrigado! Aproveito para revelar minha profunda gratidão pelas leituras e apontamentos realizados pelo professor Dr. Rodrigo Ribeiro Paziani, hoje amigo e companheiro de trabalho. Considero-o como um dos grandes interlocutores desta dissertação. Neste sentido, agradeço o companheirismo do Prof. Humberto e do Prof. Rodrigo quando da ausência do Prof. Evaldo (em decorrência da saúde).

Em meados de 2006, nasceu o Grupo ELO. Coordenado pela Profa. Dra. Andrea Lastória USP/Ribeirão Preto, o Grupo de Estudos da Localidade principiou um longo e proveitoso calendário de reuniões em prol de construir uma comunidade de aprendizagem com estudantes e pesquisadores das mais variadas áreas, entre elas História, Geografia e Pedagogia. A partir da minha presença naquelas reuniões, aprendi novas perspectivas sobre a cidade e dividi minhas interpretações sobre a urbe. Cada vez mais pessoas passavam pela minha estrada, me emprestando sua vontade de saber e energia para continuar este ofício por mim escolhido. Agradeço a todos os membros do ELO, em especial a Profa. Andrea pelas leituras, discussões e incentivo.

Faço questão de pontuar a significativa presença em diversos momentos da escrita desta dissertação dos Professores Rodrigo Calsani, Tiago Giorgianni, Ângela Chichittosti, Jorge França, Lúcia Jayme, Letícia Ricci e os demais companheiros de debates acerca da problemática da micro-história.

No que diz respeito aos funcionários de Arquivos e Bibliotecas consultados, devo salientar o profissionalismo e o carinho daqueles que me receberam no Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto, Arquivo do Estado de São Paulo e da Biblioteca Nacional. Num mundo da racionalidade, não carrego nenhuma insatisfação, só reconhecimento.

O meu muito obrigado a colaboração das Profa. Dra. Dulce M. Pamplona Guimarães e Profa. Dra. Ana Raquel Portugal pelas intervenções no texto quando da qualificação, assim como a sempre presente Profa. Dra. Márcia Pereira da Silva, que esteve predisposta a me ajudar, principalmente na ausência do Prof. Evaldo. A Professora, o meu muito obrigado pela força e incentivo em finalizar a pesquisa e continuar no universo acadêmico. Sua leitura atenta do trabalho e as reuniões que antecederam a entrega da dissertação não foram esquecidas.

Ao Professor Dr. José Evaldo de Mello Doin, agradeço por tudo, fundamentalmente pela dedicação em me ensinar os caminhos do fazer história.

xxx

Aos meus alunos do Colégio Vita et Pax, que desde 2005 dividem a minha alegria em ser professor. As coordenadoras Márcia, Selmi e Elena, por compreenderem meus horários, minha agenda e minha vida na estrada.

Agradeço ainda meus companheiros dos pequenos prazeres (ora efêmeros, ora fundamentais): Marcos Dias, pela cumplicidade, amizade e parceria nos cafés... Danilo (sensei de Karatê) e Tiago por também serem cinéfilos.

Aos demais amigos, aos familiares... por compreenderem que foi este o caminho que escolhi e que aqueles sábados e domingos em casa não significaram distância. Em especial mãe e irmão, apoio incondicional.

Às quintas-feiras... elas nunca morrerão...

MELLO, Rafael Cardoso de. **Um “Coronel de saias” no interior paulista: a “Rainha do Café”** em Ribeirão Preto (1896-1920). 2009. 210f. Dissertação de Mestrado em História – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2009.

Resumo

Este trabalho tem como desiderato a compreensão das representações sociais que versam sobre Iria Alves Ferreira, reconhecida como “Rainha do Café” durante o final do século XIX começo do XX na região do nordeste paulista em pleno ciclo cafeeiro. Parte-se de uma abordagem micro-histórica, cujos interesses perpassam o “jogo de escalas” desenvolvido a partir da biografia e a cidade de Ribeirão Preto, palco das ações e de observação desta pesquisa. Trata-se de um período da inserção da cultura européia por meio da imigração, de novas tecnologias advindas da industrialização e das transformações urbanas – tempo de “olhar, desejo e paixão”. Assim, este trabalho busca o vivido e o experienciado, se aproximando e respeitando as ações / apropriações de Iria Alves Ferreira tendo como base material fotos, artigos de jornal, magazines, cartas e outros.

Palavras-chave: Iria Alves Ferreira. Ribeirão Preto. modernidade. café.

Abstract

This work aims at understanding the social representations that deal with Iria Alves Ferreira, known as the "Coffee Queen" during the late nineteenth and early twentieth centuries in the northeastern region of São Paulo at the time of coffee. It starts with a micro-historical approach, whose interests pervade the change of scales from the biography and the city of Ribeirão Preto. The city serves as the venue of actions and observation of this research. This is a period of integration of European culture through immigration, new technologies arising from industrialization and urban change - time to "look, and want to fall in love." Thus, this work tries to human experience, while the actions / appropriations of Iria Alves Ferreira material based on photos, newspaper articles, magazines, letters and others.

Keywords: Iria Alves Ferreira. Ribeirão Preto. modernity. coffee.

Relação de imagens

Imagem 1 - Iria Alves Ferreira – a Rainha do Café.....	15
Imagem 2 – Assinaturas das testemunhas no Testamento de Antônio Honório, pai de Iria.....	41
Imagem 3 - Túmulo de Antônio Honório Alves Ferreira e Maria Thereza Gonçalves Ferreira...	43
Imagem 4 – Igreja matriz de Ribeirão Preto em 1876.....	60
Imagem 5 - Bandeira e Brasão de Ribeirão Preto.....	63
Imagem 6 – Membros da Câmara Municipal (re)eleitos em 1913.....	89
Imagem 7 - A cidade de Ribeirão Preto de 1874.....	92
Imagem 8 - A demolição do centro de Paris em meados do XIX.....	93
Imagem 9 - Demolições para a construção da avenida Central, 1904-1905.....	95
Imagem 10 - Demolições para a construção da avenida Central, 1904-1905.....	95
Imagem 11: A avenida Central e seus edifícios, ainda em construção, tendo ao fundo o Pão de Açúcar, c. 1905-1906.....	97
Imagem 12: A avenida Central, já plenamente integrada à paisagem carioca, c. 1910.....	97
Imagem 13: A avenida, rebatizada em homenagem ao barão do Rio Branco, vista em direção ao cais do porto, c. 1915-1920.....	98
Imagem 14: Hospital de isolamento para leprosos 'Lazareto' inaugurado em 1897 - década de 1920.	105
Imagem 15: Casa de Câmara e Cadeia. Foto do início da década de 1910.....	106
Imagem 16: A primeira capela de Ribeirão Preto – 1890.....	109
Imagem 17: Quarteirão Paulista – 1935.....	110
Imagem 18 e 19: À esquerda, vista da lateral do Teatro Carlos Gomes (rua Duque de Caxias e fundo rua Barão do Amazonas). À direita, vista frontal.....	111
Imagem 20: Interior do Teatro Carlos Gomes.....	112
Imagem 21: A esquerda, o Palacete Innechi e a direita a Sociedade Recreativa de Esportes de RP (que até 1917 foi sede da Câmara Municipal), 1930.....	113

Imagem 22: Jardim da Fazenda Monte Alegre, s/ data.....	114
Imagem 23: Transporte de madeira para a serraria de Gustavo Vielhaber no centro puxada por uma espécie de carro-de-boi (1900).	116
Imagem 24: O REPORTER, Ribeirão Preto, 30 de Abril de 1911.....	121
Imagem 25: Zoraide Rocha de Freitas.....	130
Imagem 26: Livro de presença da Escola Feminina do Barracão – 1906.....	133
Imagem 27: Grupo de rapazes e moças da família Junqueira se divertindo num curso carnavalesco, 1915.....	135
Imagem 28: Iria Alves Ferreira e seu filho, Francisco Junqueira.....	137
Imagem 29: Imperatriz Eugênia da França, 1865.....	139
Imagem 30: Podemos ver o caimento da chamada “saia tulipa” ou em “forma de sino”.....	139
Imagem 31: Judith Mendes, escritora francesa, “Dama da Belle Époque”.....	140
Imagem 32: D. Inocência da Cunha Junqueira, filha da Iria Alves Ferreira.....	141
Imagem 33: Visão noturna do centro da cidade, década de 1910.....	143
Imagem 34 – Companhia Alda Garrido.....	148
Imagem 35 - Corista do Cassino Antártica em Ribeirão Preto 1927.....	149
Imagem 36 - Imagem de corista dançando semi-nua no palco do Cassino Antártica, Ribeirão Preto (SP), 1927.....	149
Imagem 37 – Cassino Antártica e Rotisserie Sportsman.....	150
Imagem 38 – Emma Barchafs. DIÁRIO DA MANHÃ, Ribeirão Preto, 04 de Junho de 1906....	151
Imagem 39 - Capa do Jornal <i>O Parafuso</i> do dia 15 de Dezembro de 1920.....	160
Imagem 40 - Visão aproximada da parte de baixo da página que constitui a capa do periódico, aproveitando para ver mais de perto a forma como foi caracterizada Iria Alves Ferreira, tanto pelas palavras como pela imagem.....	161
Imagem 41 - Dona Veridiana Prado (1826-1910).....	165

Imagem 42 Dona Ana Jânsen Pereira (1787-1889).....	166
Imagem 43 Visita do irmão do presidente Hermes da Fonseca à Fazenda Pau-Alto, Município de Ribeirão Preto-SP. Propriedade de Iria Junqueira, s/data.....	168
Imagem 44 Como consta na ordem estabelecida pelo autor da genealogia, estão presentes na foto: (1) Irmão de Hermes da Fonseca, (2) D. Iria Alves Ferreira, (3) Cel. Piedade, (4) Dr. Francisco Junqueira, (5) D. Inocência Junqueira, (6) José da Cunha Junqueira, (7) Srta Zica Junqueira, (8) o Sr. Capitão Alexandre Silva (administrador-geral), (9) Gabriel Junqueira e (10) Augusto Junqueira.....	169
Imagem 45- Carta de Washington Luís a Coronel Joaquim da Cunha Diniz Junqueira - 07.04.1927.....	175
Imagem 46 - Frente do cartão enviado a Washington Luiz, por Iria Alves Ferreira. 01.05.1920.	176
Imagem 47 - Verso do cartão enviado a Washington Luiz, por Iria Alves Ferreira. 01.05.1920.	176
Imagem 48 - <i>“Está descoberta a identidade da vítima do Pau Alto”</i>	177
Imagem 49- Túmulo de Iria Alves Ferreira – Cemitério da Consolação.	182
Imagens 50 e 51- Túmulo de Iria Alves Ferreira-Cemitério da Consolação.....	183
Imagem 52 - Túmulo de Iria Alves Ferreira – Cemitério da Consolação.....	183
Imagem 53 - Túmulo de Iria Alves Ferreira – Cemitério a Consolação.....	184
Imagem 54 – Rua Iria Alves, em Bonfim Paulista.....	186
Imagem 55 – Placa da rua ‘Iria Alves’.....	186

RELAÇÃO DE TABELAS

TABELA 1 - PORCENTAGENS DOS PRINCIPAIS PRODUTOS DE EXPORTAÇÃO.....	37
TABELA 2 - PROCEDÊNCIA DAS FAMÍLIAS DA CIDADE DE CASA BRANCA – 1833..	49
TABELA 3 - OCUPAÇÕES DA FREGUESIA DE CASA BRANCA (1815-1829).....	51
TABELA 4 - POPULAÇÃO DAS REGIÕES PAULISTAS (1854-1934).....	66
TABELA 5 - POPULAÇÃO TOTAL DOS MUNICÍPIOS DA MOGIANA (1874-1920).....	67
TABELA 6 - POPULAÇÃO SEGUNDO A NACIONALIDADE E SEXO EM RIBEIRÃO PRETO – 1902.....	68
TABELA 7 - DEZ MAIORES NEGOCIANTES POR SOMATÓRIO DE COMPRAS E VENDAS EM RIBEIRÃO PRETO ENTRE 1889-1930 (EM VALORES REAIS).....	74

Lista de Abreviaturas e Siglas

APHRP – Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

AESP – Arquivo do Estado de São Paulo

BN – Biblioteca Nacional

CEMUMC – Centro de Estudos da Modernidade e Urbanização do Mundo do Café

ELO – Grupo de Estudos da Localidade

Sumário

Introdução.....	15
Capítulo Um – A formação do “reinado” de Iria Alves Ferreira.....	35
1.1 – De como Iria e sua família chegaram em terras paulistas.....	36
1.2 – Nasce Iria, funda-se a cidade de Ribeirão Preto.....	52
1.3 – De como o café se fez o “produto-mundo” e Ribeirão Preto.....	63
Capítulo Dois –A “Rainha do Café”.....	73
2.1 – De como Iria Alves Ferreira foi coroada a ‘Rainha do Café’.....	74
2.2 – A ‘Rainha’ e o seu reino – a <i>petit Paris</i> em pleno nordeste paulista.....	90
Capítulo Três – Nas margens de Ribeirão Preto.....	118
3.1 – Flagrantes femininos na Belle Époque ribeirãopretana.....	119
3.2 – Negociação, sedução e apropriação: de como a conservadora ‘Rainha do Café’ assistia as mudanças sociais ribeirãopretanas.....	134
Capítulo Quatro – A “Rainha dos Bandidos”.....	158
4.1 – De como Iria perdeu a majestade ou ganhou outra coroa.....	159
4.2 – A mulher, as estratégias e o jogo político.....	164
4.3 – Fios, rastros e vestígios: o que ficou de Iria Alves Ferreira?.....	178
Considerações finais.....	189
Fontes e bibliografia.....	196

Imagem 1 -Iria Alves Ferreira – a Rainha do Café.

Introdução

“Pessoalmente, do mais remoto que me lembre, ela [a História] sempre me pareceu divertida. Como todos os historiadores, eu penso. Sem o quê, por quais razões teriam escolhido esse ofício? Aos olhos de qualquer um que não seja um tolo completo, com quatro letras, todas as ciências são interessantes. Mas todo cientista só encontra uma única cuja prática o diverte. Descobri-la para a ela se dedicar, é propriamente o que se chama de vocação.”

(BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História ou O ofício do Historiador**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2001, p.43)

A primeira vez que li “Tudo que é sólido desmancha no ar”, em fins de 2005, percebi o quão feliz Marshall Berman havia sido ao se debruçar sobre a Modernidade. Em uma escrita que valoriza extremamente o humano, o autor permite o homem moderno conhecer mais um pouco a modernidade a si mesmo. Num primeiro contato com a obra, eu planejava pesquisa semelhante a esta que vos apresento, seguindo suas palavras como orientações:

Existe um tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. Designarei esse conjunto de experiências como “modernidade”. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, ‘tudo o que é sólido desmancha no ar’.¹

Posto que o historiador acaba por estudar o passado a partir das inquietações de seu tempo, compreender a Modernidade passou a ser a finalidade de meus esforços. Concomitantemente, tendo em vista as aulas ministradas pelo Prof. Dr. José Evaldo de Mello Doin, encontrei o CEMUMC² (Centro de Estudos da Modernidade e Urbanização no Mundo do Café) ocasião em que pude presenciar a aplicação dos conceitos relativos a esta experiência moderna em pesquisas que tomam as cidades do interior paulista como base de observação. O ano de 2006 se iniciou com a minha participação nas discussões realizadas entre os membros do Centro, assim como com a certeza de que logo estaríamos compartilhando objetos de investigação.

¹ BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.24.

² O Centro de Estudos da Modernidade e Urbanização do Mundo do Café (CEMUMC) aposta na potencialidade do “contrabando do saber” entre áreas que tem como objetivo fundamental a compreensão do homem em diversos aspectos. Por conta disso é que o CEMUMC é composto por estudiosos como historiadores relacionados a diversas matizes (política, cultural, econômica e social), além de sociólogos, antropólogos, arquitetos e internacionalistas. A polifonia de vozes presentes neste grupo junta-se as possibilidades comparativas nas quais se ampara, por conta da verticalização da abordagem que cada membro do grupo promove, ao se deter de modo especial em certos aspectos da modernidade a partir de uma realidade empírica específica (uma localidade). Sediado na UNESP/Franca, o CEMUMC conta com professores universitários, doutorandos, mestrandos e graduandos. A coordenação-geral coube ao Prof. Dr. José Evaldo de Mello Doin, até meados do ano de 2009.

Pouco tempo depois, conhecedor desta aventura moderna por meio de tantos personagens que foram alçados pelos pesquisadores do grupo³, notei a ausência de algo, uma imperfeição. Nenhuma tese ou dissertação havia se debruçado sobre uma mulher. Eu, que já vinha de uma iniciação científica filiada a História de Gênero, sentia-me na obrigação de contribuir de alguma forma.

Em um universo gigantesco de possibilidades, uma delas chamou a minha atenção. Foram várias as representações⁴ femininas que chegaram por meio da documentação: eram professoras, religiosas, meretrizes, donas-de-casa, escravas, etc. Entre as mesmas, pelo menos uma, ao meu ver, se sobressaiu – uma cafeicultora. Pouco a pouco, conforme os documentos perdiam a poeira, emprestavam cores a sua trajetória.

Iria Alves Ferreira ganhava vida a cada foto, testamento ou notícia de jornal; nossos olhares curiosos indagavam os caminhos que haviam sido percorridos por esta mulher que, durante a transição do século XIX para o XX, foi aclamada como “Rainha do Café”, em plena Ribeirão Preto, cidade do nordeste paulista que foi considerada uma das maiores produtoras de café durante a República Velha.

Proprietária da fazenda “Pau Alto”, Iria Alves foi uma das maiores negociantes do município, teceu relações pessoais com poderosos políticos brasileiros, contrariando a representação mais difundida de ser mulher da época. Casada mais de uma vez, Dona Iria (como respeitosa alguns periódicos a chamavam) passou por diversas situações conflitantes em vida, como ter sido acusada de arquitetar um assassinato em suas terras.

Em carta ditada ao Padre Antônio Carbella antes de falecer, expressou:

³ A respeito de processos de modernização urbana em localidades do Mundo do Café, verificar: ALMEIDA, O. **Uma ponte entre o arcaico e o moderno**: José Gabriel de Oliveira e Souza e a modernização urbana em Santa Bárbara D’Oeste (1892-1920). Franca: UNESP/FHDSS/FAPESP, Franca, 2003 (Dissertação de mestrado em História). AZEVEDO, V. S. **Entre a tela e a platéia**: theatros e cinematographos na Franca da Belle Époque (1890-1930). Franca: UNESP/FHDSS/CAPES, 2001 (Dissertação de Mestrado em História). VARGAS, C. R. **As várias faces da cidade**: Bento de Abreu e a modernização de Araraquara (1908-1916). Franca: UNESP/FHDSS/CAPES, 2000 (Dissertação de Mestrado em História). Em especial, a tese de doutoramento de Rodrigo Paziani, que toma também a localidade de Ribeirão Preto como objeto de análise – PAZIANI, Rodrigo Ribeiro. **Construindo a Petit Paris**: Joaquim Macedo Bittencourt e a Belle Époque em Ribeirão Preto (1911-1920). Tese de Doutorado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2004.

⁴ O conceito “representação” é de grande valia para o empreendimento que aqui é apresentado. Por hora, apenas por definição, tomamos as palavras da Profa. Sandra Jatahi Pesavento: “... a sociedade constrói a sua ordem simbólica, que, se por um lado não é o que se convencionou chamar de real (mas sim sua representação), por outro é também uma outra forma de existência da realidade histórica... Embora seja da natureza distinta daquilo que por hábito chamamos de real, é por seu turno um sistema de idéias-imagens que dá significado à realidade, participando, assim, da sua existência. Logo, o real é, ao mesmo tempo, concretude e representação. Nesta medida, a sociedade é instituída imaginariamente, uma vez que ela se expressa simbolicamente por um sistema de idéias-imagens que constituem a representação do real.” PESAVENTO, S. J. *Em busca de uma Outra História: imaginando o imaginário*. In: **Revista Brasileira de História**. v.15, nº29, 1995, p.16.

... Em nome de Deus e de Maria Santíssima, abençoção a todos os meus filhos, aos meus netos, as minhas boas noras. Tenham sempre fé e esperança na Justiça Divina. Que Deus perdoe os meus perseguidores, como eu os perdôo agora.

Desta inocente e caluniada mãe, Iria Alves Ferreira.⁵

21 de novembro de 1927 - data em que foi confeccionada a carta. O padre sentado ao seu lado anotava atentamente palavra por palavra da convalescida “Rainha”.

No derradeiro momento em que a morte encontra a vida, fica a reflexão sobre a trajetória que trilhamos, as escolhas que fazemos, experiências que vivemos, tanto nos momentos em que somos juizes como naqueles em que parecemos réus. “*Chorei muito e chorarei até depois de morta...*”.⁶

Imaginemos que enquanto ditava, vinha em seu pensamento imagens, fatos, rostos, enfim, uma sorte de lembranças que evocavam na memória toda a sua vida. Flashes como seu nascimento em Santo Antonio do Machado, no Estado de Minas Gerais, provavelmente sua infância, seu relacionamento com seus pais Antônio e Maria, assim como com o irmão João. Talvez tenha se lembrado de sua vinda para o Estado de São Paulo, e sua residência (à Rua Tibiriçá nº. 161) em Ribeirão Preto⁷, seu primeiro marido Luiz Junqueira, seus filhos, seu segundo marido... e claro, a recente lembrança de ser considerada a mandante de um crime ocorrido em suas terras.⁸

Neste momento de apresentação, não devemos nos esquecer que sua vida foi marcada por um contexto de mudanças globais cujos tons são industriais. A partir de meados do século XIX, por conta do capital proveniente de uma complexa rede comercial estabelecida num ‘balcão de negócios’⁹ instalado em decorrência do ciclo cafeeiro, o Brasil vivenciou um profundo gosto pelo moderno e por toda a materialidade e simbolismo que o envolviam e que era experienciado na Europa como marca de um novo tempo: *Belle Époque*. O termo revela que tais emblemas modernos possuíam relação estreita com um lugar em especial: a França.

⁵ CIONE, R. **Revivescências na história de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Legis Summa Ltda, 1994, p. 198-199.

⁶ Outro trecho da mesma carta. Idem, p. 198-199.

⁷ Local de nascimento, residência na cidade de Ribeirão Preto, e filiação foram extraídos do Testamento de Antônio H. Alves Ferreira, pai de Iria Alves Ferreira.. Auto de Abertura do Testamento do finado Antonio Honório Alves Ferreira. 1º Ofício Civil – Inventários. Cx. 16. APHRP.

⁸ Nomes e locais extraídos de seu testamento. Testamento de Iria Alves Ferreira. 1º. Ofício Civil. Cx. 228-A. APHRP.

⁹ Quanto a esta rede complexa de negócios desenvolvida, o professor José E. M. Doin em companhia de Rodrigo R. Paziani, salientam: “*Acostumado com as lides dos negócios cafeeiros que se realizavam todos nas cidades, o fazendeiro tinha um forte viés urbano, seu cotidiano era consumido no zafe-zafe dos bancos e das casas comissárias, nos escritórios de despacho e na alfândega, junto aos bacharéis, quando não era o próprio doutor a cuidar de seus contenciosos na política, espaço nunca desprezado para afirmar seu prestígio e suas benesses, indispensáveis para o empreendimento.*” DOIN, J. E. M.; PAZIANI, R. R *Sob o manto do capitalismo bucaneiro: raízes e facetas da experiência moderna no Brasil*. **História Revista**, Goiânia, v.12, n.2, p.220.

Viver um grande amor em Paris, desfrutar de seus cafés e *cabarés*, passear pelas suas ruas, olhando as vitrines das butiques e admirando a luz elétrica, entre outras novidades técnicas e materiais, eram sonhos que povoavam muitos homens no interior paulista, durante o término do século XIX e princípio do XX. Como diria José Evaldo de Mello Doin (remetendo-nos aquelas aulas das quais participei), um tempo de “olhar, desejo e paixão”.¹⁰

Era nessa torrente de informações, nessa nebulosa de sensações, nesse viver o efêmero que as cidades corriam de encontro ao cigarro, aos cafés, perdendo o ritmo lento e rotineiro de seus velhos conhecidos transeuntes para experimentar a “aventura da modernidade”¹¹. Com uma velocidade nunca antes navegada, homens e mulheres desse tempo renasciam com pés em dois mundos distintos: o civilizado e o bárbaro, o arcaico e o moderno, o novo e o velho. Era, enfim, a *Belle Époque Caipira*¹² que tomava conta dos corações e das mentes das gentes que habitavam tais cidades, por obra especial de sua elite, desejosa de modernizar-se. Franca, Ribeirão Preto, Batatais, Araraquara, Piracicaba, São Carlos, Mococa, Bauru, São José do Rio Preto, entre outras, são exemplos que representam cada qual ao seu modo, este momento de transformações do qual Iria foi testemunha. Por isso, ser considerada “Rainha do Café”¹³ neste universo moderno, contexto masculino por excelência, faz de Iria Alves Ferreira uma incógnita – como teria ela conseguido juntar tamanho poder e prestígio?

Um título de causar inveja não apenas às mulheres, como para os homens que não alcançavam “em cifras” o sucesso de seus negócios. Enérgica¹⁴, diriam alguns, benemérita¹⁵,

¹⁰ DOIN, J. E. M. *Olhar, desejo e paixão: lazeres e prazeres nas terras do café (1864 – 1930)*. In: DOIN, J. E. M.; PEREIRA, R. M. (orgs.) **A Belle Époque Caipira: a saga da modernidade nas terras do café (1864-1930)**. Franca: UNESP-FHDSS/CEMUNC, 2005.

¹¹ Cf. BERMAN, M. **Tudo o que é sólido desmancha no ar...** Op. cit.

¹² Esta elite interiorana e suas ações constituem tal modernidade caipira na medida em que “...*Desobrigados de qualquer ética, derribavam as matas, levando destruição morte e grilagem às terras férteis do sertão. Tal qual verdadeiros filibusteiros, adentravam a hinterlândia e agiam com violência, amparados na legitimidade de um discurso constituído a partir da significação social positiva atribuída ao moderno. Assim, o café seguia impávido, ladrilhando as localidades outrora semeadas e levando os trilhos e silvos das locomotivas em seu rastro. Rápido, então, lugarejos cresciam e tomavam forma de cidades, tornando-se, assim, centros bafejados pela força da grana que construía e destruía coisas belas, um verdadeiro admirável mundo, que mesclava sem possibilidades de separação o arcaico e o novo...*” In: DOIN, J. E. M.; PERINELLI NETO, H.; PAZIANI, R. R.; PACANO, F. A. *A Belle Époque caipira: problematizações e oportunidades interpretativas na modernidade e urbanização no Mundo do Café (1852-1930) – a proposta do CEMUMC*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.27, nº53, p.95.

¹³ O título “Rainha do Café” pode ser visto em diversos documentos e obras, saliento a publicação: **ALMANACH ILLUSTRADO DE RIBEIRÃO PRETO**, Ribeirão Preto: Sá, Manaia & Cia., 1913, p.84-87. Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.; como também a obra de MATTOS, J. A. J. **Família Junqueira: sua história e genealogia**. Rio de Janeiro: Família Junqueira, 2004.

¹⁴ ROSA, L. R. O.; REGISTRO, T. C. **Ruas e caminhos: um passeio pela história de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Editora e Gráfica Padre Feijó Ltda., 2007. Trata-se de um trabalho coletivo do qual participei como pesquisador, que objetivou identificar todos os logradouros públicos da cidade de Ribeirão Preto. Para tanto, a obra “Ruas e Caminhos” criou verbetes para cada rua, praça, avenida, etc. da cidade.

¹⁵ CIONE, Rubem. **História de Ribeirão Preto**. v.1. Ribeirão Preto: “IMAG” – Gráfica e Editora, 1987, p.166-167.

diriam outros, permaneceu incógnita, aguardando na cela do tempo, por pesquisa que conseguisse trazer à tona os aspectos mais íntimos de sua existência. Afinal de contas, quem foi Iria Alves Ferreira?

O que por hora construímos é uma narrativa história que responde tal indagação, ao passo que relaciona a vida da cafeicultora a outros pontos que saltam aos nossos olhos. Ao tentar retirar os obstáculos que o passado nos impõe, entramos em contato com outros questionamentos: de que maneira ela foi uma representante de seu tempo histórico? Seria a “Rainha do Café”, um reflexo da política brasileira do princípio da República, o “coronelismo”? Quais os limites que o feminino impunha em seu agir?

Para que possamos começar a responder estas perguntas, devemos nos ater a outras questões, aquelas de caráter epistemológico. É fundamental o conhecimento da área que iremos atuar para buscarmos Iria Alves Ferreira, assim como quais serão os autores que nos acompanharão nos diálogos desta empreitada histórica.

Escrever sobre mulheres é estar vinculado a um campo de investigação ou linha de pesquisa específica – a História das mulheres. E neste sentido, devemos lembrar que as alterações que a sociedade ocidental sofreu durante o século XX provocaram transformações no labor científico: as mulheres se fizeram presentes nas preocupações investigativas de vários historiadores, ocorrência que gerou a necessidade de métodos e abordagens capazes de alcançá-las.

Entendemos que a história das mulheres faz parte de uma reviravolta epistemológica da história marcada, como salienta Peter Burke¹⁶, pela busca de novos objetos e, conseqüentemente, de novas fontes e novas abordagens, capazes de permitirem tais estudos. A historiadora Rachel Soihet explicita bem o tom desta mudança:

A grande reviravolta da história nas últimas décadas, debruçando-se sobre temáticas e grupos sociais até então excluídos do seu interesse, contribui para o desenvolvimento de estudos sobre as mulheres. Fundamental, neste particular, é o vulto assumido pela história cultural, preocupada com as identidades coletivas de uma ampla variedade de grupos sociais: os operários, camponeses, escravos, as pessoas comuns. Pluralizam-se os objetos da investigação histórica, e nesse bojo, as mulheres são alçadas à condição de objeto e sujeito da história.¹⁷

¹⁶ BURKE, P. *Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro*. In BURKE, P. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. Unesp, 1992, p.07-38.

¹⁷ SOIHET, R. História das mulheres. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campos, 1995. p. 275.

Todavia, “*a onda do movimento feminista, ocorrida a partir dos anos 60, contribuiu, ainda mais, para o surgimento da história das mulheres*”.¹⁸ Não podemos depositar todo o crédito ao movimento historiográfico francês *Annales*, apesar da Revista *Annales* ser considerada grande responsável por essa “*reviravolta da história nas últimas décadas*”. Quando tratamos da História das mulheres devemos levar em consideração o fato de que tais mulheres ocuparam cargos nas Universidades¹⁹ e construíram a sua história para legitimar o movimento em que estavam inseridas. Acreditamos que o nascimento deste novo objeto histórico deve-se a estes dois movimentos: *Annales* e *feminista*.

Sendo assim, ao passo que os historiadores redefiniam seu campo de investigação, eclodiam revoltas e protestos nas ruas, por meio das ações tomadas como sendo organizadas por operárias, quando, na verdade, eram ações cidadãs, moldadas pela necessidade da nova realidade em que elas vivam. Tal realidade bem como o universo de atuação dessas personagens teve como intérprete a História das mulheres.

Uma vez iniciada a elaboração da História das mulheres, cabe considerar um alargamento do campo historiográfico e uma ruptura com leituras que entendiam as ações humanas sempre a partir de documentação escrita, dirigida e lida (em seu contexto) por homens. Acredita-se que

... a análise das mulheres se tornou possível com os estudos históricos, as incertezas ligadas ao próprio processo de conhecimento, mas colabora com este, na medida em que questiona categorias de universalidade e de racionalidade presentes na historiografia.²⁰

Negar a história que privilegia apenas atitudes masculinas e fabricar uma narrativa que confira às mulheres ação significou também, depois da década de 1970, compreender sobre aquilo convencionamos denominar de *gênero*. Este termo vem sendo utilizado para teorizar a diferença sexual e indica uma rejeição ao determinismo biológico. Desta sorte, o termo “*se torna, inclusive, uma maneira de indicar as ‘construções sociais’ – a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres*”.²¹

¹⁸ Primeiramente nos Estados Unidos com os *Woman's Studies* e posteriormente em outros países como França e Inglaterra, estes estudos se realizavam no intuito de responder a demanda de informações sobre as questões que o movimento feminista discutia. Idem.

¹⁹ Cf. o capítulo de nome *Mulheres profissionais: um terceiro sexo?* Na obra de SMITH, Bonnie G. **Gênero e História: homens, mulheres e prática histórica**. Trad. de Flávia Beatriz Rossler. Bauru: EDUSC, 2003. p.387-442.

²⁰ CARVALHO, S. S. **Aluísio Azevedo: representações e imagens femininas (1881-1895)**. Dissertação de Mestrado. Franca: Unesp, 1996, p.05.

²¹ SOIHET, R. História das mulheres... Op. cit., p. 279.

Posto isto, historiar Iria Alves Ferreira é também considerar a História do Gênero; entretanto, esta escolha nos levou a optar por um determinado caminho teórico-metodológico. Sabedores de que todas estas mudanças historiográficas permitiram o nascimento da História das mulheres e, conseqüentemente, a existência de trabalhos desta ordem, acabamos por fazer de nosso ofício uma pesquisa que versa sob o passado a partir de uma vertente que Lynn Hunt denominou por Nova História Cultural, em que:

[...] as relações econômicas e sociais não são anteriores às culturais, nem as determinam; elas próprias são campos da prática cultural e produção cultural – o que não pode ser dedutivamente explicado por referência a uma dimensão extracultural da experiência.²²

Segundo Sandra Jatahi Pesavento, se Lynn Hunt chama História Cultural de Nova História Cultural, “*é porque está dando a ver uma nova forma de a História trabalhar a cultura*”.²³ Nesta dissertação, não faremos uma História das mentalidades, ou do Pensamento/Intelectual, partimos sim de uma compreensão do termo cultura como um “*conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo*”.²⁴

Nas palavras de Bernard Lepetit, construir uma narrativa historiográfica e olhar para o passado ciente das limitações e das potencialidades de tais pressupostos metodológicos, é *levar os atores a sério*²⁵, posto que as características que a constrói recebem atenção merecida pelo observador (seja ele autor, seja ele leitor). É desta maneira que este texto foi conduzido, valorizando as ações humanas a partir de uma prática historiográfica que confira ao sujeito à ação no mundo.

Foi pisando nestes degraus que chegamos a uma opção historiográfica: por meio de uma abordagem *micro-histórica*, procuraremos compreender as ações desta “atriz”, interligadas aos anseios e limites do município (Ribeirão Preto), do Estado (de São Paulo e também de Minas Gerais) e da nação, para não dizer das leis, da moral, da religião e do gênero. Por micro-história compreende-se uma prática baseada essencialmente na redução da escala de observação, intervenção interpretativa que visa à compreensão do vivido, naquilo que é apenas tangível quando visto de perto.

²² HUNT, Lynn. (org.) **A nova história cultural**. Trad. de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p.09.

²³ PESAVENTO, Sandra Jatahi. **História & História Cultural** .2.ed. 1 reimp.. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.15.

²⁴ Idem.

²⁵ LEPETIT, Bernard. A história leva os atores a sério? In: SALGUEIRO, H.A. (org.) **Por uma nova história urbana**. São Paulo: Edusp, 2001, p. 227-224.

Para Giovanni Levi, tal abordagem carrega a capacidade de apreender a “*constante negociação, manipulação escolhas e decisões do indivíduo, diante de uma realidade normativa*”.²⁶

Este exercício intelectual que valoriza o local e suas “miudezas” é, na perspectiva de Jacques Revel, “*inseparável de uma prática de historiadores, dos obstáculos [...] recentes enfrentados ao longo dos caminhos aliás muito diversos, em suma, de uma experiência de pesquisa*”.²⁷ A cidade de Ribeirão Preto sofre da ausência de trabalhos que optem por esse olhar especificamente micro-histórico²⁸, mas foi alvo de historiadores que cederam ao local perspectivas globais.

De acordo com Janaína Amado, ao realizarmos pesquisas sobre o local (ela ainda sugere o regional) obtemos três frutíferos resultados: o primeiro é o enriquecimento da compreensão da própria história brasileira, a partir de um ponto de vista específico/particular. O segundo, abarca o cotidiano destes agentes históricos que a historiografia tradicional, aquela que constrói explicações macrossociais para uma realidade constituída por protagonistas anônimos, não se preocupou (em especial para o nosso caso – as mulheres, e individualmente Iria Alves Ferreira); e, por último, o tornar visível a riqueza envolvendo os processos históricos, chamando atenção para o reexame das teorias globais sob a luz das especificidades constatadas.²⁹

Não nos percamos. Este trabalho se inscreve num campo investigativo específico – História das mulheres/gênero (fruto da grande área “Nova História Cultural”) prevendo uma abordagem específica: a prática micro-histórica. E se assim optamos, fizemos com a crença de que muitos trabalhos que não apreendem o vivido desconsideram as interpretações das múltiplas possibilidades que cada sujeito tem de ler estruturas históricas à sua maneira, em seu próprio tempo.

O trabalho ganha peso ou importância quando se discute sua relevância. A pesquisa que este projeto trata se faz necessariamente presente, seja em âmbito local, regional, até

²⁶ LEVI, G. *Sobre a micro-história*. In: BURKE, P. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992, p.135.

²⁷ REVEL, J. *Micro análise e construção social*. _____. (org.) **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p.16.

²⁸ A historiografia tem valorizado pesquisas que versem sobre o “local” nas últimas décadas, tendo em vista a multiplicação dos cursos de pós-graduação pelo país e a conseqüente interiorização do ensino superior público; o novo posicionamento das Instituições de Ensino Superior particulares frente à pesquisa; o rearranjo das identidades sociais frente os efeitos da Globalização; algumas ações governamentais, tais como as novas diretrizes dos PCNs de Ensino e as leis de valorização do patrimônio histórico-cultural e turístico. PERINELLI NETO, Humberto. **Micro-história: caracterizações de uma prática historiográfica**. Anais do III Simpósio Internacional Cultura e Identidades; Goiânia/GO, 2007.

²⁹ AMADO, J. *História e região: reconhecendo e construindo espaços*. In: SILVA, M. A. **República em migalhas: história regional e local**. São Paulo: Marco Zero, 1990.

mesmo mundial. Iria Alves Ferreira, *Modernidade e Ribeirão Preto*; são as palavras que mais se repetem em nossa pesquisa. Vê-las em separado e, principalmente, entender a complexidade desse encontro, é a mais difícil das tarefas que nos dedicaremos a executar. Pensar as atitudes humanas pretéritas, valorizando tais ações, exige respeito por este labor que estuda “*os homens no tempo*”.³⁰ Para Lucien Febvre, ao se debruçar sobre o passado, o historiador deve considerar uma grande lição:

Grande lição para nós historiadores. História, Ciência do Homem, não o esqueçamos nunca. Ciência da mudança perpétua das sociedades humanas, do seu perpétuo e necessário reajustamento a condições novas de existência material, política, moral, religiosa, intelectual. Ciência desse acordo que se realiza, dessa harmonia que se estabelece perpetuamente e espontaneamente, em todas as épocas, entre as condições diversas e sincrônicas de existência do homem: condições materiais, condições técnicas, condições espirituais. É aí que a História encontra a Vida.³¹

Ao recordar várias pesquisas (entre dissertações e teses) já realizadas sobre a cidade de Ribeirão Preto³², verifica-se uma observação do real por cima, como se o historiador sobrevoasse a localidade. Para nós, preocupados também com esse “distanciamento”, é necessário *descer à cidade* para perceber como seus moradores responderam aos estímulos externos, seja para acatar ou rejeitar, enfim, se relacionar com eles.

Tal situação é similar a prática do geógrafo preocupado com as artes da cartografia. Trabalhando com mapas urbanos, o geógrafo percebe que quando aumenta a escala um maior número de detalhes é apreendido pelo observador, a exemplo do contorno dos quarteirões, dos telhados das casas, dos detalhes dos carros nas ruas, das pessoas... ao passo que a área apresentada é menor. Trata-se de uma operação matemática inversamente proporcional, posto que, quando minimizada, a escala permite uma área maior, sem o contorno nítido e detalhado dos aspectos próprios daquilo que constitui a cidade por excelência. Reduzir a escala para ver de perto o vivido e aumenta-la para enxergar os nexos em que a realidade social foi constituída - eis o intuito desta perspectiva historiográfica.

³⁰ BLOCH, M. **Introdução à História**. Lisboa: Europa América, 1941.

³¹ FEBVRE, L. *Viver a história*. In: _____. **Combates pela história**. Trad. Leonor Martinho Simões e Gisela Moniz. Lisboa: Editorial Presença, 1986, p.39-40.

³² A título de exemplificação de pesquisas cuja problemática ou recorte temporal se aproximam desta, saliento: FARIA, R. S. **Ribeirão Preto, uma cidade em construção (1895–1930): o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina**. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003 (Dissertação de mestrado em História). PINTO, L. S. G. **Ribeirão Preto a dinâmica da economia cafeeira de 1870 a 1930**. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2000 (Dissertação de Mestrado em Economia). SILVA, B. L. **O rei da noite na eldorado paulista: François Cassoulet e os entretenimentos noturnos em Ribeirão Preto (1880–1930)**. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2000 (Dissertação de Mestrado em História). TUON, L. **O cotidiano cultural em Ribeirão Preto (1880-1920)**. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 1997 (Dissertação de Mestrado em História).

Reconhecidamente uma resposta para a crise de paradigmas, a micro-história foi formulada a partir de um conjunto de obras e considerações teóricas provenientes de um grupo de historiadores italianos durante a década de 1970-80, tal como Edoardo Grendi, Giovanni Levi, Carlo Ginzburg e outros.³³ Materializadas na Revista *Quaderni Storici*, tais considerações constituíram, aos poucos, uma espécie de “via italiana” de se fazer história, porém um caminho que está longe de ser chamado de escola ou de prática homogênea. Para Henrique Espada Lima, considerar as complexas e diferentes trajetórias destes intelectuais significou negar a perspectiva generalizadora, posto que enquanto Grendi e Levi se preocuparam com os estudos de História do Proletariado e Econômica tendo como base de observação extensa quantidade de informações adquiridas em grande massa documental, Ginzburg optou por uma perspectiva que privilegiasse a interpretação (tanto do historiador para com o documento, como a maneira com que as pessoas apropriam seu mundo por intermédio da linguagem) elegendo como ferramenta o paradigma indiciário, ou seja, o uso de fragmentos para a reconstrução de uma determinada história.³⁴

Mesmo com o crescimento do número de obras que tomam como perspectiva a micro-história³⁵, alguns críticos acreditam que o micro-historiador, quando observa o real, não obtém a apreensão do todo, pois assim, ao diminuir a área de observação, ele perderia contato com o mundo que existe para além do objeto. Para tanto, Milton Santos responde a esta preocupação da seguinte forma:

Cada lugar é, à sua maneira, o mundo. Ou, como afirma M.A. de Souza (1995, p.65), "todos os lugares são virtualmente mundiais". Mas, também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais. A uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade. É a esse fenômeno que G.Benko (1990, p.65) denomina "glocalidade", chamando a atenção para as dificuldades do seu tratamento teórico. Para apreender essa nova realidade do lugar, não basta adotar um tratamento localista, já que o mundo se encontra em toda parte. Também devemos evitar o "risco de nos perder em

³³ ESPIG, Márcia Janete. “Uma poeira de acontecimentos minúsculos”: algumas considerações em torno das contribuições teórico-metodológicas da micro-história. **História Unisinos**. 10(2):201-213, maio/agosto 2006, p.201-202.

³⁴ LIMA, Henrique Espada. **A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades**. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2006, p.147; PERINELLI NETO, H.; PAZIANI, R. R. *A arte de compreender as redes de tensão: biografia como prática historiográfica micro-histórica*. (artigo no prelo)

³⁵ A micro-história vem crescendo como prática historiográfica não apenas na Itália como fora dela. É interessante pontuar para além do conhecido ‘Queijo e os vermes’ de Carlo Ginzburg, autores que tal como os italianos, correram os riscos da crítica proveniente do universo dos paradigmas em desconstrução. Podemos tomar como exemplo: BROWN, Judith C. **Atos impuros: a vida de uma freira lésbica na Itália da Renascença**. Trad. Claudia Sant’Ana Martins. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.; DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martin Guerre**. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.; VAINFAS, Ronaldo. **Traição: um jesuíta a serviço do Brasil holandês processado pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

uma simplificação cega", a partir de uma noção de particularidade que apenas leve em conta "os fenômenos gerais dominados pelas forças sociais globais" Georges Benko (1990, p.65). A história concreta do nosso tempo repõe a questão do lugar numa posição central, conforme, aliás, assinalado por diversos geógrafos. A.Fischer (1994, p.73), por exemplo, refere-se à "redescoberta da dimensão local".³⁶

Para esta problemática dos “jogos de escalas”, no que tange possíveis perdas das grandes sínteses, basta lembrarmos que o historiador não analisa o micro pelo micro, em outras palavras, o local explicado a partir e no local, porém, quando o mesmo se envereda pela micro-história tendo como norte o princípio de variação da objetiva, o faz tendo em vista a escolha de uma escala em particular.

Perceber na análise microscópica o particular de um princípio geral, uma forma de através do singular organizar uma leitura do plural, é realizar uma interpretação mais fecunda do ponto de vista da experiência humana. Esta forma de historiar, que também é chamada de “multiscópica”³⁷, tem em Jacques Revel um importante teórico. Segundo esse autor:

... Não existe portanto hiato, menos ainda oposição, entre história local e história global. O que a experiência de um indivíduo, de um grupo, de um espaço permite perceber é uma modulação particular da história global. Particular e original, pois o que o ponto de vista micro-histórico oferece é a observação derivada, ou parcial, ou mutilada, de realidades macrosociais: é... uma versão diferente”.³⁸

Todavia, compreender as ações de Iria neste universo de transformações que passou Ribeirão Preto, dentro de um contexto mundial, requer conhecimento da historicidade local, manejo de grande conjunto de fontes e operação de uma gama variada de teorias e métodos.

Com relação ao conhecimento da historicidade local, cabe considerar que pesquisas anteriormente desenvolvidas nos permitem dirimir tal dificuldade³⁹. Contudo, quando tratamos do manejo de fontes, há de se recordar que historiar mulheres é lidar com uma constante castração, posto a limitação da documentação a ser pesquisada. Historiadora das mulheres há décadas, Michelle Perrot comenta: “*Quantitativamente escasso, o texto feminino*

³⁶ SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996, p.213.

³⁷ ROSENTAL, P. *Construir o “macro” pelo “micro”*: Fredrik Barth e a “microstoria”. In: REVEL, J. (org.) **Jogos de escalas...** Op. cit. p.151-172.

³⁸ REVEL, J. *Micro análise e construção social...* Op. cit. p.28.

³⁹ Tendo em vista principalmente as dissertações e teses que versam sobre a história de Ribeirão Preto, concordamos com a análise de Janaína Amado ao perceber na multiplicação das pós graduações do país, um aumento das análises sobre o local – permitindo tornar visível a riqueza envolvendo os processos históricos, chamando atenção para o reexame das teorias globais sob a luz das especificidades constatadas. In: AMADO, J. *História e região...* Op. cit.

é estritamente especificado: livros de cozinha, manuais de pedagogia, contos recreativos ou morais constituem a maioria".⁴⁰

No que tange a operação de uma gama variada de teorias e métodos, cremos que a participação no CEMUMC possibilitou resolver, ou pelo menos minimizar, tal dificuldade, tendo em vista que as equipes multidisciplinares⁴¹ são a melhor alternativa para *aproveitar o conselho dos outros* e tornar possível à compreensão mais ampla dos homens no tempo. Concordamos com os integrantes deste grupo, para quem as reflexões sobre a cidade e o urbano *“não representam novidade na seara do historiador, mas que, com certeza, ganharam maior importância entre os estudiosos brasileiros dos homens e das sociedades no tempo”*⁴².

Retomando: pretendemos analisar por meio de uma prática micro-histórica a trajetória de Iria Alves Ferreira – a “Rainha do Café” – em meio ao universo moderno em que Ribeirão Preto e o mundo passavam na transição do século XIX para o XX. Inscrevemos-nos assim, na grande área da “Nova História Cultural”, num campo investigativo específico – História das mulheres. Devemos retomar esta linha de raciocínio para somarmos mais uma proposta em nosso labor, pois ainda tiraremos proveito de mais um enfoque histórico: a biografia.

A partir dela deve-se buscar uma apreensão das nuances e dos intercâmbios culturais entre local e global, indivíduo e sociedade, micro e macrossocial. Atento a isso e autor de obra referencial no âmbito da biografia, Jacques Le Goff assinala alguns equívocos de historiadores que a utilizaram em pesquisas cujas propostas eram tradicionais e superficiais, presas a concepções cronológicas, incapazes de mostrar a significação histórica geral de uma vida individual.⁴³

Ao partilharmos dos frutos advindos da escolha pela perspectiva microhistórica, trataremos Iria Alves Ferreira como um sujeito “globalizante”, ou seja, *“em torno do qual se organiza todo o campo de pesquisa”*,⁴⁴ como já preconizou Le Goff na introdução do aclamado *São Luís*.

Em artigo publicado na Revista Brasileira de História (1997), Robert Paris salienta que o conjunto de biografias pode delinear um perfil de um movimento político. No caso

³⁹ PERROT, M. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988, p. 186.

⁴¹ A respeito disso: BLOCH, M. **Introdução à História...** Op. cit., p. FEBVRE, L. Por uma história dirigida – as investigações colectivas e o futuro da história. In **Combates pela História...** Op. cit. p.61-69; FEBVRE, L. Contra o espírito de especialidade. In **Combates pela História...** Op. cit., p.107-110.

⁴² PERINELLI NETO, H.; DOIN, J. E. M.; PACANO, F. A. *Incursoes pela Belle Époque Caipira: proposta de uma prática de história da cidade e do urbanismo*. **Dialogus**. Ribeirão Preto, v.1, n.2, 2006, p.214.

⁴³ LE GOFF, Jacques. *Como escrever uma biografia histórica hoje?* Lê Debat, 1989, p.49-50, apud LORIGA, Sabina. *A biografia como problema*. In: REVEL, Jacques (org.) **Jogos de escalas...** op. cit., p.226.

⁴⁴ LE GOFF, Jacques. **São Luís: Biografia**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Record, 1999, p.20.

específico, estudioso do movimento operário latino-americano, Paris escreveu que, ao montar o *Dicionário Biográfico do Movimento Operário da América Latina*, esteve longe de construir uma relação de homens ilustres, pelo contrário, se esforçou para fazer daqueles famosos apenas “companheiros de viagem”.⁴⁵ Nos espelhamos em Paris para fazermos companheiros de Iria no fazer historiográfico e não cair nas armadilhas indicadas durante este percurso.

Nossa tarefa em escrever acerca da figura de uma cafeicultora passa por uma questão levantada pelo historiador: a relação biografado X sociedade. Iria representa diversos grupos sociais; podemos refletir acerca de como ela vivenciou, segundo a documentação, suas práticas como cafeicultora, articuladora política, Coronel, mãe, dona-de-casa, mulher...

Um exemplo de construção biográfica que foi fabricada a partir de um agente histórico feminino é o caso do trabalho de Mônica Raisa Schpun que escreveu sobre Carlota Pereira de Queiroz. Ao falar da primeira Deputada Federal do Brasil (1933), dentro desta situação biografada X mundo, a historiadora teceu, por meio da relação “*entre o itinerário pessoal de Carlota Pereira de Queiroz e a política paulista e brasileira*”, suas considerações acerca da Deputada.

Atento a esta problemática, seguimos o que Ronaldo Vainfas produziu quanto ao uso da biografia dentro da prática micro-histórica: a chamada micro-biografia. Para o autor, ela não é distinguida “*pela ‘obscuridade’ dos biografados, pois a micro-história os traz à luz e os agiganta, nem mesmo pela miudez dos enredos de que participam, também amplificados e colocados no proscênio pela microanálise*”.⁴⁶ Semelhante ao nosso caso, ele adverte sobre os possíveis problemas da documentação, ao sinalizar a “*irregularidade e relativa pobreza das fontes, não raro lacunosas para um estudo tipicamente biográfico*”⁴⁷, e nos convida a observar determinadas provas do passado:

Os processos judiciais são muito ricos, decerto, para se alcançar a imagem que tais indivíduos desfrutavam na comunidade, seus laços familiares e de sociabilidade, mas a informação decresce à medida que se recusa a pesquisa para o tempo anterior ao clímax da vida do biografado, e por vezes perde-se totalmente o seu rastro, terminado o imbróglio que sustenta a narrativa. Não se trata assim, na micro-história, de biografia *tout court*, nem poderia, dada a natureza social dos personagens.⁴⁸

⁴⁵ PARIS, Robert. *Biografias e ‘Perfil’ do Movimento Operário – algumas reflexões em torno de um dicionário*. **Revista Brasileira de História**. v. 17, nº33, São Paulo: Anpuh/Ed.Unijuí, 1997, p.13-14.

⁴⁶ VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história: micro-história**. Rio de Janeiro: Campus, 2002, p138.

⁴⁷ Idem, p138.

⁴⁸ Idem, p138-139.

Aproveitando o ensejo, em artigo escrito no ano de 2003, Rachel Soihet discute a relação entre estes ganhos de análises biográficas e a História das mulheres:

A abordagem biográfica pode, enfim, ajudar a restituir a multiplicidade das experiências femininas, a multiplicidade de maneiras que vivem seus constrangimentos, a multiplicidade de caminhos que trilham para se afirmar como indivíduos plenos. Assim, emergirão na completude de sua diversidade, em termos de condição social, raça/etnia, geração, etc. Romper a homogeneidade desta categoria abstrata em nossa análise, não é somente reconhecer o direito de as mulheres de todos os tempos se realizarem enquanto seres autônomos. É, igualmente, uma condição indispensável para refletir sobre as mulheres, enquanto grupo susceptível de se constituir em sujeito coletivo de sua própria liberação, buscando participar da humanidade de acordo com seus próprios termos.⁴⁹

Tal perspectiva deve ilustrar nossos ganhos ao observar de perto a cafeicultora. Ao levantarmos a bandeira da micro-história, fazemos segundo esta perspectiva biográfica, inspirados em obras importantes como a de Carlo Ginzburg, o célebre “*O queijo e os vermes*”, estudo do século XVI que traz a tona um moleiro italiano aos olhos da Inquisição.⁵⁰ O autor observou por meio dos processos inquisitoriais as ações, os medos, os constrangimentos, enfim, os limites de um sujeito que lutou contra a força inquisitorial segundo sua (própria) maneira de ver o mundo.

... Menocchio está inserido numa tênue, sinuosa, porém muito nítida linha de desenvolvimento que chega até nós: podemos dizer que Menocchio é nosso antepassado, mas é também um fragmento perdido, que nos alcançou por acaso, de um modo obscuro, opaco, o qual só através de um gesto arbitrário podemos incorporar à nossa história. Essa cultura foi destruída. Respeitar o resíduo de indecifrabibilidade que há nela e que resiste a qualquer análise não significa ceder ao fascínio idiota do exótico e do incompreensível.⁵¹

Historiar segundo este jogo constante de escalas é assumir certas responsabilidades como ressaltou o autor. Tendo-as em mente recordando-se dos limites desta empreitada (desde a escolha das informações e a maneira como expô-las) é que caminharemos rumo nosso objetivo. Conforme Espada Lima, os micro-historiadores sempre tiveram esta

⁴⁹ SOIHET, Rachel. *Mulheres e biografia: significados para a História*. **Revista Logus**, v.9, n.1, Juiz de Fora, 2003, p.48.

⁵⁰ GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

⁵¹ Idem, p.26.

preocupação, entretanto, ao lembrar a maneira como Grendi enxergava os perigos do “relativismo” para a pesquisa, percebe-se uma inquietação.

Para Grendi, não devemos ignorar as “*formas expressivas e os problemas de interpretação histórica*”⁵². O autor “*insiste na necessidade de integrar ‘ações e expressões’ – práticas e representações, portanto – na análise densa dos processos sociais*”.⁵³

Portanto, não se trata apenas de falar de Iria, mas sim das representações da “Rainha do Café”. No que tange os estudos de representação social, devemos destacar que desde a década de 1960 com os escritos de Serge Moscovici, “*abriu-se um novo e fecundo campo de estudo em psicologia social*”⁵⁴. Como salientou Denise Jodelet, na ocasião da Conferência de abertura da *III Jornada Internacional e I Conferência sobre Representações Sociais*, ainda em 2003, a comemoração do aniversário de 20 anos em que a teoria de Representações Sociais foi introduzida no Brasil por Ângela Arruda. Desde então muito tem se produzido e refletido sobre as representações nas universidades brasileiras. Contudo, há de se problematizar o conceito.⁵⁵

As formas de conceber o “ser mulher” nas diversas sociedades em que as mesmas estiveram inseridas, tanto por meio dos olhares masculinos como femininos, criaram representações. Utilizando as reflexões do historiador Roger Chartier, podemos afirmar que estas representações foram moldadas e, ao mesmo tempo, moldaram os valores e, portanto, a visão de mundo das diversas sociedades, criando entre seus membros determinadas práticas.

Ver as coisas por um certo prisma pressupôs tratá-las de um modo também específico⁵⁶. Portanto, como define o próprio Chartier, interpretar as mulheres de acordo com a idéia de representação social significa partilhar do pressuposto de que é por meio da representação que “*o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado*”. E ele completa, ao escrever que “*O modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler*” remete-se necessariamente as diferentes apropriações das representações sociais.⁵⁷

⁵² GRENDI, Edoardo. “Repensar a micro-história”. Apud LIMA, H. E. **A micro –história italiana...** op. cit., p.222.

⁵³ LIMA, H. E. **A micro –história italiana...** op. cit., p.222.

⁵⁴ PATIÑO, Francisco Javier Uribe; ÁVILA, Maria Tereza Acosta. Você disse Justiça? Elementos de uma representação social. In: OLIVEIRA, Denize Cristina; CAMPOS, Pedro Humberto Faria. **Representações sociais, uma teoria sem fronteiras**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005, p.207.

⁵⁵ JODELET, Denise. *Representações sociais: história e avanços teóricos*. Vinte anos de teoria de representações sociais no Brasil In: OLIVEIRA, Denize Cristina; CAMPOS, Pedro Humberto Faria. **Representações sociais, uma teoria sem fronteiras**.op. cit., p.12.

⁵⁶ CHARTIER, R. *O mundo como representação*. **Estudos Avançados**. São Paulo: USP, 11(5), 1991, p. 173-191.

⁵⁷ CHARTIER, R. *Por Uma sociologia histórica das práticas culturais*. In _____. **História cultural: entre práticas**

Para Francisco Patiño e Maria Ávila, a realidade complexa em que vivemos “*nos obriga a reduzir em categorias já conhecidas as múltiplas informações que recebemos para poder tratar agilmente as dimensões de nosso entorno.*”⁵⁸ Pelos resultados destas construções, entendemos as representações. Assim,

esse processo de reconhecimento mobiliza o aparato conceptual por cujo intermédio nos expressamos com o outro, mas também consolida nossos conhecimentos, situa nossas pertinências sociais e delineia nossas ações. Esse conjunto de elementos, e sem dúvida muitos outros, indiscutivelmente sociais, se põem em ação quando fazemos frente às situações do cotidiano.⁵⁹

Vivendo em um mundo de representações, as imagens femininas se reinventam na medida em que as ações humanas caminham para tal. Embora as representações femininas mais difundidas derivem em cada sociedade de um discurso oficial que aponte sua constituição, devemos lembrar a existência daquilo que Chartier define como *apropriação*, ou seja, leituras e interpretações divergentes das representações oficiais, responsáveis por lutas sociais surgidas em torno da definição da maneira de ver o mundo. E, como ele mesmo declara, inspirado em Michel De Certeau, “*a apropriação, ao nosso ver, visa uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem.*”⁶⁰

Portanto, se a História é a ciência que estuda as ações da humanidade no tempo, ela está, em outras palavras, estudando as práticas humanas, segundo representações daquele contexto. Assim, para entender o “ser mulher” ao buscar as descrições de Iria Alves Ferreira, torna-se necessário um estudo de como a idéia/concepção do “ser mulher” foi construída e moldada durante seu tempo. Ao escolher este caminho busca-se identificar e interpretar as diversas facetas da “Rainha do Café”, provenientes de tempos históricos diversos, com o intuito de deixar claro que a imagem feminina é uma construção derivada de valores, moldados segundo determinadas condições sociais, econômicas e políticas e, além disso, perceber que estas representações mobilizam práticas sociais específicas. Foi com esta preocupação que nossa pesquisa caminhou. Nos preocupamos também em compreender as representações sociais desta cafeicultora, na transição do século XIX para o XX, por meio de um recorte espacial específico que nos permita interpretar as maneiras com que os discursos

e culturais. Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1988, p.13-28.

⁵⁸ PATIÑO, Francisco Javier Uribe; ÁVILA, Maria Tereza Acosta. *Você disse Justiça? ...* op. cit., p.207.

⁵⁹ Idem, p.207.

⁶⁰ CHARTIER, R. *O mundo como representação*. Op. cit., p. 180.

fomentadores de realidades diversificadas contribuíram para as apropriações e conseqüentes ações percebidas de Iria no decorrer da pesquisa.

Posto os elementos necessários nesta introdução, resta-nos justificar a escolha do título. “Um ‘Coronel de saias’ no interior paulista: a ‘Rainha do Café’ em Ribeirão Preto (1886-1920)”. A opção pela figura do Coronel de saias nos pareceu a mais adequada para lidar com uma questão chave que nasce da observação de nossa protagonista – a masculinização de Iria Alves Ferreira para assumir e manter seu título de Rainha. Lembrar Ribeirão Preto foi também informar que nosso olhar parte de um determinado local para compreender as transformações modernas no período delimitado.

No que diz respeito a escolha dos anos que constituem a balisa temporal ao final do título, tomamos 1886 e 1920 como datas importantes na vida da cafeicultora. O título de “Rainha do Café” foi adquirido após a morte de seu primeiro marido – Luiz da Cunha Diniz Junqueira, em fins do século XIX (difícil de ser datada). A *Revista Brazil Magazine*, publicada em 1911, traz a informação de que ele “faleceu a mais de 15 anos”, o que nos permite deduzir que seu falecimento ocorreu por volta do ano de 1896. Assumimos esta para a “coroação” de Iria Alves Ferreira. Esta majestosa representação acaba quando ela foi acusada de ser uma das mandantes do “Crime do Espreado”, ocorrido em novembro de 1920, evento este que acabou por alterar por completo a sua vida.

Quanto as fontes, cabe salientar que há no Arquivo Público e Municipal de Ribeirão Preto jornais como o “Diário da Manhã” e “A Cidade”, entre outros que aqui servem para exemplificar a imprensa local escrita do período. Há também cartas e revistas que estão dispostas juntamente com processos-crime.

Além disso, encontramos no arquivo do Estado de São Paulo uma série de Revistas da época, cartas endereçadas a políticos de renome, como Washington Luís, sendo um destes documentos um bilhete assinado pela própria Iria. Já o livro onde se encontra os argumentos de defesa de Iria (quando do processo em que foi tida como mandante do crime em suas terras), publicado em 1920, é parte do acervo da Biblioteca Nacional.

Para alcançar nosso objetivo, utilizamos as Atas da Câmara (discussões travadas pela elite que gerenciava a cidade) e um grande número de fotos que estão disponibilizadas tanto em papel (uma enorme quantidade que se encontra no Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto) quanto em formato digital (endereço eletrônico da prefeitura da cidade e do próprio Arquivo).⁶¹

⁶¹ Sobre o endereço eletrônico da Prefeitura de Ribeirão Preto, acessar <http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/index.html>. Já o do Arquivo da cidade, acesse:

Assim, eleger o estudo das representações sociais, segundo os jornais, fotos e outros tantos documentos mencionados, tendo em vista a micro-história e a biografia, significa considerar ainda a Nova História Cultural e a etnografia histórica. Sabedores que a historiografia tem visto uma série de mudanças nos últimos anos, em que a interdisciplinaridade, muito mais que um recurso possível, configurou-se em condição *sine qua non* para a construção do próprio saber histórico, esta pesquisa se inclina para a chamada Nova História Cultural.⁶² Daí a presença constante das contribuições de estudiosos como Natalie Zamon Davis, Michelle Perrot, Nicolau Sevcenko, Pierre Bourdieu, Lynn Hunt e Sandra Jatahi Pesavento.

Nesse sentido “Um Coronel de saias” trata-se também de um estudo baseado na etnografia histórica. Por etnografia histórica entendemos a elaboração de um trabalho de explicação descritiva da vida social e da cultura em um dado sistema social do passado, segundo uma observação detalhada do conjunto das fontes levantadas e o emprego de um esforço interpretativo, que tem como objetivo compreender visões de mundo atreladas a determinados grupos ou sociedades passadas.⁶³ Pertence assim a etnografia histórica ao campo da Nova História Cultural, isto é, a uma historiografia que se preocupa com as questões envolvendo as características da tradição, da transmissão oral, da construção de identidades, da elaboração de valores e da vivência do cotidiano e da vida privada e dos diferentes meios de registro e fixação da memória nas sociedades humanas.

Fabricamos, a partir da perspectiva micro-histórica, narrativa que leva em consideração todos estes itens alçados neste texto de caráter introdutório.

No primeiro capítulo, denominado “A formação do reinado de Iria Alves Ferreira”, demonstramos o longo e delicado percurso que esta mulher trilhou para galgar o título de “Rainha do Café”.

Título este escolhido para o segundo capítulo. Neste momento, a cafeicultora viveu em um mundo violentado e agraciado pela modernidade. Ribeirão, a partir da primeira década do século XX passou a ser chamada de *Petit Paris*. Uma cidade de contradições, onde opulência e miséria caminharam lado a lado, num momento em que imperam as negociatas do *coffee business*. Este capítulo tem como desiderato a compreensão das representações de Iria em consonância com as transformações políticas, econômicas e urbanas da localidade.

<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/arqpublico/i14principal.asp?Pagina=/scultura/arqpublico/instrumento/i14indice.htm>.

⁶² HUNT, L. *Apresentação: história, cultura e texto*. In: _____. (org.) **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.14.

⁶³ AUGÉ, M. *O espaço histórico da Antropologia e o tempo antropológico da História*. In: _____. **Por uma antropologia dos mundos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p.09-32.

Contudo, optamos por falar de Iria e sua atuação no cenário feminino ribeirãopretano considerando as representações de outras mulheres da cidade. Para tanto, o terceiro capítulo tem como objetivo perceber as diversas situações em que as mulheres de Ribeirão Preto foram alcançadas pela documentação, com vistas a compará-las e com a trajetória da cafeicultora. São mulheres viveram o mesmo período e a mesma localidade, apropriando, cada qual a sua maneira, as representações femininas do contexto.

Um quarto momento dessa dissertação versa sobre a “Rainha dos Bandidos”, clímax da trajetória de Iria no município de Ribeirão Preto. O denominado “Crime do Espriado” foi um assassinato que ocorreu em suas terras, fato discutido energicamente por alguns jornais paulistanos e que influenciou a opinião pública contra a mesma. A partir do crime, tratamos da rede de sociabilidade que Iria desenvolveu para lidar com esta realidade contrária a seus interesses, para que possamos materializar (mesmo que com pinceladas), a partir dela, a configuração política coronelesca que cercava a personagem aqui biografada.

Por hora, deixemos que a narrativa seduza nossa curiosidade e nos impulse ao simples gesto de virar a folha – rumo a Iria Alves Ferreira.

Capítulo 1

A formação do “reinado” de Iria Alves Ferreira

“Mesmo nesse nosso mundo, que os homens se aplicam em adaptar às suas legislações artificiosas, tudo nos ensina que o sucesso e o insucesso ocorrem indistintamente para os bons e para os maus. O mundo, na realidade, não foi arrumado ao gosto dos homens, como um tabuleiro de xadrez. A injustiça faz-se lei contra todas as inconveniências. Poucas pessoas têm a coragem ou a impertinência de refletir sobre essas coisas. E, certamente, não convém que muitos homens se percam em imaginações que dissipam a vontade e liquidam o gosto de viver. Nós não fomos postos nesse mundo para descobrir as verdades e sim para achar as conveniências.”

(Sérgio Buarque de Holanda, Raízes de SBH, In: SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.VII).

1.1 De como Iria e sua família chegaram em terras paulistas

Iria Alves Ferreira nasceu no ano de 1853, numa cidade chamada Santo Antonio do Machado⁶⁴, estado de Minas Gerais. Ela e o pai, Antônio Honório Alves Ferreira, foram mineiros que vieram fazer a vida no vizinho estado do sul, lá pelos meados do século XIX. Seu pai nasceu em Campanha, no ano de 1828 e faleceu com setenta anos de idade em 1898.

A recém elevada vila de Campanha (independente desde 1798) era a única a praticar alguma atividade mineradora em fins do século XVIII. Porém, a economia da região tomara outro rumo, posto que a agricultura e a pecuária se instalaram com grande sucesso, permitindo o acesso ao próspero mercado do Rio de Janeiro. Como sintetiza Caio Prado Júnior, “*em suma, trata-se de uma das zonas do país que já em princípios do séc. XIX oferecem maiores perspectivas*”, ainda nas palavras do autor: “*assinalo aqui estes aspectos da prosperidade da região para explicar o adensamento da população que aí se verifica desde o último quartel*” do século XVIII.⁶⁵ E complementa:

[...] A necessidade de abastecer a população, concentrada nas minas e na nova capital, estimulará as atividades econômicas num largo raio geográfico que atingirá não somente as capitanias de Minas Gerais e Rio de Janeiro propriamente, mas também São Paulo. A agricultura e mais em particular a pecuária desenvolver-se-ão grandemente nestas regiões. É de notar que o território das minas propriamente (sobretudo das mais importantes localizadas no centro de Minas Gerais) é impróprio para as atividades rurais. O solo é pobre e o relevo excessivamente acidentado. Nestas condições, os mineradores terão de se abastecer de gêneros de consumo vindos de fora. Servir-lhes-á sobretudo o sul de Minas Gerais, onde se desenvolve uma economia agrária que embora não contando com gêneros exportáveis de alto valor comercial – como se dera com as regiões açucareiras do litoral –, alcançará um nível de relativa prosperidade.⁶⁶

Os pais de Iria Alves Ferreira viveram neste período de relativa prosperidade do sul mineiro, ocorrida dentro de um contexto histórico mundial cujos tons eram industriais. O mundo capitalista do século XIX parecia próspero, enquanto “marchava” para o progresso científico e tecnológico, advindo da Revolução Industrial.

⁶⁴ A informação da data de seu nascimento foi retirada da inscrição de seu túmulo. (Túmulo de Iria Alves Ferreira, Cemitério da Consolação, Quadra 69, t. 13.) Já com relação a cidade natal, seguimos a declaração da própria em seu testamento: *Abertura de Testamento de Iria Alves Ferreira*. 1º. Ofício Civil. Cx. 228-A. APHRP.

⁶⁵ PRADO JÚNIOR, C. **Formação do Brasil contemporâneo**: colônia. 24ª. reimp. São Paulo: Brasiliense, 1996, p.78.

⁶⁶ PRADO JÚNIOR, C. **História econômica do Brasil**. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1970, p.65.

Para refletirmos sobre as mudanças que ocorriam por todo o globo, devemos nos lembrar das palavras do historiador Eric Hobsbawm, quando o mesmo afirma que as trocas comerciais entre as nações desenvolvidas (e / ou industrializadas), durante a década de 1840, chegavam a uma quantidade de cerca de vinte milhões de toneladas de mercadorias transportadas, número este que quadruplicou em trinta anos, posto que aumentou para (aproximadamente) oitenta e oito milhões de toneladas lá pelos idos de 1870.⁶⁷ No mesmo período, vislumbrando a economia brasileira, percebemos uma alteração substancial no principal produto agro-exportador. O açúcar perdera a posição de carro-chefe da produção e da comercialização para o café, que já ganhava visibilidade na década de 1840 (**TABELA 1**).

TABELA 1
PORCENTAGENS DOS PRINCIPAIS PRODUTOS DE EXPORTAÇÃO

1821-1830	
Açúcar.....	30,10%
Algodão.....	20,60%
Café.....	10,40%
Couros e Peles.....	13,60%
1841-1850	
Café.....	41,50%
Açúcar.....	26,70%
Algodão.....	7,50%
Couros e Peles.....	3,50%

FONTE: SODRÉ, N. W. **História da burguesia brasileira.** Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1964, p.78; apud DOIN, J. E. M. **A formação do Estado-Nação, a gênese da modernização conservadora e da dívida pública:** questões preliminares, Boletim do CELA (Centro de Estudos Latino-Americanos), Ano III, n. 3., 1993, p.51.

O aumento considerável da exportação de café no período carrega suas relações com as mudanças técnico-científicas ocorridas, principalmente, na segunda metade do século XIX.⁶⁸

⁶⁷ HOBBSAWM, Eric. **A era do capital:** 1848-1875. Trad. Luciano Costa Neto. 5ª. Ed. Revista. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1996, p.81.

⁶⁸ SEVCENKO, Nicolau. *O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso.* In: NOVAIS, Fernando (dir.) **História da vida privada no Brasil:** República, da Belle Époque a era do rádio. Companhia das Letras: São Paulo, 1999, p.07-48.

Um grande exemplo destas materializações é o próprio telégrafo. Já em 1870, cabos foram instalados entre “*Cingapura e Batávia, Madras-Penang, Penang-Cingapura, Suez-Aden, Ade-Bomban, Penzâncio-Lisboa, Lisboa-Gibralthar, Gibralthar-Malta, Malta-Alexandria, Marselha-Bône, Emden-Teerã*”⁶⁹, para além de Santiago de Cuba-Jamaica, entre outros. Sobre o mesmo período, para Caio Prado Júnior afirmou: “*a segunda metade do séc. XIX assinala o momento de maior transformação econômica na história brasileira*”.⁷⁰

No terceiro volume da coleção intitulada *História da Vida Privada no Brasil*, Nicolau Sevcenko escreveu que uma série de informações novas fizeram parte da realidade brasileira, sendo estimuladas por uma nova dinâmica capitalista, uma faceta internacional cuja capacidade era tamanha, a ponto de afetar o cotidiano tupiniquim. Quanto mais próximo o crepúsculo do século XIX, mais o progresso se materializava por meio das ferrovias, da luz elétrica, do bonde, da fotografia, do cinema.

[...] De fato, nunca em nenhum período anterior, tantas pessoas foram envolvidas de modo tão completo e tão rápido num processo dramático de transformação de seus hábitos cotidianos, suas convicções, seus modos de percepção e até seus reflexos instintivos. Isso não apenas no Brasil, mas no mundo tomado agora como um todo integrado.⁷¹

Era a segunda fase moderna, descrita por Berman, que ganhava sua materialidade nos trópicos, mas não sem resistência. Na primeira metade do século XIX, o Brasil tentava se ajustar à nova condição institucional criada pelo processo de independência do país e às crises internacionais de âmbito econômico, financeiro, político e social (fruto da vinda da família real portuguesa em 1808). Tempo em que o açúcar, algodão e couro valem cada vez menos e apenas o café promete dar lucro, lembra Raymundo Faoro⁷². Extinto em 1829, o Banco do Brasil volta em 1853. O país teve na metade final do século XIX um período de modernização significativo, posto que só nas décadas de 1850 e 1860, foram criadas “*62 empresas industriais, 14 bancos, 3 caixas econômicas, 20 companhias de navegação a vapor, 23 de seguros, 4 de colonização, 8 de mineração, 3 de transportes urbanos, 2 de gás, e finalmente 8 de estradas de ferro*”⁷³. Acerca das nuances deste progresso, escreveu José Enio Casalecchi:

⁶⁹ HOBBSAWM, Eric. **A era do capital: 1848-1875**. Trad. Luciano Costa Neto. 5ª. Ed. Revista. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1996, p.94.

⁷⁰ PRADO JÚNIOR, C. **História econômica do Brasil**. 12. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1970, p.192.

⁷¹ SEVCENKO, Nicolau. *O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso*. In: NOVAIS, Fernando (dir.) **História da vida privada no Brasil: República, da Belle Époque a era do rádio**. Companhia das Letras: São Paulo, 1999, p.07-08.

⁷² FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. 2. ed. Editora Globo: Porto Alegre, 1975, p.422-423.

⁷³ PRADO JÚNIOR, C. **História econômica do Brasil...** Op. cit., p.192.

O progresso e a acumulação de capitais eram mais intensos na atividade cafeeira e os fazendeiros do Oeste de São Paulo passam a substituir, gradualmente, o trabalho escravo pelo livre. Isto libera novos capitais, antes imobilizados na compra de escravos e incentiva ainda mais as atividades econômicas.

O desenvolvimento econômico, ao propiciar um acúmulo de capitais nas mãos dos fazendeiros, ao desenvolver o setor manufatureiro e as atividades comerciais e de transportes ferroviários, é acompanhado, necessariamente, de um crescimento dos centros urbanos, sede de muitas dessas atividades. Algumas cidades crescem – aquelas próximas aos centros produtores de café, os portos de importação e exportação; outras nascem, ao longo das linhas férreas que acompanham a marcha do café, outras quase desaparecem, ligadas que estavam a antigos caminhos de café... A ferrovia facilitando as comunicações das áreas rurais com as cidades, leva os grandes proprietários – especialmente das regiões mais novas do café – o Oeste – a viverem nas cidades...⁷⁴

Mesmo sendo um regime centralizador e avesso a transformações profundas, foi no reinado de D. Pedro II que ocorreu este surto de progresso. Não nos esqueçamos que durante a Monarquia, “*passa a haver a presença de novos componentes na sociedade*”⁷⁵. Em especial, o autor José Casalecchi destaca os grandes proprietários, fazendeiros de café do Oeste de São Paulo, responsáveis por mudanças que se revelaram contrárias aos interesses dos grupos tradicionais encastelados na Monarquia, como os próprios cafeicultores do Vale do Paraíba.

É neste contexto que os Alves Ferreira e mais um contingente significativo de mineiros consumou o movimento populacional que ocupou as terras do nordeste paulista. Sobre os motivos que impulsionaram o conjunto dos migrantes Caio Prado alertou para a dificuldade de identificá-los, haja vista que “*emigrava-se muitas vezes por nada, e com simples e vagas esperanças de outras perspectivas*”.⁷⁶ Especificamente no caso do Alves Ferreira é possível afirmar que houve planejamento prévio com intuito de ascensão social e econômica.

O fato de Antônio Honório ter ocupado o cargo de vereador da cidade é sinal de inserção na sociedade. Ele foi vereador durante a 8ª legislatura da Câmara Municipal de Ribeirão Preto (1896 – 1899).⁷⁷

⁷⁴ CASALECCHI, José Enio. **A proclamação da república**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989, p.21-23.

⁷⁵ Idem, p.28.

⁷⁶ PRADO JÚNIOR, C. **Formação do Brasil contemporâneo...** Op. cit. p.72.

⁷⁷ Câmara Municipal de Ribeirão Preto. **Memória: as legislaturas municipais de 1874 a 2004**. Ribeirão Preto: Editora COC, 2001, p.24.

Devemos nos ater também as informações provenientes de seu testamento. A princípio, a princípio, comecemos por uma observação das testemunhas que aparecem no documento. As assinaturas no final do documento, indicam curiosamente a função social dos assinantes. São eles: o médico Dr. Joaquim Alfredo de Siqueira, o advogado Dr. Militão dos Santos Sarayba, o negociante Jovino da Silva Ramos, o industrial José Leopoldo Marinho e o lavrador Paulino Cache dos Santos ⁷⁸ (**IMAGEM 2**). Assim sendo, nota-se a criação de uma rede social complexa que coloca no mesmo plano médicos e advogados (os reconhecidos bacharéis), negociantes e industriais, homens de dinheiro e tino comercial, tal como os lavradores, a exemplo de Paulino dos Santos.

Antônio Honório demonstra, como hábil fazendeiro, combinar em sua “agenda” nomes de diversas proveniências, múltiplos saberes e influências. Entre todos os mencionados na qualidade de testemunhas, chamou-nos a atenção o negociante Jovino da Silva Ramos, caracterizado como amigo de Antônio e citado ao lado de sua esposa: *“Declaro que agora o que tenha a expender com a actual moléstia, não me reconheço devedor a ninguém e sobre os meus negócios os acontecem e estão capacitados para esclarecer-os a minha esposa e o meu amigo o Dr. Jovino Ramos.”*⁷⁹

⁷⁸ As informações dos ofícios das testemunhas do Testamento de Antônio Honório Alves Ferreira se encontram no próprio documento: *“... São testemunhas a tudo posto em texto Joaquim Alfredo de Siqueira médico – o Dr. Militão dos Santos Sarayba advogado – Jovino da Silva Ramos negociante – Paulino Cache dos Santos lavrador e José Leopoldo Marinho industrial, todos mesmos nomeados nesta cidade e comarca conhecidos de mim e assignarão como testador. Dr. Antonio Rodrigues de Figueiredo Tabelião publico do 2º. officio desta cidade que (liegível) em publico abaixo.”* Auto de Abertura do Testamento do finado Antonio Honório Alves Ferreira. 1º Ofício Civil – Inventários. Cx. 16. APHRP.

⁷⁹ Idem.

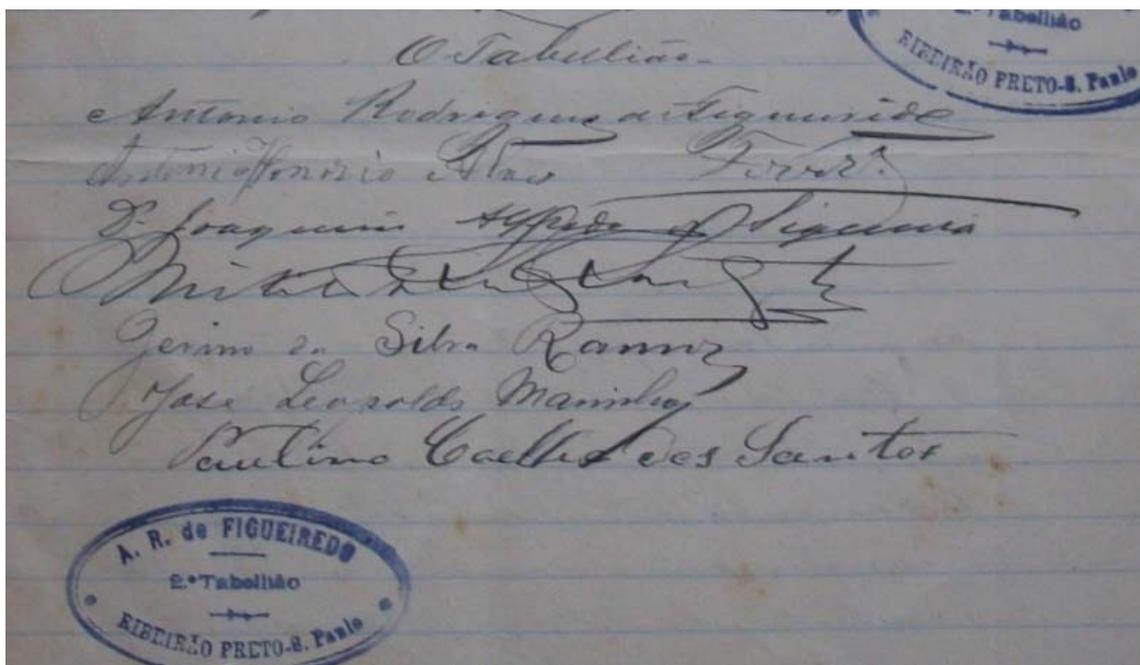


Imagem 2 – Assinaturas das testemunhas no Testamento de Antônio Honório, pai de Iria. Podemos notar diferença na forma das assinaturas, quando colocamos em comparação os bacharéis, o fazendeiro e o lavrador. A assinatura de Antônio Honório se aproxima de Paulino pela simplicidade e pela letra cursiva. **Fonte:** Auto de Abertura do Testamento do finado Antonio Honório Alves Ferreira. 1º Ofício Civil – Inventários. Cx. 16. APHRP.

O testamento permite-nos observar a rede de sociabilidade que o pai de Iria construiu em vida, e que permitirá a jovem Iria aprender os jogos políticos dentro de casa. Contudo, para além da tessitura de uma rede de compadrio, também é possível verificar a considerável divisão de contos de réis para seus familiares, indícios de que os Alves Ferreira gozavam de *status* e de boa condição material.

TESTAMENTO DO FINADO ANTÔNIO HONÓRIO ALVES FERREIRA – 09 de Março de 1898.

Eu Antônio Honório Alves Ferreira tenho do seguinte modo feito o meu testamento:

Nasci na cidade de Campanha Estado de Minas Gerais, das justas núpcias de Domingos Alves Ferreira com D. Honoria Cândida de Sousa, já falecido. Tenho setenta e um annos de idade e sou casado em minhas núpcias com D. Maria Tereza Alves Ferreira, de cujo o consorcio nascerão dois filhos que são: João Honorio Alves Ferreira, já falecido e Iria Alves Ferreira.

...

Deixo para os meus sobrinhos filhos de meu irmão José Honório de Sousa a quantia em dinheiro de quatro contos de réis (\$ 4:000000).

Deixo para os quatro filhos orphãos de José Pereira de Mattos – a quantia em dinheiro de de quatro contos de réis (\$ 4:000x000).

Deixo para a construção da Igreja Matriz dessa Cidade, sob a invocação do Mártir São Sebastião – a quantia em dinheiro de dez contos de réis (\$ 10:000x000)...

A minhas netas Maria Eugenia, casada com Francisco Junqueira, Inocência casada com Gabriel Junqueira e Anna Osório casada com Antonio Borges de Carvalho, nascidas das primeiras núpcias de minha filha Iria Alves Ferreira com o falecido Coronel Luiz da Cunha Diniz Junqueira deixo:

A Inocência – a quantia em dinheiro de vinte e cinco contos de réis (\$25:000x000) que a mesma legataria receberá, administrará e della disporá sem comunicação com seu marido.

A Anna Osoria – a quantia em dinheiro de quatorze contos de réis (\$14:000x000)

A Maria Eugenia deixo os remanescentes da terça, deduzidos que sejam os legados supra e alencargos impostos a mesma pelo presente.

Todas as despeza, com a supra mencionadas legados sahirão as mesmas, inclusive os impostos fiscaes respectivos, salvo a deixa para as obras de construção para a Igreja Matris que valerá na sua gestão legada livre de despesas e impostos que sahirão os mencionados remanescentes.

Declaro para claresa deste testamento que a terça de que presentemente disponho e cujos remanescentes lego a minha neta Maria Eugenia, allude a terça parte aos bens que por minha morte constituição a minha herança.

Declaro que agora o que tenha a expender com a actual moléstia, não me reconheço devedor a ninguém e sobre os meus negócios os acontecem e estão capacitados para esclarecel-os a minha esposa e o meu amigo o Dr. Jovino Ramos.

...

Tendo em a cidade de Ribeirão Preto, as 11 horas da manhã de 15 de fevereiro de 1898.⁸⁰

Chamamos a atenção para uma surpresa, a ausência do nome de Iria Alves Ferreira no testamento de seu pai como uma das beneficiadas de sua herança. Ainda neste percurso de construção de seu “reinado cafeeiro”, a cafeeicultora não foi arrolada como recebedora de quantia nenhuma. Suas filhas sim. Disso, depreendem-se diversas interpretações, contudo, a documentação não nos permite apostar em nenhuma delas com certeza. Posto que Iria acabou por gerenciar os negócios da família após a morte de Antônio, sugere-se que a mesma já era proprietária de muitos bens do pai quando o mesmo ainda vivia, por isso, a não presença de seu nome entre aqueles beneficiados – não era necessário.

É possível mensurar a riqueza destes agentes citados no testamento, assim como também recuperar formas como a representavam. Ao caminhar no Cemitério da Saudade, na própria cidade de Ribeirão Preto, aonde os pais e o irmão de Iria foram enterrados, percebemos a riqueza dos “Alves Ferreira”. Perto de outras construções tumulares, salta aos olhos a exuberância do jazigo. **(IMAGEM 3)**.

⁸⁰ Auto de Abertura do Testamento do finado Antonio Honório Alves Ferreira. 1º Ofício Civil – Inventários. Cx. 16. APHRP.



Imagem 3 - Túmulo de Antônio Honório Alves Ferreira e Maria Thereza Gonçalves Ferreira.
Visão de frente (diagonal) **Fonte:** do Autor.

Ao entrarmos no Cemitério da Saudade, encontramos diversas construções tumulares de famílias importantes da cidade, em especial, repousos de personagens responsáveis pela fundação, políticos ou industriais que marcaram a história do município. Espantoso foi perceber que a maioria destas edificações não se igualava em dimensão, em detalhes, em suntuosidade. De fato, os Alves Ferreira enterrados ali⁸¹ tinham durante a transição do século XIX-XX, um poder significativo nesta sociedade que estamos aos poucos reconstruindo.

Para Bacellar e Brioschi as terras do Sertão do Rio Pardo, localizadas no nordeste paulista, região onde se encontra o município de Ribeirão Preto, acabaram se tornando “*atraentes para famílias enriquecidas com o comércio ou para aqueles que ocupavam postos elevados da administração da Colônia*”.⁸² Nesse caso, é compreensível que o Capitão Antônio Honório Alves Ferreira tenha sido atraído para a região da terra roxa, mesmo não encontrando nenhum documento que responda ou indique tal opção migratória.

Publicidade não faltou: muitos artigos foram escritos no intuito de apresentar as vantagens da região. Durante a década de 1870, o político e fazendeiro Martinho Prado Junior

⁸¹ Foram enterrados Antônio Honório Alves Ferreira, Maria Thereza Gonçalves Ferreira.

⁸² BACELLAR, Carlos de Almeida Prado & BRIOSCHI, Lucila Reis (orgs.). **Na estrada do Anhanguera...** Op. cit., p. 64.

– o “Martinico Prado”⁸³, e o agrônomo Luís Pereira Barreto, dois empreendedores interessados no plantio de café fizeram expedições exploratórias por aquelas bandas⁸⁴. Publicada no Jornal “A Província de São Paulo”, as terras de Ribeirão Preto são descritas por Martinho Prado da seguinte maneira:

Da casa do Dr. Cândido Barreto (sede de sua fazenda no alto do platô de Cravinhos), cheguei ao espigão do Cantagalo para começar a descer em direção à vila de Ribeirão Preto, acompanhando o vale do Córrego do Retiro. Dessa alta posição que me achava, descortinei, a confinar com o horizonte, cordilheiras de muitas léguas de extensão, prolongando suas longas e azuladas fraldas para os vales do Guaçú – Rio Pardo, que ciosos dessas riquezas, correm a unir-se no Pontal, como para guardar o maior, mais rico, mais deslumbrante e fascinador torrão agrícola da Província de São Paulo, senão de todo o Brasil. Descendo o vale do Retiro, encontrei numerosas habitações, todas próximas umas das outras, pertencentes a gente pobre, mas de uma pobreza que constata singularmente com a do povo de outros municípios. As casas são todas cobertas de telhas, possuem ótimas pastagens, e há um certo-bem estar, que não se encontra no seio da população de outros lugares. A explicação de tudo isto dá-se pela riqueza naquele solo. A casa é de telha, porque naquela terra não cresce o sapé, por mais estragada que ela esteja. O animal, o boi, o porco, devido as pastagens, é de aspecto diverso e gordo; enfim o pobre animal aí é rico, sem outro auxiliar mais que o fogo.⁸⁵

Por meio dela conseguimos perceber como a paisagem auxiliou o local para exercer possivelmente a função de pousos para viajantes e, depois, espaço para as residências dos entrantes mineiros insatisfeitos com o declínio da economia aurífera de sua terra natal. Não é qualquer descrição. Por meio dela, a terra roxa da localidade adquiriu as características de maior torrão agrícola de todo o Brasil. Destaque para os adjetivos “rico”, “deslumbrante” e “fascinador”, características que permitirão dar ao café o potencial de colocar as futuras fazendas de Ribeirão Preto como as principais produtoras de café do mundo. Contudo, esta é uma fase futura, pós fundação do município.

A origem do povoamento da região do sertão do Rio Pardo deu-se pela estrada dos Goyases, que ligava São Paulo ao atual território de Goiás. Tal caminho perpassava o que

⁸³ A respeito de Martinho Prado Junior, vale-se ressaltar que foi proprietário das fazendas Guatapará (Ribeirão Preto), Campo Alto e Santa Cruz (Araras) e sócio juntamente com pai e irmão de outra fazenda, a São Martinho (Sertãozinho). Todas produtoras de café e nelas possibilitou a passagem da mão-de-obra escrava para a imigrante, sendo o responsável pela criação da Sociedade Promotora de Imigração (1876). Cf. AMORIM, G. (org.). *Os desbravadores*, personalidades que fizeram história no interior paulista. Palavra Mágica. Ribeirão Preto, 2001.

⁸⁴ WALKER, Thomas; BARBOSA, Agnaldo de Sousa. *Dos coronéis a metrópole*: fios e tramas da sociedade e da política em Ribeirão Preto no século XX. Ribeirão Preto/SP: Palavra Mágica, 2000, p.39-40.

⁸⁵ Jornal A Província de São Paulo, art. 5º, 14 de Outubro de 1877, apud CARRATO, José Ferreira. *O Ribeirão Preto e a chegada da Mogiana*. In: **Ribeirão Preto**: a cidade como fonte básica de pesquisa. Curso de extensão universitária, USP, 1984, p.31.

hoje conhecemos como as cidades de Mojimirim, Mojiguaçu, Casa Branca, Tambaú, Cajuru, Altinópolis, Batatais, Patrocínio Paulista, Franca, Ituverava, Igarapava, até o Rio Grande.⁸⁶ Esta ocupação mineira inicial do território paulista, como pontua Caio Prado Junior, “*se acentuaria para o futuro; quase todos os núcleos povoados desta região... são de origem mineira: Franca, Ribeirão Preto, São Simão, Descalvado, São João da Boa Vista e outros*”.⁸⁷

Bacellar e Brioschi acreditam que quando houve tal movimento migratório, concomitantemente existiu um desrespeito para com as fronteiras administrativas, fato que pôs em xeque a capitania paulista. Se de um lado esses mineiros trouxeram bens e dinamizaram a economia das terras “acolhedoras”, de outro, “*junto com a população mineira avançavam os interesses da capitania das Gerais*”.⁸⁸

Antônio Honório Alves Ferreira não demonstrou ser um causador de problemas (os documentos pesquisados não nos revelam Antônio uma figura austera, briguenta, ou ainda outro adjetivo que qualifique quaisquer momentos de conflitos em sua trajetória); pelo contrário, tendo em vista a presença de tantas figuras de diferentes grupos sociais na qualidade de testemunhas em seu testamento, é provável que o mesmo tenha sido responsável por um conjunto de ações que o colocou como um dos “distintos fazendeiros locais” em fins do século XIX.

Sua “rede de compadres” nega uma perspectiva necessariamente conflitiva. Diga-se de passagem, tal sociabilidade não é novidade para muitos historiadores, principalmente se lembrarmos da “cordialidade” – conceito desenvolvido por Sérgio Buarque de Holanda. Em seus dizeres, o “homem cordial” é a grande contribuição brasileira para o mundo.⁸⁹

Ainda sobre esta longa duração verde-amarela, Sérgio Buarque de Holanda acredita que a “*lhanesa no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro [...] informados no meio rural e patriarcal*”.⁹⁰ Contudo, o autor nos alerta para um possível engano que tal característica pode acusar. Este conjunto de virtudes não devem ser atrelados a uma noção de ‘boas maneiras’ ou civilidade, posto que

⁸⁶ CHIACHIRI FILHO, J. **Do sertão do rio Pardo a Vila Franca do Imperador**. Ribeirão Preto: Ribeira, 1982, p.49.

⁸⁷ PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo...** Op. cit.,p.79.

⁸⁸ BACELLAR, Carlos de Almeida Prado & BRIOSCHI, Lucila Reis (orgs.). **Na estrada do Anhanguera...** Op. cit.,p.41.

⁸⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. Companhia das Letras: São Paulo, 1999, p.146.

⁹⁰ Idem, p.146.

[...] nossa forma ordinária de convívio social é, no fundo, justamente o contrário da polidez. Ela pode iludir na aparência – e isso se explica pelo fato de a atitude polida consistir precisamente em uma espécie de mímica deliberada de manifestações que são espontâneas do ‘homem cordial’: é a forma natural e viva que se converteu em fórmula. Além disso a polidez é, de algum modo, organização de defesa ante a sociedade. Detém-se na parte exterior, epidérmica do indivíduo, podendo mesmo servir, quando necessário, de peça de resistência. Equivale a um disfarce que permitirá a cada qual preservar inatas sua sensibilidade e suas emoções.⁹¹

Esta tatuagem tupiniquim de meio milênio é marca de nossas ações. Como ‘bom mineiro’ (sem esforços interpretativos maiores, digamos apenas que a mineridade potencializa a cordialidade), Antônio Honório Alves Ferreira foi pai e professor desta forma mascarada de lidar com as pessoas. Iria Alves Ferreira teve ‘em casa’ escola particular para se tornar a “Rainha do Café”.

Tal como Sérgio Buarque de Holanda, José Evaldo de Mello Doin frisa que somos mais portugueses do que normalmente reconhecemos. Defende que os rumos de nossa tragédia e drama, marcas da sociedade brasileira, derivam das ações de uma elite que comporta características, como utilitarismo desmesurado, brutalidade baseada na capangagem e na quadrilhagem, originando assim verdadeiros condôminos de poder.

Segundo Doin, este rede social e jogos de interesse são reveladores do chamado “Capitalismo Bucaneiro”, que se caracterizou por um “[...] *casamento entre a capacidade de endividamento do Estado e a agilidade e plasticidade reveladas pelos **empreendedores de uma elite sem peias, nem mordanças morais** [...]*” cujo processo histórico “[...] *marcou uma trajetória de sucesso na acumulação de riquezas, nesta terra ao sul do Equador*”.⁹² João Manuel Cardoso de Mello e Fernando Novais legitimam esta compreensão do capitalismo em terras brasileiras:

A penetração dos valores capitalistas não parece, portanto, ter encontrado obstáculos difíceis de serem transpostos. O que Gilberto Freyre chamou de ‘privatismo patriarcalista’ se prolonga no familismo moderno, igualmente privatista. A casa continua a ser o centro da existência social. Apenas a vida em família não é mais governada pelo passado, pela tradição, senão que pelo futuro, pela aspiração à ascensão individual, traduzida antes de tudo pela corrida ao consumo. O valor do ócio, que marcou tão profundamente nossa formação cultural, se transfigura na idéia tão contemporânea do trabalho como meio de obtenção do conforto material. Ao mesmo tempo, a desvalorização do trabalho, herança da escravidão, se redefine no julgamento de cada ocupação de acordo com suas características mais ou menos

⁹¹ Idem, p. 147.

⁹² DOIN, J. E. M. **Capitalismo bucanero**: dívida externa, materialidade e cultura na saga do café (1889-1930). Franca: NESP/FHDSS, 2001, 2 vols. (Tese de Livre docência em História), p.06.

prazerosas, isto é, conforme a visão, também contemporânea, da hierarquia capitalista do trabalho; é mais limpa ou mais suja, mais leve ou mais pesada, mais rotineira ou mais criativa, mais subalterna ou mais de direção. O valor da hierarquia – que, entre nós, se assentou basicamente na riqueza e na renda, pois nunca tivemos uma autêntica aristocracia, e sim um senhorio que vivia da produção mercantil – reaparece no valor da concorrência, que selecionaria ‘superiores’ e ‘inferiores’ de acordo com seus méritos e dons. O espírito de aventura, que parecia uma manifestação tão arcaica da cobiça, quando racionalizado, isto é, calculado, transforma-se no traço mais típico do capitalismo do século XX. A brutalidade da escravidão, que reifica o homem, estende-se naturalmente na selvageria da exploração do trabalhador, que no capitalismo definitivamente não passa de uma coisa. A concepção do Brasil como simples espaço para bons negócios, e não como nação, continuou a predominar tranquilamente entre os ricos e os privilegiados. Quando à educação, ela, aqui, não foi sempre encarada como um meio de ascensão social? A visão patrimonialista do Estado – que, entre nós, nunca foi penetrada pelos valores aristocráticos ou pelo da honra estamental do funcionário – se desdobra na idéia do Estado como uma realidade externa, com um instrumento de benesses, sejam elas um bom financiamento, uma tarifa proibitiva e eterna, o imposto baixo, um excelente emprego público, os direitos trabalhistas, o hospital, a rua asfaltada, a água e o esgoto, a iluminação, a dentadura ou a cadeira de rodas em troca de voto. Mas não é essa uma das causas da crise atual da democracia?⁹³

Nascida em berço moderno, a sociedade brasileira se consolida enquanto seus representantes jogam com interesses individuais. O Estado, nesta ótica, foi ‘inventado’ para “*suportar um condomínio de interesses públicos e privados, nacionais e internacionais, que alimentavam um circuito vicioso de negociatas, falcatruas e pilhagens com a ‘coisa pública’*”.⁹⁴

Avaliando a semântica de “bucaneiro”, José Evaldo de Mello Doin se satisfaz com a expressão na medida em que atente a este “*vocábulo que sintetize a vacuidade de comportamento ético e racional no processo de acumulação capitalista*”⁹⁵, emprestando novas cores à cordialidade buarquiana ao passo que materializa a negação do ‘boas maneiras’, posto que nesta forma corsária de ver e lidar com o mundo, o negócio é a norma e o ganho e a vantagem são os únicos limites morais.

Há de se ressaltar a complexidade do termo “homem cordial”. Para João Cezar de Castro Rocha, por muito tempo acabamos por interpretar esta cordialidade como atributo positivo tal qual *afetuoso, sincero, íntimo, franco, amigo*, no entanto, ao visitar Buarque, o autor acabou por avaliar a cordialidade como uma espécie de “*precipitado de uma formação*

⁹³ MELLO, J. M. C.; NOVAIS, F. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: NOVAIS, Fernando A. (dir.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. V. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 605-606.

⁹⁴ DOIN, J. E. M.; PAZIANI, R. R *Sob o manto do capitalismo bucareiro... Op. cit.*, p.212.

⁹⁵ DOIN, J. E. M. **Capitalismo bucareiro... Op. cit.**, p.03.

social caracterizada pela hipertrofia da esfera privada e pelo primado das relações sociais”.

96

Desta sorte, a sociedade brasileira ficou marcada pela condução de uma “coisa pública” a partir do desejo das classes dominantes – tomando para si as rédeas do desenvolvimento econômico, social pelos ganhos político e econômicos que lhe interessavam, enfim, uma verdadeira pirataria revestida de sorrisos e eufemismos. Em trabalho recente apresentado no Rio de Janeiro, Humberto Perinelli Neto e eu, avaliamos esta análise da bucaneria de Doin nesta perspectiva:

Os prejuízos sociais deste uso particular da coisa pública são incalculáveis. Entretanto, como num verdadeiro drama, por conta desta ação aventureira desmedida é que projetos capitalistas encontram no Brasil uma fertilidade absurda. Aqui a lógica capitalista foi abastecida por um impulso vertiginoso, que produziu saltos na acumulação de riqueza, responsáveis por tornar o país um exemplo diferente da lógica capitalista normalmente constatada em casos como o da Inglaterra, França, Holanda, etc.⁹⁷

Assim, a pirataria compreendida como uma das marcas de nossa sociedade, levando em consideração sua materialização presa a cordialidade, leva-nos a crer que Antônio Honório Alves Ferreira, quando vestiu a “bucaneria” em Ribeirão Preto, dificilmente criou ‘insatisfações aos paulistas’.

Para José Antonio Lages, os mineiros que vieram ocupar as chamadas “terras devolutas” não foram os mais abastados:

Os mineiros não provinham das camadas mais abastadas da sua província. Estes não necessitavam de migrar. Mas, em relação aos que ali já se encontravam, eles eram ‘homens de certa posse’. Chegavam com seus agregados e escravos (que não eram muitos), traziam algumas cabeças de gado e seu ‘trem’ sobre carroças. Não perdiam o hábito do trabalho. Apesar de viverem do amanhã da terra, não haviam perdido seus viés urbano, a necessidade de comprar e vender os levava com frequência às vilas de São João Del Rei, Mariana, Tamanduá e Aiuruoca.⁹⁸

⁹⁶ ROCHA, João Cezar de Castro. **Literatura e cordialidade**: o público e o privado na cultura brasileira. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p.25.

⁹⁷ PERINELLI NETO, Humberto; MELLO, Rafael Cardoso de. **Bucaneirismo: um conceito para análise histórica**. In: Anais Eletrônicos do Seminário de Pesquisa de Pós-graduação em História da UERJ - III Semana de História Política. Rio de Janeiro:PPGH/UERJ, 2008, p.07.

⁹⁸ LAGES, J. A. **Ribeirão Preto**: da Figueira à Barra do Retiro – o povoamento da região pelos entrantes mineiros da primeira metade do século XIX. Ribeirão Preto: VGA Editora e gráfica, 1996, p.115.

Não nos foi possível mapear a situação política e financeira de Antônio Honório em Minas Gerais. De uma ou outra forma, o fato é que os Alves Ferreira constituíram significativa riqueza nas terras do café.

O “Oeste Paulista”, localizado geograficamente no nordeste da província, assistiu esta dinâmica migratória orientada pelas buscas de um novo ouro: as terras devolutas. Durante os oitocentos, período que compreende a mudança dos Alves Ferreira para Ribeirão Preto, muitas famílias se instalaram na região, a ponto de Thomas Walker estimar que em 1882, 80% da população (não só em Ribeirão como também na região) eram de procedência de Minas Gerais⁹⁹. No intuito de legitimar essa última informação temos números relativos às cabeças dos fogos, dados retirados de uma lista nominativa de habitantes da freguesia, datada de 1833 (TABELA 2).

TABELA 2

PROCEDÊNCIA DAS FAMÍLIAS DA CIDADE DE CASA BRANCA – 1833

DE MINAS GERAIS	159
DE LOCALIDADES DE SÃO PAULO	121
DA EUROPA	5
SEM MENÇÃO DA PROCEDÊNCIA	17

Fonte: SÃO PAULO. Arquivo Público do Estado. *Documentos interessantes de Casa Branca*, 1830-1834. Ordem 984, c.189, p.1. In: LAGES, José Antônio. **Ribeirão Preto...** Op. cit., p.121.

Segundo a tabela, grande parte da população encontrada na documentação de Casa Branca (território cuja uma parte deu origem a São Simão, que, por sua vez, se desmembrou em vários municípios sendo um deles Ribeirão Preto) era de procedência mineira¹⁰⁰. Uma vez decidida pela migração, por que os Alves Ferreira escolheram a região de Ribeirão Preto? O que se pode tirar deste universo de mudanças, sejam paisagísticas, sejam cotidianas, que nos auxiliam a compreender o início da trajetória da cafeicultura?

⁹⁹ WALKER, Thomas; BARBOSA, Agnaldo de Sousa. **Dos coronéis a metrópole...** Op. cit., p.39.

¹⁰⁰ Vale-se ressaltar a descrição de Martinho Prado Júnior, ao dizer que “A população do município é quase que exclusivamente mineira, e notei um fato singular, é quase toda do tipo loiro. Na província de São Paulo, nos seus pontos mais remotos da Capital, a população é em geral mineira, e continuamente há uma corrente de emigração daquela província para esta...”. In: *Jornal A Província de São Paulo*, art. 5º,14 de Outubro de 1877, apud CARRATO, José Ferreira. *O Ribeirão Preto e a chegada da Mogiana*. In: **Ribeirão Preto: a cidade como fonte básica de pesquisa**. Curso de extensão universitária, USP, 1984, p.32.

São vários os atrativos da região. A geografia local apresentava semelhanças climáticas à boa terra de Minas, assim como as boas condições de solo, tão propagandeadas nos jornais da capital: as características da terra e sua abençoada fartura – a terra roxa!

Era de costume o filho mais velho sondar o terreno e avaliar as possibilidades do lugar. Depois de analisado o espaço e de observado os vizinhos instalados, a família se fixava no local trazendo seus pertences. Eram famílias inteiras que habitavam fazendas na forma de condomínios até que alguma herança, doação, ou outra obrigação legal acabava por dividir as terras.¹⁰¹

Para Lages, as práticas econômicas percebidas neste momento que antecede a fundação de Ribeirão Preto, são as mesmas encontradas nos trabalhos de Caio Prado, pois *“podemos perceber, em uma área até então recentemente sertão bravio, a reprodução daquele modelo econômico típico do sul de Minas, qual seja, uma agropecuária simultaneamente de subsistência e mercantil”*.¹⁰² De acordo como Bacellar e Brioschi:

Aparentemente, as famílias não se lançavam ao sertão desconhecido de maneira cega e despreparada. Havia um procedimento mais ou menos regular no processo de imigração e instalação em terras novas. Indivíduos não migravam sós. Sabia-se, de antemão, por notícia de parentes, amigos ou conterrâneos, quais as localidades onde se poderia encontrar terras boas e desocupadas. Um ou mais membros da família adiantavam-se para o reconhecimento das áreas passíveis de apropriação, para fincar o marco de posse, dar início à limpeza e à preparação da primeira roça. Somente após a instalação das primeiras benfeitorias e colhidos os primeiros frutos, o restante da família passava para a nova moradia. Famílias conjugais, parentelas ou grupos de vizinhança transportavam-se para as novas paragens e levantavam casas próximas umas das outras, nas terras apossadas de novo. Os grupos familiares então chegados formavam pequenos conjuntos, à semelhança de bairros rurais.¹⁰³

Deste modo, a região se via repleta de famílias migrantes que aos poucos construíam o lugar ao seu modo, marcado pela diversidade das atividades econômicas (**TABELA 3**).

¹⁰¹ LAGES, J. A. **Ribeirão Preto...** Op. cit., p.115.

¹⁰² LAGES, J. A. **Ribeirão Preto...** Op. cit., p.117.

¹⁰³ BACELLAR, Carlos de Almeida Prado & BRIOSCHI, Lucila Reis (orgs.). **Na estrada do Anhanguera...** Op. cit., p.66.

TABELA 3
OCUPAÇÕES DA FREGUESIA DE CASA BRANCA (1815-1829)

<i>Ocupações</i>	1815	1816	1817	1818	1820	1822*	1825*	1826	1827**	1829*
Clero	1	1	1	1		1			2	2
Senhores de Engenho	1	3	5	4		8	3	3	1	1
Agricultores	119	47	192	170		128	275	270	161	71
Criadores		28					84			
Carpinteiros	1		1	2		4	7	2	3	4
Ferreiros	2	1	3	2		1	3	1	1	
Sapateiros	1	2		1		2	6	1	1	
Silheiros	2	2		2			1	1		
Telheiros							3			
Tropeiros	1									
Fiandeiras	9		1				10	2		13
Costureiras							1			
Alfaiates			1	1				1		
Feitores de Escravos							1			
Taberneiros										
Seleiros							2	1		
Adm. de Fazenda							2		3	
Ourives										
Fazedor de Pedra de Espingarda										
Latreiros						1				
Corpo Militar						1				
Negociantes	1		1	1		4	14	8	3	17
Jornaleiros	23	2	1	22		17	42	7		8
Vendeiros	2					1				
Agregados							32			

Pobres						1	4	1	3	3
Escravos	41	80	88	66		118	152	159	127	183
Escravas	33	50	45	46		103	102	106	101	136

*Dados agregados de duas companhias de ordenança.

**Dados de apenas uma das companhias de ordenança.

Fonte: LAGES, J. A. **Ribeirão Preto...** Op. cit., p.124-125.

Os números acima reforçam as noções anteriores de que a agricultura na região era a atividade de maior destaque. Contudo, há de se ressaltar a pluralidade de ofícios e atividades econômicas que nos permite verificar um significativo comércio e uma dinâmica troca de mercadorias nos primeiros idos do século XIX, num sertão a pouco despovoado¹⁰⁴. Vale lembrar ainda que destas atividades, a criação de gado mesmo incipiente, é percebida.

No que diz respeito aos números de escravos e escravas, concordamos com a leitura de Lages quando os reconhece como “pequenos mais persistentes”, posto que acompanham o crescimento da população.

Acreditamos que a dinâmica das gentes mineiras construiu um palco onde apareceram cidades como Ribeirão Preto, em meados do século XIX. Ainda não é o agito moderno das cidades, mas sim do ladrilhador mineiro, da busca por espaços e oportunidades, obtidas de fato graças ao compadrio.

Iria Alves Ferreira foi fruto deste universo inquieto de mudanças, migrações e formação dos centros urbanos. Em sua infância e juventude, assistiu inúmeros conterrâneos fixar residência nas terras deste sertão paulista. Com o tempo, outros imigrantes ajudaram a tingir, pouco a pouco, com novas cores a formação de Ribeirão Preto, município que desde sua fundação (1856), revelou-se palco de uma sociedade plural e complexa.

1.2 Nasce Iria, funda-se a cidade de Ribeirão Preto

O nascimento de Iria ocorreu concomitante ao da cidade. Em seu túmulo, está inscrito 13.06.1853¹⁰⁵. São apenas três anos de diferença entre a data de seu nascimento e a data da

¹⁰⁴ Não devemos ignorar a presença indígena que antecede o movimento migratório. No que tange aos kaipós, Cf. LASTÓRIA, Andréa Coelho (org.) **Atlas Escolar Histórico, Geográfico e Ambiental de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, 2008. (CD-ROM).

¹⁰⁵ O túmulo de Iria Alves Ferreira localiza-se no Cemitério da Consolação, na cidade de São Paulo. (Quadra 69, túmulo 13).

fundação de Ribeirão Preto – 19.06.1856. Com o decorrer dos parágrafos desta dissertação e com as informações referentes as particularidades de Iria e de Ribeirão, pretendemos relacionar as duas trajetórias para captar as interferências de uma na outra e vice-versa.

Conta-se a história do município da maneira que se segue. As terras da região apesar de serem ocupadas não estavam legalmente registradas no nome de ninguém. A estratégia usual para legitimar as posses destas terras era doar uma parte delas para Igreja que em contrapartida reconhecia o doador como proprietário do restante. O Capitão José Mateus dos Reis, um dos habitantes da região, começou, ainda no caminho de um tramite judicial datado de 1845, o processo de doação de terras para a Igreja; tal transação apenas terminaria em 1856. Várias foram as tentativas malogradas de agilizar essa operação, posto que a Câmara Episcopal não podia aceitar as doações que não atendiam às condições exigidas, quanto a extensão das terras. Este cenário mudou somente quando o Capitão Mateus (em ação conjunta com outros moradores da região) alcançou a quantidade de terras que permitia a concretização da doação. Partes felizes, a benemérita contribuição ocorreu em 19 de Junho do mesmo ano¹⁰⁶, formando o Patrimônio de São Sebastião. Assim, logo após o aceite da Igreja, as terras estavam legitimadas com seus respectivos donos.¹⁰⁷

Durante a primeira metade do século XIX, os centros urbanos (pequenos e esparsos) começam a vivenciar um crescimento populacional juntamente a uma demanda de interesses de todas as ordens. Segundo Bacellar e Brioschi, havia neste período uma dificuldade das famílias destas cidades batizarem seus filhos ou enterrarem seus mortos, posto que a distância entre os povoados era grande, o que gerava um desejo de instalação de uma freguesia e conseqüentemente de uma paróquia.

Ao caminhar rumo a elevação de freguesia “[...] não era somente o acesso garantido então à desejada e necessária assistência religiosa que se obtinha, mas também o reconhecimento da comunidade de fato e de direito perante a Igreja, portanto perante o próprio Estado”¹⁰⁸, com exigências por parte do poder eclesiástico, entre elas a “*existência*

¹⁰⁶ A data de fundação da cidade é dada a partir daí – 19 de junho de 1856. Porém, em livro recentemente publicado mas de problemática antiga, Ricardo Barros narra a forma como esta data foi escolhida como aniversário da localidade. Para o autor, inúmeras discussões ocorreram durante o século XX entre os moradores e historiadores locais para a escolha entre duas datas: a primeira – uma versão histórica de Plínio Travassos dos Santos – que acredita ser o ano de 1853 o marco do povoado; e a segunda – de Osmani Emboaba – que viu em 1856 a fundação da cidade. Como vimos no parágrafo acima, a disputa historiográfica foi vencida por Emboaba e ratificada pela Câmara Municipal. BARROS, Ricardo. **História da história da fundação de Ribeirão Preto**. Editora Legis Summa: Ribeirão Preto: 2005.

¹⁰⁷ LAGES, J. A. **Ribeirão Preto...** Op. cit., p. 210-218.

¹⁰⁸ BACELLAR, Carlos de Almeida Prado & BRIOSCHI, Lucila Reis (orgs.). **Na estrada do Anhanguera...** Op. cit.,p.77.

*de um número mínimo de fiéis disposto a arcar com as despesas de uma casa paroquial, a doação do patrimônio etc.”.*¹⁰⁹

A freguesia era a “circunscrição eclesiástica que forma a paróquia; sede de uma igreja paroquial, que servia também para a administração civil; (...) designação portuguesa de paróquia”. O vocábulo vila, por sua vez, era usado tanto para designar o que conhecemos hoje como município, quanto a sua sede. O território da vila era chamado Termo, seus limites, notadamente na fronteiras do povoamento eram imprecisos. O Termo da vila era dividido em freguesias [...]

[...] A doação de um patrimônio tinha implicações de várias ordens, que ultrapassavam em muito as expectativas de atendimento religioso por parte da população. O patrimônio podia ser parte de uma sesmaria e sua doação ser feita por um ou mais proprietários, geralmente irmãos (Franca, Batatais, Cajuru e Ipuã); podia ser uma área de ocupação com vários posseiros, onde cada qual cedia uma pequena gleba de suas terras (Ribeirão Preto, Rifaina e São José da Bela Vista) ou ainda podia ser constituído através de uma subscrição para compra conjunta do terreno a ser doado (Patrocínio, Sertãozinho).¹¹⁰

Chegamos ao clímax deste primeiro período ribeirãopretano – a fundação da cidade. Mas ela não se fez rapidamente. Percebemos no trabalho de José Antônio Lages a formação de duas famílias na região: os Dias Campos e os Reis de Araújo. A primeira entrou na justiça em outubro de 1834 para conseguir a posse das terras, acusando a outra parte de se apossar das terras já ocupadas por mais de duas décadas, por meio de violência. Anos se passaram em meios a vários depoimentos, testemunhas de ambos os lados, até que em maio de 1846 a família Reis acaba por comprar as terras de Hilário Dias Campos por 4.000\$000 e em outubro do mesmo ano, em Casa Branca, o Juiz Municipal Judalício Randolfo Figueira de Aguiar deu por encerrado o processo.¹¹¹ Sobre estas iniciativas de posse, Monteiro Lobato diz:

Um homem tímido e perfeitamente moral chega ao sertão e não topa brecha onde pôr o pé. Encontra-o deserto – mas apossado. Não vê gente – mas sente donos. Se quer comprar, ninguém lhe vende. Ninguém lhe arrenda nem lhe aluga. Os detentores, zelosos de uma posse tradicional de pais a filhos, não querem vizinhos que lhes perturbem a paz do latifúndio. E o homem moral volta para trás desanimado. Mas surge o grileiro e tudo se transforma [...] Ao partir para o sertão ele deixou casa, na gaveta, os escrúpulos da consciência. Vem firme, vem ‘feito’ como um gavião. Opera as maiores falcaturas, falsifica firmas, papéis, selos, falsifica rios e montanhas; falsifica árvores e marcos; falsifica juízes e cartórios; falsifica o fiel da balança de Têmis; falsifica o céu, a terra e as águas; falsifica Deus e

¹⁰⁹ Idem, p.78.

¹¹⁰ Idem, p.77-80.

¹¹¹ Sobre a disputa judicial entre as famílias Dias Campos e Reis de Araújo ver LAGES, J. A. **Ribeirão Preto...** Op. cit., p. 149-159. A documentação pesquisada se encontra no Cartório do 1º Ofício de Casa Branca.

o Diabo. Mas vence. E por arte dessa obra-prima de malabarismo, espoliando posseiros e donos, sempre firmados na gazua da lei, os grileiros expelem das terras, num estupendo parigato, todos os ‘barba ralas’ que ali vivem, parasitariamente, tentando resistir ao arranque da civilização [...] E acaba, de feito. Acaba o marasmo da terra por que o grileiro é o procurador da Onda Verde. O seu *cri-cri* anuncia a aproximação do tanque. Cinco, dez anos depois, a flor do café branqueia a zona e a incorpora ao patrimônio da riqueza nacional [...] ¹¹²

Lages concorda com esta visão de Monteiro Lobato, pois dá indícios de que houve falsificação de documentos e testemunhos comprados, tudo em prol do ganho do processo. Era o interesse privado sobre todos os outros. Porém, há de se corrigir Lobato quando o mesmo desconsidera a pecuária como investimento econômico inicial, como alertam alguns historiadores da região. ¹¹³

Mais uma vez percebemos as ações de piratas e flibusteiros. Aproveitemos tal narrativa para rememorar a dimensão dos tentáculos da bucaneria de Doin. Estes homens encontram no próprio Estado modelo de ação, haja vista que a modernização brasileira (principalmente pós 1850) deveu-se ao seu endividamento, “*com sua massa de rendas advindas de fonte tributárias ou seu poder emissor, os mais variados negócios e empreendimentos*”¹¹⁴, sejam eles o incentivo a imigração, a criação ou reforma de portos, a modernização dos serviços públicos e os empréstimos para socorrer as lavouras.

Mesmo que tenhamos ressaltado a bucaneria do século XIX, descuidados seríamos se desconsiderarmos o fato que tal modelo usurpador existe no Brasil desde os idos coloniais, tempo em que a Metrópole ‘pactualmente’ administrava suas posses com um intuito certo, a exploração; ou como preferiu Caio Prado Jr., com um “sentido da colonização”.¹¹⁵ Atento a esta longa duração, Doin acredita que o capitalismo bucaneiro existe em terras tupiniquins desde “*o primeiro pé luso marcou seu cunho e forma nas areias fofas de Porto Seguro*”.¹¹⁶

¹¹² LOBATO, José Bento Renato de Monteiro. *Onda verde e o presidente negro*. São Paulo: Brasiliense. 13 ed. 1969, p.7-8, In: PAZIANI, Rodrigo Ribeiro. **Construindo a Petit Paris**: Joaquim Macedo Bittencourt e a Belle Époque em Ribeirão Preto (1911-1920). Tese de Doutorado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2004, p.21.

¹¹³ Cf. LAGES, J. A. **Ribeirão Preto...** Op. Cit.; OLIVEIRA, Lélío Luís. **Economia e História**: Franca- século XIX. Franca: UNESP-FHDSS: Amazonas Prod. Calçados S/A, 1997.

¹¹⁴ DOIN, José Evaldo de Mello; PAZIANI, Rodrigo Ribeiro. *Sob o manto do capitalismo bucaneiro: raízes e facetas da experiência moderna no Brasil*. **História Revista**, Goiânia, v.12, n.2, p.219.

¹¹⁵ PRADO JÚNIOR, C. **Formação do Brasil contemporâneo...** Op. cit., p.19-32.

¹¹⁶ DOIN, J. E. M. **Capitalismo bucaneiro...** Op. cit., p.02.

Séculos mais tarde, inspirados pelos seus antecessores corsários, esses homens tomam terras devolutas¹¹⁷ e ocupam os vazios do sertão, plantam onde nada é cultivado e colocam cerca reconstruindo as noções de propriedade no nordeste paulista.

Frente a esta realidade, o Império brasileiro elaborou a Lei de Terras de 1850, que proibiu o acesso à terra que não fosse aquele por meio de compra, dando um fim as formas tradicionais de aquisição de terra sejam mediante posses, ou por doações da Coroa. Cria-se uma nova forma de lidar com a terra, onde não mais exista a relação pessoal entre o rei e o pretendente e sim uma impessoalidade entre o Estado e o mesmo. Na perspectiva de Emília Viotti da Costa,

Na primeira fase, a propriedade da terra conferia prestígio social, pois implicava o reconhecimento pela Coroa dos méritos do beneficiário. Na segunda fase, a propriedade da terra representa prestígio social porque implica poder econômico. No primeiro caso, o poder econômico derivava do prestígio social; no segundo, o prestígio social deriva do poder econômico.¹¹⁸

A Lei de Terras no Brasil marcou a transição de uma concepção tradicional para uma concepção moderna de ocupação da terra. Durante o mesmo período, os Estados Unidos declaravam o Homestead Act (1862), entretanto, as diferenças que Emília Viotti assinala entre um projeto e outro demonstram as nuances coloniais que marcam nossa trajetória. Concomitante ao rápido desenvolvimento da região Nordeste dos Estados Unidos, a estrutura social colonial sobrevivia no Brasil: *“trabalho escravo, sistema patriarcal e uma opressiva preponderância da população rural, com pequenos núcleos populacionais urbanos concentrados nos portos importantes.”*¹¹⁹

Não nos esqueçamos de que no mesmo ano de 1850 o Brasil vivia as conseqüências de outra Lei, a Eusébio de Queirós, cuja finalidade foi determinar a proibição do tráfico de escravos em território brasileiro.

É importante destacar que essa lei não causou impacto imediato na disponibilidade da mão-de-obra cativa, pois entre 1840 e 1850 entraram no país cerca 500.000 escravos, e as culturas tradicionais (cana-de-açúcar,

¹¹⁷ Há de se informar que nos idos coloniais, “terra devoluta” servia como designação da terra cujo concessionário não cumpria as condições impostas para sua utilização, o que ocasionava a sua devolução para quem a concedeu: a Coroa. Com o tempo, esse termo passou a ter um significado vago. Cf CAVALCANTE, José Luiz. **A Lei de Terras de 1850:** e a reafirmação do poder básico do Estado sobre a terra. In: *Histórica – Revista eletrônica do Arquivo do Estado de São Paulo*. (<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao02/materia02>, acessado em 13 de janeiro de 2008, às 23:30)

¹¹⁸ COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia a República:** momentos decisivos. 7.ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, p.172.

¹¹⁹ Idem, p.190.

algodão e tabaco) da região norte do país viviam seu momento de decadência, ocasionando a liberação de seus cativos para o centro-sul do país, onde a economia efervescia, gerando um tráfico interprovincial. O fim do tráfico permitiu a existência de investimentos em outras atividades econômicas (bancos, ferrovias, etc.), contribuindo para a adaptação da sociedade brasileira às exigências do capitalismo. Portanto era necessário que o escravo deixasse de ser uma mercadoria rentável e que a terra assumisse esse papel o mais breve possível.¹²⁰

O desejo de matérias-primas pelas potências industrializadas reconfiguravam a paisagem e o cotidiano de todo o globo. Ao longo do século XIX, o governo brasileiro lidava constantemente com os desejos ingleses – entre eles o próprio Bill Aberdeen. Com a implementação de uma nova mão-de-obra, o país se modernizava revendo a maneira de tratar suas terras. Raymundo Faoro salienta esta hegemonia britânica ao lembrar de um embaixador brasileiro que, no ano de 1854, se queixou que o comércio de café era feito com “*capitais ingleses, em navios ingleses, por companhias inglesas. Os lucros, os juros, o seguro, as comissões, os dividendos corriam sempre para os bolsos ingleses*”.¹²¹

O Brasil tinha lá suas preocupações internacionais, não apenas com os ingleses, mas com toda sorte de imigrantes que vinham “fazer a América”. Concomitantemente, Ribeirão Preto ganhou autonomia, assim como suas primeiras fazendas de café já anunciavam relativo sucesso. Em 1870 a cidade passou à categoria de Freguesia e em 1871 foi denominada vila, sendo reconhecida como cidade em 1889¹²². Assim chegavam os ventos modernos ao município.

A cidade não nasce como uma grande exportadora de café, aliás, semelhantemente a Iria Alves Ferreira, Ribeirão Preto teve uma paulatina trajetória de riqueza e de construção do poderio econômico. Por conta dos ‘ventos modernos’ chegarem a urbe antes mesmo de sua construção, como a narrativa dá margem para tal compreensão, é possível que o historiador caia no sedutor discurso das ‘novidades’, do ‘efêmero’, do ‘moderno’. É necessário muita calma para nos esquecermos desta *mineridade* dos fundadores; é preciso um olhar atento para as negociações entre o novo e aquilo que já existe – o velho. Com tal postura para com o tempo pretérito destes homens e mulheres do passado, propomos a interpretação daquilo que chamamos de *modernidade*.

Segundo Marshall Berman, por modernidade podemos compreender por um conjunto de “*experiências de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, que é compartilhada por*

¹²⁰ CAVALCANTE, José Luiz. **A Lei de Terras de 1850...** Op. cit.

¹²¹ FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. 2. ed. Editora Globo: Porto Alegre, 1975, p.414.

¹²² PAZIANI, Rodrigo Ribeiro. **Construindo a Petit Paris...** Op. cit.

homens e mulheres em todo o mundo".¹²³ Tempo que se fez presente desde as grandes navegações do século XVI e ainda participa de nossas vidas.

Na perspectiva do autor, tal modernidade pode ser dividida em três fases: a primeira, que data do século XVI ao século XVIII, tempo em que os homens começaram a experimentar a vida moderna, porém sem saber ou ter total consciência de que o faziam. Uma segunda fase, a partir da Revolução Francesa e suas reverberações que perpassam todo o século XIX, permitindo ao autor acreditar que este homem viveu ainda que se lembrasse de um passado que não é completamente moderno. E aqui chegamos nós na terceira fase, típica do século XX, marcada pela revolução tecnocientífica e pelo processo de modernização que *"se expande a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo, e a cultura mundial do modernismo em desenvolvimento atinge espetaculares triunfos na arte e no pensamento"*.¹²⁴

Seguindo esta divisão da modernidade sugerida pelo autor, vale ressaltar que a primeira fase foi marcada, entre outras coisas, pelo Renascimento que, como nos ensinou Lucien Febvre, veio da Itália para tocar todo o Velho Mundo. Ao analisar Michelet, Febvre nos permite enxergar este princípio de vida moderna com a metáfora do fogo. *"Abrasou a França. Abrasou a Europa. 'A coluna de fogo a que se chamou a Renascença'"*.¹²⁵

Desde o século XVI, o homem moderno teve de aprender a lidar com esta realidade sedutora e perigosa. Nos dizeres de Henri Lefebvre, *"com ou sem majestade, suntuoso ou negligente, muito rico ou miserável, sempre mais violento, mais rápido, mais barulhento, avança o mundo moderno"*.¹²⁶

Mais uma lição de Berman deve ser ouvida antes de imergirmos nesta empreitada em busca da "Rainha do Café" em tempos modernos. Tempo paradoxal por natureza, a modernidade acaba trazendo a tona um indivíduo complexo, tão antagônico que ao mesmo tempo que é moderno, é antimoderno.

Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detém o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o *seu* mundo transformando-o em nosso mundo. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiência e aventura, aterrorizado pelo abismo niilista ao qual tantas das aventuras modernas

¹²³ BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar...** Op. cit. p.24.

¹²⁴ Idem, p.26.

¹²⁵ FEBVRE, Lucien. **Michelet e a Renascença**. Tradução de Renata Maria Parreira Cordeiro. São Paulo: Editora Página Aberta, 1994, p.199.

¹²⁶ LEFEBVRE, Henri. **Introdução à Modernidade: prelúdios**. Tradução de Jehovanira Chrysóstomo de Souza. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1961, p.03.

conduzem, na expectativa de criar e conservar algo real, ainda quando tudo em volta se desfaz. Dir-se-ia que para ser inteiramente moderno é preciso ser antimoderno...¹²⁷

Para o autor, devemos nos atentar para a autoconsciência do ser humano frente a esta modernidade desenfreada e repensarmos a própria, sendo modernos. O que se transforma em mais uma relação paradoxal da modernidade, pois se ser moderno é ser antimoderno, no intuito de conservar o mundo em que vivemos, temerosos das conseqüências da modernidade desenfreada, ser antimoderno (dominar este movimento) é ser revolucionário e ao mesmo tempo conservador. Seria uma forma de “preservar o novo”.

Esta plasticidade que Berman confere à modernidade não deve ser empecilho ao nosso trabalho de compreender a tensão de Iria – as interfaces entre o “local” (representado por Ribeirão Preto) e o “global” (o “para além” de Ribeirão Preto); pelo contrário, nos prepara para situações onde a ambivalência da realidade se fará presente. No que diz respeito à ambivalência, Zygmunt Bauman acredita ser a *“possibilidade de conferir a um objeto ou evento mais de uma categoria, é uma desordem específica da linguagem, uma falha da função nomeadora (segregadora) que a linguagem deve desempenhar”*.¹²⁸

Anthony Giddens analisa a modernidade como um *“estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência.”*¹²⁹ Adverte, porém: *“existem obviamente, continuidades entre o tradicional e o moderno, e nem um nem o outro formam um todo à parte”*, negando termos que encerram ou sugerem transição, como pós-modernidade, pós-modernismo ou “sociedade pós-industrial”. Desta sorte, assim como Berman, convida-nos a revisitar a modernidade para compreendermos melhor o próprio período em que vivemos:

A desorientação que se expressa na sensação de que não se pode obter conhecimento sistemático sobre a organização social, devo argumentar, resulta, em primeiro lugar, da sensação de que muitos de nós temos sido apanhados num universo de eventos que não compreendemos plenamente, e que parecem em grande parte estar fora de nosso controle. Para analisar como isto veio a ocorrer, não basta meramente inventar novos termos, como pós-modernidade e o resto. Ao invés disso, temos que olhar novamente para a natureza da própria modernidade a qual, por certas razões bem específicas, tem sido insuficientemente abrangida, até agora, pelas ciências sociais. Em

¹²⁷ BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar...** Op. cit. p.22.

¹²⁸ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência.** Tradução de Marcos Penchel. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1999, p. 09.

¹²⁹ GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade.** Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991, p. 08.

vez de estarmos entrando num período de pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as conseqüências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes. Além da modernidade, devo argumentar, podemos perceber os contornos de uma ordem nova e diferente, que é 'pós-moderna'; mas isto é bem diferente do que é atualmente chamado por muitos de 'pós-modernidade'.¹³⁰

Posto que os documentos oficiais, as notícias dos jornais, as fotos imortalizadas pelos grandes personalidades, acabam por mitificar o novo na tentativa de esconder um passado não-moderno, ou seja, arcaico, virarmos refém desta selecionada documentação é construir uma história que privilegia apenas as mudanças e não as permanências.

Várias questões nos impedem de cair no discurso sedutor da modernidade e considerar o novo como elemento a caracterizar a modernidade. Um dos lugares de permanência do velho é a religião e a forma como a mesma foi administrada pela Igreja. A **IMAGEM 4** retrata a Igreja Matriz de Ribeirão Preto no ano de 1876. A ocupação urbana inicial se deu entorno desta capela. Na compreensão de Murilo Marx, mesmo que o espaço público tenha sofrido o lento e vagaroso processo de laicização, é impossível negar a importância do Cristianismo e o poder eclesiástico na história do município.¹³¹



Imagem 4 - Igreja matriz de Ribeirão Preto em 1876. **Fonte:** APHRP.

¹³⁰ Idem, p. 09.

¹³¹ MARX, Murilo. **Nosso chão: do sagrado ao profano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p.59-60.

Nos idos coloniais e monárquicos, para um arraial ou povoado adquirir autonomia administrativa era necessário tornar-se freguesia ou paróquia. Mas o que chamará a atenção dos ribeirãopretanos neste instante não são apenas estas nomenclaturas advindas do crescimento e do desenvolvimento urbano, mas sim a alteração do eixo econômico da região e suas conseqüentes alterações urbanas. Um novo produto chamava a atenção destes moradores da região, e principalmente da cidade de Ribeirão Preto – o café.

Na segunda metade do século XIX, a cidade de Franca deixou a criação de gado e a agricultura para abastecimento interno em um segundo plano e passou a fazer parte do conjunto privilegiado das regiões produtoras para o mercado externo. No entanto, com a expansão da cafeicultura, a antiga Franca do Imperador perdeu a sua hegemonia no Norte Paulista para a nova vila de Ribeirão Preto, que se torna a “capital do café”. A região de Franca é, nesse aspecto, ilustrativa de um processo que por todo o Estado de São Paulo, nas últimas décadas do século XIX, foi desalojando os “mineiros” para dar lugar aos “paulistas”. Ou, em outros termos, um processo em que a cultura do café foi tomando espaço à criação do gado e à cultura de subsistência.¹³²

Seguiu-se um segundo movimento migratório – a própria ocupação dos paulistas, no nordeste do seu território. Percebemos que diferente do primeiro, o deslocamento populacional aconteceu de forma diferente daquele migrar entre províncias, e sim, entre cidades ou regiões.

Gerador deste movimento, o café chegou à região depois de cruzar muitas outras, visto que as antigas áreas produtoras de café do Vale do Paraíba deram sinais de esgotamento pela “*má qualidade do solo e mau uso da terra*”¹³³, ao passo que o mercado consumidor internacional, principalmente o norte-americano, impulsionou uma relativa valorização da rubiácea.¹³⁴

A conjuntura era favorável à região. Ela recebeu a partir da segunda metade do século XIX as primeiras mudas de café, observadas de perto por dois personagens já citados: Luís Pereira Barreto e Martinho Prado Júnior. Ribeirão Preto em menos de trinta anos após a sua fundação já ocupava as primeiras posições na produção de café no mundo!

Iria Alves Ferreira ainda não usufruía das benesses do reinado que se instalava. Em 1880, quando seu marido Luiz da Cunha Diniz Junqueira ainda estava vivo, nascia Francisco

¹³² BACELLAR, Carlos de Almeida Prado & BRIOSCHI, Lucila Reis (orgs.). **Na estrada do Anhanguera...** Op. cit., p.76.

¹³³ TUON, Liamar. **O cotidiano cultural em Ribeirão Preto (1880-1920)**. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 1997 (Dissertação de Mestrado em História), p.23.

¹³⁴ BACELLAR, Carlos de Almeida Prado & BRIOSCHI, Lucila Reis (orgs.). **Na estrada do Anhanguera...** Op. cit., p.92.

Junqueira, filho de Luiz e Iria, permitindo-nos refletir quais eram suas ações e seu cotidiano no papel de mãe. O café brotava na terra roxa ribeirãopretana enquanto a esposa de Luiz dava a luz a sua prole de Junqueiras, futuros doutores, advogados, políticos e fazendeiros da região.

Como salientou Maria Ângela D’Incao, durante o século XIX presenciamos o aparecimento de uma representação social de mulher típica das relações da chamada família burguesa, cuja novidade foi a valorização da intimidade e da maternidade. A modernidade consumia o cotidiano das famílias, alterando as representações do ser mulher no Brasil Imperial, ou seja, *“um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo”*.¹³⁵ Tais eram as características desta mãe, esposa e administradora do lar. Todas as características que ressaltavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível, nas palavras da autora.

Iria Alves Ferreira teve muito tempo para aprender as sigilosas artimanhas políticas, dos recônditos de sua residência, fossem seus mestres o pai ou o marido, homens que detinham posses e se faziam presentes na política local. Sendo mulher, não conseguiria por força própria vencer as barreiras masculinas de seu tempo: a mulher de Luiz da Cunha Junqueira e filha de Antônio Honório Alves Ferreira assistiu a transição da Monarquia para a República no Brasil, a modernização do Estado, das tecnologias e da própria concepção de terra, algo que desde os idos coloniais estava ligado a relação pessoal com o rei.

Dona Iria viu seu mundo ganhar novas facetas. Em 1880, com 27 anos de idade, dava a luz ao quinto filho de seis, três anos antes dos trilhos da Mogiana chegarem a Ribeirão Preto. Exercendo seu papel social (típico do século XIX) como esposa e mulher, Iria Alves Ferreira preparava-se para vestir a Coroa, principalmente depois que o município de Ribeirão Preto passou a ser um dos maiores produtores de café do mundo!

¹³⁵ D’INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORI, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (coord.). **História das mulheres no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 1997, p.223.

1.3 – De como o café se fez “produto-mundo” e Ribeirão Preto

É de Campinas [...] que parte a expansão cafeeira que alastrará pelo Oeste paulista. Um fato sobretudo orientará a princípio a marcha: é a ocorrência dos citados solos de terra roxa que se sucedem em manchas próximas umas das outras de Campinas para o norte. Estas manchas aproveitar-se-ão até a última polegada; e os cafezais recobri-las-ão uniforme e monótonamente por superfícies que abrangem por vezes dezenas de quilômetros quadrados sem interrupção. Paisagem agrícola até hoje ainda quase única no Brasil, em regra tão irregular e desordenadamente explorado. Esta “onda verde” de cafezais, como tão expressiva e apropriadamente se denominou a expansão da lavoura que então fundamentava a riqueza brasileira, marchará rapidamente, alcançando no penúltimo decênio do século a região do rio Mogiguaçu na sua confluência com o Pardo; aí se formará o núcleo produtor do melhor e mais abundante café brasileiro. O “café de Ribeirão Preto” (centro da região) se torna mundialmente famoso.¹³⁶

Da agricultura de subsistência e do pequeno, mais significativo, comércio, o município de Ribeirão Preto passou a usufruir desta economia extremamente vantajosa. Ao final do século XIX, as fazendas de café obtinham lucros fantásticos e permitiam aos seus proprietários ganhos que iam para além das cifras provenientes do plano econômico. Como veremos nos próximos parágrafos, transformações urbanas e mudanças no cotidiano ocorreram por conta desta presença do lucro proveniente do *coffe business* na localidade.

A prosperidade do café foi expressa nos símbolos do município, no hino, na bandeira e no brasão de Ribeirão Preto (**IMAGEM 5**).



Imagem 5 - Bandeira e Brasão de Ribeirão Preto. Imagens extraídas de: LASTÓRIA, Andréa Coelho (org.) **Atlas Escolar Histórico, Geográfico e Ambiental de Ribeirão Preto...** Op. cit.

¹³⁶ PRADO JÚNIOR, C. **História econômica do Brasil...** Op. cit., p.165.

Segundo o Ato nº 6057, publicado em 21 de agosto de 1991 pela Câmara Municipal¹³⁷, as cores azul e branco representam a justiça, o zelo, a lealdade e o sentimento religioso da população. A águia ao centro simboliza vitória e prosperidade, assim como o verde, a esperança. Junto a todos estes elementos, dois grandes ramos de café se encontram, revelando a “*poderosa riqueza agrícola*”:

... a tradicional Coroa Mural de prata, com 8 (oito) torres, onde se vê somente cinco, por força da perspectiva do desenho, que é o símbolo privativo das cidades que outrora eram fortificadas contra os inimigos e representavam o domínio feudal, tendo no frontispício um escudete de blau (azul), com um báculo episcopal, que representa o poder e direito de administrar com justiça e duas flechas ou setas cruzadas em prata, que representa a tradição guerreira, representando o mártir padroeiro São Sebastião, na fé e inspiração religiosa dos primeiros povoadores da região; como suportes e ornamentos externos, representando por dois ramos de café frutados, lembrando a poderosa riqueza agrícola, produto que trouxe vários imigrantes e inúmeras banfeitorias à região, fazendo com que o escudo fique apoiado e sustentado em seus ramos; abaixo deste o listél em goles (vermelho), com a legenda em letras de prata “BANDEIRANTIVM AGER”, o que vem lembrar os Bandeirantes e os Pioneiros, como Anhanguera e Bartolomeu Bueno, que fizeram os primeiros roçados e plantações na região, onde eram os índios CAIAPÓS, os seus habitantes primitivos e mais tarde oficializou-se pela Lei nº 67, de 67, de abril de 1871, e instalando-se em 4 de junho de 1874, o Município de RIBEIRÃO PRETO.¹³⁸

Neste emaranhado de elementos destacamos a presença daqueles filiados a tradição religiosa. A Coroa nos permite vislumbrar uma temporalidade que estranhamente foi citada pelos homens do poder público em plena década de 1990 – o feudalismo. Independente de pesos e preferências, o discurso é revelador: “*o escudo fique apoiado e sustentado em seus ramos*”, o tempo do café ficou marcado a ferro e fogo nos ribeirãopretanos.

Tal qual o brasão e a bandeira, a valorização do café ocorreu no hino da cidade, que em seu refrão reitera esta umbilical ligação do município com as fazendas de café: “*Ribeirão Preto, terra do café, orgulho de São Paulo e do Brasil*”.¹³⁹ Todavia, a novidade cafeeira não foi unânime. Em artigo publicado no periódico *A Província de São Paulo*, em outubro de 1877, Martinho Prado Júnior destaca o desagrado que boa parte da população via com as mudanças que ocorriam na paisagem da região:

¹³⁷ O referido ato pode ser encontrado na internet no site: <http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/leis/pesquisa.ver.php?id=13070>.

¹³⁸ Idem.

¹³⁹ Referência ao Hino de Ribeirão Preto. In: LASTÓRIA, Andréa Coelho (org.) **Atlas Escolar Histórico...** op.cit.

Ainda hoje, a grande maioria da população manifesta-se em completa hostilidade à cultura do café, e consideram os plantadores que têm comprado terras, como uns bárbaros, que levam aquelas paragens à pobreza, à ruína aos seus antigos habitantes. (...) Sentem-se constrangidos, apertados como dizem, e almejam vender suas terras afim de refugiarem-se para o sertão, onde não existia a maldita planta.¹⁴⁰

É importante tal passagem para não comprarmos uma interpretação sedutora da inserção deste novo tempo em Ribeirão Preto. O café (e o capital que envolve o complexo cafeeiro) trouxe para a cidade a possibilidade de comunicação com o mundo, e a partir desta ligação, a importação de um arsenal tecnológico que transformara corações e mentes destes homens e mulheres do nordeste paulista. Mostrar a força do passado e o medo destas novidades é apostar em uma investida à modernidade as avessas. Procurar no novo, aquilo que o atrasa. Buscar o empecilho para as transformações. Ver nas transformações, a permanência. Ao longo do texto buscamos compreender este mundo de Iria a partir desta perspectiva.

Para além do desagrado com a nova planta, promovia-se apologias para a criação de porco e de gado, como escreveu Martinho Prado em outro trecho: “*Se estiveres morto / Pega o teu porco / Se estiveres quebrado / Pega o teu gado / Mas com o café / Não tenho fé.*”¹⁴¹

As primeiras fazendas de café datam de 1870, segundo a historiadora Maria Angélica Momenso Garcia¹⁴². Nos tempos que precederam sua introdução (ou ainda no início das plantações), principalmente antes de 1874, sua população chegava a 5.552 pessoas, ao passo que em 1887 ela quase duplica – 10.420 pessoas.¹⁴³ Observemos tal mudança em comparação as outras cidades do Estado de São Paulo (**TABELA 4**).

¹⁴⁰ A Província de São Paulo. Martinho Prado Júnior. *Municípios de S. Simão e Ribeirão Preto*, 20 de outubro de 1877. In: BORGES, Maria Elizia. **Arte tumular**: a produção dos marmoristas de Ribeirão Preto no período no período da Primeira República. Tese de Doutorado em História. Departamento de Artes/USP: São Paulo, 1991, p.13.

¹⁴¹ Idem, p.13.

¹⁴² GARCIA, Maria Angélica Momenso. **Trabalho e resistência**: os trabalhadores rurais na região de Ribeirão Preto (1890-1920). Dissertação de Mestrado em História. FHDSS. Universidade Estadual Paulista. Franca, 2004, p.25.

¹⁴³ SILVA, Adriana Capretz Borges da. **Campos Elíseos e Ipiranga**: memórias do antigo Barracão.1.ed. Editora COC: Ribeirão Preto, 2006, p.56.

TABELA 4
POPULAÇÃO DAS REGIÕES PAULISTAS (1854-1934)

ANO	Cidades principais	1854	1874	1866	1905	1920	1934
1ª zona	São Paulo (Capital), Guarulhos, Cotia, Itapeverica, Juqueri Santo André, Santo Amaro, São Bernardo.	35.670	46.775	74.895	281.256	654.578	1.168.776
2ª zona	Areias, Bananal, Cunha, Guaratinguetá, Jacareí, Lorena, Mogi das Cruzes, Santa Isabel, Paraibuna, Pindamonhangaba, São Luís do Paraitinga, São José dos Campos, São Sebastião, Formosa, Taubaté, Ubatuba.	123.948	251.603	335.922	405.334	484.699	476.534
3ª zona	Itapetininga, Tatuí, Parnaíba, São Roque, Atibaia, Porto Feliz, Bragança, Campinas, Sorocaba, Capivari e Piracicaba.	128.257	228.203	295.782	412.741	752.524	843.335
4ª zona	Amparo, Socorro, Mogi Mirim, Itapira, Pinhal, Mogi Guaçu, São João da Boa Vista, Casa Branca, São José do Rio Pardo, Caconde, Mococa, São Simão, Cajuru, <u>Ribeirão Preto</u> , Batatais, Franca, Ituverava, Igarapava, Nuporanga e Serra Negra.	57.092	122.057	178.795	464.091	811.974	871.389
5ª zona	Rio Claro, Araras, Araraquara, Barretos, Jaboticabal, Descalvado, Limeira, Palmeiras, São Carlos e Santa Rita.	21.889	69.614	133.697	275.079	530.257	599.842
6ª zona	Monte Alto, Ariranha, Tabapuan, Jaú, Barra Bonita, Itapuú, Bariri, Boa Esperança, Brotas, Catanduva, Rio Preto, Dourado, Dois Córregos, Mineiros, Pederneiras, Ibitinga, Matão, Santa Adélia, Pindorama, Ribeirão Bonito, Bocaina, Taquaritinga, Itápolis, Novo Horizonte, Itajobi.	–	16.347	33.151	148.400	583.771	879.532
7ª zona	Lins, Iacanga, Garça,	–	–	–	7.815	136.454	618.990

	Marília, Piratininga, Duartina, Pirajuí, Bauru, Avaí, Penapólis, Araçatuba.						
8ª zona	Presidente Prudente, São Manoel, Agudos, Bela Vista, Avaré, Santa Cruz do Rio Pardo, Lençóis, Botucatu, Conceição do Monte Alegre, Fartura, Ipaçu, Óleo, Ourinhos, Palmital, Piraju, Salto Grande, Santa Bárbara do Rio Pardo, São Pedro do Turvo.	-	30.370	71.903	118.905	341.754	599.661
9ª zona	Itapeva, Capão Bonito, São Miguel Arcanjo, Xiririca, Iporanga, Apiaí.	23.432	40.085	54.805	80.820	134.227	148.365
10ª zona	Santos, Guarujá, São Vicente, Itanhaém, Iguape, Cananéia.	26.861	32.300	42.430	85.167	161.950	226.903
TOTAL		417.149	837.354	1.221.380	2.279.608	4.592.188	6.433.327

FONTE: OBS: O total dos anos de 1854 e de 1886 não corresponde à soma; parcelas referentes às outras zonas, como segue: 1854: 10.600 arrobas; 1886: 633.896 arrobas. Adaptado de CAMARGO, J. F. **Crescimento da população do Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos**. 2v. São Paulo: IPÊ/USP, 1981, p. 107-108.

Percebe-se que a região de Ribeirão Preto foi a zona que mais cresceu em número de população durante a década nos idos de 1905 e 1920. Tal constatação é potencializada quando analisamos os dados referentes aos municípios que se inserem neste espaço em comum. A urbe teve importância substancial para tal acréscimo, haja vista a comparação realizada por Bacellar. (TABELA 5)

TABELA 5

POPULAÇÃO TOTAL DOS MUNICÍPIOS DA MOGIANA (1874-1920)

Município	1874	1886	1900	1920
Batatais	13.464	19.915	19.164	21.816
Franca	21.419	10.040	15.491	44.308
Ribeirão Preto	5.552	10.420	59.195	68.838

Fonte: BACELLAR, Carlos de Almeida Prado & BRIOSCHI, Lucila Reis (orgs.). **Na estrada do Anhanguera...** Op. cit.

Assim, por meio da observação dos trabalhos mencionados anteriormente, percebemos o crescimento populacional do nordeste paulista e como a urbe teve parte neste

desenvolvimento, o que nos permite verificar a tese de que Ribeirão Preto foi um grande centro cafeeiro internacional, ao passo que sua população acompanhou o crescimento urbano e econômico do município.

Sendo Iria Alves Ferreira uma das protagonistas deste grande centro, caminharemos agora com a perspectiva de que ela foi atriz fundamental deste processo global. Um movimento que inseriu Ribeirão Preto no mundo ao passo que materializava o mundo em Ribeirão Preto. Pedimos a atenção a mais uma tabela (**TABELA 6**).

TABELA 6 - POPULAÇÃO SEGUNDO A NACIONALIDADE E SEXO EM RIBEIRÃO PRETO - 1902

<i>Nacionalidade / sexo</i>	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>	<i>Nº de habitantes</i>
Austríacos	301	250	551
Alemães	123	76	199
Africanos	16	7	23
Argentinos	9	12	23
Asiáticos	2	12	21
Brasileiros	10.614	9.115	19.729
Belgas	6	4	10
Chilenos	1	-	1
Dinamarqueses	2	3	5
Espanhóis	924	779	1.703
Estados Unidos	2	3	5
Franceses	35	17	52
Húngaros	22	21	43
Italianos	15.473	12.292	27.765
Ingleses	6	5	11
Portugueses	1.554	1.081	2.635
Poloneses	6	4	10
Peruanos	1	2	3
Prussianos	1	6	7
Russos	9	7	17
Suíços	10	7	17
Suecos	5	5	10
Turcos	65	34	99
Total	29.187	23.742	52.929

Fonte: CINTRA, Rosana Aparecida. **Italianos em Ribeirão Preto:** vinda e vida de imigrantes (1890-1900). Dissertação de Mestrado em História. FHDSS/UNESP. Franca: 2001, p. 87.

No princípio do século XX, Ribeirão Preto sofreu, para além de um aumento significativo da população, uma nova configuração cultural, em especial por meio da imigração cuja finalidade era o trabalho nas lavouras de café. Novos braços, novas culturas. Memorialistas, como Rubem Cione chegam a afirmar que se falava mais a língua de Dante do

que a de Camões!¹⁴⁴ (**TABELA 4**). Lages aponta que em 1902, num total de 52.910 munícipes, tal descompasso chegou a 33.199 estrangeiros para 19.711 habitantes brasileiros na cidade.¹⁴⁵

Os italianos, seduzidos pela política migratória brasileira, tinham, a princípio, a finalidade de trabalhar nas lavouras de café, porém, o “saber fazer” permitiu a muitos deles a inserção em diversas outras atividades econômicas na cidade, como pedreiros, carpinteiros, pintores, negociantes, sapateiros, relojoeiros, cozinheiros, operários, professores, ferreiros, maquinistas, mecânicos, farmacêuticos, etc... Em tabela construída pela historiadora Rosana Aparecida Cintra, a partir de dados extraídos do Livro de Nascimentos do Arquivo do I Cartório de Registro Civil de Ribeirão Preto, foram contabilizados durante a última década do século XIX, 9.651 italianos divididos em 92 profissões diferentes, sendo que 5.949 destes imigrantes eram trabalhadores agrícolas.¹⁴⁶

Outros imigrantes também já serviram de objeto de pesquisa, a exemplo dos espanhóis. Marcio Andreza dos Reis descreve que, para além de colonos, estes também exerceram papel de “*roceiro, lavrador, jornaleiro, diarista... operários da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro*”¹⁴⁷. Assim como os italianos, estes acabavam por sofrer com a falta de recursos públicos, ponto de convergência entre os dois historiadores.

De fato, o café passou a ser consumido em vários locais do planeta, destaque para os Estados Unidos e os países da Europa. Em especial, o café ribeirãopretano se construiu produto-mundo enquanto carregou consigo a capacidade de permitir tal comunicação da localidade com o globo. Para José Evaldo de Mello Doin, esta relação

... era marcada pelo compadrio e o coronelismo dos sertões paulistas e a que envolvia a teatralidade dos belos e calculados gestos de *finés* dos investidores e compradores londrinos, parisienses e de Nova York. É preciso salientar que economia cafeeira envolvia múltiplas ações no plano internacional, seja no domínio financeiro, seja na comercialização, seja na importação de insumos e máquinas, seja na warrantagem, seja na propaganda do produto nas principais praças, seja nos armazéns espalhados pela Europa e Estados Unidos. Como se não bastasse, movia ainda a importação de mão-de-obra, as negociações perenes e cotidianas, o desenvolvimento de um sistema de escoamento ferroviário, a modernização portuária, a implantação de técnicas modernizadoras. Além disso, também tornava possível a importação e transmigração de hábitos, habilidades,

¹⁴⁴ ... A quantidade de imigrantes que chegavam a estas glebas de terra era espantosa, falava-se, mas a língua de Dante do que a de Camões. In: CIONE, Rubem. **Historia de Ribeirão Preto**. Imag.1987, p. 45.

¹⁴⁵ LAGES, J. A. **Ribeirão Preto...** Op. cit.

¹⁴⁶ CINTRA, Rosana Aparecida. **Italianos em Ribeirão Preto...** Op. cit., p. 167-169.

¹⁴⁷ REIS, Marcio Andreza dos. **O Eldorado dos imigrantes: a trajetória das famílias espanholas em Ribeirão Preto de 1890-1910**. Dissertação de Mestrado em História. FHDSS/UNESP. Franca: 2002, p. 108.

refinamentos, moda, estilos arquitetônicos, materiais nobres de construção, entretenimento, companhias de *vaudeville*, operísticas, orquestras, entre outros. Enfim, por meio da riqueza, das necessidades, das oportunidades ou dos gostos, o fato é que o *coffee business* aproximava o Brasil dos demais países do mundo, intensificando o processo de mundialização.¹⁴⁸

Em outras palavras, o plantio de café nas fazendas da região proporcionava ao município uma vivência de inúmeros elementos alienígenas. Seguindo o conceito de *glocal* do geógrafo G. Benko, somado a interpretação de Milton Santos naquilo que diz respeito a leitura do global a partir do local¹⁴⁹, podemos afirmar que foi em função da implementação dos cafezais (e suas conseqüências materiais) que ocorreu o processo de inserção da urbe na economia mundial, e por conseguinte de apropriação do universo de símbolos globais, como sugeriu Doin, em relação aos gestos europeus no teatral comércio internacional, as importações de produtos, valores, crenças e de fé no processo de mundialização que aproximou Ribeirão Preto (juntamente com o Brasil) aos centros econômicos mundiais.¹⁵⁰

Não à toa percebemos nas **TABELAS 4, 5 e 6** mudanças na configuração populacional ribeirãopretana, em decorrência desta relação proveitosa com o comércio internacional. De maneira mais específica, olhemos para os aspectos qualitativos desta nova configuração. Não se trata de um estrondoso e significativo aumento populacional, diria que isso ainda é pouco perto das questões que remontam o cotidiano cidadão; interessante é perceber a convivência no mesmo espaço urbano de mais de 22 nacionalidades provenientes de 4 continentes, isso sem mensurar as línguas, costumes, valores, religiões etc. Esse fato não passou despercebido aos olhos destes homens e mulheres dos quais falamos. Dona Iria viveu em uma sociedade de várias línguas e dialetos, influências e pensamentos, enquanto presenciou uma alteração de seu cotidiano. Resumidamente, Iria Alves Ferreira se relacionou com gente diferente, cujos saberes e costumes eram diferentes.

As primeiras duas décadas da história de Ribeirão Preto já demonstram um lugar em ebulição, cujas experiências anunciavam a tecnologia e o imaginário da modernidade, a civilização, o progresso. Em 1883, chegava a ferrovia e com ela as materializações urbanas da modernidade. Para Marshall Berman, presenciar este fenômeno denominado moderno é viver “*um tipo de experiência vital*”, posto que ser moderno é “*encontrar-se em um ambiente que*

¹⁴⁸ DOIN, J. E. M. **Capitalismo bucaneiro...** Op. cit.

¹⁴⁹ Aqui nos referimos a afirmação de Milton Santos: ‘*Cada lugar é, a sua maneira, o mundo*’. SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4.ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006, p.213.

¹⁵⁰ DOIN, J. E. M. **Capitalismo bucaneiro...** Op. cit.

promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação das coisas ao redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo que sabemos, tudo o que somos”¹⁵¹

Contudo, a modernidade como dito anteriormente carrega armadilhas interpretativas. Se acatarmos esta definição de Marshall Berman, poderíamos apenas nos embrenhar numa saga pelas novidades de Fausto em universo de Iria. Não foi isso que combinamos no princípio desta conversa. Devemos sempre nos ater ao mundo que não some, que persiste, ao velho, ao arcaico, a permanência.

Na obra intitulada *Por uma nova história urbana*, Bernard Lepetit escreveu que os espaços sociais são construídos repletos de formas passadas, sejam elas normas, instituições ou ainda uma materialidade que expresse um tempo pretérito. O sentido que é atribuído a tal espaço acaba por ser renovado pelo uso dos homens no tempo presente. Em busca da compreensão desta posição que leva em conta a negociação entre humanidade e seu tempo histórico, o autor adverte:

... O abastecimento e a configuração das casas e dos espaços de trabalho, as características e a repartição dos edifícios públicos, a ordenação da rede viária, a distribuição e a organização dos espaços de produção, de troca e de lazer provêm quase todos de passados cuja profundidade difere e apresentam ritmos de evolução diversos. A materialidade de uma cidade é marcada pela ação contínua do tempo, e o inventário urbano inscreve-se quase inteiro na história. Os modelos arqueológicos de análise, entretanto, são de pouco interesse: a cidade atual não é constituída ‘sobre’ a cidade do século XIX, e esta não se sobrepõe às cidades clássica e medieval. As catedrais góticas, as praças reais, as aberturas de ruas haussmanianas pertencem a nosso espaço e a nosso tempo. Na cidade, elementos oriundo de diferentes épocas se acumulam. Como por contágio, mesmo se não têm relações entre si na origem, encontram-se próximos uns dos outros, num mesmo presente que os mantém coesos. São modalidades dessa ‘coesão’, no presente, o que precisamos tentar analisar.¹⁵²

É com esta lição de Lepetit que iremos pouco a pouco conhecer a cidade e suas materializações – uma “*sociedade de reutilizações*”. O tempo que precede o nascimento da cidade, a participação da Igreja na fundação, os ganhos políticos com a doação dos fazendeiros, a construção da capela, a formação e o planejamento urbano, as primeiras habitações, as praças, a dinâmica interna, enfim, uma infinidade de elementos urbanos na trajetória ribeirãopretana datam de contextos não necessariamente iguais, o que nos permite corroborar com Lepetit em sua análise.

¹⁵¹ BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar...** Op. cit., , p.24.

¹⁵² LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana**. Heliana Angotti Salgueiro (org.) Tradução de Cely Arena. São Paulo: Edusp, 2001, p.179.

Posto desta forma, destacamos um artigo de jornal que se remete aos tempos em que a cidade não havia sido invadida pelas fazendas de café. Segundo a historiadora Maria Elisa Borges, precisou-se criar, às pressas, condições para atender aos recém-chegados e fixá-los. Este mundaréu de gente exigia um conjunto de transformações urbanas que foi rapidamente alvo de investidas dos jornais locais. A reportagem abaixo é assinada pelo pseudônimo Vérias:

A Villa acha-se colocada em uma soberba planície, tendo em seu centro a igreja matriz e em volta da qual se conservam atualmente duas praças, sendo uma em frente, onde está colocado o tradicional cruzeiro das missões e outra pelo lado do fundo da referida matriz, onde pretendem os atuais senhores feudais fazer construir casas e formarem ruas, esquecendo-se que ainda existem no dito lugar, os restos mortais da antiga cerca do cemitério! Como se observam os preceitos da higiene por estas alturas...¹⁵³

Como nos esquecer dos aspectos religiosos desta sociedade? Basta lembrar que a fundação de Ribeirão Preto é realizada em nome de um padroeiro – São Sebastião. A doação para a Igreja e a presença da mesma nos assuntos do Estado revelam uma sociedade marcada pela confusão entre Igreja e Coroa, presente desde os idos coloniais. Seria o advento da República e a implementação dos cafezais forças suficientemente fortes para realizar uma dessacralização das relações ribeirãopretanas?

Se a história é a ciência que estuda os homens no tempo, como nos ensinou Marc Bloch, o tempo de Iria Alves Ferreira foi exatamente esta ebulição, cujo os frutos já conhecemos. Tratada como “Rainha do Café”, um outro capítulo da vida de Dona Iria se apresenta.

¹⁵³ A Província de São Paulo, Ribeirão Preto. *Entre Rios*, Seção Livre, 23 nov., 1880. In: BORGES, Maria Elizia. **Arte tumular...** op. cit., p.14.

Capítulo 2

A “Rainha do Café”

A senhora Dona Iria Alves é incontestavelmente a ‘Rainha do Café’, no Estado de São Paulo, o que quer dizer em todo o Brasil e mesmo em todo o Universo; pois nos demais países que se trabalha esta cultura, não existem propriedades cafeeiras tão importantes como as grandes fazendas de Ribeirão Preto.

(BOTELHO JR., Martinho. **Brazil Magazine**: Revista Ilustrada d’Arte e Actualidades. Rio de Janeiro: s. ed., v.57, 1911. APHRP.)

2.1 De como Iria Alves Ferreira foi coroada a “Rainha do Café”

O título de “Rainha do Café” foi adquirido após a morte de seu primeiro marido, ocorrido por volta de 1887¹⁵⁴, concomitante as discussões abolicionistas e as negociatas da Proclamação da República.

Enquanto cafeicultora, administrou os negócios da Fazenda Pau Alto (onde hoje se localiza o município de Cravinhos), sendo considerada internacionalmente uma das maiores fazendeiras locais. Em tabela construída por Jorge Henrique Caldeira de Oliveira, a partir de dados coletados em escrituras de compra e venda de imóveis do 1º Cartório de Notas de Ribeirão Preto, percebemos sua posição frente aos demais negociantes da cidade (**TABELA 7**).

TABELA 7

DEZ MAIORES NEGOCIANTES POR SOMATÓRIO DE COMPRAS E VENDAS EM RIBEIRÃO PRETO ENTRE 1889-1930 (EM VALORES REAIS)

NEGOCIANTE	SALDO
Francisco Schmidt	3.233:674\$975
Arthur de Aguiar Diederichsen	1.222:612\$357
Iria Alves	734:054\$000
João Franco de Moraes Octávio	617:182\$987
Domiciano Leite de Assis	526:334\$466
Antônio Silvério de Alvarenga	483:029\$577
Antonio Barboza Ferraz Júnior	477:066\$248
Joaquim Ignácio da Costa	416:663\$826
Francisca Silveira do Val	377:641\$184
Fernando Ferreira Leite	366:148\$346

Fonte: OLIVEIRA, J. H. C. **Ribeirão Preto na República Velha:** economia e riqueza através das transações imobiliárias. Tese de Doutorado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2006, p.201.

¹⁵⁴ A morte de Luiz da Cunha Diniz Junqueira não pôde ser datada com precisão. A *Revista Brazil Magazine* de 1911, diz que ele faleceu há mais de 15 anos. Já Rubem Cione diz que foi presidente da Câmara Municipal durante 1883 à 1887. CIONE, Rubem. **História de Ribeirão Preto:** Revivências. I Volume. Ribeirão Preto: IMAG, 1987, p.198.

Causa-nos surpresa perceber duas mulheres, durante a transição do século XIX para o XX, ocupar posição tão privilegiada. Num tempo em que Ribeirão Preto ocupava lugar de destaque neste mundo cafeeiro, quando homens comandavam os negócios e os rumos dos mesmos, Dona Iria chamou a atenção por ser a terceira maior negociante local, enquanto títulos hierárquicos como “Reis e Coronéis” eram representativos do poderio e da influência nacionais desta plêiade coronelesca durante a República Velha. Na perspectiva de Thomas Walker:

Se existe uma única palavra capaz de sintetizar a política de Ribeirão Preto na República Velha, essa palavra é coronelismo. A política local era dominada pelos fazendeiros de café que possuíam títulos militares honoríficos, como tenente, major, coronel, etc. A maior disputa de poder acontecia entre os coronéis rivais, principalmente entre o cel, Francisco Schmidt – detentor da maior propriedade cafeeira do mundo – e o cel. Joaquim “Quinzinho” da Cunha Diniz Junqueira – líder político do rico, extenso e aristocrático clã dos Junqueira. Algumas vezes coligados, outras individualmente, esse dois homens detinham o título de “chefe político”, que lhes dava liberdade quase absoluta para tomarem decisões a respeito da política local.¹⁵⁵

Como alerta Nicolau Sevcenko, estes cafeicultores do Sudeste pretendiam que, juntamente com o regime republicano, “fosse implantado o sistema federalista, assegurando-lhes não só o controle de seus próprios rendimentos, como condições de usar seu poder econômico para decidir os destinos da futura ordem republicana”.¹⁵⁶

Segundo José Evaldo de Mello Doin, estes homens garantiram para si uma “*expansão descomunal de seus negócios e a consolidação de sua presença hegemônica no aparelho do estado*”¹⁵⁷, ao passo que cediam espaço aos grandes bancos externos, monopolizadores do embarque de café em Santos. Como consequência deste movimento, ocorreu um crescimento da fronteira agrícola e a diversificação de suas atividades, revelando, entre outros, um caráter deveras necessário para observamos este “Mundo do Café”.

Verificamos que o mesmo ocorreu com a “Rainha do Café”, pois tinha suas atenções voltadas para várias práticas econômicas, ou seja, uma diversificação de seus negócios. Café, gado, indústria de laticínios e criação, são materializações de sua “inteligência”, como nos informa a Revista Brasil Magazine, impressa no ano de 1911:

¹⁵⁵ WALKER, Thomas; BARBOSA, Agnaldo de Souza. **Dos coronéis a metrópole...** Op. cit., p.55.

¹⁵⁶ SEVCENKO, Nicolau. *O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso*. In: NOVAIS, Fernando (dir.) **História da vida privada no Brasil: República, da Belle Époque a era do rádio**. Companhia das Letras: São Paulo, 1999, p.14.

¹⁵⁷ DOIN, José Evaldo de Mello. **Capitalismo bucaneiro...** Op. cit. p. 273.

Nas margens do imponente rio Pardo, possui também a senhora Dona Iria uma outra vasta propriedade com seiscentos alqueires de terras em matas virgens e nas quais já está iniciada uma bela lavoura cafeeira de cem mil pés e uma grande indústria pastoril com quinhentas cabeças do melhor e mais puro gado caracu, que pasta vigoroso e luzido mas viçosas invernadas que margeiam o grande rio. A indústria de laticínios e a criação, aí se desenvolvera de um modo prático e moderno e de acordo com a grande iniciativa da inteligente proprietária.¹⁵⁸

Esta mesma inteligência pode ser percebida nas atitudes de outros cafeicultores, como é o caso de Francisco Schmidt, o “Rei do Café”. Schmidt, que já havia sido colono, angariou uma das maiores riquezas do Brasil em pouco mais de três décadas. Em um livro de memórias escrito por seu amigo Renato Jardim, o cafeicultor é descrito como homem de “*inteligência incomum*”.¹⁵⁹ No mesmo sentido, segundo Jorge Caldeira de Oliveira,

enquanto muitos somente mantinham terras herdadas ou invertiam esporadicamente sua lucratividade nos cafezais em compras de novas terras para plantio, Schmidt passou a alocar seus lucros constantemente para novas propriedades agrícolas, visando a expansão de sua produção.¹⁶⁰

Imaginemos que assim como o “Rei do Café”, a “Rainha” não decepcionava. Ainda sobre esta comparação, Renato Jardim sugere que Schmidt não era alfabetizado – não era capaz de assinar nem o próprio nome.¹⁶¹ A inteligência valorizada nas descrições é a capacidade de obtenção de lucro e a forma da administração de seus negócios, uma “inteligência prática” e não uma virtude relacionada a erudição do casal real.

Com relação ao uso do termo “casal real”, deve-se atentar para a maneira como alguns periódicos locais os descreviam, assim como determinadas construções da história local:

A “RAINHA DO CAFÉ”: - Cercada do aroma de flores raras e valiosa, residia defronte a um lago, em luxuoso ‘chalet’, na fazenda Pau Alto, Dona Iria Alves Ferreira (Iria Junqueira), que recebeu o título de ‘Rainha do Café’, formando com o Cel. Francisco Schmidt a famosa dupla real da cafeicultura mundial.¹⁶²

¹⁵⁸ BOTELHO JR., Martinho. *Brazil Magazine: Revista Ilustrada d’Arte e Actualidades*. Rio de Janeiro: s. ed., v.57, 1911. APHRP.

¹⁵⁹ JARDIM, Renato. *Reminiscências*. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais Ltda, 1946, p.201.

¹⁶⁰ OLIVEIRA, Jorge Henrique Caldeira. *Ribeirão Preto na República Velha: economia e riqueza através das transações imobiliárias*. Tese de Doutorado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2006, p.204.

¹⁶¹ JARDIM, Renato. *Reminiscências*. op cit, p.202. Devo confessar, que durante minhas pesquisas, em inúmeras conversas com vários historiadores da cidade, a erudição de Iria Alves Ferreira foi sempre ponto de discussão. Em uma dessas longas tardes no Arquivo Público de Ribeirão Preto, num diálogo com Mauro Porto (historiador por ofício), nos perguntávamos se Schmidt e Iria assemelhavam-se nesta característica em questão.

¹⁶² CIONE, Rubem. *História de Ribeirão Preto...* Op. cit., p.197

Traço incomum mulheres em geral deterem de tal poderio econômico e status social. Ainda mais quando percebemos descrição de alcance internacional para um mulher de um país um país de tradições patriarcais tão bem definidas como é o Brasil. Quanto a estas tradições, lembremo-nos de Gilberto Freyre, quando o mesmo descreve a relação de senhores e escravos em uma trajetória do mandonismo brasileiro:

[...] sobre o filho de família escravocrata no Brasil agiam influencias sociais – a sua condição de senhor cercado de escravos e animais dóceis – induzindo-o a bestialidade e ao sadismo. Este, mesmo dessexualizado depois, não raro guardava em várias manifestações da vida ou da atividade social do indivíduo, aquele “*sexual undertone*”, que segundo Pffister, “*is never lacking to wellmarked sadistic pleasure*”. Transforma-se o sadismo do menino e do adolescente no gosto de mandar dar surra, de mandar arrancar dente de negro ladrão de cana, de mandar brigar na sua presença capoeiras, galos e canários – tantas vezes manifestado pelo senhor de engenho quando homem feito; no gosto de mando violento ou perverso que explodia nele ou no filho bacharel quando no exercício de posição elevada, política ou de administração pública; ou no simples e puro gosto do mando, característico de todo brasileiro nascido ou criado em casa-grande de engenho. Gosto que tanto se encontra, refinado num senso grave de autoridade e de dever, num Dom Vital, como abrutalhado em rude autoritarismo num Floriano Peixoto.

Resultado da ação persistente desse sadismo, de conquistador, de senhor sobre escravo, parece-nos o fato, ligado naturalmente à circunstancia econômica da nossa formação patriarcal, da mulher ser tantas vezes no Brasil vítima inerme do domínio ou do abuso do homem; criatura reprimida sexual e socialmente dentro da sombra do pai ou do marido. Não convém, entretanto, esquecer-se o sadismo da mulher, quando grande senhora, sobre os escravos, principalmente sobre as mulatas; com relação a estas, por ciúmes ou inveja pessoal.¹⁶³

Assim como o bucaneirismo discutido no capítulo anterior, a “Rainha do Café” teve de lidar com outras temporalidades para caminhar junto aos coronéis do período, em especial esta longa duração – o patriarcalismo.

Nos idos de 1904, o “império do café” se constituía por invejosas cifras, posto que as grandes propriedades de Francisco Schmidt, Joaquim da Cunha Diniz Junqueira, Iria Alves Ferreira, Manoel Maximiano Junqueira, Martinho Prado Júnior e da Companhia Agrícola Dumont “possuíam, juntas, quase 15 milhões de cafeeiros espalhados pelo Estado”!¹⁶⁴ Estar na mesma lista em que figuram o Rei do Café e Quinzinho da Cunha (Joaquim da Cunha

¹⁶³ FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. 45ª. ed. Editora Record: Rio de Janeiro, 2001, p.122-123.

¹⁶⁴ DOIN, José Evaldo de Mello; Paziani, Rodrigo Ribeiro; CUELLO, Josué Peroni. *A saga de Ribeirão Preto na Belle Époque caipira: modernidade e urbanização na Primeira República*. **DIALOGUS**. Ribeirão Preto, v.1, n.2, 2006, p.140.

Junqueira, chefe político do PRP e correspondente assíduo de vários políticos de renome como Washington Luís) faz de Iria um verdadeiro “Coronel de saias”.

Na perspectiva de Victor Nunes Leal, o coronelismo é a afirmação do poder público ao mesmo tempo em que representa estratégias de sobrevivência do poder privado, *“uma adaptação em virtude da qual os resíduos do nosso antigo e exorbitante poder privado têm conseguido coexistir com um regime político de extensa base representativa”*.

Por isso mesmo, o ‘coronelismo’ é sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores de terras. Não é possível, pois, compreender o fenômeno sem referência à nossa estrutura agrária, que fornece a base de sustentação das manifestações de poder privado ainda tão visíveis o interior do Brasil.¹⁶⁵

Com efeito o poder público em Ribeirão Preto estava, pelo menos para o período em análise, a serviço dos cafeicultores, até mesmo porque os cargos oficiais foram preenchidos por estes ou por pessoas por eles indicados. O poder dos coronéis estava para Maria Janotti, diretamente relacionado com a quantidade de votos que o mesmo conseguia angariar.¹⁶⁶

A historiografia que trata o coronelismo nem sempre se preocupou com a possibilidade de mulheres ocuparem tal posição social.¹⁶⁷ Para além das obras mais conhecidas, Marcos Vinícios Vilaça e Roberto Cavalcanti de Albuquerque escreveram:

O coronel, como chefe de um sistema social assim caracterizado, deve ser homem macho. Seu machismo e valentia quase sempre fazem fama. É homem temido de homens, espalhando-se a história de suas façanhas que crescem em mitos.¹⁶⁸

Fica óbvia a ironia que esta passagem representa nesta dissertação que tem como objeto de estudo uma “mulher coronel”. É bem verdade que Vilaça e Albuquerque se debruçaram sobre o nordeste brasileiro, mas mesmo lá houveram mulheres que se destacaram, a exemplo de D. Ana Jânsen Pereira, a “Donana”, que em meados do século XIX foi uma rica

¹⁶⁵ LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo, no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1975, p.20.

¹⁶⁶ JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. **O coronelismo: uma política de compromissos**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.07.

¹⁶⁷ FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. 2. ed. Editora Globo: Porto Alegre, 1975.; CARVALHO, José Murilo de. **Pontos e bordados: escritos de memória e política**. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2005.; CARONE, Edgard. **A República Velha: instituições e classes sociais**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Corpo e alma do Brasil, 1972.

¹⁶⁸ VILAÇA, Marcos Vinícios; ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti. **Coronel, coronéis**. Tempo Brasileiro e Universidade de Brasília, Rio de Janeiro, 1978, p.35.

fazendeira e comerciante. Convem lembrar que, em razão da Balaiada, “Donana” providenciou farda e munição para um Batalhão inteiro da Guarda Nacional com seu próprio dinheiro, mas a favor do filho, tenente-coronel Izidoro Jânsen Pereira que comandou o dito Batalhão.¹⁶⁹

Janotti percebeu que a documentação responsável por representar a figura do coronel muitas vezes ludibria o observador, pois na maioria dos casos, os jornais, as revistas, ou outros periódicos caracterizam o coronel como uma figura rústica, autoritária, brutal e ignorante. Segundo a autora, “*este é um esteriótipo que vem sendo consagrado e, comumente ridicularizado. Mas todo este esteriótipo é restritivo, empobrecedor, embora contenha um fundo de verdade*”.¹⁷⁰

O número de mulheres responsáveis pelas fazendas de café ser bem menos expressivo em comparação aos homens. Elas “*tornavam-se cafeicultoras, principalmente após a morte do marido, já que, enquanto estivessem casadas, o marido tomava conta dos negócios e, enquanto solteiras, estes eram de responsabilidade dos seus pais ou de seus irmãos*”¹⁷¹. Desta forma, percebemos que a Primeira República revela uma sociedade política altamente dominada pelo masculino. No entanto Iria se distancia desta perspectiva de análise, uma vez que se torna cafeicultora e coronel com o pai e marido vivos. Vejamos como o Almanach Illustrado publicado em 1913, a descreveu:

Podemos citar também a figura de Iria Alves Ferreira: [...] Quem não conhecerá, pois, entre os muitos nomes de fazendeiros importantes deste município, o da exma. snra. d. Iria Alves Ferreira, a benemerita senhora cuja acção altruísta e caritativa se faz sentir em todas as instituições, em todas as iniciativas que d’essas qualidades necessitam? Quem não terá ouvido falar com respeito e veneração da ‘Rainha do Café’?¹⁷²

“*Exma. Snra. D.*”! O periódico acaba sendo três vezes respeitoso, além de citar as ações beneméritas realizadas pela cafeicultora (lembradas em outros periódicos). “*Senhora cuja acção altruísta e caritativa*” é mais um conjunto de adjetivos que a qualificam como uma respeitabilíssima senhora detentora de um capital significativo em pleno século XX, com os mais respeitosos e dignos atributos do século XIX.

¹⁶⁹ JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. **O coronelismo...** op cit., p.25-26.

¹⁷⁰ Idem, p.08.

¹⁷¹ SANTOS, J. R. **As transformações de riqueza em Ribeirão Preto, 1920-1950**. Tese de Doutorado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2004, p.159.

¹⁷² Almanaque Illustrado de Ribeirão Preto: estatístico, histórico, industrial, comercial, agrícola, literário, informações e variedades. Sá, Manaia & Cia., 1913, p. 85-87. APHRP.

Como já afirmamos parágrafos atrás, para um Almanach que cita também figuras masculinas de prestígio nacional e internacional como Francisco Schmidt e Quinzinho da Cunha, Iria carregava consigo na década de 1910 uma representação coronelesca digna de atenção e análise. Imaginemos o peso dos Alves Ferreira (seus pais, em especial) caído única e exclusivamente sobre seus ombros, sendo a única filha (viva) a carregar e preservar a memória de sua família, além de manter a representação dos novos parentes que lhe receberam – os Junqueira.

Acabamos, pois, avaliando estas descrições como auto-referências, conceito trabalhado por Rodrigo Paziani, como sociabilidades que nunca se dissociam do conservadorismo daqueles que detem os meios de comunicação.¹⁷³ Basta lembrar que os principais jornais de Ribeirão Preto estavam nas mãos de representantes da política local. Assim, fosse Iria ou outro membro da elite, era prática corrente o aproveitar deste recurso para forjar cenários de ordem e conciliação. A esta construção da própria imagem, o autor nos permite ver que objetivava-se *“não apenas a intensificação do controle social sobre a população, mas, paradoxalmente, a apresentação dos coronéis como imprescindíveis paladinos da liberdade, da justiça e do progresso”*.¹⁷⁴

A “Rainha do Café” tinha seus valores ligados a majestosidade e retidão de caráter, entre eles a valorização da maternidade, qualidade constantemente utilizada nas descrições, seja por ela mesma na carta que escreveu em 1927 ou pelos periódicos locais.

Viúva de um dos membros mais influentes da família Junqueira, abastado agricultor falecido há mais de quinze anos, a senhora Dona Iria viu-se em um momento dado com enorme responsabilidade da educação de numerosa família e da pesada direção do seu grande estabelecimento agrícola. Em meio do seu desamparo moral e quase material, não lhe faltaram as qualidades de energia rara e de máscula força de vontade que são as características dos seus sentimentos; e desenvolvendo uma atividade pouco comum em uma senhora iniciou corajosamente a administração geral dos seus bens, ao mesmo tempo que mãe atenta e extremosa, consagrou-se de corpo e alma a educação de seus filhos. (grifos nossos)¹⁷⁵

“Máscula força”? Estamos frente a um ponto revelador desta descrição. Antes de prosseguir, indaguemos: quais seriam os adjetivos necessários para que um fazendeiro obtivesse sucesso? Provavelmente ter, nos momentos necessários, máscula força. A

¹⁷³ Como salienta Paziani, os partidários de Francisco Schmidt, como Veiga Miranda e Renato Jardim no A CIDADE, enquanto aqueles que apoiavam os Junqueiras como Jorge Lobato e João Rodrigues Guião no DIÁRIO DA MANHÃ. PAZIANI, R. R. **Construindo a Petit Paris...** op. cit. p.85.

¹⁷⁴ PAZIANI, R. R. **Construindo a Petit Paris...** op. cit. p.85.

¹⁷⁵ BOTELHO JR., Martinho. **Brazil Magazine: Revista Ilustrada d’Arte e Actualidades.** Rio de Janeiro: s. ed., v.57, 1911. APHRP.

“masculinização” de Iria, por meio da descrição da *Brazil Magazine*, convida-nos a interpretar uma tensão no mínimo curiosa sobre as maneiras com que esta atriz lidou com o mundo em sua volta.¹⁷⁶

Ainda em 1905, no *Jornal A Cidade*, uma notícia satirizou as tradicionais concepções do masculino e feminino:

Vestida de homem

Maria Sarmiento, conhecida por Sarmentinha, depois de constantes libações resolveu ir passear pelas ruas da cidade em trajes masculinos e querendo provar quanto vale o sexo fraco com as vestes do sexo forte deu para praticar desordens.

A policia que não estava pelos autos trancafiou-a no xilindró¹⁷⁷

As raízes da sociedade colonial se faziam muito presentes. Ser fazendeiro, a partir do texto de Jonas dos Santos, não era ofício de mulher, posto que tal sociedade pretérita vestia estes desejos patriarcais. Iria se via mulher (fraca) frente ao mundo fortemente masculino, e em face disso, provavelmente desenvolveu uma representação também masculina para melhor jogar, negociar, enfim, lidar com as negociatas que a sociedade do *coffee business* exigia.

Ainda aproveitando a citação do *Brazil Magazine*, percebemos o peso da maternidade. “Mãe atenta e extremosa” lembrou ao leitor que mesmo que a tal “máscula força” não proibiu Iria de exercer seu dever como cristã ao utilizar seu “dom feminino maior”. Ser mãe significava carinhosamente se preocupar com os filhos, e em especial, com a educação deles.

Notamos então uma estratégia discursiva deveras interessante, se atinarmos para a construção da imagem “Iria” enquanto “mãe atenta e extremosa”. Cristã, Iria está imersa nesta longa duração que envolve o Ocidente por mais de dois milênios. E, segundo o cristianismo, a representação feminina é marcada pela dualidade moral Maria X Eva. Ser (boa) mãe era se aproximar da Santa Maria e distanciar-se da pecadora Eva.

Nos perguntamos até que ponto a existência de Iria enquanto mulher atrapalhou seus negócios. Acreditamos que Iria Alves Ferreira, ao seu modo, construiu uma representação que se beneficiou de ambas as características – a “máscula força” e a “mãe atenta e extremosa”. A

¹⁷⁶ Ao analisar a elite ribeirãopretana, Paziani cita Iria como mais um homem desta plêiade coronelesca: “*Desse modo, os novos bandeirantes que se enriqueceram na atividade cafeeira puderam comandar a emodernização urbana em Ribeirão Preto. Suas lideranças, formada por arrivistas com relativa força política, assumiram o papel de civilizar a cidade. Homens como os coronéis Arthur e Antônio Diederichsen, Francisco Schmidt, Francisco da Cunha Diniz Junqueira e Iria Alves Ferreira e os doutores Joaquim Macedo Bittencourt, João Alves de Meira Jr. e Renato Jardim – os coronéis independentes – encenavam o poder político e decidiam os rumos da política municipal.* PAZIANI, R. R. **Construindo... Op. cit.**, p.53.

¹⁷⁷ *Jornal A CIDADE*, 27 de Junho de 1905, Terça-feira. APHRP.

sua masculinização foi extremamente vantajosa no mundo dos negócios, enquanto a manutenção da maternidade e a preocupação com os filhos, lembravam aquilo que era natural ao feminino. Assim, Iria se distanciou das mulheres comuns que não participam da vida pública como ela, ao passo que se aproximou dos homens enquanto agente de escolhas e dirigente de seus negócios e coronel da “Pau Alto”.

Tanto no *Almanaque*, como na Revista *Brasil Magazine*, como nas notícias dos jornais locais (destaque para o periódico *A Cidade*), aparecem certas “qualidades” de Dona Iria.

Lucta Romana - Por pessoa vinda de S. Paulo, soubemos que o conhecido luctador Pucchetti virá a esta cidade desafiar o campeão professor Luiz Ghedini, para una lucta no theatro Carlos Gomes, caso este accete o desafio. O sr. Pucchetti ficou de nos escrever, mandando as condições.

Sport -Seguem hoje para Cravinhos, afim de disputar um match de foot-ball com o Sport Club Cravinhense, o 1º team do Brasil. A partida, na estação da Mogyana, será as 10 e meia horas da manhã, voltando dalli os jogadores as 8 horas da noite. Ao club vencedor será offerecida uma rica medalha de ouro.

Foot-ball - No seu ground entre as ruas Lafayette e Florencio de Abreu, bater-se-ão o 1º e o 2º teams do club Athletico.

Training - Hoje ás 3 horas da tarde bater-se-hão em training o 1º team do Chriket Foot-ball com o 2º do Progresso, no campo deste club, no Barracão.

Santa Casa - Foi pela exma. sra. d. Iria Alves Ferreira feito o importante donativo dos seguintes generos a Santa Casa: 1 sacca de café, 1 de arroz, 1 de farinha, 1 de assucar, 1 de feijão, 2 de fubá, 1 de batatas e 1 de cará...¹⁷⁸

(grifos nossos)

Neste artigo, as chamadas são realizadas a partir dos eventos que ocorreram na cidade, como a imperdível “Lucta Romana” envolvendo o campeão Luiz Ghedini, as partidas de “foot-ball” que envolvem o S. C. Cravinhense e o C. Athletico, tal qual um “training” de “Chriket foot-ball”. Logo abaixo destas competições capazes de atrair público considerável, nota-se a “benevolência” da “Rainha do Café” em notícia referente a Santa Casa.

Em outro artigo, onze anos depois, o esporte cede lugar a encontros políticos marcados por homenagens a determinadas figuras da localidade. Logo após, uma pequena nota referente a sua riqueza:

Vibrante manifestação - Revestiu-se de um entusiasmo que excedeu a toda expectativa a grande manifestação de apreço aos drs. Francisco Junqueira e Veiga Miranda. Foi uma festa vibrante de sincero patriotismo, que valeu nem só por um preito de homenagem áquelles nossos illustres conterraneos e ao dr. Pereira Barreto, como tambem por um protesto categorico contra a impatriotica candidatura do conego Valois de Castro. E não foi só. Proporcionou ainda a feliz oportunidade de ouvir pela primeira vez a

¹⁷⁸ Jornal A CIDADE, 11 de agosto de 1907, Domingo. APHRP.

palavra quente de um orador cujo dom era quasi desconhecido entre nós. O dr. Francisco Junqueira, ao agradecer a manifestação que lhe era feita, pronunciou um eloquente discurso, vibrante de patriotismo, cheio de elevados conceitos, pondo em evidencia, a par de seus dotes oratorios, a sua firmeza de convicções e a sua independencia. A oração de s. exa. valeu por uma feliz estreia politica e poz em franco relevo a envergadura do futuro representante deste districto na Camara Federal. D. Iria - A exma. sra. d. Iria Alves Ferreira - a rainha do Café - acaba de avolumar o seu já respeitavel patrimonio agricola, com a aquisição das fazendas “dos Gandras”, pela elevada soma de 200 contos de reis.¹⁷⁹ (grifos nossos)

Exma. Sra. D. de novo. O tópico da notícia é o seu nome, depois de seu nome completo vem como vocativo, seu título. A notícia tem como objetivo tornar público mais negócio da terceira maior negociante de café do município. Ao seu lado estão homens como seu filho – Francisco Junqueira, e Veiga Miranda, grandes atores políticos da República Velha.

Francisco bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito em São Paulo; foi deputado estadual em diversas legislaturas pelo PRP, vereador e presidente da Câmara Municipal de Ribeirão Preto (como seu avô materno). Após a morte de sua mãe, foi Secretário da Agricultura (1932), grande lavrador de café e proprietário da fazenda Brejinho, próximo a Ribeirão Preto, no distrito de Bonfim Paulista.¹⁸⁰ Já Veiga Miranda é conterrâneo de Antônio Honório Alves Ferreira (Campanha/MG). Em sua vida política, exerceu o cargo de prefeito de Ribeirão Preto, de deputado federal e de ministro da Marinha no governo Epitácio Pessoa. Trabalhou no *Diário da Manhã* e fundou a revista *O Comerciante*.¹⁸¹

E não apenas por donativos generosos foi lembrada a “Rainha do Café”. A *Revista Brazil Magazine* a descreveu como

cristã fervorosa e sincera, muito deve a Igreja e o Bispado, ao valioso auxílio da senhora Dona Iria, e nas diversas obras pias e religiosas do Município ela tem sido incansável colaboradora, pelas importantes contribuições que tem fornecido...¹⁸²

¹⁷⁹ Jornal A CIDADE, 30 de Maio de 1918, Quinta-feira. APHRP.

¹⁸⁰ ROSA, L. R. O.; REGISTRO, T. **Ruas e caminhos**: um passeio pela história de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto: Editora e Gráfica Padre Feijó Ltda., 2007, p.205.

¹⁸¹ Idem, p.468.

¹⁸² JORGE, Janes. **O crime de Cravinhos**: oligarquia e sociedade em São Paulo 1920-1924. Dissertação de Mestrado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2004, p.51.

Esta preocupação da elite em preservar a imagem e criar os paladinos da ordem e da civilização passava pelas descrições da imprensa. E de fato Iria foi beneficiada pelas letras destes periódicos.

Segundo Maria Lucia Mott, mulheres de elite envolvidas em caridade e benevolência o faziam em combate a uma existência tediosa e inútil, ou como estratégia para adquirirem responsabilidade fora do lar, alcançando assim a esfera pública.¹⁸³ No entanto, mesmo que tal interpretação nos pareça razoável enfatizamos que não é possível mensurar os motivos da ação humana. Defensora ou não da caridade o fato é que as atitudes filantrópicas lhe renderam prestígio social.¹⁸⁴

A descrição das doações beneméritas de Iria não pode ser vista apenas como um espírito generoso da senhora em questão, mas sim como a publicização da generosidade como uma de suas características. Cria-se, nesta perspectiva, uma vitrine para que sua “benevolência” seja mais um de seus “santos atributos”. Dispôs Iria em seu testamento: “*Deixo vinte e cinco contos de réis para o altar de Nossa Senhora das Dores, da Catedral desta cidade, se em vida não tiver feito esse donativo, como é minha intenção. Deixo dez contos de réis para a Sociedade Beneficente de Ribeirão Preto (Santa Casa)*”.¹⁸⁵

Em livro recentemente publicado¹⁸⁶, a historiadora Ivana Simili percebeu a riqueza da filantropia feminina e seus alcances políticos. Tendo como objeto de pesquisa a primeira dama Darcy Vargas, analisou a trajetória da esposa de Getúlio durante o período que vai de 1930 a 1945. Nas palavras da autora:

No aspecto do poder, seguindo Darcy Vargas, foi possível revelar os limites que se interpuseram à sua trajetória. De acompanhante de Getúlio Vargas nas cenas políticas, demonstrou-se como Darcy foi criando seu poder e seus espaços de participação nos acontecimentos políticos. Como uma representante feminina dos anos 1940, embora seu poder fosse restrito e limitado pelos homens, pelo poder assistencial ela participou da política dos homens e criou sua trajetória de participação política, a qual se transformaria em emblemática da assistência social no Brasil, visto que foi

¹⁸³ MOTT, Maria Lúcia. *Maternalismo, políticas públicas e benemerência no Brasil (1930-1945)*. **Cadernos Pagu**, v. 16, 2001, pp.199-234.

¹⁸⁴ Para Roberto Schwarz, a sociedade brasileira é marcada pelo mecanismo do *favor*. Estas atitudes são marcas de uma sociedade colonial tripartida: o latifundiário, o escravo e o “homem livre”. “*Entre os primeiros dois a relação é clara, é a multidão dos terceiros que nos interessa. Nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do favor, indireto ou direto, de um grande... O favor é, portanto, o mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm... Assim, com mil formas e nomes, o favor atravessou e afetou no conjunto a existência nacional, ressaltada sempre a relação produtiva de base, esta assegurada pela força.*” SCHWARZ, Roberto. **Cultura e política**. São Paulo: Paz e Terra, 2001, p.64.

¹⁸⁵ *Abertura de Testamento de Iria Alves Ferreira*. 1º. Ofício Civil. Cx. 228-A. APHRP.

¹⁸⁶ SIMILI, Ivana Guilherme. **Mulher e política**: a trajetória da primeira-dama Darcy Vargas (1930-1945). São Paulo: Editora UNESP, 2008.

a personagem e sua atuação na presidência da Legião Brasileira de Assistência que lançaram as bases do modelo para o primeiro-damismo brasileiro vinculado ao social.¹⁸⁷

Doar, assistir os necessitados, realizar filantropia. Cuidar das pessoas que o Estado não conseguiu ou não quis assistir: isso foi, sem sombra de dúvida, o que levou a primeira dama varguista a ganhar a cena carioca e se destacar no cenário político nacional. No caso de Darcy, ela chamou a atenção de grandes personalidade da política nacional, além de proporcionar espetáculos de cunho filantrópicos que marcaram época, como *Joujoux e Balangandans*.

Iria se dedicou a filantropia, zelou pela imagem pública e investiu na educação dos filhos. Dentro eles destacou-se na história da cidade Francisco Junqueira. Lembrado em páginas anteriores, nascido do seu primeiro casamento com Luís da Cunha Diniz Junqueira, o sexto dos seus sete filhos.

Até o momento tratamos de como Iria foi vista pelos órgão da imprensa ribeirãopretana: resta-nos uma indagação: Como Iria via a si mesma, ou melhor, como ela propagandeou a própria imagem? Em busca da resposta destas questões recorreremos ao testamento da cafeicultora.

ABERTURA DE TESTAMENTO DE DONA IRIA ALVES FERREIRA

Eu, Iria Alves Ferreira, faço o meu testamento da maneira seguinte:
 Professo a religião catholica apostolica romana, nasci na cidade de Santo Antonio do Machado, Estado de Minas Gerais; filha legítima dos finados Antonio Honório Alves Ferreira e D. Maria Theresa Alves Ferreira; sou viuva em primeiras nupcias de Luiz da Cunha Diniz Junqueira e em segundas nupcias de Arthur Jardim de Carvalho Delgado. Do meu segundo matrimônio não tive filho algum e do primeiro existem os seguintes filhos: Maria Luzuria Junqueira, Innocencia Junqueira, Antonio Junqueira, Augusto Junqueira, Anna Junqueira de Carvalho, Dr. Francisco da Cunha Diniz Junqueira e José da Cunha Junqueira.

Nomeio meus testamenteiros, em primeiro lugar o Dr. Francisco José Barcellos, em segundo lugar o Dr. José Cesário Monteiro da Silva e em terceiro lugar Antonio Candido Gomes, aos quais rogo que aceitem o encargo servindo na ordem que são mencionados; e lhes marco o prazo de dois anos para cumprimento destas minhas disposições.

Deixo vinte e cinco contos de réis para o altar de Nossa Senhora das Dores, da Catedral desta cidade, se em vida não tiver feito esse donativo, como é minha intenção.

¹⁸⁷ Idem, p.195.

Deixo dez contos de réis para a Sociedade Beneficente de Ribeirão Preto (Santa Casa).

Com as cláusulas de absoluta inalienabilidade (sic), incomunicabilidade e impenhorabilidade por dívidas passadas, presentes ou futuras, não só quanto aos próprios bens, como quanto aos seus frutos ou rendimentos, que eu considero como alimentos, deixo os seguintes legados: - a minha neta Maria Eugénia cinquenta contos de réis em apólices da União ou do Estado de S. Paulo; a minhas filhas Maria Eugénia, Innocência e Anna, em partes iguais, todos os meus seguros de vida. Se alguma destas morrer antes de mim, este legado pertencerá aos sobreviventes ou a sobrevivente.

Todos os legados supra e retro ficam sujeitos aos respectivos impostos e deverão ser pagos com o dinheiro existente em caixas ao tempo de minha morte; e caso não exista então dinheiro suficiente quero que sejam pagos com o producto da primeira safra do café de minhas fazendas.

Do restante de minha meação disponível, no qual se incluirá a doação da fazenda “Santa Cruz”, que fiz a minha filha Innocência, instituo herdeiros em partes iguais, a todos os meus referidos filhos e filhas, impondo não só aos bens assim herdados, como aos doados em vida, as cláusulas de absoluta inalienabilidade (sic), incomunicabilidade e impenhorabilidade por dívidas presentes, passadas ou futuras, não só quanto aos próprios bens, como quanto aos seus frutos ou rendimentos, que são alimentos, e assim ai transmitirão lhes aos seus primeiros herdeiros. Pirmeto (sic) porem que esses bens sejam subrogados unico exclusivamente, por apólices da União ou do Estado de S. Paulo, ou por prédios na capital, transmitindo-se aos adquiridos as mesmas cláusulas restritivas, tudo sob pena de sumidade e subrogação.

Imponho também as legítimas de todos os meus filhos e filhas aquelas mesmas cláusulas restritivas de inalienabilidade (sic), incomunicabilidade e impenhorabilidade, tanto aos próprios bens, como dos seus rendimentos ou frutos, que são alimentos, sejam as dívidas passadas, presentes ou futuras.

E por este modo e forma tenho concluído este meu testamento, pelo qual recuso qualquer outro anterior, que muito de minha livre e espontanea vontade, sem constrangimento ou induzimento de pessoa alguma, foi escripto pelo advogado Arthur Soares de Moura, sendo por mim ditado e somente assinado, depois de o ter lido e achar conforme.

Ribeirão Preto, 5 de Setembro de 1915.¹⁸⁸

Num trabalho de micro-história, sobretudo quando o mesmo abarca questões relativas a religião, é importante considerar o *O queijo e os vermes*, de Carlo Ginzburg. Mensurar o peso que a religião tinha nos ombros de Menocchio foi tarefa árdua e laboriosa para o eminente historiador italiano. Contudo, chamamos a atenção para a documentação levantada no calor deste tipo de ofício. Assim como o processo inquisitorial carrega suas armadilhas no momento da leitura (e conseqüente interpretação), um diário, uma foto, um gráfico, tabela ou até mesmo um testamento também portam, cada qual ao seu modo, vícios e ilusões ao olhar do pesquisador. Cientes disso, caminhamos rumo a compreensão do testamento.

¹⁸⁸ *Abertura de Testamento de Iria Alves Ferreira*. 1º. Officil Civil. Cx. 228-A. APHRP.

Depois de seu nome, a informação que se segue é sua filiação religiosa. Iria, antes de qualquer coisa revelou-se católica. Declarou-se publicamente cristã, apostólica romana, e deixou vinte e cinco contos de réis para a Sociedade Beneficente de Ribeirão Preto (Santa Casa). O testamento de Iria vai ao encontro das informações dos periódicos que a caracterizam como benevolente, ou expressa uma preocupação muito comum no período relativa a salvação da alma, ou ambas as coisas.

“Rainha do Café”, “mãe atenta e extremosa”, cristã, “benevolente”, possuidora de “máscula força”, inteligente como Schmidt ou Quinzinho, Iria Alves Ferreira foi percebida por meio da documentação como uma cafeicultora cujos atributos lhe permitiram vestir a coroa que socialmente lhe foi oferecida.

Este conjunto de atributos coroam não apenas uma “Rainha”, mas uma interpretação de tal majestuosidade. Significa também que Dona Iria obedeceu a uma sociabilidade ainda colonial, em que se obtinha poder simbólico por meio de doações a obras pias realizadas para além do testamento. Como escreveu João Luís Fragoso, tal lógica não é de modo algum estranha à tradição da Europa do Antigo Regime.¹⁸⁹ Como poderia tal lógica ser presenciada em plena modernidade!?

E já que tocamos nestes aspectos que remontam um outro tempo, recordemos a forma qual Iria foi descrita pelo testamento de seu pai:

A minhas netas Maria Eugenia, casada com Francisco Junqueira, Inocência casada com Gabriel Junqueira e Anna Osório casada com Antonio Borges de Carvalho, nascidas das primeiras núpcias de minha filha Iria Alves Ferreira com o falecido Coronel Luiz da Cunha Diniz Junqueira¹⁹⁰

Quando o mesmo a cita, o faz em dois momentos, primeiro ao listá-la como filha, segundo como mãe de suas netas, todas geradas das núpcias com o Coronel Luiz da Cunha Diniz Junqueira. Eis uma construção discursiva conservadora, pois atrela a mulher ao seu

¹⁸⁹ FRAGOSO, J. L. R. **Homens de grossa ventura**: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830). 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. Fragoso comenta: “*É óbvio que este quadro geral engloba a própria herança aristocratizante ibérica, ainda mais forte quando recordamos que, embora construíssem suas fortunas no Brasil, grande parte dessa elite era formada por imigrantes portugueses desembarcados na segunda metade do século XVIII. Na verdade, a busca da aristocratização por parte dos membros dos altos estratos das comunidades mercantis não é de modo algum estranha a tradição da Europa do Antigo Regime.*” FRAGOSO, J. L. R.; FLORENTINO, M. **O arcaísmo como projeto**: mercado atlântico, sociedade e elite mercantil em uma economia colonial tardia Rio de Janeiro, c. 1790 e c.1840. 4ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p.232.

¹⁹⁰ Auto de Abertura do Testamento do finado Antonio Honório Alves Ferreira. 1º Ofício Civil – Inventários. Cx. 16. APHRP.

marido, demonstrando uma determinada rede de sociabilidades onde impera a existência social feminina pelo casamento ou filiação.

Se resgatarmos umas das primeiras citações deste capítulo, aquela em que presenciemos a materialização da inteligência da cafeicultora, outras interpretações podem aparecer:

Nas margens do imponente rio Pardo, possui também a senhora Dona Iria uma outra vasta propriedade com seiscentos alqueires de terras em matas virgens e nas quais já está iniciada uma bela lavoura cafeeira de cem mil pés e uma grande indústria pastoril com quinhentas cabeças do melhor e mais puro gado caracu, que pasta vigoroso e luzido mas viçosas invernadas que margeiam o grande rio. A indústria de laticínios e a criação, aí se desenvolvera de um modo prático e moderno e de acordo com a grande iniciativa da inteligente proprietária.¹⁹¹

Segundo o historiador Fernand Braudel, esta iniciativa comercial pluralizante, ou seja, este investimento de capitais em diversas atividades econômicas ao mesmo tempo, é prática antiga e data dos tempos europeus que antecedem a própria revolução industrial. Seguindo esta perspectiva, percebemos nas descrições (e ações) de Iria Alves Ferreira, um conjunto de atributos que nos remetem a um passado indicado parágrafos atrás.

Braudel comenta esta gama de ações comerciais na Europa pré-industrial da seguinte maneira:

São ofícios, os lojistas e mesmo os vendedores ambulantes que se especializam, são o alto da pirâmide... o comerciante de grande envergadura nunca se limita, por assim dizer, a uma atividade única: é negociante, sem dúvida, mas nunca num só ramo e é, além disso, o que a ocasião dele fizer, armador, segurador, mutuário, financeiro, banqueiro e até empresário industrial ou agrícola... todo e qualquer bom negócio que surja ao seu alcance é da sua competência.¹⁹²

Ao exemplo desta característica européia, os colonos brasileiros apreenderam tal perspectiva mercantil, se especializando na arte de exercer transações em vários ramos. Séculos mais tarde Iria Alves Ferreira repetiu o feito, mas não vivenciou este contexto sozinha.

Desde a transição do mundo colonial para o Brasil independente, os arraiais, as vilas, as cidades cresciam e vivenciavam as conseqüências do “*adensamento da rede urbana e o*

¹⁹¹ BOTELHO JR., Martinho. **Brazil Magazine**: op. cit.

¹⁹² BRAUDEL, Fernand. *A dinâmica do capitalismo*. Lisboa. Teorema, 1985. In: FRAGOSO, João Luís. **Homens de grossa aventura**: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830) 2ª. Ed. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1998, p.325.

florescer dum tipo de vida mais nitidamente citadino”. Reveladores destes antigos valores, as festas coloniais ocorriam de novas maneiras. Para Murillo Marx, fossem elas

religiosas ou cívicas, as contribuições populares, através das irmandades de leigos e das corporações de ofícios, aumentaram em número e riqueza, chegando a ameaçar o cunho original de tais comemorações. Porém, sobretudo as atividades cotidianas, singelas, desenvolveram-se lentamente e conferiram um outro cunho à vida das ruas e largos, principalmente o comércio e a recreação.¹⁹³

Homens do seu tempo! São os cafeicultores de Ribeirão Preto que se juntam enquanto políticos revestidos de cordialidade, segurando como corsários o timão de seus negócios, ocupando plenos cargos da “coisa pública”. Iria não foge desta análise, senão, enquanto mulher e não ocupante de cargos públicos propriamente ditos, mas como boa “Rainha” (e coronel), vivenciou seu tempo juntamente com esta nova *corporação de ofício* repleta de homens de mesma atividade – lucrar! **(IMAGEM 6)**



Imagem 6 – Memmbros da Câmara Municipal (re)eleitos em 1913. **Fonte:** APHRP. *Almanach Illustrado de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto: Sá, Manaia & Cia., 1913, p.29.

¹⁹³ MARX, Murillo. *Nosso chão...* op.cit., p.82.

Acima podemos enxergar os membros (re)eleitos para o mandato de 1913 da Câmara Municipal. Em tempos cordiais, bucaneiros, estes homens ainda se vivenciavam o Antigo Regime na sua maneira de “fazer dinheiro”. O Coronel Martimiano da Silva é o terceiro da esquerda para direita; o Capitão Renato Jardim é o sexto e a seu lado o Major Augusto Junqueira. Como destaque, Francisco Schmidt e o Dr. Macedo Bittencourt completam a foto (os dois últimos da esquerda para direita respectivamente).

Quanto mais caminhararmos neste intuito exploratório das representações de Iria Alves Ferreira, mais custosa se torna a apreensão de tal complexidade. Novas facetas são iluminadas pelas lentes de Clio, ao passo que esmiuçamos melhor seu tempo e a localidade em que viveu. A Coroa que antes brilhou majestosamente no trono florido de café teve de lidar com as transformações “modernas” de Ribeirão Preto e suas conseqüências. Contudo, antes de prosseguirmos, atentemos para uma última passagem do *Brazil Magazine*, que marca, na qualidade de epígrafe, este capítulo tão importante na vida da “Rainha do Café”:

A senhora Dona Iria Alves é incontestavelmente a ‘Rainha do Café’, no Estado de São Paulo, o que quer dizer em todo o Brasil e mesmo em todo o Universo; pois nos demais países que se trabalha esta cultura, não existem propriedades cafeeiras tão importantes como as grandes fazendas de Ribeirão Preto.¹⁹⁴

A “Rainha do Café” existiu em função da sua fazenda, de seus pés de café, dos periódicos que a representavam, de seus aliados políticos e de outros elementos que a cercavam. Para compreender suas representações, é necessário descer a cidade e mergulhar no universo ribeirãopretano – o “seu reinado”.

2.2 – A “Rainha” e o seu reino – a petit Paris em pleno nordeste paulista

Como nos debruçamos na compreensão da representação de Iria Alves Ferreira como a “Rainha do Café”, falta-nos perceber a maneira como esta caracterização foi concebida e percebida pela sociedade local. Não se trata de buscarmos as apropriações (dentro da

¹⁹⁴ BOTELHO JR., Martinho. *Brazil Magazine...* op. cit.

perspectiva de Chartier) destes discursos, mas sim de apreender as particularidades do local onde foram confeccionadas e interpretadas.

A tessitura das representações sociais depende do contexto em que seus responsáveis estão inseridos. No nosso caso, o conhecimento deste contexto ribeirãopretano permite-nos compreender a lógica que influenciou tal confecção das representações de Iria.

Neste sentido, devemos lembrar que a cidade de Ribeirão Preto (e região) foi um grande pólo agrícola na transição do século XIX ao XX, responsável pela produção de grande parte do café brasileiro consumido pelo mundo afora, como dissemos no primeiro capítulo.

Antes das primeiras plantações de café no município, a urbe estava ancorada aos moldes iniciais de sua fundação. Apenas a partir de 1870 as fazendas modificaram a paisagem local, transformando o “sertão paulista” em terras ocupadas, povoadas e administradas em prol desta prática agrícola. Em especial, as fazendas Laureano e Lageado, como afirma Maria A. M. Garcia¹⁹⁵ são marcos deste momento histórico inicial.

Nesta década de 1870, o município se configurou como “*uma pequena vila com parcos indícios de evolução em sua malha urbana*”¹⁹⁶, tempo onde já se percebe o traçado das ruas em forma de “tabuleiro de xadrez”, traço nitidamente moderno, posto que demonstrava uma preocupação com a racionalização do espaço público. Planejada desde o início, a cidade ganhava uma configuração específica: o traçado das ruas em consonância com a forma dos quarteirões permitiu a visualização da cidade arquetetada aos moldes da razão, da geometria, tal qual expressa esta representação do município datada de 1874. **(IMAGEM 7)**

¹⁹⁵ GARCIA, Maria Angélica Momenso. **Trabalho e resistência:** os trabalhadores rurais na região de Ribeirão Preto (1890-1920). Dissertação de Mestrado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2004, p.25.

¹⁹⁶ PAZIANI, Rodrigo Ribeiro. **Construindo a Petit Paris:** Joaquim Macedo Bittencourt e a Belle Époque em Ribeirão Preto (1911-1920). Tese de Doutorado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2004, p.21.



Imagem 7 - A cidade de Ribeirão Preto de 1874. In: FARIA, Rodrigo Santos de. **Ribeirão Preto, uma cidade em construção (1895-1930):** o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003, p.105.

Eis um primeiro momento para observarmos as influências que estão por trás deste aspecto da urbe. Como dissemos, a esta busca pela geometrização materializada na planta acima, revela-se uma preocupação com a racionalização do espaço citadino. Tempo de controle das doenças como a febre amarela, de tratamento de esgoto, do encanamento da cidade, do combate às constantes moléstias e a violência urbana, de atenção para a conduta de seus moradores, enfim, uma infinidade de preocupações cotidianas assolava as mentes dos responsáveis pelo poder público, não apenas nesta cidade em questão como em outras tantas do país e do mundo.

O formato das ruas e quadras foi a resposta encontrada pelos parisienses durante o governo do imperial prefeito de Napoleão III, o Barão Georges Eugene Haussmann.¹⁹⁷ Paris,

¹⁹⁷ "Administrador e político, Haussmann não pode ser caracterizado nem como teórico da cidade nem como urbanista ou planejador, posto que essa especialização profissional ainda não existia. Mesmo assim, seu nome inaugurou um novo estilo de administrar e embelezar a cidade; estilo que se tornou referência para outros

como outras tantas cidades européias do século XIX, viveu as conseqüências da Revolução Industrial presa às suas configurações espaciais que datavam do medievo. O último quartel do XIX é marcado por estas descrições urbanas como salientou Maria Stella Martins Bresciani¹⁹⁸, contexto em que as doenças se alastravam, as epidemias e a pobreza se encontravam nos becos e nas habitações coletivas enquanto a esperada salubridade não acompanhava o ritmo frenético das novidades tecnológicas advindas da modernidade.

Para resolver estas mazelas, a ordem era higienizar a todo custo a vida de seus habitantes, suas casas, seu cotidiano. Chegou-se até a demolir prédios em prol de uma nova cidade, aquela que buscava a racionalidade, o fim dos miasmas e epidemias, a boa dinâmica da circulação de mercadorias e pessoas, enfim a “*urbe moderna*” (IMAGEM 8).

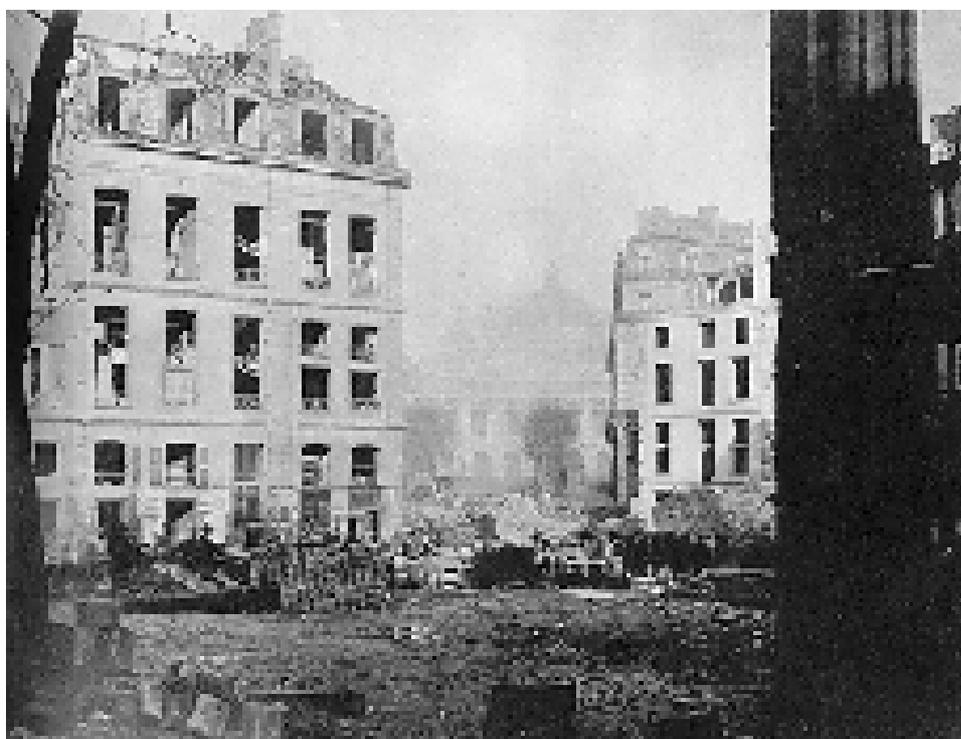


Imagem 8 - A demolição do centro de Paris em meados do XIX. Imagem extraída do site: http://avenidadosalidados.blogspot.com/2004_04_25_avenidadosalidados_archive.html

países durante o século XIX, inspirando reformas urbanas dentro e fora da Europa. Foi graças a Haussmann que Paris adquiriu as feições de hoje: uma grande metrópole, como amplas avenidas, praças e prédios inconfundíveis.” In: FREITAG, Barbara. **Teorias da cidade**. Campinas/SP: Papirus, 2006, p.56.

¹⁹⁸ Acerca das obras que destacam as conseqüências da Revolução Industrial no cotidiano das cidades durante os séculos XIX e XX há uma infinidade de opções. Destacamos aqui alguns autores: BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.; FÓLIS, Fransérgio. **Modernização urbana na Belle Époque paulista**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.; LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana**. Heliana Angotti Salgueiro (org.) Tradução de Cely Arena. São Paulo: Edusp, 2001.

Foi o discurso médico sanitaria, vigente no período das demolições, o responsável pelas ações tomadas por Haussmann, então prefeito de Paris. Tamanha era a força e peso com que este discurso de caráter científico influenciava as decisões humanas, que foram inúmeros os casos de haussmannização das cidades por todo o mundo, a exemplo de Ribeirão Preto. Nas palavras de Fransérgio Follis:

Entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do XX, no entanto, o crescimento da urbanização e a ampliação das funções urbanas e da influência da cultura européia - especialmente da francesa —, em razão da consolidação da ordem neocolonial, provocariam uma grande transformação em várias cidades brasileiras, sobretudo naquelas de crescimento emergente: a capital federal, as mais importantes capitais estaduais e cidades portuárias, e os centros urbanos do Oeste Paulista que concentraram e orientaram sua economia para a produção de café, principal produto brasileiro de exportação na época.¹⁹⁹

São Paulo, Santos, Rio de Janeiro, as grandes cidades como as recém criadas localizadas nas terras do café, enfim, todos os municípios recebiam à sua maneira as novas diretrizes urbanas que derivavam destas novas preocupações nascentes do mundo industrial.

A preocupação com estes novos parâmetros tinha propósitos bem definidos: eliminar os miasmas e as possíveis áreas de contaminação de doenças como difteria, malária, tuberculose, lepra e tifo, sendo as mais alarmantes tanto a varíola como a febre amarela. No caso do Rio de Janeiro, alguns técnicos foram nomeados pelo próprio presidente Rodrigues Alves: “o engenheiro Lauro Muller para a reforma do porto, o médico sanitaria Oswaldo Cruz para o saneamento e o engenheiro urbanista Pereira Passos, que havia acompanhado a reforma urbana de Paris”.²⁰⁰ Na própria capital brasileira (de então), as demolições em prol da construção da Avenida Central remetem a esta concepção de construção do espaço público **(IMAGENS 9 e 10)**.

¹⁹⁹ FÓLIS, Fransérgio. **Modernização urbana na Belle Époque paulista...** op. cit, p. 27.

²⁰⁰ SEVCENKO, Nicolau. *O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso*. In: NOVAES, Fernando Antônio (Coordenador-Geral). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, Vols. 3., 1998, p.23.



Imagem 9 - Demolições para a construção da avenida Central, 1904-1905. João Martins Torres. . In: KOK, Glória. **Rio de Janeiro na época da Av. Central**. São Paulo: Bei Comunicação, 2005, p.52.



Imagem 10 - Demolições para a construção da avenida Central, 1904-1905. João Martins Torres. In: KOK, Glória. **Rio de Janeiro na época da Av. Central**. São Paulo: Bei Comunicação, 2005, p.53.

É sabido que a Paris de Haussmann se transformou na cidade luz do final do século XIX. Mundialmente conhecida por parecer a materialização do belo, serviu como palco de muitos sonhos daquele contexto: viver um grande amor em Paris, desfrutar de seus cafés e cabarets, passear pelas suas ruas olhando as vitrines das boutiques, admirar a luz elétrica, entre outras novidades técnicas e materiais, todas situações que povoavam o imaginário de muitos homens e mulheres do final do século XIX e princípio do XX. Como diria o historiador José Evaldo de Mello Doin²⁰¹, um tempo de “olhar, desejo e paixão”.

Imortalizada nas telas de grandes pintores impressionistas, o século XIX, antes de encontrar seu crepúsculo, cedeu à Europa (e por conseqüência ao mundo todo) a Belle Époque. Era nessa torrente de informações, nessa nebulosa de sensações, nesse viver o efêmero que os cidadãos corriam de encontro ao cigarro, aos cafés, perdendo o ritmo lento e rotineiro de seus velhos conhecidos transeuntes para experienciar a “aventura da modernidade”²⁰². Com uma velocidade nunca antes navegada, os homens desse tempo renasciam com pés em dois mundos distintos: o civilizado e o bárbaro, o arcaico e o moderno, o novo e o velho.

As raízes coloniais se misturavam com as novidades tecnológicas. As estreitas vielas do passado, tortuosas, escuras e com acentuados declives eram mal vistas pelo poder público e por aqueles temerosos de que tais espaços cidadãos fossem focos de epidemia e doenças. Soma-se as práticas deste novo discurso da urbanização os corredores, avenidas e demais vias públicas que facilitariam a dinâmica da população, dos (recentes) automóveis e por conseguinte das mercadorias, e os novos ditames médico-sanitaristas que tentavam combater as doenças que assolavam tais centros.

Estas foram as razões mundiais que coloriram a paisagem urbana de Ribeirão Preto: a cidade ganhou nova configuração. O discurso da novidade é tão sedutor que não apenas construiu o admirável mundo novo do interior paulista como criou a ilusão do mesmo para o historiador que o analisou. Atentemos para com a afirmação de que “*a cidade ganhou nova configuração*”, mas com cautela para não gerar generalizações.

Tais mudanças não ocorreram em toda urbe. Tais concepções haussmanizadoras do espaço materializaram-se no centro da cidade e, obviamente, suas conseqüências para as áreas limítrofes do município. Tal qual a cidade em Iria morou (que veremos mais adiante), outras

²⁰¹ DOIN, J. E. M. *Olhar, desejo e paixão: lazeres e prazeres nas terras do café (1864 – 1930)*. In: DOIN, J. E. M.; PEREIRA, R. M. (orgs.) **A Belle Époque Caipira: a saga da modernidade nas terras do café (1864-1930)**. Franca: UNESP-FHDSS/CEMUNC, 2005.

²⁰² Cf. BERMAN, M. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

também vivenciaram as conseqüências desta urbanização. Um grande exemplo destas alterações foi a capital brasileira durante a República Velha – Rio de Janeiro (**IMAGENS 11, 12 e 13**).



Imagem 11: A avenida Central e seus edifícios, ainda em construção, tendo ao fundo o Pão de Açúcar, c. 1905-1906. Marc Ferrez. In: KOK, Glória. **Rio de Janeiro na época da Av. Central.** São Paulo: Bei Comunicação, 2005.p.06.

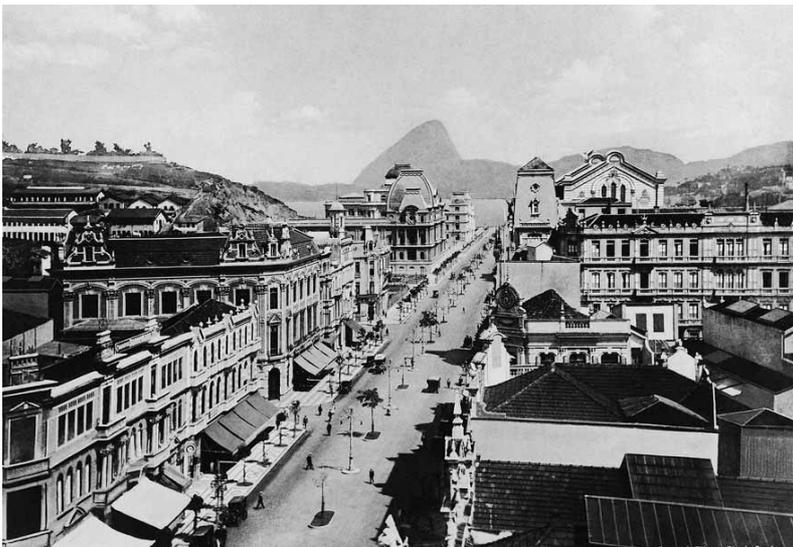


Imagem 12: A avenida Central, já plenamente integrada à paisagem carioca, c. 1910. Marc Ferrez & Filhos. In: KOK, Glória. **Rio de Janeiro na época da Av. Central.** São Paulo: Bei Comunicação, 2005.p.07.

Imagem 13: A avenida, rebatizada em homenagem ao barão do Rio Branco, vista em direção ao cais do porto, c. 1915-1920. José dos Santos Affonso. In: KOK, Glória. **Rio de Janeiro na época da Av. Central.** São Paulo: Bei Comunicação, 2005.p.08.



Não apenas a Europa (notadamente a internacional Paris), mas também o Brasil viveu a sua Belle Époque²⁰³. As imagens acima sugerem que para além das diversas preocupações de caráter geométrico, racional, médico-sanitarista, desejou-se o embelezamento do centro da urbe. Procurou-se demolir o velho para construir um novo que fosse único, sedutor, fantástico, permitindo que a capital do país pudesse viver o melhor dos tempos – a bela época.

Para o caso específico do Rio de Janeiro, ao mesmo tempo em que estas novidades arquitetônicas se mostravam belas apenas para a elite carioca, a mesma apropriação (e vivência dos espaços públicos) não ocorreu pelos populares, posto que o processo de transformação urbana, em nome da ordem e da saúde pública, acabou por deslocar as

²⁰³ No que diz respeito as derivações da Belle Époque que o Brasil experienciou, Cf. NEEDLELL, J. D. **Belle époque tropical:** sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1993.; DOIN, José Evaldo de Mello, - **O capitalismo bucaneiro:** dívida externa, materialidade e cultura nas terras do café. Tese (Livre-Docência defendida na disciplina de História Contemporânea no Departamento de História da FHDSS/UNESP). Franca: FHDSS/UNESP, 2001, pp.306-323.

populações que habitavam nos antigos cortiços e demais edificações “tombadas” para a periferia da cidade. Estes (os populares) que seriam “agraciados” pela limpeza e higienização da localidade, se viram obrigados a observar a ditadura da racionalidade urbanística implementada pelos agentes da civilização. Nicolau Sevcenko, ao analisar a Revolta da Vacina escreveu:

Uma comissão nomeada pelo Ministro do Interior e da Justiça em 1905, quando estavam em curso as obras de Pereira Passos, constatou que, até aquela data, a administração municipal e da Saúde Pública haviam demolido cerca de seiscentas habitações coletivas e setecentas casas, privando de teto pelos menos quatorze mil pessoas.

...

Evidentemente, neste mundo em que não se deseja ver o trabalho, também não se suporta a visão da doença, da rebeldia, da loucura, da velhice, da miséria ou da morte, que todas são excluídas para os sanatórios, prisões, hospitais, asilos, albergues e necrotérios. Trata-se de um estilo de vida novo e cosmopolita, implantado pela burguesia vitoriosa e definido ao longo de sua trajetória consagradora...²⁰⁴

Modernizar a urbe, higienizar os cidadãos, civilizar os populares... metas da República recém instaurada e palavra de ordem da elite brasileira. O “bota-abaxo” tinha como meta apagar do cenário central a pobreza, a miséria e construir uma realidade fáustica que elevasse a capital e a morada do regime republicano em lugar civilizado.

A palavra civilização ganhou destaque neste contexto. Para Jean Starobinski, a mesma nos remete a um contexto de evolução, no processo de progresso e de crença no mesmo. O autor, pesquisando dicionários do século XVIII encontrou seis compreensões para a palavra ‘civilizar’:

2. Limpar. Tornar mais belo, mais claro e mais polido. *Aequare, adaequare. Polir um mármore*[...].
3. Termo do polidor. É dar mais lustro aos vidros de espelho, torná-los mais luzentes.[...] Polire.
4. Termo de couteleiro e de amolador. Passar pelo polidor. Polir uma navalha. Polir uma faca.
5. No sentido figurado: Civilizar, tornar mais civil, mais galante e mais honesto. *Ad urbanitatem informare*.
6. No sentido figurado. Essa palavra é dita ao se falar de discurso e de estilo. *Limare, politius ornare, excolere*. (Polir um discurso. Polir seu estilo [...]) É torná-lo mais exato e mais apurado.)
7. No sentido figurado. Polir a si mesmo. É tornar-se mais perfeito.²⁰⁵ (grifos nossos)

²⁰⁴ SEVCENKO, Nicolau. **A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes**. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.82.

²⁰⁵ STAROBINSKI, Jean. **As máscaras da civilização**. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia

Detectamos a constante presença do verbo “polir” como sinônimo de “civilizar”. Assim, civilizar significou polir os homens, suas maneiras, sua linguagem²⁰⁶. O homem civilizado era, segundo esta concepção, o homem polido cujos atos, escolhas e costumes estivessem sempre voltados para a educação, para a boa conduta, para a perfeição e o progresso da sociedade. Desta sorte, as transformações modernas que destacamos acima foram todas em nome desta identificada civilização. Demolir os antigos prédios que serviam como cortiços e espaços de contaminação tornaria a cidade “*mais perfeita*”.

Para Norbert Elias, a construção de um lócus civilizado exige uma determinada postura também racional e civilizada. A partir das contribuições do autor, entendemos que este processo civilizador gera uma consequência terrível – a não aceitação de outros parâmetros que não sejam “polidos” ou civilizados. Em outras palavras, a civilização cria o seu contrário – a barbárie. Ser civilizado, neste contexto, significou manipular o real desrespeitando, marginalizando, repudiando e excluindo os elementos bárbaros presentes na sociedade, posto que negam o civilizado e revelam seu atraso.

O autor ainda nos convida a refletir que, se nos recordamos que o homem moderno data do século XVI, verificamos que concomitante a este evento nasceu a “vergonha”, a “repugnância” e o “embaraço”. Por vergonha, podemos considerar superficialmente como “*medo de degradação social ou, em termos mais gerais, de gestos de superioridade de outras pessoas*”²⁰⁷, o embaraço como um desagrado quando uma pessoa quebra, ou ameaça quebrar as convenções sociais.²⁰⁸

Neste sentido, em contexto renascentista, as armas perdem sua constância e cedem lugar a “diplomacia”. O homem moderno vê mais, observa mais, portanto, vigia melhor. Aí a necessidade de realizar uma taxonomia dos elementos não civilizadores que existem com o único intuito de lembrar a sociedade que ela carrega um passado bárbaro e repugnante.²⁰⁹

Foi neste mundo de vigilância, de polidez e de busca pela negação de tudo que desacelere as “benéficas da civilização” que as cidades se transformaram. Posto desta forma, pergunta-se: como Iria Alves Ferreira viveu este contexto em Ribeirão Preto? Fora do eixo

das letras, 2001, p. 26.

²⁰⁶ Idem, p.29.

²⁰⁷ ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: a formação do Estado e Civilização. V.2. Trad por Ruy Jungmann. rev. por Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p.243.

²⁰⁸ Idem, p.245.

²⁰⁹ Semanticamente, “repugnar”, vem de pugno (ou punho), que nos remete a força, ou melhor, o uso dela para reparar qualquer desvio da ordem. O homem passa a se controlar e vigiar o comportamento e utiliza dos meios necessários para tal. As paixões e emoções devem ser alvo constante de vigilância para que este ser humano não caia na condição de barbárie.

das capitais São Paulo e Rio de Janeiro, a cidade recebeu estas influências modernas a ponto de sofrer conseqüências desta contraditória relação moderna?

A resposta é positiva. O capital obtido das negociações do café permitiu que a localidade adentrasse a este admirável novo mundo com a pressa de um trem. Aliás, a figura da ferrovia se faz pertinente.

Foi o trem que marcou a comunicação de Ribeirão Preto com o mundo. Em novembro de 1883, com a introdução dos trilhos ferroviários da Companhia Mogiana, seus moradores presenciaram dois processos concomitantes que transformariam seu cotidiano, como bem salientou Rodrigo Paziani:

... as estradas de ferro como elementos que visavam atender os interesses pessoais dos ricos fazendeiros, no transporte e escoamento da produção cafeeira – na forma de redes ferroviárias interligando os principais municípios paulistas em direção ao porto de Santos – e, no seu rastro, o advento de um mercado de consumo e de trabalho que fez prosperar um conjunto de transformações urbanas e acelerou, segundo padrões não determinados, o movimento de homens, mercadorias e idéias para esta zona.”²¹⁰

Em tese defendida por Regina Caldana, este momento histórico foi bem observado por meio das entrevistas coletadas. Sr. Paulo, um de seus depoentes, lembrou de alguns versos que ouvia em sua infância, revelando como a figura do trem era onipresente na cidade: “*a noite vem o noturno apitar / ... / tem a manobrar a vida inteira / causava tormento sem piedade*”.²¹¹ O imaginário do progresso tecnológico se materializou na representação da ferrovia, máquina de velocidade incrível, que vencida a natureza, fruto da ciência e do conhecimento humano, capaz de diminuir distâncias e de causar espanto aos desavisados. Como afirmou Prisco da Cruz Prates, sobre o cotidiano local neste contexto:

[...] Quem desembarcasse em Ribeirão, nos idos de 1920 da gare da antiga estação da mogiana [...] deparava-se ainda naquelas imediações, dezenas de carros puchados por animais, com os cocheiros em sua maioria envergando cartolas e casacas, ao quais nas chegadas dos trens produziam um baralho ensurdecedor, gritando businando e acenando para os passageiros lhes darem preferências [...] Os carregadores malcreadamente disputavam as malas dos fregueses, ocasião em que haviam xingamentos e trocas de socos e pontapés e do mesmo modo observavam-se os agenciadores nas disputas por fregueses para determinados hotéis ou

²¹⁰ PAZIANI, Rodrigo Ribeiro. **Construindo a Petit Paris** ... op cit, pp.21-22.

²¹¹ CALDANA, Regina Helena Lima. **Ser criança no início do século**: alguns retratos e suas lições. Tese de Doutorado em Educação. UFSC, Universidade Federal de São Carlos, 1998, p.80.

restaurantes, todos localizados nas baixadas das ruas General Osório, Duque de Caxias e José Bonifácio.²¹²

Em função da estrada de ferro, um conjunto de outros espaços e sociabilidades foram criados, a exemplo dos empregos gerados pela companhia, dos hotéis e comércio próximos da Estação, ou ainda como recordou uma segunda depoente da pesquisa de Caldana (D. Luisa), dos “táxis”, que eram, em suas palavras, “*trole coberto, bem arrumadinho (...) mas era de cavalo*”.²¹³

De fato, o trem assumiu uma posição de grande figura moderna. A historiadora Lídia Possas em *Mulheres, trens e trilhos* assinalou esta riqueza de representações acerca do trem:

Outro aspecto notável desse “arauto” da modernidade – o trem – exaltado por Sansot (1986, p. 185-6) foi a sensação que a velocidade provocava nas pessoas, o impacto que operava na percepção da paisagem, sem deixar de realçar o controle do tempo através da rígida utilização dos horários-relógio que confirmavam saídas e partidas e obrigavam os passageiros a ajustarem suas particularidades e o próprio cotidiano, o que leva a reforçar e complementar a disciplina que aceleração do processo produtivo exigia cada vez mais. Pode-se inferir, diante disso, como a presença do trem provocou mudanças na rotina das pessoas, com o trabalho disciplinador, cronometrado em horas, que surpreendia e subordinava a todos. O vínculo com o tempo da natureza se desfaz ainda mais e o tempo abstrato dividido em 24 horas, o “tempo relógio” que já era uma situação vivida desde o século XIV (Cf. Hale, 1978, p. 9-10), passou a dominar todas as atividades humanas e também as aldeias e os espaços intermitentes. Os caminhos de ferro impunham o tempo mesmo no espaço inabitado, como a Sibéria.²¹⁴

Planejada desde seu nascimento, a cidade cresceu e entrou em contato com este mundo repleto de novidades que o trem proporcionou. Aos poucos, foi se transformando aos moldes dos pressupostos modernos e civilizados. Um primeiro exemplo destas preocupações internacionais no que diz respeito a higiene e salubridade data de 1875, quando uma discussão sobre a localização do Matadouro incomodava a Câmara Municipal:

... sendo muito inconveniente para a salubridade publica continuar a permanecer no lugar em que está o matadouro publico não só porque está apenas quinze braças mais ou menos de distancia de moradias de famílias como porque é perto do correjo onde geralmente os moradores desta Villa mandão faser a lavagem de roupa e alem disso o lugar onde foi marcado o matadouro não se presta a limpeza precisa exalando ali

²¹² PRATES, Prisco da Cruz. **Ribeirão Preto de outrora**. Ribeirão Preto: Bandeirantes, 1975, p. 13-14.

²¹³ CALDANA, Regina Helena Lima. **Ser criança no início do século...** Op cit, p.80.

²¹⁴ POSSAS, Lídia Maria Vianna. **Mulheres, trens e trilhos: modernidade no sertão paulista**. Bauru, SP: Edusc, 2001, p. 58.

continuamente um mau cheiro no que só pode prejudicar a saúde como incomodar os moradores de mais perto.²¹⁵

Acreditava-se que o contato do matadouro público com a população podia causar uma contaminação de doenças e moléstias. A partir do abate dos animais, o sangue que percorreria o córrego poderia alcançar cidadãos envolvidos na lavagem cotidiana das roupas que, provavelmente, diga-se de passagem, eram mulheres. Em 1902, outra preocupação se fez presente nas discussões da Câmara – a febre amarela:

... Offício do sr. dr. Delegado de Higiene Municipal comunicando que tendo o sr. dr. Leal da Cunha tido em sua clínica um caso que suspeitou ser febre amarela e avisando-lhe, afim de evitar a propagação desta moléstia, dia que convocou algumas conferências para as quaes convidou os snrs. drs. Floriano Leite Ribeiro, Macedo Bittencourt e Augusto César que prestaram com dedicação, firmando-se então o diagnóstico de typho malária e que o doente já entrou em período de convalescença.²¹⁶

Tal discussão ocorreu dois anos antes da Revolta da Vacina no Rio de Janeiro. As reformas urbanísticas implementadas na capital brasileira, tal qual nas demais cidades citadas anteriormente, espelham este caráter democrático que as mazelas provocadas pela insalubridade possuíam. O interior paulista conheceu a modernidade por diversos ângulos!

Este “espírito moderno” traduzido pela postura anti-moléstia, anti-sujeira, anti-atraso, anti-barbárie, foi uma constante no pensar, planejar e discutir a cidade, como salientou Norbert Elias. Essas características são fundamentais para pensarmos no que Ribeirão Preto se tornou. A preocupação para que a cidade fosse higienizada, salubre, limpa, civilizada e polida, exigia uma disciplina de seus habitantes. É deste período a elaboração do Código de Posturas para o município.

O historiador Lucas Augusto Rosa entende que o Código (re)configurou completamente Ribeirão Preto. Criado em 1889, possui um conjunto de leis que “*visavam uniformizar as estruturas urbanas e sistematizar normas de convívio social no perímetro urbano, determinando como devem ser edificadas as construções da cidade e que personagens e práticas sociais não são aceitas.*”²¹⁷ E diz mais:

²¹⁵ Ata da Câmara Municipal de Ribeirão Preto, 19 de Dezembro de 1876. In: FARIA, Rodrigo Santos de. **Ribeirão Preto, uma cidade em construção (1895-1930):** o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003, p.106.

²¹⁶ Ata da Câmara Municipal de Ribeirão Preto, 22 de Janeiro de 1902. In: PAZIANI, Rodrigo Ribeiro. **Um professor de francês na modernidade:** Joaquim Macedo Bittencourt e a urbanização de Ribeirão Preto (1900-1920) Monografia de Conclusão de Curso em História. Universidade Estadual Paulista - UNESP, Franca, 1998, p.17.

²¹⁷ ROSA, Lucas Augusto. **Sementes de macadame:** o florescer da (des)organização social: Ribeirão Preto e o

Entre estas medidas está a já mencionada norma que proíbe a instalação de fábricas ou atividades que atentem contra a salubridade pública na região central da cidade. Medida esta que favoreceu a implantação de diversas fábricas de pequeno porte na região do núcleo colonial Antônio Prado e junto com estas os prejuízos que causavam a salubridade dos moradores daquela região que era habitada por trabalhadores e pobres. Através de exigências como alinhamento das construções, tamanho dos terrenos próximo às praças e jardins públicos, obrigatoriedade de calçamento dos passeios em frente às casas e as conseqüentes multas para o não cumprimento das normas, o código de posturas contribui para uma normatização da paisagem urbana central segundo os padrões burgueses. Este mesmo definiu também a largura das ruas e avenidas e determinava como legítima a desapropriação de construções particulares para a edificação das estruturas públicas necessárias para o desenvolvimento da moderna urbe. Tal medida veria a ser muito utilizada como no caso da construção do teatro Carlos Gomes...²¹⁸

Paziani e Faria também trataram do combate à insalubridade. Em determinado momento de sua tese, Rodrigo Paziana chega a utilizar o termo “*policia sanitária*”. Vigiar os preceitos civilizados e não permitir a reprodução da persistente barbárie local fazia-se presente nas leis que compunham o Código de Posturas, o *Serviço Sanitário* (criado em 1892) e a *Diretoria de Higiene*.²¹⁹

O Código de Posturas influenciou o cotidiano da cidade, ao passo que a conduta esperada dos moradores dava o tom de uma determinada realidade “racional e civilizada”. O planejamento do traçado urbano e da escolha dos locais para a Casa de Câmara e Cadeia, da Câmara Municipal, da Igreja e da Praça XV de Novembro são reveladores desta perspectiva haussmanizadora de Ribeirão Preto. Para além do caso do matadouro, podemos ver estas mesmas características na inauguração do Hospital de Isolamento em 1897 (**IMAGEM 14**).

moderno processo de urbanização. (1900 a 1930). Monografia de Conclusão de Curso de Pós Graduação Lato Sensu – História, Cultura e Sociedade. Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto: 2008 p.47.

²¹⁸ Idem, p.47-48.

²¹⁹ PAZIANI, R. R. **Construindo a Petit Paris...** Op. cit., p.105.



Imagem 14: Hospital de isolamento para leprosos “Lazareto” inaugurado em 1897 - década de 1920. A imagem foi extraída do site do APHRP

Situado nas margens do córrego Ribeirão Preto²²⁰, fora do contato com os transeuntes da dinâmica central, do espaço de comércio, teatros, cinemas, passeios, praças, conversas e encontros, o hospital de isolamento guarda consigo uma característica que se assemelha a do matadouro – a distância do centro da cidade. A foto (**IMAGEM 14**) nos ajuda a acreditar nesta idéia. Percebam que a casa encontra-se sozinha envolvida por árvores ao lado e uma vasta vegetação que a acompanha por todos os lados.

Nota-se exatamente a repugnância que Norbert Elias havia nos alertado. A cidade, ao promover a ordem, a geometria e a salubridade, acabou por entender que o seu contrário deve ser abolido. Foi assim com o matadouro, com o hospital e com os populares.

E no centro? É claro, no centro estavam aqueles elementos que nos remetem a ordem e vigilância da mesma. Em 1885, começou a construção do Edifício da Câmara Municipal e Cadeia. Construção datada em período próximo a hospital e ao cemitério, a localização “*inicial da cadeia à cidade explica-se na medida em que o mesmo destacamento que deveria vigiar os detentos, também deveria policiar, vigiar e manter a ordem na cidade*”²²¹ (**IMAGEM 15**).

²²⁰ FARIA, Rodrigo Santos de. **Ribeirão Preto, uma cidade em construção (1895-1930):** o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003, p.110.

²²¹ TICLI, Kátia Kiss. **As intuições totais e a cidade do século XIX:** uma análise da arquitetura disciplinar na cidade de Ribeirão Preto. Dissertação de Mestrado. Departamento de Arquitetura e Urbanismo: Universidade de



Imagem 15: Casa de Câmara e Cadeia. Foto do início da década de 1910. Imagem extraída do site do APHRP.

Duas funções de destaque ocorriam concomitantemente na Casa de Câmara e Cadeia. As esperadas reuniões da Câmara, responsáveis pelo planejamento e pelas decisões que indicavam o futuro da urbe, em nome do progresso. E o aprisionamento daqueles que desobedeciam a lei e a ordem, contrariando o planejamento citadino. Desta feita, assaltantes, mendigos, assassinos e baderneiros eram identificados como agentes desarticuladores deste modelo para a perfeição, portanto bárbaros, alvos a serem combatidos e “normatizados”, civilizados e polidos, como problematizou Starobinski.

A modernização não foi feita apenas de prédios e cargos. Para que ela imperasse, outros elementos foram necessários. Em 1898, foi instalada a primeira rede de água e esgoto. A empresa responsável (Empresa de Águas e Esgoto de Ribeirão Preto), propriedade do grupo Silva Prado, fazendeiros de café que, segundo Paziani, jogavam seu capital no mercado de serviços urbanos.²²²

São Paulo, São Carlos, 2000., p.142.

²²² PAZIANI, Rodrigo Ribeiro. **Construindo a Petit Paris...** Op. cit., p.43.

No que diz respeito a iluminação das ruas, é sabido que a Empresa de Força e Luz de Ribeirão Preto foi formada apenas em 1899. No entanto, é interessante notar que algumas fazendas da região acabavam por possuir geradores que lhe permitiam usufruir da energia elétrica antes mesmo da implementação da Empresa na cidade. É o caso da nossa biografada:

A “RAINHA DO CAFÉ”: - Cercada do aroma de flores raras e valiosa, residia defronte a um lago, em luxuoso ‘chalet’, na fazenda Pau Alto, Dona Iria Alves Ferreira (Iria Junqueira), que recebeu o título de ‘Rainha do Café’, formando com o Cel. Francisco Schmidt a famosa dupla real da cafeicultura mundial. Com cerca de 1.300 alqueires de terra, possuía 1.500.000 pés de café, que anualmente rendiam cem mil arrobas. A fazenda de D. Iria Alves Ferreira dispunha de energia elétrica para o trabalho noturno e contava com mais de 200 casas para residência dos trabalhadores. O seu café era jogado em um tanque cheio de água que por meio de canaletas cimentadas, levavam os grãos para o terreiro de secagem. Introduzindo processo novo, transportavam café para beneficiamento através de vagonetas que deslizavam sobre trilhos especiais²²³ (grifos nossos)

Tal percepção destes aspectos acerca da tecnologia e do maquinário empreendido na fazenda da cafeicultura permite-nos verificar uma dada apropriação do discurso “das novidades modernas”. Ao implementar estes símbolos do novo tempo, Iria se mostra aberta a ganhar com as tecnologias, a modificar a produção para ganhar mais velocidade no processo. Eis um dos aspectos da “máscula inteligência” de Iria Alves Ferreira.

Utilizar de luz elétrica em suas fazendas significa assumir uma postura, um posicionamento frente a estas novidades. Ao implementar este maquinário, Iria deu sinais de domínio deste novo mundo que chegava a Ribeirão e, ao dominar este universo tecnológico, fez-se detentora de um conhecimento que naquele momento era misterioso e bastante fugaz – as novidades tecnológicas advindas da modernidade!

Aqui podemos relacionar a forma com que Iria veste o *Coronelismo* de maneira diferente com que havíamos levantado em páginas anteriores. Para Janotti, o Coronel era um típico chefe político, fazendeiro, bonachão, com fama de valente e obedecido sem contestação, e “... suas fazendas possuíam poucas condições de conforto, cercando-se de algumas raras inovações tecnológicas, como o rádio, o ventilador, o jipe. A mecanização, na fazenda era quase inexistente.”²²⁴ Nesse sentido, conhecer as novidades tecnológicas e

²²³ CIONE, Rubem. **História de Ribeirão Preto...** op. cit., p.197.

²²⁴ JANOTTI, M. L. M. **O Coronelismo ...** op cit, p. 67.

usufruir das mesmas para ganhos (econômicos, políticos, sociais..) é reavaliar tal compreensão deste “*Coronel de saias*”.

Se “*saber é poder*”, como já disse Foucault²²⁵, Iria veste a Coroa não apenas por possuir terras ou acumular capital por meio de suas negociações. Também demonstrou possuir um conhecimento deste mundo que seduzia e amedrontava a todos. Pierre Bourdieu chamou esta forma de poder que se utiliza de imagens, eventos, símbolos e representações, de “*poder simbólico*”²²⁶, uma forma invisível de manifestação desta relação, “*poderosa*” maneira de materialização de sua autoridade.

Esta interpretação simbólica leva em conta o contexto segregador em que Iria está inserida, responsável por colocar em lados opostos aqueles que fazem parte do mundo civilizado e do bárbaro. De um lado, elementos representativos do universo cultural da elite (da moda parisiense, da tecnologia, do “bom gosto”, do refinado, enfim do erudito), em contraposição as permanências que negavam a desejada civilização aos olhos da elite, ou seja, uma barbárie que insistia em preservar a paisagem ribeirãopretana em lócus colonial, cujas pessoas atrasadas rememoravam o tempo da migração, da roça de subsistência, da criação de gado, do palavreado humilde, etc... Como salienta Sevcenko:

A imagem da grade é fundamental. Nesse período seriam reformadas modernizadas e ampliadas as instalações presidiárias, penitenciárias, os manicômios e hospitais públicos. São grades que se somam às dos parques e jardins urbanos e que se destinam ao mesmo fim: conter, isolar, segregar. Não foi a velha cidade que desapareceu; foi uma outra, totalmente nova que foi imposta no meio dela; cidade dos prazeres, luxo e abundância, composta de palácios refinados, recobertos de verniz, mármore e cristal, cujo acesso era vedado aos membros da comunidade primitiva.²²⁷

O privilégio para com o centro urbano e esta *geografia sanitária* implementada pelo poder público e seus homens de ciência, contribuiu com a construção daquilo que Rodrigo Santos de Faria entendeu por duas cidades. Criou-se um discurso moderno para com o centro, em especial nas adjacências da praça central, e um certo descaso para com o restante da

²²⁵ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 19. ed. Traduzido por Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

²²⁶ Como disse Bourdieu: “... é necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.”. BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S. A., 1989, p.08.

²²⁷ SEVCENKO, Nicolau. **A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes**. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.67.

localidade. Segundo Faria, quando a Câmara se remetia a cidade ou ainda quando da construção do Código de Posturas para o município, entendia-se por cidade exatamente esta porção que margeava a Praça XV de novembro, em outros termos, apenas o centro (IMAGENS 16 e 17).



Imagem 16: A primeira capela de Ribeirão Preto em 1890. Está escrito nas legendas: “A capela de Ribeirão Preto teve provisão de bênção em 9 de Janeiro de 1868 e foi elevado a capela curada por provisão de 26 de Novembro de 1869.”; e “A primeira Matriz do Ribeirão Preto que existiu na atual Praça XV de Novembro, local onde hoje está a fonte luminosa. Esta Igreja foi benzida em 25 de março de 1868”. **Fonte:** APHRP.



Imagem 17: Quarteirão Paulista em 1935. No centro verificamos o Theatro Pedro II e a direita o Palace Hotel. APHRP

A praça central da cidade é de extrema riqueza, considerando as diversas temporalidades que ela carrega: espaço de origem da Vila de São Sebastião do Ribeirão Preto, nos anos 1856, se transformou em “*referência urbana europeizada no imaginário social burguês no século XX*”.²²⁸ Como pontuou Lepetit, o espaço urbano não é constituído por apenas o tempo do olhar, ou por aquele em que foi construído, e sim por elementos oriundos de várias épocas, sendo que nesse caso, o quadrilátero central sozinho é marca de inúmeros acontecimentos marcantes na trajetória do município.

Ao lado da Praça XV existiu o Teatro Carlos Gomes construído em 1895 (**IMAGENS 18 e 19**). A construção foi feita em virtude de um pedido do “Rei do Café” Francisco Schmidt, sendo considerada um grande feito por alguns historiadores, como Doin e Paziani, que salientam o fato que “*antecipava-se em doze anos a inauguração do Teatro Municipal do Rio de Janeiro (1909) e em quatorze anos o Municipal de São Paulo (1911)*”.²²⁹

²²⁸ FARIA, Rodrigo Santos de. **Ribeirão Preto, uma cidade em construção (1895-1930):** o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003, p.171.

²²⁹ PAZIANI, Rodrigo Ribeiro. **Construindo a Petit Paris:**... op cit, p.61.



Imagem 18 e 19: À esquerda, vista da lateral do Teatro Carlos Gomes (rua Duque de Caxias e fundo rua Barão do Amazonas). À direita, vista frontal. Foto: J. Gullaci. Data: 1935. Local: Atual Praça Carlos Gomes - Fonte: APHRP.



Construído pelo arquiteto Ramos de Azevedo, o Carlos Gomes foi inaugurado em 1897, em terreno cedido pela Câmara Municipal em comodato. Neste recinto, nos dois primeiros anos ocorreram apenas peças teatrais para um público “selecionado”, “requintado”. Após de 1908 “*apresentavam-se todo tipo de espetáculo, de grandes óperas a ‘luta romana’*”.

*Domingo era dia preferido do povo para ir ao cinema e ‘procurar um pouco de alegria’.*²³⁰ Esta variação entre públicos merece destaque na visão de Wilson Pontes Junior, posto que Carlos Gomes se “ornamentou ora nas apresentações refinadas e assedas, ora nas apresentações mais populares. Nota de atenção é a interligação destas variações na programação com a própria sustentabilidade dos teatros.”²³¹ Grandes companhias teatrais vinham a Ribeirão com a expectativa de encontrar a Petit Paris do interior paulista (IMAGEM 20).



Imagem 20: Interior do Teatro Carlos Gomes. Foto: J. Gullaci. Data: 1935. Local: Atual Praça Carlos Gomes - Fonte: APHRP.

A suntuosidade, as peças, a elite, o glamour se desenvolviam a passos largos, mesmo que alguns historiadores creditem menos vigor a estas afirmações como é o caso de Maria Elisa Borges. Para a autora “*Ribeirão Preto não possuía um caráter urbano que*

²³⁰ TUON, L. **O cotidiano cultural...** op. cit., p.128.

²³¹ PONTES JUNIOR, Wilson. **A ópera das aparências:** uma análise social das apresentações de óperas no município de Ribeirão Preto entre 1910-1920. Monografia de conclusão de Curso. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2005, p.41.

correspondesse à riqueza econômica advinda do plantio de café” ²³², durante o primeiro decênio deste século.

Liamar Tuon acredita que as sociedades recreativas também tiveram importância neste processo de construção de uma ‘vida cultural’ na localidade. Serviram para interagir brasileiros e imigrantes em situações de entretenimento e lazer. *“Nas sociedades, aconteciam festas, saraus, bailes, encontros e palestras sobre os mais variados assuntos incluindo apresentação teatral”* ²³³ (IMAGEM 21).



Imagem 21: A esquerda, o Palacete Innechi e a direita a Sociedade Recreativa de Esportes de RP, 1930. Fonte: APHRP.

A arquitetura destas construções não poderia ser diferente de tudo o que apresentamos até agora. O prédio à direita na imagem 21 que funcionou como Sociedade Recreativa, foi até 1917 sede da Câmara Municipal. O mesmo imóvel na virada do século XX-XXI é utilizado como Museu de Arte da cidade (MARP – Museu de Arte de Ribeirão Preto), que nos sugere

²³² BORGES, Maria Elizia. **Arte Tumular...** op. cit., p.18.

²³³ TUON, L. **O cotidiano cultural...** op. cit., p.128.

uma apropriação a partir do entretenimento, lazer e da política. Elementos que “andavam de mãos dadas” como salientou Paziani.²³⁴

Esta caracterização suntuosa do centro também pode ser percebida nas fazendas destes ricos fazendeiros de café. Na fazenda Monte Alegre, ao lado da sede, Francisco Schmidt construiu um jardim que indicava tal preocupação estética. Percebam na imagem que a racionalização, o domínio da natureza, a geometria, todos os elementos que estão presentes nas praças do município foram engendrados no “quintal” de sua residência (**IMAGEM 22**).



Imagem 22: Jardim da Fazenda Monte Alegre, s/ data. Fonte: APHRP, CAGNO, Carmem. **Memória fotográfica de Ribeirão Preto.** Ribeirão Preto: Prefeitura Municipal/Secretaria da Cultura, 1985, p.31.

No mesmo sentido, Rodrigo Paziani afirmou:

Rapidamente enriquecido no coffee business, Schmidt beneficiou suas próprias propriedades com maquinário agrícola, energia elétrica e rede de água e esgotos. Além disso, promoveu o embelezamento de sua residência, implementando nela a geometrização dos traçados de seus cafezais (na forma de um jardim) e a criação de carregadores – verdadeiras avenidas – em meio às plantações para facilitar o trânsito de automóveis.

²³⁴ PAZIANI, Rodrigo Ribeiro. **Construindo a Petit Paris...** op. cit., p.127.

Ou seja, os princípios haussmanianos invadiam o campo, urbanizando-o.²³⁵

No caso ribeirãopretano, a haussmanização alcançou o plano rural, como perceberemos em várias outras fazendas, a exemplo a Pau Alto de Iria Alves Ferreira. O discurso urbanístico moderno chegou em todos os cantos e modificou o cotidiano de todos, inclusive daqueles ausentes do centro urbano.

No tocante aos ausentes, temos ainda as exclusões sociais, sexuais e também étnicas, que ocorriam dentro deste centro moderno. Segundo artigo do jornal *A Cidade*, publicado em 1905, demonstra-se claramente o traço preconceituoso desta sociedade:

O espetáculo a que assistimos revoltados no Domingo á noite, quando tocava no jardim publico a banda Filhos de Euterpe, não pode e não deve repetir. Ribeirão Preto [...] não pode estar dominado por este elemento pernicioso que attenta publica e audaciosamente contra os mais comeseinhos deveres sociais, e que vai além, muito além, chegando a desrespeitar as famílias, fazendo-as retrahirem-se, fugirem daquelle logar apazível e único que possuímos. “As horisontaes”, uma cáfila de negras desocupadas e atrevidas e uma molecada insolente que esta pedindo colônia correcional... A liberdade, já tivemos á ocasião de dizer referindonos a abuzos naquelle logar, não pode ser esta criminosa. Desatenção que indivíduos mal educados querem praticar com semelhante de desenvoltura... o jardim é de todos, mas todos educados. Á prefeitura e á autoridades policiaes enderaçamos estas linhas como uma reclamação que nos fizeram muitas famílias. Esperamos o corretivo enérgico da parte das autoridades, mesmo que se torne precisa uma postura municipal prohibimdo alli a entrada dessa gente mal educada...²³⁶ (grifos nossos)

A presença da barbárie representada pelos negros faz deste universo moderno uma cidade que segrega, divide, exclue, limita... Rodrigo Faria salienta para a exclusão social do espaço, interpretação que é compartilhada por Lucas Rosa, quando o último recorda a solicitação do uso da força policial para “aplicar o corretivo enérgico se necessário”.

A divisão do espaço, recriada pela modernização/haussmanização da cidade foi sem sombra de dúvida uma releitura do espaço ribeirãopretano por meio da elite política e econômica influenciada pelos discursos da modernidade e pelas modificações de mesma ordem que adivinham da Europa.

O cotidiano de todos da localidade, como vimos, foi alterado como efeito destas transformações. Sendo Iria a “Rainha do Café”, seu reinado teve como base material a urbe

²³⁵ Idem, p.74.

²³⁶ Artigo do jornal *A cidade* de 02 de maio de 1905.

em transformação. Asfalto, água e esgoto, Código de Posturas e iluminação pública, foram as novidades vivenciadas pelo centro, espaço que expulsava os populares “bárbaros” que insistiam em emperrar o processo civilizador. (IMAGEM 23)



Imagem 23: Transporte de madeira para a serraria de Gustavo Vielhaber no centro puxada por uma espécie de carro-de-boi (1900). O uso deste meio de transporte pelas ruas centrais somente era admitido em determinadas horas do dia. Note-se, em segundo lugar, que nesse trajeto o calçamento é inexistente (provavelmente o carro-de-boi estivesse próximo a entrada da serraria). E, finalmente, o entrecruzamento de aspectos rurais e urbanos, do *rústico* carro-de-boi com os prédios de arquitetura *moderna* (acima, entre as duas casas, o prédio da Câmara). Fonte: PAZIANI, R. R. **Construindo a Petit Paris...** op. cit., p.40.

Eis um belíssimo e sincero quadro que reflete o período analisado. Ribeirão Preto não é a pequena Paris! Ela contém elementos sedutores de Paris na medida em que o centro da sua cidade é aquilo que os fazendeiros, acompanhados pelo poder público, desejaram que assim o fosse. Ser a pequena Paris era viver a representação da riqueza que convém a estes homens, cujas construções e suas grades expulsam os populares para os arredores da cidade onde imperam a poeira (não asfaltamento), a escuridão da noite (não iluminação pública), o baixo meretrício (e não as coristas e atrizes das grandes Companhias de Teatro) e as residências

daqueles indesejados pelo universo “polido” e “educado” da elite “grã-fina” e “nobre” de Ribeirão Preto.

Aos fundos da Casa de Câmara Municipal, as ruas não asfaltadas eram utilizadas pelos bois que, segundo o Código de Posturas, deveriam evitar as ruas centrais para não incomodar os cidadãos. O boi, o peão²³⁷, e todos os elementos que a sua temporalidade representa, conviveram com esta sociedade de maneira marginal, ao lado da *Petit Paris* que desprezava seus pequenos *miserables*.

Fruto do próprio tempo, a Belle Époque traz consigo o seu fantasma... a pobreza, a miséria... o outro lado da Belle époque, este lado não tão belo. Tal qual a Belle Époque, que é moderna e antimoderna por trazer à tona a barbárie de maneira tão latente, Iria Alves Ferreira não pode ser apenas compreendida como “Rainha do Café”, detentora de discursos religiosos que a santificaram e políticos que a destacavam pela majestosidade.

É necessário apresentar novas facetas... buscar mais fragmentos desta atriz que já tem palco para exercer suas negociações com a vida.

²³⁷ Sobre a figura do peão CF. PERINELLI NETO, Humberto. **A construção da Paisagem do Sertão no Brasil Moderno**: investigando e interpretando a Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos 1956/1972. Dissertação de Mestrado em História. FHDSS/Universidade Estadual Paulista, Franca: 2002.

Capítulo 3

Nas margens de Ribeirão Preto

A bela Paris ignora tais figuras pálidas de sofrimentos morais ou físicos. Mas Paris é um verdadeiro oceano. Atire a sonda e jamais conhecerá sua profundidade. Percorra-a, descreva-a! Por mais cuidado que tenha ao percorrê-la, ao descrevê-la, por mais numerosos e interessados que sejam os exploradores desse mar, sempre se encontrará um lugar virgem, um antro desconhecido, flores, pérolas, monstros, algo extraordinário, esquecido pelos mergulhadores literários.

(BALZAC, H. **O pai Goriot**. Trad. Celina Portocarrero e Ilana Heineberg. Porto Alegre: L&PM, 2006, p.28.)

3.1 – Flagrantes femininos na Belle Époque ribeirãopretana

Já vimos que a cafeicultura foi prática destoante quando analisamos os demais ofícios vivenciados pelas mulheres. Sobre Iria Alves Ferreira, vimos também que a mesma fez questão de não negligenciar seu papel materno segundo os ditames do discurso cristão. Existiriam outros exemplos de cafeicultoras, entre as demais mulheres ribeirãopretanas? Quais eram as ocupações destas representantes do seu tempo e contexto histórico? O que fizeram, como agiram, de que maneira viveram nesta cidade de raízes mineiras e de influências francesas? O que significou ser mulher em Ribeirão Preto?

Audaciosa pergunta que dificilmente uma dissertação como esta conseguirá responder. Mas as pistas são várias, e juntas, compõe um cenário feminino plural e complexo. Tal composição de imagens tem como objetivo explicitar o mosaico feminino que emergia cotidianamente aos olhos da biografada.

A partir da análise da historiadora Liamar Tuon, fazer história de Ribeirão Preto foi vivenciar os seguintes problemas:

[...] A produção acadêmica se mostrou escassa quando nos propusemos a coletar mais informações sobre a vida cultural de Ribeirão Preto no início do século. Sobre a cidade tínhamos informações esparsas que, geralmente, não fugiam das abordagens tradicionais, cujo eixo de reflexão, geralmente, são a política e a economia. Consideramos que compreender o processo de acumulação de riqueza da região é imprescindível para a compreensão da necessidade de mão-de-obra livre, porém é necessário que se perceba que os imigrantes não eram produtores de riqueza, mas também produtores, reprodutores e transformadores da cultura no município.²³⁸

Há mais de 10 anos atrás, revolucionar a historiografia local significou se enveredar em estudos sobre a cultura, posto que as pesquisas acadêmicas que versaram sobre a mesma base espacial tinham como objetivo historiar o local a partir de uma perspectiva econômica ou política. O hoje desta pesquisa se faz particularmente no período de 2007-2009, e o conjunto de trabalhos percebidos nos diversos centros de documentação e bibliotecas espalhados pelo Estado de São Paulo²³⁹, nos permitem dizer que a novidade não é mais estudar a cultura, mas

²³⁸ TUON, Liamar. **O cotidiano cultural em Ribeirão Preto** (1880-1920). Dissertação de Mestrado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 1997, p. 4.

²³⁹ Cabe aqui uma pequena percepção por parte do autor. Para além dos trabalhos não acadêmicos, conhecidos por muitos como escritos de memorialistas, as monografias de conclusão de curso em História da UNESP/Franca e do Centro Universitário Barão de Mauá/ Ribeirão Preto, assim como as dissertações e teses defendidas na última década da própria UNESP/Franca, USP (São Paulo e Ribeirão Preto) e UNICAMP, montam um painel

sim interpretar de que maneira se deu a leitura deste contexto cultural por parte dos agentes históricos no decorrer do tempo.

Posto que buscarmos o mundo em que Iria viveu (no capítulo anterior) com o intuito de perceber uma determinada lógica local, responsável por influenciar os moradores da cidade a confeccionar a representação da cafeicultora, partimos para este terceiro capítulo com uma proposta de verificar como as mulheres desta urbe foram alvo dos olhares dos periódicos. Por meio das representações femininas ribeirãopretanas, podemos interpretar os discursos obre Iria Alves Ferreira tendo como parâmetros outras figuras conterrâneas, e, também, detectar a presença, os ofícios e as práticas destas atrizes do passado nos documentos que as permitem emergir do oceano do esquecimento, ao passo que compõe este universo feminino local.

Como disse Michelle Perrot, o historiador das mulheres deve procurar o seu objeto em documentos outros que não os oficiais. Para a autora, uma opção viável seria a leitura de livros de cozinha, manuais de pedagogia, contos recreativos ou morais.²⁴⁰ De nossa parte, mesmo com raras aparições, foram nos jornais locais que as mulheres mais chamaram nossa atenção.

E estes não traziam apenas as mulheres de elite, como vimos as públicas e propagandeadas doações da benemérita cafeicultora. Em uma propaganda sobre pílulas para boa digestão, publicada em abril de 1911 no periódico “O Repórter”, é notório a figura de uma mulher vestida como dona de casa. O título é instigante: “*Como lhe affecta o toque da campainha que lhe annuncia a hora da comida?*” (**IMAGEM 24**)

plural de trabalhos que versam sobre os mais variados temas, mas ainda em caráter pioneiro.

²⁴⁰ PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 186.



Imagem 24: O REPORTE, Ribeirão Preto, 30 de Abril de 1911. APHRP

O papel social da mulher é representado de maneira bastante clara pelo “*O Repórter*”. Ser dona-de-casa, esposa, mãe, era agir como “naturalmente” se esperava, segundo os documentos da época, como jornais, revistas e outros. As brasileiras tinham um modelo bem definido a seguir. Um manual de economia doméstica datado de 1916, de nome “*O lar feliz*”, divulgou o papel de homens e mulheres na sociedade brasileira da seguinte forma:

Entretanto à mulher incumbe sempre fazer do lar – modestíssimo que seja ele – um templo em que se cultue a Felicidade; à mulher compete encaminhar para casa o raio de luz que dissipa o tédio, assim como os raios de sol dão cabo dos mais micróbios... Quando há o que prenda a atenção em casa, ninguém vai procurar fora divertimentos dispendiosos ou prejudiciais; o pai ao deixar o trabalho de cada dia, só tem uma idéia:

voltar para casa, afim de introduzir ali algum melhoramento ou de cultivar o jardim. Mas se o lar tem por administrador uma mulher, mulher dedicada e com amor à ordem, isso então é saúde para todos, é a união dos corações, a felicidade perfeita no pequeno Estado, cujo ministro da Fazenda é o pai, cabendo à companheira de sua vida a pasta política, os negócios do Interior.²⁴¹

Segundo o manual, a felicidade do “Estado” depende do bom exercício de cada partícipe do casal. Ao homem o verbo “administrar” e a mulher o “cuidar” do lar, são as responsabilidades atribuídas para este bom andamento da vida familiar, além de que, ao agir assim a mulher ficaria isenta da preocupação do homem encontrar motivos para quaisquer “divertimentos dispendiosos ou prejudiciais”. Tal divisão sexual de deveres e obrigações pode ser observada no Código Civil de 1916, como salientou as historiadoras Marina Maluf e Maria Lúcia Mott. Nele a esposa era subordinada ao marido, posto que era considerada “inabilitada para o exercício de determinados atos civis, limitações só comparáveis às que eram impostas aos pródigos, aos menores de idade e aos índios”.²⁴²

Sabedores de que o contexto pintava a representação da mulher com estas tintas, retomemos as perguntas anteriores: como foi a vivência das ribeirãopretana no princípio do século XX? Ou melhor, antes devemos responder – *O que é ser mulher em Ribeirão Preto?*

A partir de uma leitura de viés antropológico, inicialmente podemos interpretar a “mulher ribeirãopretana” como uma grande representação marcada pelo pluralismo, pela não existência de uma única etnia, língua ou religião. Assim como os homens, entender-se ribeirãopretano é carregar as temporalidades que se fizeram presentes na trajetória da cidade que, como vimos, foi experienciada por diferentes agentes em diferentes épocas. São mineiras que povoaram o nordeste paulista na migração destacada no primeiro capítulo, são paulistas que comercializaram, negociaram e interagiram com tais migrantes, são imigrantes que chegaram com os trilhos do café, como as italianas, espanholas, austríacas, alemães, africanas, portuguesas, turcas, francesas, asiáticas, como percebido em tabela anterior (**TABELA 6**).²⁴³

Tal democracia étnica e cultural não significou compreensão das diferenças, apesar de alguns memorialistas afirmarem a democracia racial em Ribeirão Preto, como é o caso de

²⁴¹ ‘O Lar feliz’, p.07-08. Apud: MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. *Recônditos do mundo feminino*. In: NOVAIS, Fernando (dir.); SEVCENKO, Nicolau (org.) **História da vida privada no Brasil**: República, da Belle Époque a era do rádio. Companhia das Letras: São Paulo, 1999, p.374.

²⁴² MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. *Recônditos do mundo feminino...* Op. cit., p.375.

²⁴³ A **TABELA 6** se encontra na página 68. Já nas palavras de Tuon: “Em Ribeirão Preto, mundos diferentes se cruzaram, a cultura simples dos mineiros, um pouco da tradição cultural negra e mestiça, os costumes dos imigrantes e a vontade da elite da cidade de se assemelhar com a Europa, não a Europa de seus imigrantes, mas, aquela onde ‘Belle Époque’ atingiu o seu maior esplendor, a França e a Inglaterra”. TUON. L. **O cotidiano cultural...** op. cit., p. 68.

Rubem Cione. Tal argumento sobeja frente aos inúmeros casos de preconceito encontrados em diversos documetos, como é o caso deste artigo no periódico “*A Cidade*” de 1905:

[...] O espetáculo a que assistimos revoltados no Domingo á noite, quando tocava no jardim publico a banda Filhos de Euterpe, não pode e não deve repetir. Ribeirão Preto [...] não pode estar dominado por este elemento pernicioso que attenta publica e audaciosamente contra os mais comesinhos deveres sociais, e que vai além, muito além, chegando a desrespeitar as famílias, fazendo-as retrahirem-se, fugirem daquelle logar aprazível e único que possuímos. “As horisontaes”, uma cáfila de negras desocupadas e atrevidas e uma molecada insolente que esta pedindo colônia correcional [...] A liberdade, já tivemos á ocasião de dizer referindo-nos a abuzos naquelle logar, não pode ser esta criminoso. Desatenção que indivíduos mal educados querem praticar com similhante de desenvoltura [...] o jardim é de todos, mas todos educados. Á prefeitura e á autoridades policiaes enderaçamos estas linhas como uma reclamação que nos fizeram muitas famílias. Esperamos o corretivo enérgico da parte das autoridades, mesmo que se torne precisa uma postura municipal prohibimdo alli a entrada dessa gente mal educada.[...] ²⁴⁴ (grifos nossos)

Primeiro: não há chances de acreditarmos em compreensão étnica no princípio do século no município. Segundo: os jornais não escondem o descontentamento branco com a presença dos negros no jardim público, posto que o jardim, argumentação do autor, é de todos aqueles que são educados.

Cáfila de negras é o termo empregado pelo autor do jornal. Sendo cáfila o coletivo de camelos, trata-se de uma comparação das negras enquanto tais animais que executavam serviços árduos no deserto. A metáfora foi construída tendo em vista a escravidão que o Brasil viveu até 1888 (Lei Áurea), em que os negros eram utilizados como escravos nos serviços braçais ou outros tipos que o seu senhor designava. Em pleno século XX, contexto de avanços tecnológicos na cidade como o advento da ferrovia, da iluminação pública, do cinema e teatro, das idéias liberais e da construção da “petit Paris”, a maneira com que a sociedade local se reportava a adaptação recente dos negros libertos era feita a base de uma lógica excludente, escravista e pré-conceituosa.

Na dissertação de Maria Angélica Momenso Garcia identificamos um caso de preconceito que culminou em processo criminal. Eloy Agapito e João Rodrigues são os protagonistas deste caso. Na noite de 01 de outubro de 1902 travaram um briga que culminou numa facada de Eloy em João, por conta do desejo do negro Eloy em casar-se com a filha de João (cujo nome é desconhecido). Segundo o relato da historiadora, Eloy teria dito

²⁴⁴ A CIDADE, Ribeirão Preto, 02.05.1905, In: Rosa, Lucas Augusto. **Sementes de macadame...** Op. cit., p.77.

que se casaria com a moça “*por bem, ou por força*”, e ela alegava não se casar com negros. A agressão acarretou a Eloy um período de dez meses de detenção.²⁴⁵

Em outra perspectiva, na obra de Prisco da Cruz Prates, é ressaltada a figura da negra Etelvina – a “gata preta”. Nos idos de 1913, a baiana Etelvina era dona de um prostíbulo que fazia sucesso na cidade, localizado na esquina das ruas Saldanha Marinho e Américo Brasiliense. De escrita jocosa, Prates afirma que a mesma não angariava muito dinheiro a partir de seus negócios e tentava a sorte com o “jogo de bicho”, o que numa ocasião lhe rendera a quantia de 5 contos de réis.

Com dinheiro na mão, a “gata-preta” realizou seu sonho! Pediu o “*caixão mais luxuoso que a empresa poderia fazer*” e assim que o mesmo ficou pronto, passou a deitar-se em seu leito fúnebre perguntando aos expectadores “*se ela estava bonita como era do seu desejo depois de morta*”, quando todos respondiam: “*que defunto nenhum visto pelos mesmos, fossem tão lindos como ela, dentro do seu caixão!*”²⁴⁶

Quanto às mulheres brancas, o esperado era que cumprisse com o papel social que lhe era incumbido, ser boa mãe e dona de casa. Iria Alves Ferreira não viveu o suficiente para perceber as grandes conseqüências da revolução sexual no município. O que não se concretizou com todas, haja vista a presença de mulheres em grupos anteriormente masculinos, como a própria Iria e Francisca Silveira do Val, como tantas outras que se farão presentes nos próximos parágrafos.

Se buscarmos mais uma vez o auxílio de Garcia, encontraremos uma informação valiosa. Em 1902, por ocasião do *Segundo Congresso Socialista* na cidade de São Paulo, percebeu-se a presença de inúmeros representantes de várias partes do estado (de 37 corporações 25 o representavam). Com o objetivo de criar o Partido Socialista Brasileiro, este encontro teve a maioria dos integrantes paulistanos e italianos, entretanto, a autora destaca também a presença de grupos do interior, sendo que um deles – o *Grupo Socialista Feminino de Ribeirão Preto* – representado por Rina Ranzenigo.²⁴⁷

Por ser a única mulher a ocupar tal posição política no encontro, Rina Ranzenigo se destacou. Um dado importante para refletirmos o peso desse tipo de vivência é a documentação acerca destes eventos, posto que os “*registros de uma participação e atuação em formas de luta e resistência de mulheres trabalhadoras e a própria maneira como*

²⁴⁵ GARCIA, Maria Angélica Momenso. **Trabalho e resistência:** os trabalhadores rurais na região de Ribeirão Preto (1890-1920). Dissertação de Mestrado em História. FHDSS. Universidade Estadual Paulista. Franca, 2004, p.122.

²⁴⁶ PRATES, Prisco da Cruz. **Relembrando o passado.** 2ª. Ed. Ribeirão Preto: Gráfica União, 1979, p.21-23.

²⁴⁷ GARCIA, Maria Angélica Momenso. **Trabalho e resistência...** op. cit., p.132.

inserir-se no mundo do trabalho são quase inexistentes, somente mencionadas em raros momentos”²⁴⁸. Portanto, identificar Rina neste contexto é potencializar sua participação na política em pleno 1902.

Causando menos surpresa, porém ressaltando a pluralidade desta cidade repleta de imagens femininas, devemos nos atentar às *irmãs* que aqui se instalaram. Representantes religiosas, muitas que aqui habitaram, viveram para a educação feminina fundando instituições como o Colégio Metodista em 1889²⁴⁹, Colégio Santa Úrsula em 1912²⁵⁰, Nossa Senhora Auxiliadora em 1918²⁵¹, entre outras... Vale-se ressaltar os esforços dessas mulheres nas palavras de Cione:

Alguns nos após a instalação do trabalho a Igreja Metodista em Ribeirão, os reverendos E. E. Joiner e James Hamilton solicitaram à “Divisão de Senhoras” da Igreja Metodista Americana para que se incumbisse da instalação de uma escola nesta cidade... Em 1.899, o reverendo E. R. Hendrix, bispo da Igreja Americana nomeou Miss Leonora Schmith para empreender a tarefa de estabelecer a escola, a missionária veio pra cá, contando apenas com seu salário de missionária. Como não havia recursos financeiros para pagar aluguel, a escola começou a funcionar no interior do próprio templo metodista, no dia 5 de setembro de 1.899.

Em janeiro de 1.900 foi alugada uma casa para o funcionamento da escola e mais uma missionária veio para trabalhar como professora era Miss Mamie Flenley, no entanto os alunos não vinham como era esperado, as aulas estavam sendo ministradas apenas para 10 alunos, os quais na maioria foram matriculados gratuitamente.

Passado alguns meses a situação da escola começou a mudar com o número de alunos matriculados aumentando de maneira extraordinária, que obrigou as missionárias, a transferi-la para uma casa maior.

Entretanto, não havia dinheiro para comprar carteiras e chegou o dia em que os professores se viram obrigados a usar da criatividade para acomodar as alunas. Para tanto realizaram uma campanha junto as casas de comércio da cidade, onde conseguiram arranjar certa quantidade de caixotes grandes e pequenos, adaptando uns para carteiras e outros para cadeiras.

Em 1.903 a escola foi obrigada a fechar suas portas, devido a grande epidemia de febre amarela que atingiu a cidade naquele ano. Quando foi divulgada a notícia da epidemia, todos que puderam deixaram a cidade apressadamente. Os pais foram buscar suas filhas no colégio, e as professoras, sem trabalho, foram licenciadas até que melhorasse o estado de saúde na cidade.²⁵²

²⁴⁸ GARCIA, Maria Angélica Momenso. **Trabalho e resistência...** op. cit., p.135.

²⁴⁹ ALMEIDA, Vasni de. **Converter, ensinar e conformar:** a missão metodista em Ribeirão Preto (1896-1950). Dissertação de Mestrado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 1997, p.76.

²⁵⁰ Fundado pela Madre Sainte Croix Chretien em 14 de fevereiro de 1912. Verificar CIONE, Rubem. **História de Ribeirão Preto..** Op. cit., p.251-252.

²⁵¹ FURTADO, A. C. **Mulheres cultas e devotas:** o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Ribeirão Preto (1918-1960). Dissertação de Mestrado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2001.

²⁵² CIONE, Rubem. **História de Ribeirão Preto...** Op cit., 247-248.

Qualquer iniciativa tomada pelas professoras da cidade estava dentro de um projeto educacional particular. Pelo menos até 1907 com a instalação do Ginásio do Estado. Contudo, Marcos Vinícius da Cunha alerta que o poder público, antes mesmo de 1907, se organizou em esforços como organizar algumas aulas particulares aos filhos da “classe trabalhadora”, iniciativa que contou com os membros da *Loja Maçônica Integridade e Pátria* numa escola noturna.²⁵³

Mesmo que Marcos Cunha tenha dito que a hegemonia do ensino particular vai até 1907, *O Livro Contrato de Locação de Serviços e Outros (livro de registro e naturalização)* de 1904, encontrado no Arquivo Público de Ribeirão Preto, nos informa a presença de professoras públicas antes da instalação do Ginásio do Estado. Em determinada passagem da carta da professora Joaquina Maria Bueno:

... foi apresentada para ser registrada a Carta da professora publica desta Villa, a qual é a seguinte: o Conselheiro Francisco de Carvalho Soares Brandão, Presidente da Província de São Paulo (ilegível) Faço saber, que aos que virem esta carta que, tendo de prover-se a Cadeira de primeiras letras do sexo feminino da Villa do Ribeirão Preto em pessoa de capacidade de préstimo e concorrendo taes circunstancias na de Joaquina Maria Bueno que foi examinada e simplesmente aprovada em exame perante o governo, a começo por esta o faço, professora publica interina daquela cadeira. Com os sentimentos que lhe conferirem na forma das Leis em vigor, devendo apresentar esta, a Comarca Municipal respectiva, a Inspectoria Geral da Instrução Publica e faze-la registrar no Thesouro Provincial.²⁵⁴

A Inspectoria Geral da Instrução Pública, órgão responsável pela organização e administração da educação destes cidadãos “modernos”, emprestava e retirava o poder de lecionar dos professores(as). É claro que somente o Conselheiro, um homem, no caso o senhor Francisco de Carvalho Soares Brandão²⁵⁵, poderia legitimar a prática da docência feminina, para as crianças de Ribeirão Preto.

Ganha cores a participação feminina na história da localidade. Estas mulheres se envolviam com os projetos da Igreja, vestiam-se como professoras e educadoras, ou seja, civilizadoras dos próximos cidadãos da futura Ribeirão Preto. Com muito custo, como relatou Cione, elas edificaram escolas, salas de aula e “mobiliário” para o bom andamento de seu

²⁵³ CUNHA, Marcos Vinícius da. **Educação e política em Ribeirão Preto: a fundação e os primeiros anos do Ginásio do Estado.** Dissertação de Mestrado. (1907-1920). Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 1988, p.19.

²⁵⁴ “Registro da Carta da Professora publica desta Villa, Joaquina Maria Bueno”, **Livro Contrato de Locação de Serviços e Outros**, p. 03-05. In: APHRP.

²⁵⁵ Há de se ressaltar que ocupou o cargo de Presidente da Província de São Paulo entre os anos 1882 e 1883.

exercício cristão. O Jornal A Cidade publicou uma matéria que convidava os pais a escolherem o Colégio Santa Úrsula como educação ideal para os filhos utilizando da seguinte propaganda:

**COLLEGIO SANTA URSULA: PARA EDUCAÇÃO CATHOLICA
E INSTRUÇÃO DAS MENINAS**

Ensino se faz em Portuguez
Linguas - Francez, inglez, italiano, desenho, pintura, pyrogravura, solfejo,
piano, violino, bandolin.
Trabalhos manuaes e costura, bordado a branco e a cores, cortes de
vestidos, Flores artificiaes.
JARDIM DA INFANCIA
Recebemos meninos e meninas desde 4 annos.
Cursos para meninos dos 6 aos 12 annos.²⁵⁶

Em pesquisa recentemente realizada pela historiadora Lúcia Jayme²⁵⁷, podemos observar os dados referentes a um recenseamento realizado no ano de 1920. A partir deste documento, afirma-se que (a partir das escolas urbanas) num total de 2740 alunos, 1293 eram meninas, ou seja, 47% dos alunos que ocupavam as cadeiras destas escolas eram futuras cidadãs ribeirãopretanas.

Por mais que tais números possam destacar uma presença feminina considerável nos bancos escolares, as “disciplinas” demonstravam um intuito deveras conservador na construção desta cidadã. A educação num sentido maior, ou seja, não necessariamente aquela desenvolvida em sala de aula, deveria estar atenta as certas recomendações sociais, como alerta em dissertação defendida recentemente a historiadora Elisa Maria Verona, “... *Quanto à educação feminina, recomendavam certa prudência nos estímulos intelectuais – os excessos desses estímulos poderiam concorrer para o desajuste social das moças e, até mesmo, para uma disfunção nervosa*”.²⁵⁸

Para que isso não ocorresse, a escola optou por ensinar as meninas por meio de prática de instrumentos como o piano, violino e bandolin para desenvolvimento musical (para além do entoar os cânticos durante os momentos de treino de solfejo), aulas de francês, inglês e

²⁵⁶ A CIDADE, Ribeirão Preto, Domingo, 16.01.1916, n. 3585, p.02. **Fonte:** APHRP.

²⁵⁷ JAYME, Lúcia de Rezende. **Nas sombras das luzes educacionais:** as escolas isoladas em Ribeirão Preto (1890-1920). Monografia de conclusão de Curso. CUBM: Ribeirão Preto, 2007, p.100.

²⁵⁸ VERONA, Elisa Maria. **Da feminilidade oitocentista.** Dissertação de Mestrado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2007, p. 107.

italiano para a comunicação em diversas línguas, conhecimentos em desenho, pintura e pirogravura. Todas são ações responsáveis pela criação de uma determinada cidadã, aquela que desempenhará seu papel como digníssima mãe dona-de-casa. Assim como os “*trabalhos manuaes e costura, bordado a branco e a cores, cortes de vestidos, flores artificiaes*”, todos elementos constitutivos de uma formação que levou em conta a construção de determinadas representações femininas atreladas a docilidade, ao cuidado com a casa e a família. Como acredita Maria Lúcia Rocha-Coutinho, “*as meninas eram encorajadas a serem dóceis, boazinhas, úteis, prestativas, cooperativas, cordiais, tolerantes, compreensivas, a não incomodarem as pessoas e a não dizer não*”.²⁵⁹

“*A educação feminina durante o século XIX*”, título de obra escrita por Arilda Inês Miranda Ribeiro, abarca esta mesma questão em outro município (Campinas). Segundo a historiadora, o *Colégio Florence* entre os idos de 1863 e 1871 disponibilizou para suas alunas as seguintes disciplinas: “*Doutrina Cristã, História Sagrada, Gramática Portuguesa e exercícios de estilo. História, Geografia, Aritmética, Geometria*”. Além de “*Trabalhos de Agulha, Crochê, Bordados e Leitura. Alemão, Inglês e Francês, Música, Canto, Piano e Desenho*”.²⁶⁰

Sendo as responsáveis por ministrar estas disciplinas as próprias professoras, Ribeirão Preto se viu palco reprodutor de uma formação social de “longa duração” – a educação das crianças para formação dos diferentes gêneros e suas respectivas obrigações sociais por intermédio das próprias mulheres. Séculos pesaram nos ombros destas senhoras ao formarem aquelas pequenas alunas aos moldes sociais viciados pela forma civilizada e pelos valores embebidos de vigilância e repugnância (como já havia nos dito Norbert Elias).²⁶¹

Polir as mulheres significou a formação de cidadãs competentes para sair a rua e ganhar os espaços públicos. E para vivenciar as relações sociais fora de casa, era necessário antes de qualquer iniciativa, “saber conversar”. É por isso que as mulheres passaram a receber

²⁵⁹ ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por detrás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.59.

²⁶⁰ RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. **A educação feminina durante o século XIX: o Colégio Florence de Campinas 1864-1889**. 2.ed. Campinas, SP: UNICAMP/CMU, 2006, p.90.

²⁶¹ Tais modificações da compreensão acerca da educação das mulheres da Primeira República, derivam de características tipicamente renascentistas tais como o gosto pela solidão, as práticas de leitura, a individualização e personalização do lar, bem como, especialmente, a constituição de uma sociedade dotada de espaços ligados a esfera pública de ação entre os homens, caso especial das cortes que tornavam a mulher um ser apreciado, admirado, digno de reconhecimento pelos bons modos, pela beleza, sutileza e docilidade de seus gestos. Como diria Jean Delumeau: “O novo lugar dado à mulher, pelo menos no escalão superior da sociedade, explica-se, especialmente, pelo desenvolvimento da vida das cortes. A reabilitação da mulher operou-se a partir do momento em que se começou a ter tempo de conversar. Ora o Renascimento permitia aos grandes o prazer da conversa.” DELUMEAU, Jean. *A civilização do Renascimento*. Lisboa, Estampa, 1984, v II, p. 90 –91. In: MARQUES, A. M.; BERUTTI, F. C.; FARIA R. C. **História moderna através de textos**. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2001, p.160-161.

uma educação baseada na observância da etiqueta social: tornaram-se exigências os conhecimentos sobre dança, receber visitas, “*de literatura, de pintura e de música*”.²⁶² Sejam professoras, sejam alunas, a reprodução do modelo masculino como provedor do lar e do feminino como mãe/dona-de-casa, permaneceu mesmo com tantos atributos intelectuais desenvolvidos nos bancos escolares.

De todas as professoras, houve uma que ganhou destaque nacional – Zoraide Rocha de Freitas. Nascida em Ribeirão Preto em 13 de fevereiro de 1899, trabalhou a vida toda com a educação. Depois de cursar o “primário” e “ginásial” em escolas da mesma cidade, estudou na Escola Normal de Casa Branca, recebendo seu diploma de professora aos 17 anos de idade, quando imediatamente iniciou o magistério. Em 1955, Zoraide foi a primeira mulher ribeirãopretana a ser nomeada a Academia Brasileira de Letras.²⁶³ (IMAGEM 25)

²⁶² Idem, p.161.

²⁶³ Em sua biografia, achamos inúmeras e impressionantes ações. Foi professora de Português e Educação Moral e Cívica na Escola Profissional Secundária de Ribeirão Preto. Em 1937 foi nomeada diretora da Escola Profissional de Jaboticabal e em 1943, vice-diretora da Escola Industrial Carlos de Campos em São Paulo. A partir daí, outras atribuições vieram como, por exemplo, responsável pela Educação Extracurricular e chefe do Setor de Cultura Geral, ambas no Departamento de Ensino Profissional. Aposentou-se em 1957, tendo se dedicado ao estudo do latim, inglês, esperanto, italiano e alemão, tinha conhecimentos com pintura a óleo e pratica música. Realizou um curso rápido de enfermagem e outro de Sagrada Escritura. Obteve um certificado de aproveitamento de biblioteca e museu escolares e se dedicou ao estudo de grafologia. Ainda é necessário pontuar que a mesma cursou o 4 primeiros anos do Curso de Direito, e não terminou pelas responsabilidades com as escolas em que trabalhou. Ganhou incontáveis prêmios e títulos, dentre os quais poderíamos destacar a Medalha e o Diploma do Mérito Santos Dumont por meio da própria Presidência da República (1957). O estado de São Paulo, do Paraná, a prefeitura de Ribeirão Preto e até mesmo o Ministério da Aeronáutica figuram entre as instituições que a premiaram de alguma maneira. Foi membro da academia ribeirãopretana de Letras e fez parte da Sociedade de Homens de Letras do Brasil, assim como a Ordem dos velhos jornalistas de São Paulo. Sócia do Centro do Professorado Paulista e do Centro Professorado Católico de Ribeirão Preto, tornou-se titular da Academia Paulista de Educação (1977), falecendo em 1999. As informações referentes a Zoraide Rocha de Freitas foram extraída de: KASSAB, Pedro. **Culturalismo**: a educação paulista e sua academia. Barueri: Manole; Brasília-DF: Instituto Tancredo Neves, 2004, p.02-06.



Imagem 25: Zoraide Rocha de Freitas. In: “*Zoraide Rocha de Freitas – uma ribeirãopretana premiada na pela Academia Brasileira de Letras*”. Diário da Manhã, 25 de Julho de 1976. **Fonte:** APHRP.

A maior parte da vida de Zoraide foi fora de Ribeirão, inclusive em momento posterior a temporalidade recortada nesta dissertação (1886-1920). Cito a educadora em questão para salientar que, graças a um conjunto de experiências na sua infância, dentre elas aquelas relacionadas às escolas da cidade, tornou-se professora muito jovem, participando ativamente deste grupo de mulheres professoras nas primeiras décadas do século XX.

Já no fim da vida, sabedora de como se expressar e comunicar em mais de 5 línguas, deteve um conjunto de atributos que lhe renderam inúmeros prêmios e homenagens. Foi a educadora modelo e viveu para a educação, aguarda alguém cujo ofício e a paixão se encontrem para biografar tal caminhada histórica.

Como Zoraide, outras tantas professoras também deixaram marcas na documentação. Contudo, não se comparam homenagens e no louvor dos periódicos. O Jornal A Cidade, em reportagens dos primeiros anos da década de 1910, destacou inúmeras participações de mulheres na educação das crianças de Ribeirão Preto, como veremos abaixo:

JARDIM DA INFANCIA

A prosecta educadora exma. sra. d. maria Amalia de Oliveira Pinto, incançável directora do acreditado estabelecimento de ensino “collegio Progresso” no intuito louvável e generoso de dotar a nossa cidade com um jardim de infancia, modelado pelos congeneres da capital, vae dedicar-se ao assumpto, o que vale dizer que dentro de pouco tempo será uma realidade o seu magnifico projecto.

Para estabelecer o jardim, de modo a satisfazer cabalmente o fim a que se destina, será escolhido um predio em local apropriado, com a indispensavel sala espaçosa para jogos de acção com que as crianças farão agradável e hygienico entretrenimento nos dias de máo tempo, além desta terá amis duas salas menores para vários fins, mobiliadas constantemente, com cadeiras, armários, lavatorios e mezas, indispensaveis e será tomado cuidadosamente pessoal competente para dirigir os trabalhos infantis e constantes de regulamento porque se segue os jardins dessa natureza.

Os “jogos, dons e dadivas” serão adquiridos pelos modelos dos que se encontram nos jardins ja estabelecidos nos centros civilisados.

Levando os nossos ardentes applausos á exma. sra. dra. Maria Amalia cuja dedicação e esforço em beneficio do ensino público. Nesta cidade são sobejamente reconhecidos, resta-nos aguardar anciosos a realização do seu bello projecto que virá encher sensivel lacuna no nosso meio social onde a população infantil é das mais numerosas.

Parabéns á distincta educadora.²⁶⁴ (grifos nossos)

Parabéns a distinta educadora! Congratulações ao esforço de Maria Amália ao fazer do espaço responsável pela formação desta clientela a mais apropriada possível. Por apropriada, leia-se respeitosa aos ditames da civilização implementados em tantas frentes como no Código de Posturas, na arquitetura e no projeto urbanístico da cidade, e agora, como vimos, na formação dos alunos do Jardim de Infância.

Ser professora é tarefa muito importante, posto que carregar consigo o saber é, em virtude desta sociedade que se esforça cotidianamente em fugir do estado de barbárie, ser o agente civilizador em momento clímax da formação humana. É parte deste projeto moderno, a participação de todos os membros desta coletividade urbana, não apenas o poder público, mas sim a aceitação e a crença popular de que esta modernidade trará frutos positivos e melhorias para o futuro.

Em algumas instituições como o Colégio Stafford, encontramos mulheres em posições de comando como diretoras, ou seja, foram além do papel de professoras. Tal inserção exigiu um jogo político mais delicado, na medida em que assumiram cargos cuja responsabilidade era sem dúvida maior:

²⁶⁴ A CIDADE, Ribeirão Preto, Domingo, 09.01.1910, n. 1549, p.01. **Fonte:** APHRP.

**COLLEGIO STAFFORD
INTERNATO E EXTERNATO PARA MENINAS**

Este acreditado estabelecimento de instrução primária e secundária, rebre suas aulas no dia 3 de Fevereiro, começando as inscrições para a matrícula das alumnas no dia 25 de janeiro, das 2 às 4 horas da tarde no próprio estabelecimento á rua de S. João 21.

As directoras,
Blandina Ratto
Ida Stott ²⁶⁵

Além das irmãs educadoras, e das profissionais da educação salientadas acima, em especial Maria Amália de Oliveira Pinto e as diretoras Blandina Ratto e Ida Stott, sem nos esquecermos, é claro, da reconhecida Zoraide da Rocha, é possível ainda tirar dos jornais outra diretora, como D. Carolina Rodrigues²⁶⁶ responsável pelo Colégio Progresso e mais professoras, como D. Maria Augusta Ramos²⁶⁷ que lecionou na Escola Isolada “Salles”, mais Philomena Fagnani e Lydia dos Santos, que ministraram aulas na Escola Feminina do Barracão. ²⁶⁸ Das petições à Câmara Municipal, é possível visualizar Maria Pia Righi pedindo auxílio em dinheiro para a manutenção de uma escola mista para alunos pobres. ²⁶⁹

Documentação rara e de difícil localização, os livros de presença dos alunos da Escola Feminina do Barracão trazem uma informação pertinente. **(IMAGEM 26)**

²⁶⁵ A CIDADE, Ribeirão Preto, Quarta-feira, 05.01.1910, n. 1545, p.02. **Fonte:** APHRP.

²⁶⁶ “A exma. sra. d. Carolina Rodrigues, directora do acreditado estabelecimento de ensino “Collegio Rodrigues” para meninos e meninas, comunica-nos que estão abertas as matrículas à Rua Barão do Amazonas, n. 29” In: A CIDADE, **MATRÍCULAS**. Ribeirão Preto, Sábado, 21.01.1861, n. 1545, p.02. **Fonte:** APHRP.

²⁶⁷ “Acha-se aberta a matrícula da primeira Escola feminina de “Salles”, à rua São Sebastião 79, regida pela professora Maria Augusta Ramos.” In: A CIDADE, **ESCOLA ISOLADA**. Ribeirão Preto, Domingo, 19.07.1914, n. 3139, p.02. **Fonte:** APHRP.

²⁶⁸ “Foi nomeada para reger a escola feminina do Barracão com vaga remoção de d. Philomena Fagnani para o primeiro grupo desta cidade, a professora d. Lydia dos Santos.” A CIDADE, **PELO ENSINO**. Ribeirão Preto, Domingo, 01.08.1915, n. 3447, p.01. **Fonte:** APHRP.

²⁶⁹ Correspondências da Câmara Municipal. Fonte: APHRP. Ver também em: JAYME, L. R. **Nas sombras...** Op. cit.

Aluna	MÉDIA DE EXAMES		Despontamento	Aprovada	Desaprovada	Faltas	Nota total	Médias	Observações
	F	C							
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									
11									
12									
13									
14									
15									
16									
17									
18									
19									

*Escola Feminina do Barracão,
Mez de Dezembro de 1906*

Observações:

“Foram eliminadas 7 alumnas por doença (trachoma) e matriculadas outras 7.

Foi feito o exame final no dia 17 de Dezembro de 1906 sendo respondida a chamada 25 alumnas das 34 matriculadas. Foram examinadores os Srs. Dr. Loyolla e Arnaldo Guilherme Chrystiano professor Normalista e Ituverava.”

Imagem 26: Livro de presença da Escola Feminina do Barracão – 1906, p.25. AESP

A partir deste documento alguns apontamentos devem ser feitos. Primeiro, a ‘eliminação’ de 7 alunas por motivos de doença nos convida a refletir acerca da freqüência destas crianças à escola. Em outras folhas referentes a outros períodos da mesma escola, podemos encontrar diversos motivos para as ausências das alunas: “1, 8, 17 e 20 estão de licença por acharem-se atacadas peça coqueluche”²⁷⁰ e “32 e 34 retiraram-se para apanhar café”²⁷¹ registrou a Professora Maria Conceição Oliveira, no mês de maio do mesmo ano.

Além de levarmos em consideração as eliminações e desistências por conta de doenças e/ou trabalho quando na ajuda a família, Jayme chama a atenção para um número de crianças que não estão nas estatísticas, aquelas proibidas pelo Art.48º do Livro número 2 de Leis e Decretos do Município:

Art. 48º Não podem ser matriculados:

- a) As meninas nas escolas do sexo masculino e os meninos nas do sexo feminino;
- b) As crianças de idade inferior a 6 anos ou superior a 17;
- c) Os que soffrem molestia contagiosa os repugnantes, os imbecis e os que por defeito organico forem incapazes de receber instruccões;
- d) Os que não houveram sido vaccinados ou revaccinados.²⁷²

²⁷⁰ Livro de presença da Escola Feminina do Barracão – 1906, p.11. AESP.

²⁷¹ Idem, p.12.

²⁷² Livro número 2 de Leis e Decretos do município. Fonte: JAYME, L. R. *Nas sombras...* Op. cit., p.102.

Ou seja, este modelo educacional não era universal, portanto, não podemos criar aqui uma interpretação que coloque a forma de educar como ‘única e certa’, haja vista os impeditivos salientados. A regupgnância moderna deixou muitas crianças sem a erudição desejada pela elite civilizada, desejosa que suas filhas fossem conhecedoras das disciplinas ministradas e por conseguinte do ‘bom comportamento’.

Outro fator que o livro de presença ainda nos pede atenção é a presença de examinadores homens e professoras mulheres. O processo de avaliação do ‘saber’ percorre uma rede deveras desigual no tocante a questão de gênero – enquanto as professoras Maria Conceição Oliveira, Augusta Bemvinda dos Santos Moraes, Odila Fagundes ou a substituta Albertina Portugal²⁷³ lecionam os senhores Dr. Loyolla e Arnaldo Crystiano julgam o futuro das alunas. Neste caso, as alunas devem aprender com as professoras a prestar a prova que os examinadores lerão. Ocorre uma aceitação e legitimação do mando e da autoridade masculinas no próprio processo de entrega do saber, tendo em vista que os detentores do ‘diploma’ ou ‘certificado’ são homens.

Portanto, compreender tais representações femininas e as maneiras quais ocorrem sua tessitura, foi empreender um proveitoso passeio por este universo feminino o qual Iria é agente. Não há documentos, dentre aqueles pesquisados, que indiquem um gosto pela leitura, pela música, ou pelas atividades desenvolvidas nas civilizadas disciplinas para a cafeicultora. Enquanto “Rainha do Café” pode educar seus filhos a partir destas novas estratégias, mesmo tendo sido educada pelo século XIX - ss meninas da Ribeirão Preto da transição do século XIX para o XX, vivenciaram um mundo onde a moda e os costumes civilizados era a ordem do dia!

3.2 – Negociação, sedução e apropriação: de como a conservadora “Rainha do Café” foi influenciada pelas mudanças sociais ribeirãopretanas

O “ganhar as ruas” foi considerado um das conquistas da revolução feminina, característica percebida não apenas com a presença das mulheres nos espaços públicos, mas sim, a maneira como se faziam presentes no mesmo. Sair a rua não pode ser interpretado

²⁷³ Todas estas professoras foram encontradas no Livro de presença da Escola Feminina do Barracão de 1906. AESP. Chamo a atenção para a presença de apenas um professor, o Sr. Salvador Rocco que assinou o documento apenas durante o mês de Março do ano em questão.

como um simples gesto de ganhar a liberdade da casa, a prisão domiciliar, ou o enclausuramento feminino de séculos... Para estas mulheres, permitir-se a violenta e contagiante aventura moderna espalhada pelos logradouros públicos significou ser vista e participar dos discursos normativos que construía o cotidiano das cidades.

Ou seja, para sair à rua é preciso saber se comportar. Uma determinada vestimenta para uma dada ocasião, um gestual adequado para responder aos estímulos do mundo. Uma vigilância constante somada a preocupação com a etiqueta marcam a inserção da moda nessa sociedade de professoras, irmãs, mulheres de elite, e outras atrizes mais... Iria Alves Ferreira, por viver esta transformação da cidade em idade adulta e avançada, não parece se permitir comprar o discurso francês vigente na época da Belle Époque. (IMAGEM 27)

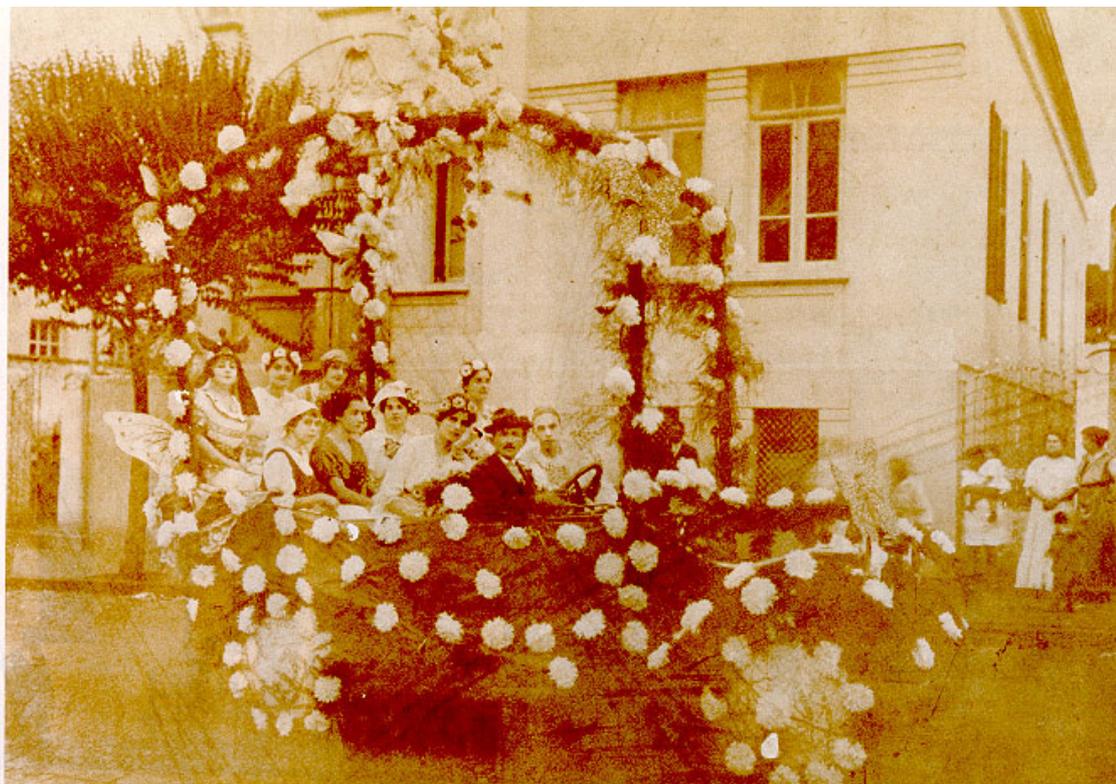


Imagem 27: Grupo de rapazes e moças da família Junqueira se divertindo num curso carnavalesco, 1915. In: CAGNO, Carmem. *Memória fotográfica...* op. cit. p.68.

Sendo o carnaval o momento de permissividade, os elementos do curso se vestem com fantasias, maquiagem, brincando o carnaval com a permissão da sociedade que fecha os olhos para a profanação legal²⁷⁴. Estão dentro do carro, da esquerda para a direita, Inocência Diniz Junqueira, vestindo chifres e outros adornos, ao seu lado Donguita Junqueira Penteado seguida por Maria da Conceição Junqueira Galo (Zica), já o motorista é Antônio Junqueira da Veiga.²⁷⁵ Tais extravagâncias poderiam ter sido vividas por Iria que preferiu participar marginalmente, fora do carro, de vestido branco, cabelos presos e mãos seguras na frente do corpo.

A não presença junto aos integrantes que estão ao centro da fotografia sugere um posicionamento interessante: a convivência com os hábitos da cidade, da família, dos jovens que estão no curso, porém, a localização marginal desta situação. O fotógrafo ‘imortalizou’ um evento que carrega a “Rainha do Café” sem que ela esteja no foco das atenções do responsável.

Não é Iria a que chama a atenção, é o carnaval (ou a carnavalização) materializado no curso, nas flores, nos enfeites, nos chifres e nas fantasias. A posição marginal de Iria nos permite compreender uma dada relação com a realidade que será reavaliada em diversos momentos do texto. A permanência de seus valores tradicionais está presente no vestido branco, representativos do discurso da virgem, da pureza; sua postura enquanto “Rainha do Café”, cujas mãos fechadas, uma segurando a outra, formam uma proteção (talvez defesa, ou apenas distância) em relação a situação. Enfim, elementos que constroem um painel de argumentos que destoam do discurso da imagem – a exuberância e extravagância da festa – e revelam uma característica de Iria que devemos nos reportar: uma lógica conservadora para lidar com o mundo. **(IMAGEM 28)**

²⁷⁴ É interessante encontrar nos jornais locais, propagandas durante o Carnaval. Sugere-se, a partir delas, esta aceitação da barbárie carnavalesca: “CARNAVAL - *Lindos chapéus e bonets á phantasia (artigo japonéz, leques modernissimos, mascaras, confetti, cri'cri, estellos, bisnagas revolver, canarios, oculos, pince-nez, narizes, bigodes, serpentinas, trombetas, assobios. LANÇA PERFUMES, ETC. PREÇOS MODICO. TYPOGRAPHIA GUIMARÃES. Rua da Estação, 71 - Ribeirão Preto.*” Jornal A CIDADE, Quinta-feira, 23 de Fevereiro de 1889, p.2. APHRP.

²⁷⁵ As informações foram extraídas de MATTOS, J. A. J. **Família Junqueira: sua história e genealogia**. Rio de Janeiro: Família Junqueira, 2004, Acervo família Junqueira.



Imagem 28: Iria Alves Ferreira e seu filho, Francisco Junqueira. In: MATTOS, J. A. J. **Família Junqueira:** sua história e genealogia. Rio de Janeiro: Família Junqueira, 2004, Acervo família Junqueira (ft.110).

Difícil nos atentarmos a todo o conjunto das peças que montam a vestimenta da “Rainha do Café” nas imagens encontradas. Aliás, deve-se salientar que a maioria das fotos que emergem Iria do esquecimento retratam apenas seu busto. Contudo, esta imagem que compõe o livro da genealogia da família Junqueira revela a cafeicultora como mãe de Francisco Junqueira, e como tal, vestida adequadamente como uma verdadeira dama, representante da elite local. As duas imagens se complementam. As representações referentes a maternidade e benevolência, somam as suas práticas que a ligava a figura religiosa de Maria. As roupas são prova desta maneira de entender o mundo e responder aos seus estímulos.

Muitos intelectuais já se enveredaram na arte de interpretar as pessoas por meio das vestimentas. Citamos aqui aquele que talvez tenha sido o mestre neste ofício – Honoré de Balzac. Em uma de suas histórias parisienses, o autor descreve a alegria do jovem Eugène de Rastignac ao se deparar com a possibilidade de adquirir vestimentas que o permitissem penetrar os bailes e encontros da nata de Paris:

Mil e quinhentos francos e ternos sob medida! Naquele momento o pobre sulista de nada mais duvidou e desceu para o almoço com aquele ar indeferível que dá a um rapaz a posse de alguma quantia. No instante em que o dinheiro se introduz no bolso de um estudante, ele constrói em si mesmo uma coluna fantástica na qual se apóia. Caminha melhor do que antes, sente dentro de si um ponto de apoio para sua alavanca, tem o olhar firme, direto, movimentos ágeis; na véspera, humilde e tímido, teria recebido pancadas; no dia seguinte, enfrentaria um primeiro-ministro. Ocorrem nele extraordinários fenômenos: ele quer tudo e pode tudo, deseja a torto e a direito, é alegre, generoso, expansivo. Enfim, o pássaro

antes sem asas encontrou sua envergadura. O estudante sem dinheiro empunha uma pitada de prazer como um cão que agarra um osso através de mil perigos, quebra-o, suga-lhe o tutano e continua a correr; mas o rapaz que faz tilintar em seu porta-níqueis algumas fugidias moedas de ouro degusta seus prazeres, ele os conta, pendura-se no céu, não sabe mais o que significa a palavra *miséria*. Paris inteira lhe pertence. Idade em que tudo é brilhante, em que tudo cintila e resplandece! Idade de força feliz da qual ninguém se aproveita, nem o homem nem a mulher! Idade das dívidas e dos grandes temores que decuplicam todos os prazeres! Quem não freqüentou a margem esquerda do Sena entre a Rue Saint-Jacques e a Rue des Saints-Pères nada conhece da vida humana!²⁷⁶

As roupas (caras) serviram de ferramenta para o rapaz em sua tarefa de conquistar Paris. Para Balzac, ser aceito na plêiade social, casar com um bom partido, conseguir um bom negócio e principalmente, poder freqüentar os salões sem os olhares vigilantes (e repugnantes) da sociedade civilizada, são ações decorrentes da escolha de uma vestimenta adequada.

Foi em função destas preocupações sociais que encontramos as roupas acima. Assim como Francisco, Iria acabou por respeitar e seguir a moda do século XIX. Ao observar a **IMAGEM 28**, do ponto de vista da moda, constatamos que ela não cedeu aos novos acessórios e corte; foi conservadora. A face austera completa um cenário composto por um vestido fechado, com um delicado, objetivo e simples adorno em torno do pescoço (também fechado), cuja função é protegê-lo, não permitindo que nada ficasse a mostra. Na obra *A história do vestuário* de Carl Kohler, tal descrição encontra semelhança na imagem da Imperatriz Eugênia da França (1865), assim como na foto ao lado, que nos remete as duas primeiras décadas do século XX. (**IMAGENS 29 E 30**)

²⁷⁶ BALZAC, Honoré de. **O pai Goriot**. Trad. Celina Portocarrero e Ilana Heineberg. Porto Alegre: L&PM, 2006, p.113.



Imagem 29: Imperatriz Eugênia da França, 1865. **Fonte:** KOHLER, Carl. *História do vestuário*, 2001, p.535. Apud: Aparício, Leticia Ricci. **Forma e aparência:** análise da moda feminina e seus sentidos sociais na Ribeirão Preto da *Belle Époque* (1883/1930). Monografia de conclusão de Curso. CUBM: Ribeirão Preto, 2007, p.56.



Imagem 30: Podemos ver o caimento da chamada “saia tulipa” ou em “forma de sino”. **Fonte:** SOUZA, Gilda de Mello. *O espírito das roupas*, p.36. Apud: Aparício, Leticia Ricci. **Forma e aparência.** op. cit, p.65.

Há semelhança quando observamos a parte superior do vestido que Eugênia está usando. É notória a aproximação dos valores de Iria a este mundo ligado as permanências, que negam as transformações e as rupturas propostas pelo discurso moderno. Mesmo fruto deste mundo ambivalente, Iria negocia com a realidade sempre com um pé nos valores constituintes do mundo colonial, fruto dos preceitos cristãos, assim como da etiqueta que nos remete a estas opções.

Já podemos ensaiar algumas considerações acerca de Iria Alves Ferreira. As doações que nos remetem a caridade cristã, tal qual a preocupação com a maternidade e o futuro da prole são elementos que se encontram no discurso religioso. Aliás, o mesmo discurso da moral veste Iria literalmente, como percebido.

Por ser Rainha, Iria não poderia se furtar as estas necessidades de ‘sair a rua’ e ganhar o espaço público, conquista feminina durante a transição do XIX para o XX. A partir deste entendimento de seu posicionamento conservador, seria interessante jogar com os seus ‘súditos’ na medida que os seus vestidos e demais adereços (moda) não conflitassem com a representação da ‘Rainha’.

Posto que as roupas são reveladoras de uma personalidade que parte deste conservadorismo para negociar com a realidade, ousamos criar uma lógica para a personalidade de Iria Alves Ferreira. Utilizando da imaginação histórica, com pés na psicologia histórica²⁷⁷ que Lucien Febvre já discutia nas primeiras décadas do século XX, acreditamos ser possível ‘tocar’ a personalidade de Iria após estas constatações materiais.

Se lembramos que o processo de construção da identidade se faz a partir da alteridade, o ‘eu’ se faz no ‘outro’, pertinente buscar este ‘outro’ que serve como base material para a construção do ‘eu’ de Iria, ou seja, o mundo das novidades e das rupturas. Para analisarmos melhor este ‘eu’ em construção, vejamos como foi concebida a elaboração deste universo feminino ribeirãopretano a partir das ‘*novidades modernas francesas*’. O discurso da Belle Époque tinha seus modelos. (IMAGEM 31)



Imagem 31: Judith Mendes, escritora francesa, “Dama da Belle Époque”. **Fonte:** Aparício, Letícia Ricci. **Forma e aparência...** op. cit., p.63.

²⁷⁷ FEBVRE, L. **Combates pela história...** Op. cit.

As roupas permitem a avaliação de uma nova forma de se posicionar frente ao mundo. O uso de decotes, cortes ousados, preocupação com a silhueta, enfim, elementos da moda que inauguram um tempo de *'olhar, desejo e paixão'*, como o historiador Doin já pregou na Introdução deste texto.

Se Iria não comprou o discurso moderno, isso não significou que sua família não o fizesse. Logo em seguida, podemos observar Inocência Junqueira, sua filha, posando para um fotógrafo. A semelhança com os símbolos franceses são claramente identificáveis, como seus braços à mostra. **(IMAGEM 32)**



Imagem 32: D. Inocência da Cunha Junqueira, filha da Iria Alves Ferreira. In: MATTOS, J. A. J. **Família Junqueira:** sua história e genealogia. Rio de Janeiro: Família Junqueira, 2004, Acervo família Junqueira (ft.107).

O fato de entendermos que Iria carrega consigo as temporalidades já discutidas não foi obstáculos para seus filhos vivenciarem o requinte e a moda parisiense. Lembremos que como “Rainha”, portanto vitrine de uma sociedade em eterna vigilância pela civilização, ter uma família que experiência as novidades mais atuais da civilização é gozar de um status importante. No caso acima, assistir sua filha vestir-se segundos os ditos da moda francesa não

cria nenhuma contradição, apenas reitera o desejo pelo novo, pelo dito civilizado, que Iria não pode usufruir (posto que sua condição exige cuidados conservadores).

Este conservadorismo nos permite crer em uma postura frente a realidade ribeirãopretana no sentido maior de sua compreensão. Trata-se de compreender uma lógica para com suas estratégias políticas, enquanto “Rainha do Café”, cafeicultora, coronel, mãe, dona-de-casa, mulher... Robert Paris e Mônica Raisa Schpun havia nos alertado na Introdução da dissertação sobre a riqueza destes encontros. Prontos para compararmos as propostas, posto que já materializamos parte significativa da nossa, busquemos as palavras da historiadora de Carlota Queiroz quando escreveu considerações sobre sua biografada:

Assim, o cruzamento que tentei desenhar aqui, entre o itinerário pessoal de Carlota Pereira de Queiroz e a política paulista e brasileira passa por duas coincidências centrais.

Em primeiro lugar, o que Carlota busca na vida política parece coincidir com o que seus colegas homens esperam dela enquanto mulher na política: uma presença que não destoe do jogo político geral seja pelo discurso ‘piegas’, pela postura ‘feminista’, ou por qualquer outro signo estranho à cultura política existente. Felizmente, é justamente o caráter ‘masculino’ da vida política que parece seduzir Carlota, que desiste, em 1920, de sua carreira de educadora porque o meio se apresenta aos seus olhos como por demais limitado e feminino, duas características que andam de mãos dadas...

No caso de Carlota, imergir no mundo masculino foi interessante para ganhar a não inimizade dos políticos homens que, segundo Mônica, aguardavam estas atitudes. Não agir de tal modo é quebrar os laços de compadrio e cordialidade, que a todo momento estamos frisando no texto. Iria Alves Ferreira jogará, a sua forma, com a mesma estratégia da Deputada em questão. Para tanto, continuar observando as mulheres de Ribeirão Preto é exercício fundamental.

Após esta percepção destas presenças femininas na moda, para além de identificarmos outras tantas mulheres em inúmeros ofícios e casos curiosos, um conjunto de ações e mais outros ofícios aparecem na frente de nossos olhos. Uma Ribeirão Preto diurna cuja sociedade era repleta de mulheres comuns e representantes da elite, de professoras, de freiras, etc... Mas e a noite? O que podemos dizer da noite ribeirãopretana? Frente a um universo citadino que se misturava entre os elementos da civilização e barbárie, onde, como e quais mulheres viviam a noite desta cidade? **(IMAGEM 33)**



Imagem 33: Visão noturna do centro da cidade, década de 1910. In: FARIA, R. S. **Ribeirão Preto...** Op. cit, p.423.; a imagem se encontra também no APHRP.

Falar da noite de Ribeirão Preto e não lembrar das mulheres que a protagonizavam seria, no mínimo, indelicadeza de nossa parte. Se Monteiro Lobato quando passou por aqui em 1907 não se esqueceu das mesmas, o que dirá de nós. Na carta abaixo, o autor de Sítio do Pica Pau Amarelo descreve suas andanças pelo sertão paulista ao amigo Godofredo Rangel:

Rangel:

Estou seriamente endividado para contigo, em cartas, livros, cumprimento de promessas, pedaços do *Queijo...* Mas explica-se a má finança. O mês de dezembro passei-o todo fora daqui, em S. Paulo e no Oeste. Corri as linhas da Paulista, Mogiana e Sorocabana, com paradas nas inconcebíveis cidades que da noite pro dia o Café criou – S. Carlos, um lugarejo de ontem, hoje com 40 mil almas; Ribeirão Preto, com 60 mil; Araraquara, Piracicaba a formosa e outras. Vim de lá maravilhado e todo semeado de coragens novas, pois em toda região da Terra Roxa – um puro oxido de ferro – recebi nas ventas um bafo de seiva, com pronunciado sabor de riqueza latente.

Em Ribeirão Preto, a colheita do município foi o ano passado de 4 e meio milhões de arrobas – coisa fabulosa e nunca vista. Um fazendeiro, o Schmidt, colheu, só ele, 900.000 arrobas. Costumes, hábitos, idéias, tudo lá é diferente destas nossas cidades do velho S. Paulo e da tua Minas. Em

Ribeirão Preto dizem que há 800 ‘mulheres da vida’, todas ‘estrangeiras e caras’. Ninguém ‘ama’ ali a nacional. O Moulin Rouge funciona há 12 anos e importa champanha e francesas diretamente.

... Tenho que estacionar lá também, Rangel. Estou apertando minhas cunhas para ser nomeado para Ribeirão ou coisa equivalente.

...Taubaté, 18.1.1907.”²⁷⁸ (grifos nossos)

Chamada de “Petit Paris”²⁷⁹, a cidade começou a galgar novos postos. O tempo da Belle Époque, termo cunhado a partir das influências (inegavelmente) francesas do período, era vivenciado no centro da cidade a partir dos teatros, dos palacetes, da urbanização, iluminação, etc... , todos elementos que permitiram com que a urbe fosse fruto de uma determinada leitura desta cidade européia. A competência em dar aos espaços públicos de Ribeirão Preto os traços do velho mundo deve ser considerada, posto que a materialização desta “Paris” no interior paulista se detinha inclusive nos detalhes sórdidos da modernização – a urbe tomou também para si práticas como o expurgo dos populares das áreas centrais, a implementação de hospitais a margem do centro cada vez mais vivo e dinâmico, além de todas as outras ‘nobres’ ações do processo civilizador.

É claro que Monteiro Lobato não foi alvo desta sedutora ‘noite ribeirãopretana’ da mesma maneira que todos os habitantes da localidade o foram. Há de salientar o início da carta em que o mesmo lembra ao amigo a sua dívida (em relação a amizade), argumentando sua ausência pela presença da ‘*má finança*’, provocada pelo gasto talvez excessivo nas viagens ocorrido no mês de dezembro todo.

A bela época era vivida nestes espaços construídos com dinheiro da elite, para se vivenciar os prazeres da civilização sem o incômodo do barulho proveniente da barbárie. Os ‘bons tempos’ foram experienciados tanto “*de dia ou à noite. A vida social era ativa através dos cabarés - teatros, ou por meio das sociedades recreativas dos barões e/ou dos imigrantes*”.²⁸⁰

Benedita Luiza da Silva, após estudar o entretenimento noturno nesta Ribeirão Preto, constatou que a cidade era um grande pólo turístico não apenas regional como nacional.

²⁷⁸ LOBATO, José Bento Renato Monteiro. **A barca de Gleyre**. 1º Tomo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1950. p.153-154.

²⁷⁹ No período da chamada Primeira República, tempo das aspirações modernas e efêmeras, o historiador Rodrigo Ribeiro Paziani traz mais alguns nomes que a cidade recebera, como, por exemplo: “[...] Canaã Paulista, Califórnia do Café, País do Café, Eldorado, Capital D’Oeste, etc. Mas nada que se comparasse ao título de Petit Paris da zona mogiana”²⁷⁹. A partir deste último, Ribeirão Preto passou a ser “passagem obrigatória de ilustres autoridades políticas brasileiras e estrangeiras, de escritores e artistas renomados, de companhias de ópera ou mesmo de simples viajantes que se entusiasmavam com o progresso da cidade”. Cf. PAZIANI, R. R. *Outras leituras da cidade: experiências urbanas da população de Ribeirão Preto durante a Primeira República*. Tempo. Universidade Federal Fluminense, Departamento de História., v.10, n.19, Jul. – Dez. Rio de Janeiro: 2005, p.181.

²⁸⁰ FRANÇA. J. L. **Meretrizes na Belle Époque do Café...** Op. cit., p.49.

Como vimos na carta de Monteiro Lobato, a cidade ganhava determinadas características que seduziam os homens, tanto quantitativamente como qualitativamente. São 800 mulheres da vida! Todas estrangeiras e caras! A questão que a autora toma como principal em seu trabalho é pertinente: quais foram os motivos que levaram a vida noturna local ter se transformado em tal chamariz e não outras localidades tão ricas quanto Ribeirão, ou de outros cabarés e casas de prostituição também famosos, tomarem o posto galgado pela ‘*Petit Paris*’?²⁸¹

Outro historiador local, Jorge França²⁸², especialista do mesmo tema, se preocupou em avaliar tal questionamento. Ambos concordam que foi a presença de um francês chamado *François Cassoulet*, responsável por fazer dos cabarés, teatros e casas noturnas da cidade, lugar constante nos sonhos e no imaginário destes homens do princípio do século. A sua participação na trajetória do entretenimento local foi um diferencial regional, que permitiu que a cidade ganhasse a descrição realizada por Lobato no ano de 1907.

É importante nos atermos nos passos deste empreendedor francês. Uma pequena biografia e algumas questões sobre suas ações devem nos ajudar a pensar sobre o cotidiano ribeirãopretano, as representações femininas que estamos estudando e pensarmos como Iria Alves Ferreira vivenciou tais informações.

François Cassoulet, ou Francisco Cassoulet como era conhecido²⁸³, nasceu em 1864 em Farbe, na França. Sobre sua infância e juventude pouco se sabe, como afirmam os historiadores que já trabalharam o tema, como Jonas Rafael dos Santos²⁸⁴, Diogo da Silva Roiz, Benedita da Silva e Jorge França. Segundo a documentação disponível²⁸⁵, Cassoulet teria partido da França com cerca de 30 anos num vapor com destino a Buenos Aires e desembarcado em Santos. Pisando em caminhos já trilhados por outros imigrantes, tomou a

²⁸¹ SILVA, B. L. **O rei da noite...** Op. cit.

²⁸² FRANÇA, J. L. **Meretrizes na Belle Époque do Café...** Op. ct.

²⁸³ Jorge França analisa as inúmeras denominações de Cassoulet: “É quase impossível falar sobre a vida cultural de Ribeirão Preto no período da Primeira República sem ter que mencionar o nome de Francisco e/ou François Cassoulet. Existe um vácuo na identidade oficial deste personagem. Entre os estudiosos se observa vária discordância. Ligar Tuon transcreve da seguinte forma o nome deste personagem “[...] Francisco (François) Cassoulet” Maria Elizia Borges o identifica como “[...] Francisco Cassoulet [...]” Benedita Luiza da Silva, defende que “[...] o nome de Cassoulet pode ter representado tanto o aportuguesamento, do nome francês ‘François’, como o afrancesamento do português ‘Francisco’”. Thomas Walker, por sua vez, escreve “[...] Francisco Cassoulet [...]”. In: FRANÇA, J. L. **Meretrizes na Belle Époque do Café...** Op. ct., p.57.

²⁸⁴ ROIZ, D. S.; SANTOS, J. R. **Um empresário teatral: François Cassoulet**, administrador do Teatro Carlos Gomes em Ribeirão Preto/SP (1986-1917). XXIV Simpósio Nacional de História. UNISINOS: Porto Alegre/RS, 2007, p.01.

²⁸⁵ As informações que compõe a biografia de Cassoulet estão disponíveis em diversos livros de autores locais (memorialistas e até alguns cronistas da região), contudo devo mencionar o documento que Santos e Roiz citam em seu trabalho: Massa falida de Francisco Cassoulet. Arquivo do Fórum de Ribeirão Preto. 1º Ofício, cx. 197a. In: ROIZ, D. S.; SANTOS, J. R. **Um empresário teatral...** Op.cit.

estrada de ferro Santos-Jundiaí e permaneceu por alguns dias na Hospedaria dos Imigrantes no bairro da Luz na capital, somente após estas paradas teria ele rumado a Ribeirão Preto.²⁸⁶

Em 1896 aplica seus poucos recursos que trouxera de seu país de origem em um *Café Concerto*, e ao longo do tempo administrou um restaurante, o Teatro Carlos Gomes (1905-1907), o Paris Theatre (1903-1917) e o Cassino Antarctica (1909-1917).²⁸⁷ Por conta de seus esforços em prol do deste determinado ramo econômico, o *‘empresário contava também com o apoio das famílias mais abastadas da cidade’*, estas que patrocinavam a vinda de companhias de teatro e, em certas ocasiões, *‘recebendo artistas em suas próprias casas’*.²⁸⁸ Uma agitada vida que se fazia notícia no jornal assim que o dia raiasse:

Theatros etc...Eldorado

Foi esplendida, magnifica mesmo a festa que o sr. Francisco Cassoulet nos proporcionou na noite de antehontem no seu elegante theatrinho da rua S. Sebastião.

Ricamente engalanado, se achava interna e externamente aquelle edificio onde centenas de pessoas apreciavam a largas golles o especial <<chopp>> oferecido pelo Cassoulet.

O espetaculo foi o que de melhor se poderia desejar, tal a correção dos artistas que, renovaram as bellas <<toalettes>> e primaram no desempenho dos seus papeis.

Duvernoth veio mostrar aos <<habituaes>> que tinha o dever de tomar parte directa, cantando admiravelmente o seu <<Ninon>>...

Los Corona, incpichensíveis, elegantes e sympathicos nos deliciaram gostosamente nos seus duettos de fina escolha.

Os demais artistas, quase disciplinados soldados, venceram o combate da noite, merecendo applausos.

Cumpre-nos e o fazemos com justiça aqui, salientando os trabalhos de Rina Zambelli, a quem coube as honras da noite.

Indubtavelmente fez supplantar a tudo aquillo que haver pode de bom, de bello, atrahente, fascinante e encantador.

Rina ZAmbelli mostrou-se como sempre irreprehensível.

Cantou, porém com tão elevado gosto, com tanta harmonia e sedução que a enorme massa de seus admiradores fizeram-na voltar ao palco cinco vezes, terminando com a <<tosca>>.

O sr. Cassoulet mais uma vez triumphou, amenisando-nos com uma belíssima noite.

<<Chopps>> e charutos foram distribuídos gratuitamente e as 11 horas fomos distinguidos com o especial <<champagne>> que o Cassoulet offereceu a imprensa do Ribeirão Preto e a policia alli representada.

Agradecendo ao Cassoulet as finezas que nos dispensou, fazemos votos para a prosperidade de seu estabelecimento e damos-lhe os nossos parabéns.²⁸⁹

²⁸⁶ SILVA, B. L. **O rei da noite...** Op. cit, p.51-54.

²⁸⁷ ROIZ, D. S.; SANTOS, J. R. **Um empresário teatral...** Op.cit., p.02.

²⁸⁸ SILVA, B. L. **O rei da noite...** Op. cit, p.65.

²⁸⁹ Jornal Diário da Manhã, Sexta-feira, 11 de Outubro de 1907. APHRP.

Tais construções discursivas criaram um mundo faustoso em torno da figura das casas de Cassoulet, um verdadeiro ‘império do mundanismo’ como gosta de salientar Silva. Segundo alguns escritores e memorialistas locais, a figura de Cassoulet foi supervalorizada: “*Seria Francisco Cassoulet o nosso primeiro e grande empresário que Ribeirão Preto teve por quase 30 anos... No mundo das folias dizer que a nossa História do Mundanismo pode ser contada assim: antes e depois de Cassoulet.*”²⁹⁰

Rubem Cione narra com entusiasmo este momento de apogeu cafeeiro e seus desdobramentos para a cidade, “*fumava-se charutos de Cuba e da Holanda; bebia-se champanha das melhores adegas de França; importa-se panos e fazendas da Europa*” e “*a roleta tragava fortunas, e o champanha, numa moda chamada ‘cascatinha’, era despejado nas pernas as ‘cocotes’ de cancan e aparada em baixo por taças de cristal baccarat.*”²⁹¹ Já Júlio José Chiavenato não cede o mesmo *glamour* a François, pois na sua opinião tratava-se de um “*cafetão velado, gigolô sagaz, dono dos bordéis de luxo, do cassino, fornecedor de carne para o tosco paladar sexual dos latifundiários do café*”.²⁹²

Universo mundano, sexual, de jogatina, de roletas, de dançarinas, cocotes, *can can*, nudez, sensualidade, dinheiro, charutos, fumaça... enfim... a visão sedutora da modernidade fazendo desta pequena região interiorana do estado de São Paulo vestir, ao seu modo, a Paris que o mundo desejava! José Murilo de Carvalho dá o tom deste sentimento nacional a partir das mudanças ocorridas na própria capital:

... a deglutição desenfreada de coisas francesas seria traço marcante da vida carioca até os dias de hoje. Deglutição e assimilação de roupas, perfumes, estilos, palavras, livros, revistas, idéias. Especialmente deglutição de francesas. Já mais civilizados que os antepassados tupiniquins do século XVI, o carioca do século XIX, particularmente da *belle époque*, preferia dizer, ou sonhar: como é gostosa a minha francesa.
293

Esse desejo pelas francesas permitiu que Cassoulet vendesse seu produto explorando o imaginário destes abastados consumidores. “O corpo gera novos negócios, atitudes, comportamentos”²⁹⁴. Está lá nas propagandas dos jornais, nos almanachs, nas revistas anunciando cremes, loções, tecidos e perfumes. Aos poucos o corpo feminino é desnudado em

²⁹⁰ MIRANDA, J. P. **Ribeirão Preto: de ontem e de hoje**. Ribeirão Preto: Eldorado, 1981, p.07.

²⁹¹ CIONE, R. **Revivências na História de Ribeirão Preto...** Op. cit., p.209.

²⁹² CHIAVENATO, Júlio José. **Coronéis e Carcamanos**. 2. ed. Ribeirão Preto, SP: FUNPEC Editora, 2004, p.34.

²⁹³ CARVALHO, J. M. **Pontos e bordados: escritos de memória e política**. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2005, p.390.

²⁹⁴ DOIN, J. E. M. Olhar, desejo e paixão... op. cit., p.17.

oposição ao conservadorismo e da tradição portuguesa fruto do processo de colonização.
(IMAGENS 34, 35 E 36)



Imagem 34 – Companhia Alda Garrido. Fonte: APHRP, CAGNO, Carmem. **Memória fotográfica de Ribeirão Preto.** Ribeirão Preto: Prefeitura Municipal/Secretaria da Cultura, 1985, p.43.

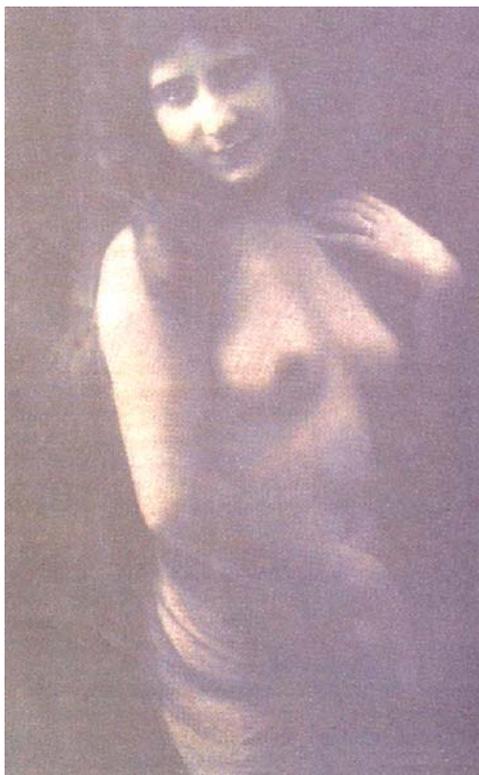
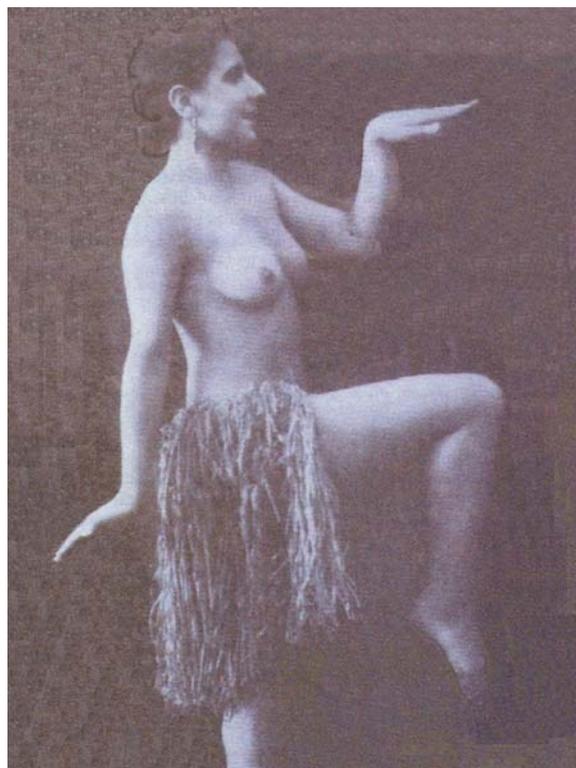


Imagem 35 - Corista do Cassino Antártica em Ribeirão Preto 1927. Fotografia de Salim Aissum. Fonte APHRP. Imagem encontrada nos trabalhos de: SILVA, B. L S. **O rei da noite...** Op. cit., p.119.; FRANÇA, J. L **Meretrizes na Belle Époque...** Op. cit., p.82.

Imagem 36 - Imagem de corista dançando semi-nua no palco do Cassino Antártica, Ribeirão Preto (SP), 1927. Fotografia de Salim Aissum. Fonte: APHRP - Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto, SP. Imagem encontrada nos trabalhos de: SILVA, B. L S. **O rei da noite...** Op. cit., p.119.; FRANÇA, J. L **Meretrizes na Belle Époque...** Op. cit., p.82.



O Cassino Antártica estava localizado entre as rua Américo Brasiliense e Amador Bueno. Estabelecimento administrado pelo mesmo empreendedor, se tornou local de entretenimento da elite, palco de diversas dançarinas²⁹⁵ que se apresentavam seminuas sob a nota da dança can-can, além dos bailes carnavalescos, orquestras, óperas, companhias teatrais, entre outras atividades do lazer e do entretenimento. Nos dizeres de França, o “*Cassino Antártica juntamente com o Teatro Carlos Gomes formaram a identidade cultural da Belle Époque caipira na Primeira República em Ribeiro Preto.*”.²⁹⁶ **(IMAGEM 37)**



Imagem 37 – Cassino Antártica e Rotisserie Sportsman. Fonte: APHRP.

Por muitos anos a historiografia desprestigiou as mulheres e as deixou no esquecimento histórico. Na última década, negando trabalhos não acadêmicos, Benedita da Silva trouxe por meio de documentos estas coristas que legitimam tal visão mítica sobre a modernidade ribeirãopretana. É necessário ver mais de perto, descer a cidade para ver mais de perto esta história repetida por tantos anos. **(IMAGEM 38)**

²⁹⁵ A afirmação de que Cassoulet trazia as dançarinas direto da França não é verdadeira. Segundo França, concordando com Chiavenato e outros críticos da sua figura fáustica, algumas das coristas empregadas em seus estabelecimentos eram paraguaias que fugiam da crise por conta da Guerra do Paraguai. In: FRANÇA, J. L. **Meretrizes na Belle...** op. cit., p.59. Já Chiavenato é um pouco mais ácido, ele acredita que eram treinadas para dizer *Bonjour, Monsieur*, e outros pequenos gracejos que eram suficientes para enganar os clientes. CHIAVENATO, J. J. **Coronéis e Carcamanos...** op. cit.

²⁹⁶ FRANÇA, J. L. **Meretrizes na Belle...** op. cit., p. 83.

“**Emma Barchafs** – Ex-cantora do <Eldorado Paulista> , conhecida por Emma Sirene, que com um tiro de revólver, pôs segunda-feira 4, às 11 ½ da manhã, termo a existência, em a casa da rua Amador Bueno n. 58, conforme ante-hontem noticiamos minuciosamente”



Imagem 38 – Emma Barchafs 'DIÁRIO DA MANHÃ,
Ribeirão Preto, 04 de Junho de 1906. APHRP

Em uma quinta-feira, 07 de Junho de 1906, uma notícia de capa, com texto e foto no centro: o suicídio da cantora Emma Barchafs. O periódico acredita que foi o amor o causador de tal infelicidade; e ironiza: “*ela que viveu do amor, morreu do amor*”. Sem citar o nome do amado, o autor credita a razão do suicídio ao desejo de sair da condição da prostituição para casar-se com o sujeito que por alguma razão não deve ter correspondido a tal anseio²⁹⁷. Esta razão não é mencionada, os eufemismos empregados no texto e o tom de crônica que o mesmo toma, acabam por esconder algumas facetas desta triste narrativa, porém, esta mesma forma de marcar com tintas o papel sugere que o rapaz em questão não aceitaria ficar com ela por conta do seu ofício amoroso.

Nos dizeres de Magali Engel, o saber médico influenciou esta concepção social da prostituta, visto que, de acordo com ele, “*a mulher seria mais ‘propensa’ do que o homem a ‘viver só dos sentidos’ e, por isso, ‘perderia a razão’ e ‘pecaria’ mais*

²⁹⁷ A passagem é exatamente assim: “*Queria sahir da prostituição, libertar sua alma desse alcance tenebroso e pedia o amparo de um homem para acolher-se no ninho tépido de um coração...*” In: DIÁRIO DA MANHÃ, Ribeirão Preto, 04 de Junho de 1906. APHRP.

facilmente e de modo mais grave".²⁹⁸ Assim, a figura em questão foi elaborada pela oposição ao papel esposa/mãe. A autora completa: "*O instinto sexual não controlado geraria a perversão e/ou a depravação, comprometendo não só a capacidade orgânica mas também a capacidade moral da mulher para conceber e gerar filhos.*"²⁹⁹

É a representação de Eva que pesou no processo da não escolha (negociação) do homem amado. Foi a tradicional compreensão dos valores constituintes do ser prostituta, aquela que a sociedade por intermédio do discurso cristão aprendeu a escantear (entender como pecadora, como menor), a responsável no processo decisório do homem citado. E a consciência de Emma de que ela representava tal discurso e tal 'papel social', fez com que tentasse fugir desta representação tão marcante – "*Queria sahir da prostituição...*". Em vão...

Mais uma vez conseguimos detectar por meio de situações levantadas a presença das permanências e das raízes culturais que formaram e continuam a formar o brasileiro, em especial o(as) ribeirãopretano(as). Imaginemos neste conjunto de representações, medos e angústias femininas, a convivências das professoras, das irmãs religiosas, das coristas, cantoras, lavadoras de roupas, meretrizes, filhas, mães, imigrantes, negras, brancas, cafeicultoras...

Quanto mais nos debruçamos neste universo feminino ribeirãopretano, mais percebemos a necessidade mergulharmos mais, buscarmos mais. Quantas outras mulheres ficarão de fora, ainda no esquecimento, mesmo tendo este trabalho tanta vontade de abraçar a todas – impossível.

As atrizes e dançarinas eram sem sombra de dúvida um belo cartão de visitas de negócios de Cassoulet, contudo, não se limitavam apenas a este universo noturno. O 'senhor da noite' (nos dizeres de Rubem Cione) gozava de muitas oportunidades financeiras no ramo do entretenimento, como por exemplo, o cinema. Em notícia do Jornal Diário da Manhã de 1912, destaca-se a programação do dia anterior referente a 8 filmes projetados no Theatro Carlos Gomes:

THEATRO CARLO GOMES – EMPRESA CASSOULET

Cinema Íris

Hoje sessões corridas das 6 ½ às 11 horas da noite.

²⁹⁸ ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989, p.82.

²⁹⁹ Idem, p.83.

ESTUPENDO ACONTECIMENTO THEATRAL

Grandioso programa constando de 8 films de novidades, o havendo profusa distinção de surpresas às crianças

1ª Sessão Radium

1ª – Jerusalém e o monte das Oliveiras – Interessantíssimo film dos tempos antigos.

2ª – O Mahdi e a filha do General – Film dramático de grande emoção.

3ª – Bigodinho matou seu irmão – Sena comica de F. Manchens representada por Prince, film da afamada casa.

4ª – O forçado nº 75 – Grandiosa e importante concepção Pathédramática da apreciada casa Ambrósio.

1ª Sessão Íris

1ª – A grande de canhões – Curioso film natural com importantes e instructivos quadros.

2ª – Fascinação de artista – episódio dramático produzido pela afamada casa Gaumont.

3ª – Venceu por via de uma Bruxa – espirituosa comédia, muito comica, produzida pela antiga e apreciada fabrica norte-americana.-biographo

4ª – a filha do músico – grandioso film de uma rara interpretação pelos melhores artistas da casa <<Éclair>>

AVISO – Por estes dias o maravilhoso film d'art: <<Charley Colms>> estupendo drama policial, de G. Lourense.³⁰⁰

O cinema³⁰¹ é um grande exemplo de como as novidades teconológicas modificam o cotidiano da localidade. Ele, o dia-a-dia, não mais poderia ser o mesmo; a partir das projeções era possível conhecer o mundo, das imagens capturadas pelo cinematógrafo que assustava e impactava a todos. O que se filmava na Europa e nos Estados Unidos poderia ser passado para todo o mundo, como modelo de civilização; e o contrário também ocorreu, já que os inventores do aparelho gravaram o cotidiano da barbárie dos trópicos para lembrarem de seus *estágios já ultrapassados*.

A programação é rica e também variada. O entretenimento proporcionado pela Empresa Cassoulet não poderia ser apenas para os cafeicultores, apesar de que as descrições anteriores sugerirem que estes homens, a exemplo de Monteiro Lobato, se interessarem mais no entretenimento noturno que nas sessões de cinema que ocorriam das 6 às 11 da noite, acompanhadas de suas esposas e filhos.

Levando em conta o comentário que segue a frente dos títulos, são filmes que versam sobre vários temas: bíblicos (Jerusalém e o monte das Oliverias), o oriente

³⁰⁰ JORNAL DIÁRIO DA MANHÃ, Quinta-feira, 2 de Maio de 1912. In: Inventário Jerônimo Ignácio da Costa e João Baptista da Costa. 1º Ofício Civil. cx. 25. APHRP.

³⁰¹ Liamar Tuon salienta a presença da Empreza Cinematográfica F. Serrador em Ribeirão Preto por volta do ano 1910. Cf. TUON, L. **O cotidiano cultural...** Op. cit., p.127.

(Mahdi e a filha do General), a comédia (Bigodinho matou seu irmão), o drama (Fascinação de artista)... o cinema desde seu nascimento concebe enorme potencial de conceber verdades e criar valores em diversas esferas da cultura.

Eis que a ambivalência moderna é percebida em várias esferas da realidade. Após vislumbrarmos as permanências (força que age contra este domínio egoísta do novo), vejamos como estas meretrizes são vistas pelos jornais locais (em especial o Diário da Manhã e A CIDADE), lugar das “palavras públicas”, veículo da mídia que carrega o fardo de “conservador por excelência” na cidade:

Reclamações

Mantidas as normas por nós apontadas, continua á disposição do publico esta column, para as reclamações sobre qualquer ordem de serviços públicos Sr. Redactor:

Amanhã, Domingo, é dia em que as familias frequentam o jardim para assistirem a musica.

Aproveito o ensejo para reclamar das autoridades as repressão de um abuso que está augmentando dia a dia e que se continuar, terá como consecuencia o abandono por parte dessas mesmas familias daquelle ponto de diversões – único actualmenmte que ellas podem frequentar.

É o seguinte: algumas meretrizes tem tido o supino desaforo de metter-se pelo meio das senhoras e senhoritas que passeiam pelas ruas do jardim provocando-as, chegando a provocação a ponto de darem esbarros em algumas dessas senhoritas.

Não é tudo: por diversas vezes tenho assistido a falta de alguns rapazes (muitos poucos é verdade e estrangeiros) de braços dados com algumas dessas meretrizes, affrontando as familias que, numa cidade do interior que não comporta ainda essas coisas destestaveis dos grande centros, sentem-se aperreadas e pensarão naturalmente que o único remedio que possuem é não sahir de casa.

Recordo-me que já uma vez V. S. fallou sobre estas scenas desagradáveis que tem por theatro o jardim. Mas continuando ellas, e cada vez mais accentuadamente desrespeitosas, espero que as autoridades policiaes ou municipaes tomarão uma providencia no sentido de serem cohibidos esses abusos que muito desgosto causam as familias.

J. A. L.³⁰² (grifos nossos)

O autor do artigo destaca um problema que afeta as famílias da localidade. É a presença destas meretrizes nos jardins durante o domingo de manhã, período que as famílias freqüentam o jardim e escutam música, hábito saudável aos olhares da elite

³⁰² Jornal A CIDADE, 27 de Agosto de 1905, Domingo. In: FRANÇA. J. L. **Meretrizes na Belle Époque...** Op cit., p.78-79.

local. Ao entrar em contato com as meretrizes, estas famílias encontram a negação deste universo civilizado, polido e educado.

É a barbárie dos decotes, dos seios a mostra, das pernas desejosas que habitam e povoam os imaginários dos homens de dia e das mulheres a noite, quando da ausência dos maridos. As meretrizes representam o pecado como já vimos, e além disso, a destruição do lar quando “roubam” os homens da sagrada célula social e religiosa – a família.

PELOS BONS COSTUMES

A propósito de uma reclamação que ha dias fizemos por esta folha em que envolviamos o nome de algumas mulheres de vida fácil, residentes á Rua Americo Brasiliense, em frente á Cathedral, o sr. Francisco Orlando, estabelecido à rua José Bonifácio, veio dizer-nos que nas proximidades de sua residência habitam algumas decahidas que não guardam o recato exigido pela moralidade publica.

Por muito que deploremos a sorte dessas infelizes e sem o proposito de lhes mover a mais leve perseguição, não podemos deixar de chamar para este e para outros casos semelhantes a atenção da digna auctoridade policial, a fim de que a corrupção e os maus costumes fiquem adstrictos ao circulo minimo em que podem ser tolerados.³⁰³ (grifo nosso)

Uma sociedade patriarcal, cujas formas de negociação feminina sempre esbarram na dualidade cristã Maria X Eva. Ao incomodar a elite local, a mesma pede ajuda do braço forte do projeto civilizador, aquele responsável por manter a ordem e conter a barbárie – a polícia. Segunda nossa interpretação de Starobinsk, civilizar é polir, ou seja, é tornar mais belo, mais claro, mais galante, mais honesto, tornar-se perfeito. Portanto, sabedores que a palavra ‘*polícia*’ carrega este mesmo radical que constitui “*polir*”, a polícia é a mão forte que colabora com a polidez do ser humano.³⁰⁴

O uso da polícia no texto é a constatação de que a o jornal está interessado com este projeto moderno, é fruto da própria modernidade, e utiliza-se dos discursos do ontem para lidar com as novidades do hoje. É assim que lida também com Cassoulet, pois, em determinados momentos o periódico o alavanca, em outros ataca com ironias, sempre jogando com os conservadorismo de uma elite cafeeira e política local.

³⁰³ Jornal A CIDADE, 17 de Setembro de 1916, Domingo, p.1. In: FRANÇA. J. L. **Meretrizes na Belle Époque...** Op cit., p.81.

³⁰⁴ STAROBINSKI, Jean. **As máscaras da civilização...** Op. cit., p.26.

Benedita Luiza da Silva, Jorge França e demais historiadores desconsideraram as notícias de jornal como as responsáveis pelo sucesso do empreendedor. A experiência quanto aos alimentos e bebidas servidos ao público somado ao atendimento que dispensava a clientela são fatores significativos para o bom andamento de seus negócios, ao passo que revelam um conhecimento prático do universo do entretenimento noturno. Para Benedita, tais atributos são típicos do ofício de garçom, coisa que Cassoulet, teoricamente não era desconhecedor. Para além de outras competências como a “*gestão de bancas de jogos, decoração de ambientes e gerência do pessoal... a importação de mercadorias, agenciamento de mulheres (coristas, dançarinas ou prostitutas) e contatos com companhias artísticas*”³⁰⁵ faziam parte deste conjunto de saberes que este mago dos prazeres deveria obter.

Aqui há de se potencializar a *bucaneria* de Doin e a *cordialidade* de Buarque. Percebam que ao entrar no mundo dos prazeres comerciais e fixar-se como grande empreendedor, este ex-garçom conseguirá contrair uma relação interessantíssima com os cafeicultores da região. Nesse momento, espera-se de Cassoulet um conjunto de atributos dos antigos taberneiros, homens de estabelecimentos que possibilitam descanso, entretenimento e principalmente encontros. Quantos negócios não foram fechados, banhados pelo champanhe francês de Cassoulet, ou pelos interessados embriagados com a fumaça dos charutos cubanos, entrecortados pelas lindas pernas das dançarinas que ele trouxe.

Por mais glamour que uma dançarina/atriz/corista possa ter, não nos esqueçamos das raízes que constituem nossa sociedade: o patriarcalismo, a escravidão e a bucaneria/cordialidade que nos debruçamos a pouco. Fruto desta mistura que não nega o passado e lida com o presente de forma única (modernidade), estas mulheres tem que vivenciar um universo de violência, incertezas, envelhecer em meio ao universo da efêmera juventude e da eterna vaidade. Ser moderno é lidar com todos estes temperos ao mesmo tempo, o que nos remete ao contexto em que Iria viveu e negociou com a realidade. Frente a um mundo de tantas transformações, em velocidade nunca antes vista, o seu conservadorismo é de muito bom uso para suas ações políticas e para a sua própria lógica de lidar com o mundo. Em um mundo de certeza e verdade bem construídas, as muitas verdades são apenas possibilidades a serem imaginadas, planejadas, levadas em consideração.

³⁰⁵ SILVA, B. L. **O rei da noite...** Op. cit, p.59.

Esta interpretação que valoriza Iria concede uma racionalidade às suas ações, ou seja, uma espécie de planejamento das escolhas, das posturas, das vestimentas. Num universo cordial buarqueano salientado em páginas anteriores, a biografada (em função desta discussão) empresta uma nova configuração. Estamos lidando com uma cordialidade refletida e racionalizada, elaborada pelas ferramentas do conservadorismo em um plano feminino cujas temporalidades remontam, por exemplo, ao Antigo Regime. Esta compreensão da cordialidade encontra amparo nas palavras de Lawrence Flores Pereira, quando o mesmo discute a obra “Literatura e cordialidade” de Castro Rocha:

Castro Rocha é, menos otimista quanto a provisoriedade histórica desse *modus operandi* da cultura brasileira. Introduce um aspecto da cordialidade que não fora enfatizado por Sérgio Buarque de Holanda: o seu aspecto *estratégico* como um modo pelo qual um indivíduo busca *ingressar* ou *ascender* socialmente... A análise ilustrativa de Castro Rocha... revela todos os percalços desse homem cordial que mede e calcula suas oportunidades no conjunto de forças do mundo literário e do poder.³⁰⁶ (grifos nossos)

Por isso a utilização da luz elétrica em sua fazenda, por isso a aceitação de tirar fotografias, possibilitar aos filhos estudos e viagens ao exterior, para além das roupas *chics* e (provavelmente) importadas. O uso daquilo que é novo para a “Rainha do Café” não se trata apenas deste abraço desmesurado ao moderno na sua face inovadora, mas no moderno, retirar dele os elementos que lhe permitam tirar seus benefícios. Eis o porque que Iria Alves Ferreira conseguiu se transformar em “Rainha do Café” e se manter durante tanto tempo num trono tão invejado por tantos homens e mulheres.

³⁰⁶ PEREIRA, L. F. *Cordialidade, ressentimento e lírica*. In: ROCHA, J. C. (Org.) **Cordialidade à brasileira: mito ou realidade?** Rio de Janeiro: Museu da República, 2005, p.90.

Capítulo 4

A “Rainha dos Bandidos”

... O coronel, se não é o único, é, por certo, um dos principais protagonistas de um processo de rachadura social, econômica e política, processo de penetração do moderno em estruturas sociais anquilosadas. E ele é, sem dúvida, a sua maior vítima.

(VILAÇA, Marcos Vinícios; ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti. **Coronel, coronéis**. Tempo Brasileiro e Universidade de Brasília, Rio de Janeiro, 1978, p.19).

4.1 – De como Iria perdeu a majestade ou ganhou outra coroa.

22 de Maio de 1920. A polícia de Cravinhos recebeu a seguinte informação: um corpo fora encontrado na região do Espraiado, território situado entre os municípios de Cravinhos e Ribeirão Preto. O cadáver era um homem que parecia ter sido assassinato na véspera e carregava traços assustadores, pois o rosto havia sido descarnado, as orelhas e a língua cortadas, além de mutilações percebidas no crânio e ferimentos e perfurações nas costas e no ventre.³⁰⁷

Um crime horrendo havia ocorrido às margens da *Petit Paris*. “*Imediatamente, o delegado de Cravinhos, dr. Horta de Andrade, comunicou o fato à delegacia regional de Ribeirão Preto e policiais das duas cidades dirigiram-se ao local.*”³⁰⁸ Depois de prender e interrogar alguns suspeitos, a polícia conseguiu a confissão de um deles e, por conseqüência, de seus cúmplices – José Sant’Anna e seu filho Antônio Sant’Anna, mais os “pretos” Romualdo Serapião e Praxedes José da Silva. Depois de depoimentos contraditórios, os prisioneiros acabaram por entregar outros dois companheiros.

A partir destas “confissões”, o crime de Cravinhos (como ficou conhecido), teria sido planejado por Iria Alves Ferreira juntamente com o fazendeiro e administrador geral de suas fazendas, Alexandre Silva, como consta no jornal O Estado de São Paulo.³⁰⁹

O plano consistia do seguinte: Alexandre Silva procurou Virgínio Bim, responsável pela administração da fazenda Santa Rosa (propriedade de uma das netas de Iria), com o propósito de solicitar alguns homens para o assassinato. Desta forma, José e Antônio Sant’Anna foram selecionados para o papel e, por iniciativa própria, convidaram mais ajudantes, Romualdo e Praxedes.

Lia-se no jornal que na noite de 21 de maio, por volta das oito horas, todo os envolvidos se encontraram na sede da fazenda Pau Alto, de d. Iria, onde, em um dos quartos, dormia um homem branco, de cabelos pretos, apresentando entre 25 e 30 anos. E foi no quarto, deitado em sua cama, que ele foi morto. A ordem partiu de Alexandre Silva e foi prontamente atendida pelos comparsas, iniciando a agressão José Leme Sant’Anna com um cabo de relha. A vítima foi trucidada com golpes de faca, machadinha e pancadas. Virgínio Bim e Iria Alves

³⁰⁷ JORGE, Janes. **O crime de Cravinhos: oligarquia e sociedade em São Paulo 1920-1924**. Dissertação de Mestrado em História. FFLCH, USP 2004, p.08.

³⁰⁸ Idem.

³⁰⁹ Ler o artigo intitulado “O crime de Cravinhos”, Jornal O Estado de São Paulo, 13.08.1920, p.05. In: JORGE, J. **O crime de Cravinhos ...** Op. cit., p.09.

assistiram à cena da porta do quarto. Depois disso, os criminosos lavaram o cadáver, trocaram suas roupas e o transportaram para uma carroça, onde foi coberto com sacos velhos, capim e uma colcha. O veículo era conduzido por Justino de Oliveira, carroceiro que trabalhava e residia na própria fazenda Pau Alto. Alexandre Silva ordenou então que Justino, Serapião, José, Antônio e Praxedes arremessassem o corpo no rio Pardo e eles para lá seguiram, através de atalhos conhecidos pelo carroceiro. Ao chegarem no Espraiado, contudo, *vendo que não poderiam alcançar o rio porque era alta madrugada* deliberaram deixar ali mesmo o corpo, que mais tarde foi encontrado por dois carroceiros, quando retiravam lenha naquele lugar.³¹⁰

Os jornais eram os grandes responsáveis pela repercussão do crime. Na capital, o jornal *O Parafuso*, cobrava das autoridades a devida apuração dos fatos e suas respectivas punições. No periódico de 15 de Dezembro do mesmo ano, traziam a seguinte manchete em letras garrafais: “*ESTÁ DESCOBERTA A IDENTIDADE DA VICTIMA DO PAU ALTO*” e, logo abaixo pequenos reclames – “*Alphonse Defforge foi barbaramente assassinado sob a ordem da ‘Rainha do Café’*”; “*O cônsul francês em São Paulo até agora não deu nenhuma providência*”; “*o Sr. Washington Luís é o único responsável pela impunidade dos bandidos milionários*”.³¹¹ (IMAGENS 39 E 40)

Imagem 39 - Capa do Jornal *O Parafuso* do dia 15 de Dezembro de 1920. APHRP.



³¹⁰ JORGE, Janes. **O crime de Cravinhos...** Op. cit., p.08.

³¹¹ Jornal *O Parafuso*. Fonte: APHRP.



Imagem 40 - Visão aproximada da parte de baixo da página que constitui a capa do periódico, aproveitando para ver mais de perto a forma como foi caracterizada Iria Alves Ferreira, tanto pelas palavras como pela imagem. APHRP.

No alto: Sinhazinha Junqueira, 1.^a esposa do dr. Matheus Chaves, 2.^a idem do sr. Francisco Junqueira, 3.^a idem, do sr. Hermínio Ferreira, 4.^a idem, do sr. José Davidoff e em últimas núpcias do ex-príncipe Kaká. — No centro: Alphonse Delforge, official do Exército francez, barbaramente assassinado na Fazenda Pau Alto, em Ribeirão Preto. — Em baixo: a Rainha dos Bandidos a autora principal do banditismo de que foram personagens Praxedes, Romualdo e Sant'Anna (pae e filho).

Uma visão romântica, quase cinematográfica realizada pelo Jornal. O periódico narrava “sensacionalisticamente” ao reconstruir os fatos e as notícias desta maneira, chamando atenção ao fato do crime ainda não ter sido solucionado e julgado pelos órgãos competentes. Em especial, as reportagens do *O Parafuso*, tinham como características a ironia e sarcasmo. Por hora, atentemos apenas para a dimensão do assassinato.

O crime não foi alvo apenas dos jornalistas da época. Em romance escrito por Júlio José Chiavenato³¹², encontramos outras cores para pintar o crime e justificativas para compreender os possíveis motivos para os (des-)mandos de Iria:

³¹² Há de se ressaltar o trabalho de DIAS, Patrícia Fiquini. **Encontro entre narrativas**: a interpretação da obra *Coronéis e Carcamanos* de J. J. Chiavenato. Monografia de conclusão de Curso. CUBM: Ribeirão Preto, 2008.

À tardezinha daquele domingo o francês chegou à sede do Pau Alto. Sinhá Fragoso recebeu-o com um leve abraço. Era o genro da Rainha do Café. Tinha se casado na França com a sua filha e depois da morte da mulher e do sogro, veio para o Brasil esperando receber sua parte da herança. Via a matrona pela primeira vez. Ela não falava francês, ele não sabia português, mas o dois entendiam o porquê da visita.

Sentou-se na varanda, olhou os campos e recolheu-se ao quarto de hóspedes. Repousava depois do banho e nem viu como começou. Três homens invadiram o cômodo e moeram-lhe o corpo de pancadas. Usaram cabo de chicote, faca e uma pequena foice. Esfaquearam-no dezenas de vezes. Degolaram. Furaram. As mãos dos assassinos subiam e desciam entre facadas e foçadas. O sangue tingiu o ambiente.

Assassinado o herdeiro, era preciso livrar-se do cadáver. Sob as ordens do capitão Alexandre Silva, os homens despiram o defunto. Com a pequena foice picaram-lhe a cara, fraturando os ossos. Com a faca afiada descarnaram o rosto, tiveram o cuidado de arruinar as impressões digitais. O cabo de rebenque voltou a cair na face morta, para não ficar possibilidade alguma de reconhecimento. Vestiam-no com roupas toscas de lavrador; até um botinão amarelo enfiaram-lhe nos pés.

Amarraram várias pedras no corpo, para de madrugada jogá-lo no rio Pardo. Era uma longa jornada, atrasaram-se apagando os vestígios do crime e o sol encontrou-os, empurrando a carriola com o defunto, ainda no Espraiado. Medrosos de serem vistos por algum trabalhador, resolveram enterrá-lo ali mesmo. Foram cinco os assassinos contratados pelo capitão Alexandre Silva: José Sant'Anna, Antônio Sant'Anna, Praxedes José da Silva, Justino de Oliveira e Romualdo Serapião. Tiveram azar, porque um bêbado os viu. A polícia desenterrou o cadáver e a embriagada testemunha contou ao jovem e inexperiente delegado quem eram os criminosos.³¹³

Júlio José Chiavenato não traz os nomes com precisão e tão pouco parece se preocupar com a veracidade dos fatos que se baseia, pelo menos na construção de alguns contos que compõe esta obra. Utiliza, assim como o periódico citado recentemente, de um linguajar jocoso e irônico.

Em uma destas buscas por iguarias nos sebos da cidade de São Paulo, me deparei com um romance de nome *Crimes a moda antiga*, publicado em 2000 e escrito por Valêncio Xavier. Minha surpresa foi identificar como um entre oito crimes selecionados, o “*famoso crime do Espraiado*”. Para Xavier, os motivos que levaram ao assassinato eram outros que Chiavenato e o periódico não haviam elencados.

A história contada por Xavier começa alguns anos antes do crime. Nenê Romano, uma cocote que morava num bairro aristocrático de São Paulo lá pelos idos de 1918, detinha um palacete elegante na rua Bento de Freitas, lugar onde a vida noturna

³¹³ CHIAVENATO, Júlio José. **Coronéis e Carcamanos**. 2. ed. Ribeirão Preto, SP: FUNPEC Editora, 2004, p.150.

queimava, enquanto sua voz e a de seus convivas cantavam ao piano, usufruindo da beleza de “*seus salões decorados à moda oriental, em coxins caprichosos*”, onde se “*fumavam, ópio, aspiravam cocaína ou praticavam o amor, tudo segundo o figurino de Paris*”.³¹⁴

Segundo o romance, Maria Eugênia – a Sinhazinha Junqueira, teria se casado com “Alphonse Delenze”, um relacionamento de fôlego curto, haja vista a ambição do francês pela fortuna da moça, neta de Iria Alves Ferreira. Em 1918, a sociedade paulistana comentava que a Sinhazinha tinha por namorado um influente político bem sucedido. Eis que as versões se entrecruzam:

Numa tarde de Carnaval, quando Nenê Romano fazia o curso na avenida Paulista, um político bem-sucedido atira-lhe um bilhete marcando o encontro. E o político bem-sucedido passa a freqüentar o palacete da cocote e esquece a filha da Rainha do Café. Nenê Romano arranhou uma rival perigosa. Duas amigas suas, assistindo a uma sessão no Cinema Central, ouviram sinhazinha Junqueira, no camarote ao lado, afirmar que se vingaria da afronta. Sinhazinha escreve para dona Iria pedindo que sua mãe mande homens da fazenda Pau Alto para castigar Nenê Romano. Procura também, várias vezes, o médico João Procópio, pedindo vitríolo para ela atirar no rosto de Nenê Romano, ou que arranje algum paciente sífilítico para contaminar a cortesã. O médico se recusa.³¹⁵

De fato, seguindo a narrativa de Xavier, Nenê Romano foi atacada, sofrendo golpes de navalha no rosto. Porém, a vitória de Sinhazinha não fora comemorada a contento graças a uma fatalidade. Depois de “*executada a empreitada, os dois agressores, Ignácio Alves e Marcos Vioti, retornam à casa dos Junqueiras... e prestam conta a sinhazinha*”³¹⁶:

- O serviço está feito.

Tal impressão cruzou essa comunicação que o sangue subiu à cabeça de sinhazinha, causando-lhe fortes dores e, depois, paralisia facial: todos os sintomas, enfim, de congestão cerebral, conforme atestaram os médicos João Procópio e Edmundo Carvalho. A satisfação de ter marcado para sempre o belo rosto de sua rival pouco serviu para sinhazinha Junqueira; não vai sobreviver muito tempo. Em 23 de janeiro de 1919, morre vitimada pela gripe espanhola.³¹⁷

³¹⁴ XAVIER, Valêncio. **Crimes à moda antiga**. Ilustrações de Sérgio Nicultchef. São Paulo: Publifolha, 2004, p.92.

³¹⁵ Idem, p.94.

³¹⁶ Idem, p.95.

³¹⁷ Idem, p.96.

A morte de Sinhazinha teria sido o motivo que levou o visitante francês realizar a última viagem em vida. Nesta perspectiva, acreditando o jovem que tiraria vantagem financeira da situação, acabou lá pelas bandas da Fazenda Pau Alto, encontrando seu fim já conhecido.

Uma versão que ainda não foi encontrada é aquela que consta no filme chamado “O Crime de Cravinhos”. Escrito e dirigido pelo italiano Augusto Carrari (1867-1935), produzido pela *São Paulo Natural Films*, o filme foi feito em 1920, preto e branco e mudo. Considerado um Suspense, teve como elenco os atores: Rodolfo Arena, Antônio de Camilles, Elvira de Camilles, Carmo Nacarato, Filippo Santoro, Fiorini Silva, Antônio Tagliaferro, Nicola Tartagliori e Humbertina Trimantini.³¹⁸

São várias as versões do assassinato, todas realizadas segundo a perspectiva de que Iria Alves Ferreira havia sido a mandante do crime. Contudo, como todo acusado, Iria utilizou de seu recurso de defesa e nunca assumiu a autoria ou mando de nenhuma ação que agisse contrária a vida do indigente encontrado em suas terras.

A “Rainha do Café” tinha ganhado um novo apelido – a “Rainha dos Bandidos”. E com ele, devemos rever toda a caracterização de Iria e de Ribeirão Preto, enquanto uma cidade racional e civilizada, preocupada com a limpeza e higiene de seus espaços públicos, rica e desenvolvida pelo capital cafeeiro e as negociatas do café.

4.2 – A mulher, as estratégias e o jogo político.

Esta pesquisa não é inédita ao trazer a tona uma personagem do passado, capaz de negociar com a realidade masculina. Mesmo se especificarmos o olhar para as mulheres paulistas representante da elite. Segundo a historiadora Maria Alice Setúbal, “*figuras como D. Veridiana Valésia da Silva Prado (1825-1910), D. Maria Angélica de Souza Queiroz Aguiar de Barros (1842-1929), D. Olívia Guedes Penteado (1872-1934) e D. Yolanda Penteado (1903-1934)*”³¹⁹, são mulheres que “*estiveram a frente do seu tempo, comandaram a urbanização paulistana e incentivaram a apoiaram movimentos*

³¹⁸ Informações extraídas do site: http://epipoca.uol.com.br/filmes_ficha.php?idf=7303, acessado em 27 de Fevereiro de 2007, e no site: <http://www.imdb.com/title/tt0188525>, acessado em 29 de Julho de 2008.

³¹⁹ SETUBAL, Maria Alice. *Famílias paulistas, famílias plurais*. In _____. (dir.) **Terra paulista: história, arte e costumes**. (V.2) Modos de vida dos paulistas: identidades, famílias e espaços domésticos. Imprensa Oficial: São Paulo, 2004, p. 82.

*artísticos e culturais da época*³²⁰. De nossa parte, acreditamos que Iria não esteja *a frente de seu tempo*, mas sim, por conhecer as regras do mesmo, soube jogar e se posicionar de uma maneira própria na sociedade para tirar dela alguns benefícios.

Um exemplo de mulher que conseguiu construir um círculo de amizades a sua volta obtendo prestígio por conta disso, foi a Dona Veridiana Prado. **(IMAGEM 41)**

Imagem 41

Dona Veridiana Prado (1826-1910)

In: <http://vivasp.com/texto.asp?tid=3548&sid=9>



D. Veridiana foi uma figura de iniciativas destoantes daquelas tidas como costumeiras para uma mulher da elite em seu tempo histórico (séc. XIX). Chocou São Paulo ao separar-se de Martinho da Silva Prado e tomar as rédeas da família para a educação dos filhos.

[...] o salão de d. Veridiana Prado [...] fuge a simples encontros sociais e constitui um grupo de interesses específicos, cultural e político, que atende ao requisito necessário à sua identificação com o conceito de salão: a existência de dias marcados para o encontro [...] Somente a título de exemplo podemos tomar a discriminação dos convivas e a descoberta de seus pontos comuns de interesse e desempenho, como referência de atuação e temário que circulava no salão. Consideramos alguns nomes apontados em diversas fontes como freqüentadores do

³²⁰ Idem.

salão de d. Veridiana. Entre eles encontramos Luís Gama... precursor do abolicionismo em São Paulo, talvez no Brasil.

[...] vamos encontrar freqüentando o salão ou se correspondendo quando ausentes Joaquim Nabuco e também Rui Barbosa, [...] outro abolicionista destacado, José do Patrocínio... Encontramos também, amigo de Gama e Castro Alves, o dr. Rubino de Oliveira.³²¹

As amizades de D. Veridiana nos permitem verificar uma determinada posição na sociedade. Abrir a sua casa a personalidades como Luís Gama, Castro Alves, José do Patrocínio, Rui Barbosa, entre outros, é deter de um status significativo. Tal conjunto de confrades potencializa seu lugar na sociedade na medida em que nos recordamos da cordialidade buarquiana ou da bucaneria de Doin.

Outra mulher que poderia ser elencada como “matriarca” é a D. Ana Jânsen Pereira. (**IMAGEM 42**)



Imagem 42 Dona Ana Jânsen Pereira (1787-1889). Imagem extraída do site: http://carruagemcantadanaescola.blogspot.com/2007_07_01_archive.html

³²¹ INNOCENTI, Thaís Ferraz de Barros Pimentel. **Dona Veridiana Valésia da Silva Prado: uma imagem e seus espelhos.** Dissertação de Mestrado em História. FFLCH – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985, p.232-233.

Proprietária de fazendas e prédios em São Luís/MA, acabou se transformando em chefe da facção liberal mais influente da província. Rica comerciante, a exemplo da “Rainha do Café”, foi responsável por abastecer a capital com água potável empregando tropas de burros. Sobre sua forma coronelesca de lidar com os demais, Janotti escreve:

Não houve Jânsen, no seu tempo, que lhe fugisse à tutela. Todos, legítimos ou bastardos, consangüíneos ou afins, obedeciam-lhe cegam,ente.’ Por ocasião da Balaiada, Donana havia fardado e municiado, com seu próprio dinheiro, um Batalhão da Guarda Nacional que, comandado por seu filho, o tenente-coronel Izidoro Pereira, conseguiu ocupar a vila de Icatú, de onde os revoltosos acantonados, ameaçavam a capital. Este sucesso, abriu-lhe ainda mais as portas da política. Inimiga ferrenha dos cabanos (conservadores), por questões pessoais, Donana financiou sórdida campanha contra seus membros veiculada pelo jornal *Guajajara*. A sorte continuou do seu lado, pois sua sobrinha casara-se com o presidente da Província João Antonio de Miranda. Aliada do presidente, impôs às demais facções bem-te-vis (liberais) o seu comando. Não hesitou em usar o recrutamento para silenciar e afastar seus inimigos. Em apenas um ano Miranda recrutou 1944 homens e enviou 909 para o sul do país.³²²

Percebemos também uma vinculação dos ganhos políticos da cafeicultura com o casamento. Tal qual D. Veridiana e D. Ana Jânsen, Iria Alves Ferreira também foi beneficiada por contrair matrimônio com Luís da Cunha Diniz Junqueira. Não apenas pelo capital, como pelo status da família junto a sociedade, tal qual o próprio casamento em si, ritual que sacramentava a construção conservadora (portanto positiva dentro de suas estratégias para conquista e expansão do trono cafeeiro) do ser mulher do período: ser mãe e dona-de-casa.

Já no que diz respeito a rede de sociabilidade desenvolvida por Veridiana Prado, não podemos interpretar como semelhante, pois se fez diferente daquela que Iria Alves Ferreira conseguiu, ao seu modo, construir. Primeiro que não há indício algum de que Iria tivesse experiências semelhantes a aqueles encontros “culturais”, seja na Fazenda Pau Alto, seja em outras propriedades da cafeicultura, segundo que sua aproximação até mesmo familiar com muitos políticos influentes de Ribeirão Preto, do Estado e do próprio país, permitem ressaltar preocupações outras em suas relações de amizade. Ressaltamos esta fala, chamando atenção para a foto abaixo. **(IMAGEM 43)**

³²² JANOTTI, M. L. M. **O Coronelismo** ... Op cit, p. 25-27.



Imagem 43 Visita do irmão do presidente Hermes da Fonseca à Fazenda Pau-Alto, Município de Ribeirão Preto-SP. Propriedade de Iria Junqueira, s/data. **Fonte:** Acervo Família Junqueira (ft. 106) In: MATTOS, J. A. J. **Família Junqueira...** op. cit., Acervo família Junqueira (ft.106).

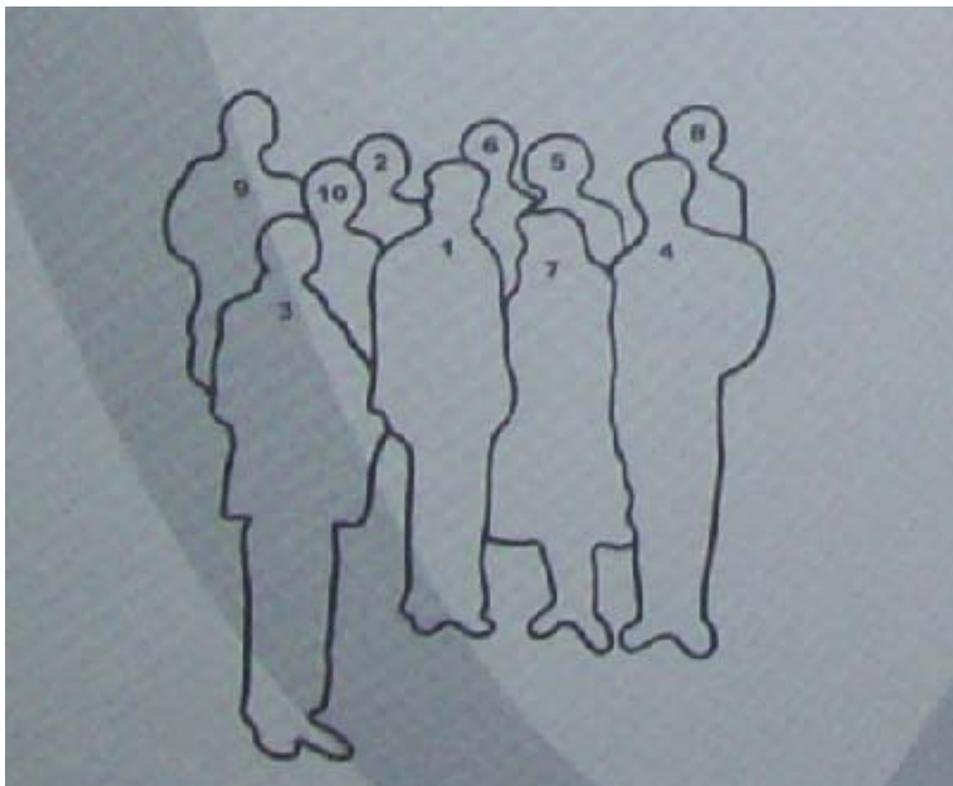


Imagem 44- Como consta na ordem estabelecida pelo autor da genealogia, estão presentes na foto: (1) Irmão de Hermes da Fonseca, (2) D. Iria Alves Ferreira, (3) Cel. Piedade, (4) Dr. Francisco Junqueira, (5) D. Inocência Junqueira, (6) José da Cunha Junqueira, (7) Srta Zica Junqueira, (8) o Sr. Capitão Alexandre Silva (administrador-geral), (9) Gabriel Junqueira e (10) Augusto Junqueira. In: MATTOS, J. A. J. **Família Junqueira...** op. cit., Acervo família Junqueira (ft.106).

Por hora, convidamo-los a refletir sobre o peso de alguns personagens desta foto (**IMAGENS 43 E 44**). Receber o irmão de Hermes da Fonseca em sua propriedade demonstra uma força política digna de atenção. Membros de sua família, empregados e demais confrades também fazem parte de tal observação. Dr. Francisco Junqueira, seu filho, é um exemplo disso. Lembremos de que foi deputado estadual em diversas legislaturas pelo PRP, além de ter ocupado cargo de vereador e de presidente da Câmara Municipal da cidade.³²³

Faz-se assim, um conjunto de personagens atrelados a “Rainha do Café” que nos permite tecer uma rede de sociabilidade específica, ou seja, pessoas as quais ao se relacionar, conseguiu negociar e tirar seus proveitos. Tendo de lidar com a acusação de

³²³ Francisco Junqueira foi Presidente da Câmara Municipal em duas legislaturas consecutivas: a 16ª (1920 a 1923) e 17ª (1923 a 1926). In: Câmara Municipal de Ribeirão Preto. **Memória:** as legislaturas municipais de 1874 a 2004. Ribeirão Preto: Editora COC, 2001, p.33-34. Levando-se em consideração que o Crime de Cravinhos ocorreu em novembro de 1920, e sendo Francisco filho da Rainha dos Bandidos, podemos inferir que o julgamento nada afetou sua carreira política.

assassina, correu atrás de advogados para que não fosse condenada. Vejamos os nomes de seus defensores que publicamente tentavam defende-las das acusações:

Os advogados Fábio Barreto, Camilo de Moraes Mattos e Meira Júnior, intimamente ligados ao grupo de Quinzinho da Cunha, escreviam quase que diariamente em jornais, acusando os inimigos dos Junqueira a tramar uma sórdida mentira que deslegitimasse a família. Segundo o historiador Janes Jorge, “*denunciavam irregularidades e abusos nas investigações da polícia e indicavam falhas e contradições no inquérito daí resultante, e, a cada prova acusatória, ofereciam uma contraprova*”³²⁴, ou ainda a desqualificavam.

Outros ainda saíam em defesa da cafeicultora, como é o caso de Ângelo Mendes de Almeida, quando publicou no jornal O ESTADO DE SÃO PAULO datado de primeiro de novembro de 1920:

Nós dissemos e afirmamos dede o início destes artigos que não acreditávamos nas célebres ‘confissões’ que a polícia tinha ‘conseguido’ de Praxedes, Justino, Romualdo e os dois Sant’Anna. Pois bem. Ontem, no fórum criminal desta Capital, perante o dr. Gastão Mesquita, e mais dez pessoas, o preto Justino ... explicou a sua confissão e a de Praxedes. Excusamo-nos de glosar essa explicação lamentando unicamente que a ela não assistirem os jornalistas que ainda põem em dúvida a torpeza policial do caso de Cravinhos.

Justino afirmou que foi preso, maltratado, esbofeteado, tendo passado dois dias sem comer, e a beber a própria urina para matar a sede... Disse que nada ‘confessou’ porque nada havia feito e nada sabia com relação ao cadáver do Espriado, mas que, acossado pela fome e ameaçado as suas declarações no sumário, porque tinha medo do delegado regional de Ribeirão Preto e do promotor público da Comarca!

Declarou mais que estando uma vez com Praxedes na prisão, este, mostrando-lhe o corpo cheio de equimoses lhe dissera ter feito o mesmo que ele, por não estar disposto a sofrer e apanhar mais!³²⁵

E no outro dia estava Ângelo de Almeida de novo no jornal, batendo na mesma tecla:

Nós temos certeza de que ‘declarações’ e ‘confissões’ extorquidas a Justino e seus infelizes comparsas, representam uma farsa policial aliás muito comum em São Paulo... Nós mesmos tivemos ocasião de ouvir de juízes (!!!) e até de ministros (!!!) a afirmativa original de que seria ‘impossível’ fazer boa polícia e boa justiça... sem a ‘confissão’

³²⁴ JORGE, Janes. **O crime de Cravinhos...** Op. cit., p.103.

³²⁵ “O caso de Cravinhos”. Jornal **O Estado de São Paulo**. 01.11.1920., p.08. In: JORGE, Janes. **O crime de Cravinhos...** Op. cit., p.106.

(!?) forçada dos supostos autores de certo e determinado delito (!!!), isto é sem a derrocada geral de tudo quanto até hoje tem pensado e escrito com relação a prova em matéria criminal, e com relação ao processo e afeição natural dos inquéritos policiais.

Revela, entretanto, ponderar que se é verdade que em certos casos, os juízes, talvez impensadamente, tem preconizado nas diligências policiais (sic) um certo arbítrio e até processos inquisitoriais para extração de confissões – até hoje ninguém se lembrou de levantar a abrir inquérito contra escrita e determinada pessoa, desprezando a apuração da verdade e a verificação do caso criminoso e mesmo da criminalidade do caso aventado, e dirigindo-se as suas investigações para um ponto único, na idéia fixa e na preconcebida intenção de responsabilizar a pessoa visada por um crime, cuja existência efetiva nem sequer delineada está, quanto mais reconhecida

E é este o caso de Cravinhos.

Ângelo Mendes de Almeida.³²⁶

Para Janes Jorge, esta campanha exaustiva nos jornais ia se intensificando quanto mais perto chegava a data do julgamento do recurso que os advogados de Iria Alves Ferreira apresentaram ao Tribunal de Justiça de São Paulo. Para o autor, esta estratégia tinha duas finalidades: a primeira, influenciar a decisão dos ministros do respectivo Tribunal e a segunda de criar uma atmosfera “*senão favorável, ao menos tolerante com uma possível absolvição*”³²⁷. Desta sorte, os defensores protegiam a cafeicultura de qualquer reação da população desencadeada por um sentimento de impunidade. A campanha promovida por estes fiéis combatentes não gerava na população a crença na inocência, “*embora convencesse a muitos, tão só pelas proporções que alcançara e pelos recursos e homens que mobilizava*”.³²⁸

Cione, que em seus escritos sobre a história de Ribeirão Preto já havia destinado inúmeras qualidades a cafeicultura, entendeu todo o caso como uma “perseguição”, concordando com a postura dos advogados citados. O discurso é interessante:

... Certa feita, surgiu um corpo, ao que parece mutilado, em sua fazenda. As ‘estórias’ sobre o caso são confusas. Cada um diz uma coisa. O que sabemos é que D. Iria foi acusada de tal morte. Processos. Presa e conduzida a São Paulo (primeiro cárcere feminino privado). Sofreu demais. Não sabia o porque daquela perseguição. Dinheiro? Prestígio? Inveja? Seus advogados foram os notabilíssimos Doutores Meira Júnior, Fábio Barreto e Camilo de Matos, que acreditaram sempre na inocência. Como ela, a esplendida mulher que

³²⁶ “Horrores na cadeia de Ribeirão Preto”. Jornal **O Estado de São Paulo**. 01.11.1920., p.08. In: JORGE, Janes. **O crime de Cravinhos...** Op cit, p.106.

³²⁷ Idem, p.121.

³²⁸ Idem, p.121.

tanto fez, que tanto trabalhou, que tanto deu de si sem nada pedir para si....”³²⁹

A memória local, criada a partir de historiadores da cidade como Rubem Cione, acabaram por corroborar com as descrições da imprensa ribeirãopretana do início do século e com a argumentação elaborada pelos advogados de defesa da ré.³³⁰ Se a célebre frase “*história é escrita pelos vencedores*” é válida, neste caso Cione ratificou a vitória deste grupo.

E por fim, com o auxílio de todos os seus paladinos, o Tribunal acatou o recurso, entendendo a denúncia contra Iria Alves Ferreira e Alexandre Silva improcedente, libertando-os, sem outros julgamentos. Praxedes, Justino, Romualdo e os Sant’Anna ainda permaneceram presos.

Depois deste incidente Iria nunca mais voltou a Ribeirão Preto. Fixou residência em São Paulo juntamente com sua família. Mas não foi a vida de Iria a única trajetória alterada pelo evento “crime de Cravinhos”, posto que outros personagens também foram afetados. O delegado Accacio Nogueira perdeu o posto de chefe do Gabinete de Investigações e Capturas, Silva Carvalho, o delegado regional de Ribeirão Preto, foi transferido. O subdelegado Ramos foi demitido.

Esta trajetória da “Rainha do Café” legitima estudos sobre esta longa duração da bucaneria no Brasil. Percebemos como que estas elites, sem peias ou mordças morais constroem realidades ao seu desejo articulando ganhos pessoais enquanto medem dívidas constantemente contraídas.

Já que presenciamos o afastamento, transferência ou demissão daqueles que se opuseram a Iria, pensemos do ponto de vista dos advogados vencedores. Qual foi o futuro de Fábio Barreto, Meira Júnior e Camilo de Matos?

Atualmente, os três hoje podem ser encontrados facilmente na cidade de Ribeirão Preto, pois se tornaram nomes de logradouros públicos. Camilo de Matos carregou no currículo o cargo de Prefeito da cidade e presidente da Câmara. Quando foi afastado da política, assumiu o cargo de consultor jurídico das “Usinas Junqueira” e Diretor Presidente do Educandário “Cel. Quito Junqueira”. Já Fábio Barreto, elegeu-se deputado federal em 1924, também assumiu a Prefeitura de Ribeirão Preto como o

³²⁹ CIONE, Rubem. **História de Ribeirão Preto: Revivescências**. I Volume. Ribeirão Preto: IMAG, 1987, p.198-199.

³³⁰ MEIRA JUNIOR, João Alves; BARRETO, Fábio de Sá; MATTOS, Joaquim Camillo de M. **O crime de Cravinhos: razões de recurso e memorial dos recorrentes**. (Tribunal de Justiça de São Paulo). Ribeirão Preto: Typografia Selles, 1920. Biblioteca Nacional.

amigo (Camilo de Matos), e participou da construção de uma das maiores avenidas da cidade (a Avenida Francisco Junqueira).

Meira Júnior foi Deputado Estadual e Federal, além de ser Senador. Também foi Delegado de Polícia, e assim como Camilo de Matos, ocupou o cargo de Presidente da Câmara de Ribeirão Preto.³³¹ Vejamos de que forma ocorriam algumas conversas entre estes políticos, tendo como exemplo uma carta redigida por Fábio Barreto ao chefe político local – Coronel Quinzinho da Cunha:

Ribeirão Preto, 23 de Novembro de 1925,

Caro a migo Quinzinho, Affectuosas saudações

Lembrei-me hoje que no dia 29, em que terão lugar as eleições municipaes, também haverá eleição em todo o estado para uma vaga de Senador Estadual, havendo um candidato recomendado pela Comissão Directora. O Meira não está aqui, tendo seguido hontem para S. Paulo onde também se acha o Lobato. Penso e como eu também pensam o José da Silva e o Guião que não é conveniente deixar de se votar na eleição de Senador, uma vez que não há de facto um rompimento formal entre nós e o governo...

Temos procurado intervir na política do Districto, para amparar amigos ameaçados e solicitado embora, particularmente, nomeações para o Ribeirão Preto como no caso da Promotoria e Delegacia locais. Pretendemos pedir por intermédio do Chico por ocasião da votação do Orçamento, varias subvenções para a nossa cidade...

Fazendo votos para continue a melhorar do seu incommodo subscrevo-me,

Amº sempre grato, Fábio Barreto.³³²

Notemos uma rede bem desenvolvida entre os citados no escrito de Fábio Barreto. Quinzinho da Cunha deveria ser consultado e/ou informado sobre os passos dados pelos seus companheiros de articulação política, que eram, como consta na carta, Meira (Meira Jr), Chico (Francisco Junqueira, filho de Iria), Lobato³³³, José da Silva³³⁴, Guião³³⁵, entre outros. São homens entrelaçados nesta rede política que agiu em defesa da “Rainha do Café” quando esta esteve em perigo.

³³¹ ROSA, L. O.; REGISTRO, T. C. (orgs.) **Ruas e caminhos...** Op. cit.

³³² Carta de Fábio Barreto a Cel Quinzinho da Cunha Diniz Junqueira - 23.11.1925. APHRP.

³³³ O Dr. Jorge Lobato Marcondes Machado foi vereador de 1926 a 1929, e Presidente da Câmara Municipal de 1929 a 1932. Câmara Municipal de Ribeirão Preto. **Memória...** op. cit., p.34-36.

³³⁴ O Coronel e Dr. José Martimiano da Silva foi prefeito de 1926 a 1929. Idem, p.35-36.

³³⁵ O Dr. João Rodrigues Guião foi prefeito durante o governo 1923-1926. Idem, p.34.

Um dos argumentos utilizado na defesa de Iria merece destaque: seus defensores assumiram que os inimigos políticos de Quinzinho (portanto, dos Junqueiras) ao difamar Iria Alves Ferreira estavam na verdade tentando diminuir o prestígio político deste grupo específico. Nesta perspectiva, os advogados não lutavam apenas por um interesse da manutenção da honra da “Rainha do Café” frente a negação do crime, mas também de seus privilégios enquanto membros do grupo cuja honra foi colocada em xeque.

Assim, compreende-se que as ações destes “guardiões de sua honra”, permitiriam para além da defesa do grupo, a possibilidade de ganhos com os membros do mesmo, em especial, com Quinzinho. Nota-se aí, uma possibilidade de interpretação do porque o futuro dos advogados de Iria ser tão profícuo: para Camilo de Matos, cargos de prefeito, presidente da Câmara, e quando afastado, Diretor das “Usinas Junqueira” e Diretor Presidente do Educandário “Quito Junqueira”; para Fábio Barreto, além de se tornar prefeito, outros ganhos foram obtidos como o cargo de deputado federal; tal qual Camilo de Matos que se tornou Delegado de Polícia além de ocupar a Presidência da Câmara.

Neste contexto, o crime de Cravinhos (e conseqüentemente a vida de Iria) serviu como trampolim para políticos interessados. Não se trata de retirar de Iria a ação como sujeito de seu tempo, ou mudar o foco de observação. Entendemos que o “crime de Cravinhos” é maior do que havíamos discutido até então, posto que envolve grupos políticos, interesses pessoais, esferas estaduais e até nacionais. Os jogos entre estes homens (e mulheres) públicos eram realizados constantemente, como atesta outro documento que liga Quinzinho ao presidente do Estado, Washington Luís. **(IMAGEM 45).**

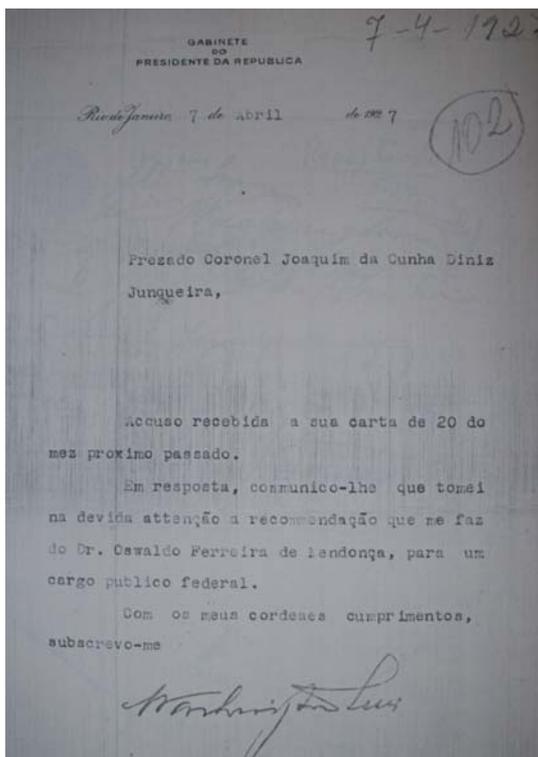


Imagem 45 - Carta de Washington Luís a Coronel Joaquim da Cunha Diniz Junqueira - 07.04.1927. **Fonte:** APHRP.

Na carta, encontra-se os seguintes dizeres: “*Prezado Coronel Joaquim da Cunha Diniz Junqueira,*
Accuso recebida a sua carta de 20 do mês próximo passado.

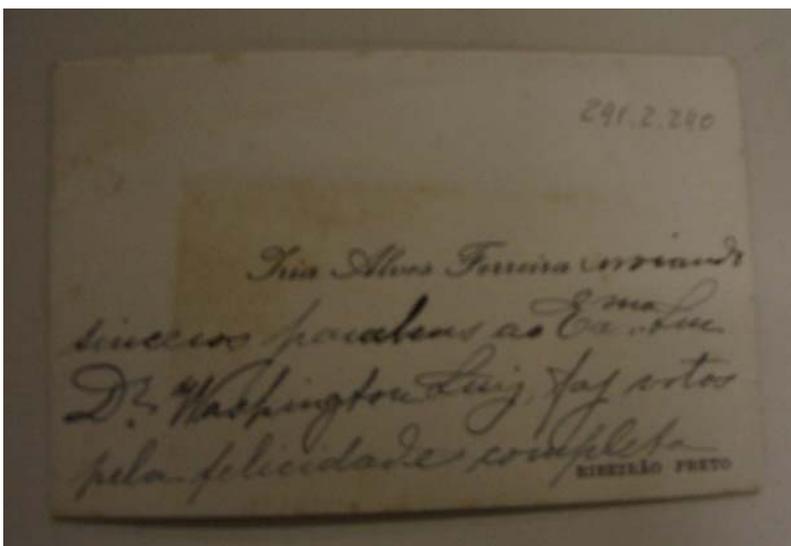
Em resposta, comunico-lhe que tomei na devida atenção a recomendação que me faz do Dr. Oswaldo Ferreira de Mendonça, para um cargo político federal.

Com os meus cordiais cumprimentos subscrevo-me, Washington Luís”.

Notemos que o papel utilizado é do próprio Gabinete da Presidência da República, reiterando nosso posicionamento quanto a indiferenciação das esferas público-privado no Brasil (bucaneirismo).

Não foi possível diagnosticar os laços políticos de Iria em âmbito local, porém, acreditamos que a presença dos advogados ligados ao grupo político de Quinzinho da Cunha e pelo caráter familiar (parentesco) com o mesmo, ela provavelmente articulou seus interesses com este grupo em especial.

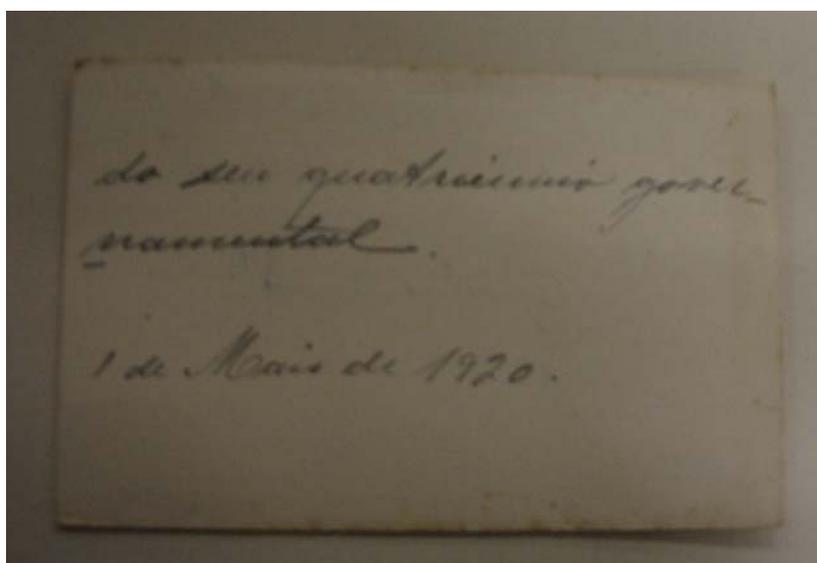
Já em escala estadual/nacional, Iria teve seus contatos como percebido na **IMAGEM 43**, quando da presença do irmão de Hermes da Fonseca em sua fazenda. Outro documento que nos chama a atenção é um bilhete de felicitações escrito por Iria ao Washington Luís. O bilhete data de maio de 1920, ou seja, seis meses antes de encontrarem o corpo do francês (ou indigente) na Fazenda Pau Alto. (**IMAGEM 46 e 47**)



*“Iria Alves Ferreira
mios sinceros
parabéns a Exma. Sr.
Dr. Washington Luiz;
faz votos pela
felicidade completa...*

Ribeirão Preto”

Imagem 46- Frente do cartão enviado a Washington Luiz, por Iria Alves Ferreira. 01.05.1920. **Fonte:** Fundo Washington Luís. AESP.



*“de seu quatrienio
governamental.*

1 de maio de 1920”

Imagem 47 - Verso do cartão enviado a Washington Luiz, por Iria Alves Ferreira. 01.05.1920. **Fonte:** Fundo Washington Luís, AESP.

O que vos apresento é mais um elemento dentre tantos outros que nos permitem afirmar a existência dos jogos políticos existentes entre Iria Alves Ferreira e os “homens do poder”. Diferente de Dona Veridiana Prado, que recebia a intelectualidade em sua casa, ou como a matriarca Jânsen, que arquitetava e negociava as claras os jogos de poder em suas terras, a “Rainha do Café” nos parece mais comedida e menos agressiva quando pensamos os atos de tornar público seus ganhos políticos.

Ao parabenizar Washington, Iria quebra a barreira do impessoal e torna mais próxima a relação entre os dois. Contando com ganhos futuros, movimentou suas peças

neste sentido, angariar aliados de força e prestígio políticos para que, caso necessário e preciso o fosse, gastasse suas cartas com muito suor do seu trabalho “cordial”.

Não surpresa foi perceber os jornais em 1920 (mesmo ano do bilhete, do crime e da absolvição de Iria) criticar ferrenhamente a postura de Washington Luiz como presidente do Estado ao se ausentar da postura esperada, permitindo que a “Rainha dos Bandidos” saísse impune de toda a situação. (IMAGEM 48)

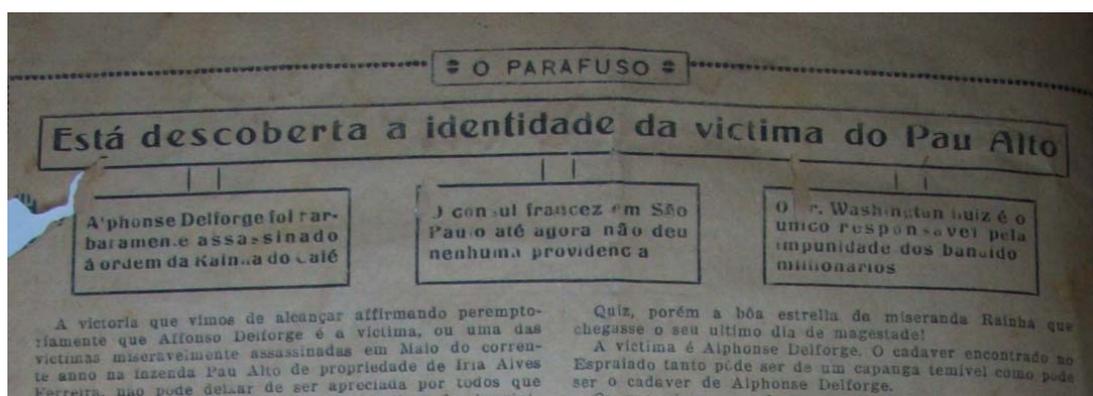


Imagem 48 - “Está descoberta a identidade da vítima do Pau Alto”. **Fonte:** O Parafuso, 15 de Dezembro de 1920. APHRP. Atentemos para os três *boxes* que saem do título da matéria, no terceiro está escrito: “O sr. Washington Luiz é o único responsável pela impunidade dos bandidos milionários”.

Iria foi conhecedora e praticante desta específica forma de fazer política - a bucaneria e a cordialidade. Elas sempre estiveram presentes no lidar de Iria com o mundo, lembrando que sendo mulher, suas articulações não poderiam ocorrer fora de uma esfera conservadora. Teve desde sua infância uma “escola” que a formou assim: seja pelo modelo paterno, ou pelo próprio marido (primeiro) que vestiram cargos públicos, aglutinou as lições da infância em tempos onde ocupou o trono do café. Mostrou-se para a sociedade como figura benemerita, cristã, preocupada com a caridade e a maternidade. Contudo, todas estas representações beneficiaram a inteligente fazendeira e negociante de atributos masculinos.

A mulher que pode ser vista a partir de tantas ligações, entre elas o próprio presidente do Estado e futuro presidente da República, é uma mulher que articulou-se em todos os momentos da vida a partir do compadrio, das amizades, da cordialidade... da bucaneria.

Se pensarmos que ela necessitou dos advogados citados, assim como do próprio Washington Luís, além do silêncio de seus empregados como do apoio dos compadres nos jornais locais; entendemos que a absolvição (independente se ela foi ou não mandante do crime) é prova de que as relações sociais no Brasil são mais fortes do que o cego julgo dos responsáveis pela Justiça – até porque, também são homens e convivem com a cordialidade, ou seja, estas relações são como mãos que descortinam a venda responsável pela esperada cegueira da justiça, uma justiça tupiniquim.

4.3 – Fios, rastros e vestígios: o que ficou de Iria Alves Ferreira?

Depois desta investida ao passado, deste mergulho planejado a luz dos historiadores selecionados, escapa a figura de Iria Alves Ferreira a neblina das primeiras impressões. Não que nos felicitamos e damos como encerrado o labor de buscá-la por meio da documentação, apenas notamos com maior atenção os contornos da figura constituída por força de suas representações.

Independentemente de julgamento, esta(s) representação(ões) da “Rainha” frente a sociedade foi(ram) propagandeada(s) pelo discurso jornalístico, dos magazines, nas fotos, cartas e testamentos, todos, dispostos nos quatro capítulos trabalhados anteriormente.

Frente a esta complexa realidade que se formou aos nossos olhos, como este emaranhado discursivo referente a sua(s) representação(ões) se modificou com o tempo? Qual das suas imagens materializou-se na sociedade ribeirãopretana? Quais as informações daquela época que conseguem chegar aos olhos dos homens e mulheres do século XXI (o presente da pesquisa)? Já disse Lucien Febvre sobre o fazer história e as relações que permeiam o passado e o presente:

Passado, aliás? Não tenham ilusões. O homem não se lembra do passado. Reconstrói-o sempre. O homem isolado, essa abstracção. O homem em grupo, essa realidade. Ele não conserva o passado na memória, como os gelos do Norte conservam frigoríficos os mamutes milenários. Parte do presente – e é sempre através dele que conhece, que interpreta o passado³³⁶

³³⁶ FEBVRE, Lucien. **Combates pela História...** op. cit., ,p.24

Tenhamos a consciência de que nenhum trabalho de História poderia analisar estas informações “congeladas”. Portanto, a intenção dos próximos parágrafos é trazer a tona quais foram as materializações da memória e de como elas interferem na valorização das representações da “Rainha”.

Retornemos aos momentos finais de sua vida, quando, segundo Rubem Cione, teria a já convallescida Iria Alves Ferreira ditado uma carta para o Padre Antônio Carbella. O encontro ocorrera em 21 de novembro de 1927, na cidade de Vespasiano (MG) e teria como intuito a produção destas palavras:

Não quero deixar este mundo sem deixar para meus filhos e meus netos as minhas mais puras bênçãos e sem dizer-lhes que não há nada no mundo que se compare a consciência pura, à tranquilidade da alma. Resiste-se a todos os martírios, a todos os sofrimentos, que a perversidade dos homens atira sobre a gente. Juro diante de Deus e Maria Santíssima que vão receber minha alma inocente e pura de todas as calúnias, que nunca matei ninguém. Nunca nem em pensamento, mal ou pequeno ou grande fiz ao meu próximo, e nem pensei em fazê-lo.

Na minha vida simples da fazenda só tinha um ideal: trabalhar para meus filhos e para que meus filhos pudessem fazer felicidade de suas famílias.

Socorri a todos que a mim recorriam, como vocês, meus filhos bem o sabem e viram, e aos necessitados que precisavam e não podiam vir até mim. E quantas vezes fui até eles levar o meu pequeno auxílio, o meu consolo, inclusive para aqueles que, talvez, depois, muitos até me apedrejaram. Por que me caluniaram e por que me difamaram e me perseguiram, eu, inocente, sem compreender o que me estava acontecendo? Não sei.

Devem sabê-lo as autoridades que deram mão forte aos meu ocultos inimigos, os quais não pensava tê-los, pois nunca fiz mal a ninguém.

Devem sabê-lo o Promotor carrasco que se arvorou no meu mais monstruoso perseguidor, e também os delegados Accácio e João Ramos.

Deve sabê-lo o Juiz Laudo Ferreira de Camargo, que é marido, que é pai, que era meu companheiro para carregarmos juntos o Nosso Senhor Jesus Cristo, nas procissões da Semana Santa, perseguindo e crucificado pelos seus inimigos, como ele, Dr. Laudo me perseguiu e crucificou a mim, inocente como Nosso Senhor Jesus Cristo. E só Jesus pode saber e compreender o que me fizeram. A Humanidade é muito pequenina para compreender a monstruosidade que me fizeram!

Meus filhos, vocês sabem quais são os monstros, os algozes de tua mãe. E, se o mundo ainda os conhece, Deus os apontará um a um.

Chorei muito e chorarei até depois de morta. E estas lágrimas de uma velha mãe inocente, caluniada e perseguida, estas lágrimas cairão uma a uma, com a justiça de Deus, nos meus ferozes algozes, se eu não os perdoar.

Aos meus filhos, peço que sejam sempre amigos e unidos como bons irmãos que são e bons filhos para esta pobre mãe. Estarei na eternidade, com minha alma pura rogando pelos meus filhos, clamando justiça de Deus a todos os inocentes que, como eu neste mundo, foram vítimas das calúnias de perseguições dos homens e da própria justiça, como eu fui.

Em nome de Deus e de Maria Santíssima, abenço a todos os meus filhos, aos meus netos, as minhas boas noras. Tenham sempre fé e esperança na Justiça Divina. Que Deus perdoe os meus perseguidores, como eu os perdôo agora.

Desta inocente e caluniada mãe, Iria Alves Ferreira.³³⁷

A carta é bastante clara – Iria Alves Ferreira se considera inocente da alcunha de assassina. Interessante pontuar a presença de palavras que nos remetem a Deus e/ou sua religiosidade. Deus, Maria Santíssima, Justiça divina, perdão, fé. Dos 11 parágrafos que compõe a carta, a palavra *Deus* aparece em 5.

A Revista “*Brazil Magazine*” já havia pontuado o caráter religioso desta senhora em 1911, quando a chamavam de “*Cristã fervorosa e sincera*”, seguido de comentários onde a Igreja Católica sentia-se endividada para com sua benevolência. Os jornais, como o periódico “*A Cidade*” também noticiavam suas doações:

Santa Casa - Foi pela exma. sra. d. Iria Alves Ferreira feito o importante donativo dos seguintes generos a Santa Casa: 1 sacca de café, 1 de arroz, 1 de farinha, 1 de assucar, 1 de feijão, 2 de fubá, 1 de batatas e 1 de cará.³³⁸

Ou seja, existe esta constante religiosidade na documentação que trata Iria Alves. É lógico que representa-la como religiosa significaria construir sociabilidades que trariam ganhos políticos para com os redatores dos periódicos selecionados, contudo, há de se levar em consideração o uso desta caracterização durante sua defesa, os motivos das doações a Igreja, até certo ponto questionáveis, etc...

As raízes de seu discurso podem ser encontradas nos periódicos que pesquisamos nos capítulos anteriores. Sua benevolência e espírito religioso foi realçado neste testemunho final para atingir o objetivo da carta – encontrar em face da morte a absolvição do leitor.

Outro ponto bastante presente é a maternidade. Em suas palavras apresenta-se como mãe, e como tal, teria então trabalhado toda a vida para que essa função fosse

³³⁷ CIONE, Rubem. **Revivescências na História de Ribeirão Preto**. Editora Legis Summa: Ribeirão Preto, 1994, p.198-199.

³³⁸ Jornal A CIDADE, 11 de agosto de 1907, Domingo. APHRP.

exercida de maneira exemplar. Figura também levantada pela Revista “*Brazil Magazine*”:

Viúva de um dos membros mais influentes da família Junqueira, abastado agricultor falecido há mais de quinze anos, a senhora Dona Iria viu-se em um momento dado com enorme responsabilidade da educação de numerosa família e da pesada direção do seu grande estabelecimento agrícola. Em meio do seu desamparo moral e quase material, não lhe faltaram as qualidades de energia rara e de máscula força de vontade que são as características dos seus sentimentos; e desenvolvendo uma atividade pouco comum em uma senhora iniciou corajosamente a administração geral dos seus bens, ao mesmo tempo que mãe atenta e extremosa, consagrou-se de corpo e alma a educação de seus filhos.³³⁹

Trazer à tona a maternidade é uma estratégia interessantíssima. Tomando como objetivo da carta a tentativa de retirar a acusação de assassina que lhe fora imposta não pela Lei (até porque esta a absolveu) mas pela sociedade, pensemos os ganhos que o “vestir-se” da representação materna lhe conferiu.

Dos 11 parágrafos que constroem este testemunho, a caracterização de Iria como mãe é ressaltada em 8! Ser a “mãe atenta e extremosa”, caridosa e benevolente, é buscar as características da maternidade que a colocam como uma santa, em especial como Maria, mãe de Jesus.

Atrair suas ações com a finalidade de felicidade de seus filhos (e suas respectivas famílias), somado a ajuda aos necessitados nas inúmeras atitudes beneméritas em vida e na morte (testamento), ainda mais com a sentida tristeza e penar com os donos daqueles dedos indicadores que a caluniaram e perseguiram, são todos fatores de uma operação nada simples que resultam num resultado lógico: um conjunto de iniciativas discursivas que tiveram como intuito a construção de uma representação de Iria vinculada a de Maria e de Jesus. Tal argumento ganha força ao contemplarmos a imagem que segue. (**IMAGEM 49**)

³³⁹ BOTELHO JR., Martinho. *Brazil Magazine*: Revista Ilustrada d’Arte e Actualidades. Rio de Janeiro: s. ed., v.57, 1911, p.264. APHRP.



Imagem 49 - Túmulo de Iria Alves Ferreira – Cemitério da Consolação. **Foto:** Do autor

A foto traz o túmulo de Iria Alves Ferreira, no Cemitério da Consolação em São Paulo.³⁴⁰ Esculturas e mensagens ocupam o cenário. Ao fundo e no alto, Jesus no Calvário, já no primeiro plano, uma mulher ajoelhada com o braço esticado na direção de Jesus. De tamanho natural, as esculturas se integram ao discurso de Iria para legitimá-la como a Mãe que alega ter sido.

Na carta, percebemos o uso da expressão “*Em nome de Deus e de Maria Santíssima, abençoação a todos os meus filhos, aos meus netos, as minhas boas noras...*”. O fato de colocar Maria ao lado de Deus é revelador. “Maria Santíssima” reforça tal argumento. De fato, a presença de tantos elementos indicam uma determinada estratégia

³⁴⁰ Como salientou Maria Borges, “os cemitérios podem ser considerados como fontes valorosas de informações de valor histórico, cultural, artístico, ideológico e religioso, não devendo, portanto ser negligenciado pela historiografia.” ROCHA, M. A. S. B. *Viver e morrer em Cuiabá na segunda metade do século XIX*. **Revista Territórios e Fronteiras**. v.1 n.1 Jan/Jun, 2008, p.104.

que foi (consciente ou não) utilizada por Iria Alves Ferreira em seus últimos momentos (**IMAGENS 50 E 51**).



Imagens 50 e 51 - Túmulo de Iria Alves Ferreira – Cemitério da Consolação. Fotos: Do autor.

Para auxiliar a compreensão das imagens, duas mensagens foram esculpidas ao longo da lápide, como podemos verificar em seguida (**IMAGEM 52 E 53**).

“COMO VOS MEV JESVS
CARREGANDO A MINHA CRVZ
PERDOEI
AOS QVE ME CALVMNIARAM
E PERSEGUIRAM”



Imagem 52 - Túmulo de Iria Alves Ferreira – Cemitério da Consolação. Foto: Do autor



“SE ALGUEM
ME QVISER SEGUIR
TOME A SVA CRVZ E SIGA-ME
MARC. VIII 3Z”

Imagem 53 - Túmulo de Iria Alves Ferreira – Cemitério da Consolação. Foto: Do autor.

O perdão já havia sido acusado na carta, mas a primeira passagem traz uma informação nova. “COMO VOS MEV JESUS CARREGANDO A MINHA CRVZ”, a frase a coloca na situação do próprio filho de Deus e não de Maria, como nas interpretações passadas.

A segunda passagem é bíblica: “SE ALGUEM ME QVISER SEGUIR TOME A SVA CRVZ E SIGA-ME”. (Marcos, VIII, 3Z) Se buscarmos no Novo Testamento, procurando no Evangelho de São Marcos, encontramos a seguinte passagem:

Seguir a Cristo e tomar a cruz. Convocando em seguida a multidão juntamente com os discípulos, lhes disse: ‘Se alguém me quiser seguir, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e me siga. Pois aqueles que quiser salvar a vida por amor de mim e pela causa do Evangelho, há de salvá-la. Pois que vantagem será para o homem ganhar o mundo todo, se vier a perder a vida? Pois o que o homem dará em troca da vida? Porque, se alguém se envergonhar de mim e de minhas palavras diante desta geração adúltera e pecadora, também o Filho do homem se envergonhará dele, quando chegar na glória do Pai com os santos anjos’.³⁴¹

Aos olhos do observador, acaba existindo uma confusão entre as estátuas e os dizeres. Mesmo conhecedores do episódio qual Iria vivenciou, o sofrimento que diz em sua carta ter passado, qual seria o motivo destas imagens presentes em seu túmulo, a última e “eterna morada”.

³⁴¹ **BÍBLIA.** Evangelho de São Marcos. 8, 34-38, Editora Santuário e Editora Vozes: Rio de Janeiro, 1992, p.1223.

As imagens passam sofrimento, tanto de Jesus quanto da mulher ajoelhada em primeiro plano, que poderia muito bem servir de referência a cafeicultora. Jesus “também sofreu”, sendo o calvário, uma das passagens mais significativas deste sofrimento. Então, o convite que a lápide de Iria faz ao citar uma passagem de Marcos lhe confere o sofrimento de Jesus, lhe implicando, por conseguinte, a santificação.

Buscar esta negociação com a realidade, este momento em que o ser humano se mostra sujeito frente à sociedade é o desejo maior dos historiadores ligados a micro-história, ou aqueles que realizam biografia norteados pela postura de Bernard Lepetit - levar os atores a sério.

Este texto não julga, ele busca a compreensão das decisões de uma personagem frente as informações alçadas por meio da documentação. A partir dos jornais e revistas, ou seja, dos periódicos que eram elaborados junto aos desejos da elite, Iria sempre foi bem quista e representada de maneira extremamente positiva. Na carta e no túmulo, construções que passaram por olhares de seus familiares e conhecidos, as imagens que foram construída não fugirão a regra. Tirando o jornal “*O Parafuso*” (da capital paulista), todos os demais periódicos que trouxemos para o debate construíram uma representação que absolveria Iria Alves Ferreira frente a sociedade e principalmente ao futuro.

Nos dias de hoje, se caminarmos pela ruas de Bonfim Paulista (distrito de Ribeirão Preto, próximo a Fazenda Pau Alto), encontraremos a rua ³⁴² “Iria Alves”, em homenagem a cafeicultora que ocupou a realeza do café há mais de um século atrás.

Esta é uma prova de que sua memória não foi esquecida ou perpetuada de maneira negativa / pejorativa. Pelo menos, entendemos por escolher como denominação de logradouro público uma homenagem pública a uma determinada situação “ilustre”, um nome que representa uma determinada trajetória de vida que dignifique a localidade e seus cidadãos. Busca-se por meio deste ato solene, dentro da Câmara Municipal, por homens eleitos pelo povo, a homenagem de um elemento significativo na história de nossa cidade, estado ou país. Percebemos nas ruas de Bonfim Paulista, distrito de Ribeirão Preto, a lembrança da “Rainha do Café” (**IMAGENS 54 E 55**).

³⁴² ROSA, L. R. O.; REGISTRO, T. C. (org.) **Ruas e caminhos...** Op. cit.



Imagem 54 – Rua Iria Alves, em Bonfim Paulista. Foto: do autor.



Imagem 55 – Placa da rua 'Iria Alves'. Foto: do autor.

Nomear os logradouros públicos com nomes de grandes personalidades não é novidade. Os homens do poder municipal ribeirãopretano utilizaram desta prática para legitimar um posicionamento político desde seu nascimento, em especial, nos primeiros anos pós República.³⁴³ São ruas, praças, avenidas e outros logradouros públicos cujos

³⁴³ Idem.

nomes remetem aos grandes personagens do regime republicanos (as ruas Marechal Deodoro, Floriano Peixoto e Rui Barbosa estão localizadas no centro da cidade), como também as datas (Praça XV de Novembro, também no centro). Sobre este tipo de construção da cidade, Maíra Carvalho Carneiro Silva escreveu:

Dentro deste contexto de cidade “republicana histórica” encontramos a rápida transformação de sua imagem. Quando chegamos a determinada cidade que não conhecemos, a nossa primeira impressão se dá através de suas ruas, prédios e monumentos. Estes transmitem o aspecto da cidade, como ela se apresenta aos visitantes, como quer ser vista, sua história. Hoje a nomenclatura de logradouros continua sendo uma forma de homenagear cidadãos ilustres, mas talvez um pouco vazia de significado. Porém, quando se pensa nas cidades do início do século com suas populações reduzidas, isso parece ganhar mais sentido. Contudo este é um conhecido instrumento daqueles que de alguma forma querem impor sua visão de mundo...³⁴⁴

Outra grande permanência histórica. Como já salientou Jacques Le Goff, a imprensa já carregou consigo o fardo de guardar a humanidade a possibilidade do arquivamento da memória. Os dicionários e as enciclopédias tiveram sua importância no que diz respeito a uma memória técnica, já os franceses pós 1789 estabeleceram festas nacionais para conservar sua Revolução, o que o autor chamou de manipulação da memória. A partir das comemorações, outros instrumentos apareceram para dar suporte: “*moedas, medalhas, selos de correio... monumentos, placas de paredes, placas comemorativas nas casas de mortos ilustres*”³⁴⁵, para além dos arquivos nacionais guardiões da memória nacional. Imortalizar o nome de Iria Alves Ferreira em um logradouro público faz parte deste longo e dinâmico processo de arquivamento da memória.

O contexto que marca a vida de Iria Alves Ferreira é o de transição do século XIX ao XX. Neste momento, homens e mulheres vivenciaram determinadas práticas para conservar a memória, como salientou Maíra Silva. Imaginando que o ato de “escrever a carta” e “adornar o túmulo” nos permitem acreditar que a cafeicultora (e os seus chegados) se preocupavam com o legado da representação da “Rainha do Café”, observemos mais uma vez as palavras de Le Goff:

³⁴⁴ SILVA, Maíra Carvalho Carneiro. *Para ser uma cidade republicana. Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, nº 36, 2009, p.02.

³⁴⁵ LE GOFF, J. *História e memória*. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. 5. ed. Editora da UNICAMP: Campinas, 2003, p.458.

Entre as manifestações importantes ou significativas da memória coletiva, encontra-se o aparecimento, no século XIX e no início do século XX, de dois fenômenos. O primeiro, em seguida a Primeira Guerra Mundial, é a construção de monumentos aos mortos. A comemoração funerária encontra aí um novo desenvolvimento. Em numerosos países é criado um Túmulo ao Soldado Desconhecido, procurando ultrapassar os limites da memória, associada ao anonimato, proclamando sobre um cadáver sem nome a coesão da nação em torno da memória comum.

O segundo é a fotografia, que revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo, assim, guardar a memória do tempo e da evolução cronológica.³⁴⁶

Desta forma, guardar a memória a partir dos desejos de Iria foi criar uma representação que lhe interessasse. Estando viva ou não, a *Rainha* sempre será *Rainha*, seja do Café, seja dos Bandidos... O importante é que nunca esqueceremos de Iria Alves Ferreira, das plantações de café, da riqueza e da pobreza da Ribeirão Preto moderna, do Crime do Espriado e do mundo em que viveu. Afinal de contas, foi o mundo em que os brasileiros de hoje foram formados.

³⁴⁶ LE GOFF, J. **História e memória**. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. 5. ed. Editora da UNICAMP: Campinas, 2003, p.460.

Considerações finais

“A novidade veio dar a praia
Na qualidade rara de sereia,
Metade um busto de uma deusa maia
Metade um grande rabo de baleia...”

(A novidade, Gilberto Gil)

São Luís não caminha imperturbavelmente rumo a seu destino de rei santo, nas condições do século XIII e segundo os modelos dominantes de seu tempo. Constrói-se a si próprio e constrói sua época, tanto quanto é construído por ela. E essa construção é feita de acasos, de hesitações, de escolhas.³⁴⁷

Jacques Le Goff escreveu estas palavras após o término da biografia de São Luís. O sentimento é o mesmo quando nos recordamos dos passos dados, das escolhas realizadas, tal qual as interpretações sobre as representações de Iria Alves Ferreira em função da documentação apresentada.

De tudo expesso, guardamos a sensação de que estas considerações finalizariam o texto de tal maneira a celebrar as vitórias alcançadas conforme esboçado inicialmente, tal qual também repensar as indagações elaboradas e suas respostas, principalmente aquelas que a documentação serviu de base material para revelar nossa interpretação acerca de um ou outro aspecto de Iria Alves Ferreira. São objetivos iniciais que se metamorfosearam no decorrer do texto, influenciados pela metodologia, pelos teóricos, pelo uso (olhar) das fontes, ou ainda pelas conveniências e subjetividades implícitas a prática do historiador.

Esta dissertação buscou a ação humana no passado consciente de que o “*escrever história*” é uma prática balizada pelo lugar social, pelo tempo histórico em que influencia o produtor e pela documentação trabalhada. Portanto, as últimas palavras deste trabalho correm segundo uma avaliação deste *buscar e compreender* Iria a partir dos caminhos percorridos.

“*Um Coronel de saias no interior paulista*” foi o nome escolhido para valorizar as negociações desta atriz em seu tempo histórico. Coronel, posto que enquanto proprietária da fazenda “Pau Alto” gozou dos benefícios de ter se tornado uma autoridade política junto “aos seus” e se aproximou de figuras importantes do cenário local, estadual e nacional. O uso no masculino é revelador de que tal figura representativa do *coronelismo* ficou sacramentada pela historiografia como um homem bonachão, poderoso, influente, violento, detentor das rédeas do destino e da mudança dos rumos da localidade em que residia seu determinado prestígio.

³⁴⁷ LE GOFF, J. *São Luís...* Op. cit., p.23.

A princípio constatamos: Iria Alves Ferreira não foi um Coronel típico (segundo a historiografia tradicional). Não o foi por ser mulher e foi essa diferença sexual a responsável por certas limitações dentro do jogo político que levantamos no decorrer da pesquisa.

Fica evidente, pela presença de outros trabalhos citados, iniciativas acadêmicas que versam sobre mulheres em situação próxima a Iria Alves Ferreira. Foi-nos de grande valia perceber na trajetória de outras agentes, situações clímax como no caso da “Rainha do Café” e o assassinato em suas terras. Utilizando das escolhas, felicidades e dramas de D. Veridiana Prado, Carlota Queiroz, D. Ana Jânsen, Darcy Vargas, entre outras, verificamos exemplos de mulheres da elite que serviram como objeto de estudo por parte dos historiadores. Portanto, a Dona Iria não foi a primeira mulher de elite do interior do Estado a ser alvo dos olhares acadêmicos. Não devemos nos esquecer do próprio trabalho “Crime de Cravinhos”, de Janes Jorge, o primeiro a levantar historiograficamente *Iria e o assassinato*.

Mas Ribeirão Preto não teve sua história construída apenas por mulheres ou homens de elite. Tratamos de identificar as mulheres desta Ribeirão Preto da transição do século XIX para o XX em diversos ofícios, em várias fontes diferentes. Encontramo-las na qualidade de professores, irmãs (religiosas), lavadeiras, diretoras de escola, atrizes, cantoras, meretrizes, prostitutas, ou ainda mães, esposas, filhas, sendo brancas ou negras, brasileiras, italianas, espanholas, austríacas, paraguaias, francesas...

Focar em Iria não foi olhar apenas para a cafeicultora, mas ao observá-la, construir diversas esferas que a biografada se envolveu em vida. Acreditamos que com êxito, estas considerações existem para promover o prometido “jogo de escalas” proveniente da micro-história (micro-biografia). Nesse sentido, as ligações do trabalho com a prática planejada alcança sucesso na medida que a proposta seguiu as características elencadas na Introdução. Quanto a elas, as palavras da historiadora Márcia Espig são relevantes:

... gostaria de destacar tópicos como a utilização da narrativa, as parcerias com a antropologia (ou alguns de seus formatos teóricos) e o retorno do evento, que a aproximam da terceira geração dos Annales (Burke, 1991, p. 79 e segs; Reis, 2000, p. 112 e segs). Por outro lado, temos ainda a valorização de uma compreensão classista da sociedade (Ginzburg, 1987, p. 31) e a contribuição da noção thompiana de “história desde baixo”, ambas relacionadas à

história social de base inglesa (que por sua vez também se encontra aberta ao uso da antropologia).³⁴⁸

A nomeação dos capítulos, a consideração para com a cronologia da biografia, a forma como as expressões e os parágrafos foram redigidos, respeitaram a proposta micro-histórica no que tange a narrativa. Assim identificamos o (evento) “*Crime de Cravinhos*” como um dos focos da pesquisa, característica também salientada pela historiadora. A opção de trazer a tona a trajetória de uma mulher, significou ver o mundo pelo prisma de uma “minoría”, que no tempo de Iria Alves Ferreira, não tinham nem o direito ao voto.

Um trabalho que partiu da concepção da redução do espaço observado com a responsabilidade de realizar os “jogos de escala”. Dinâmica que nos propiciou frutos interessantes. Lembremos de alguns apontamentos realizados ao longo do texto, inspirados pelas palavras de Gonzaguinha: “*É tão bonito quando a gente sente que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá*”. Assim Iria foi alçada durante todos os capítulos, um conjunto de experiências advindas de pessoas cujas várias formações foram responsáveis pela construção de sua trajetória.

Logo de partida, no primeiro capítulo, apresentamos a chegada de sua família ao nordeste paulista, o complexo e dinâmico mundo do século XIX, as terras devolutas e a maneira como Ribeirão Preto foi fundada. Em especial, identificamos a presença de seu pai (Antônio Honório Alves Ferreira) como modelo interessante para que refletisse sobre o fazer negócios e tomar as rédeas da família quando necessário.

Esposa, mãe e viúva, Iria também segue os passos de sua mãe (Maria Thereza Alves Ferreira), na medida que sempre negociou com a vida tendo como base sua lógica conservadora. No segundo capítulo, promovemos uma discussão acerca deste posicionamento enquanto mulher, esposa, mãe preocupada com a educação dos filhos. E não poderia ser diferente, se tornar “Rainha do Café” não foi esquecer de suas raízes mineiras ou seu sexo (ser mulher), e sim, a partir destes atributos, apostar em um futuro que legitimasse sua representação política (moderna).

Compreender as representações sociais, significou ver o meio o qual foram produzidas. Eis que para tanto foi necessário perceber a maneira como a cidade viveu o contexto da cafeicultura, e de quais maneiras as mulheres de Ribeirão Preto apropriaram tal processo. A modernização, evento global que afetou a tudo e a todos, foi vivenciada

³⁴⁸ ESPIG, M. J. “Uma poeira de acontecimentos minúsculos”... Op. cit., p.205.

a partir das especificidades locais. Aprender esta cidade em transformação foi verificar a forma como Iria pôde ser beneficiada pelo discurso moderno, como chamou-nos a atenção a presença de luz elétrica em sua fazenda antes da implementação na área urbana do município.

Compreender este “*ser moderna*”, significou depois de tantos elementos, o tenso e ambíguo convívio entre signos de dois mundos: o novo e o velho, o arcaico e o moderno, uma novidade sedutora e destruidora ao mesmo tempo. Ser a “Rainha do Café” e a terceira maior negociante da *Petit Paris*, não permitiu que Iria vestisse os discursos da liberdade feminina – a exemplo dos escândalos que certas vestimentas provocaram nos artigos dos periódicos locais. Também a transformou em “vitrine” num mundo do anonimato, o que lhe forçou a se posicionar frente a sociedade atribuindo os valores tradicionais aos ganhos que vinham com os avanços tecnológicos.

A cristalização da representação de grande cafeicultora se deu por uma habilidade diretamente proporcional a sua fortuna, sendo várias as ações de Iria para esta materialização: a implementação do maquinários e da luz elétrica em sua Fazenda, o usufruir dos Almanques e se fazer presente nos jornais por meio da benemerência, entre tantos outros. Contudo, estas ações ocorreram concomitantemente a um uso de atributos femininos que reforçavam o patriarcalismo nacional aos olhos da sociedade local, que via preocupadamente o recente avanço feminino em relações as questões sociais. Não foi apenas as arrobas de café ou a propriedade da fazenda Pau Alto que fez de Iria a “Rainha do Café” – foi a elaboração das representações destas ações por meio da imprensa que permitiu a construção da majestosa “Rainha”.

Foi com esta preocupação que o capítulo três foi redigido. Notar as permanências históricas femininas nesta sociedade efêmera, percebendo ao mesmo tempo professoras e irmãs, coristas e prostitutas. Realçamos a figura de Cassoulet, importante nome do entretenimento noturno, com seus teatros, champagne, charutos e francesas.

As francesas! Sinto que poderíamos ter nos debruçado mais sobre as influências francesas no município. Mas não foi necessário. A cafeicultora viu a chegada do capitalismo industrial a partir dos trilhos da Mogiana, e com eles esta conjuntura moderna que elencamos durante todo o texto.

O último capítulo não poderia ter sido diferente – o Crime do Espriado. Seguindo cronologicamente a biografia, assistimos a partir de diversos olhares o assassinato nas terras da “Pau Alto”. Eis um conjunto de pontos escolhidos para dar

cabo a este evento: as diversas versões do crime, os interesses em incriminá-la, os grupos envolvidos e os ganhos políticos de seus defensores foram questões abordadas. De fato, perceber a “Rainha do Café” no banco dos réus foi também enxergá-la objeto de um jogo de interesses políticos que chegou até a Presidência da República.

Suas amizades com grandes figuras lhe permitiu a absolvição jurídica, mas não o perdão por parte da sociedade ribeirãopretana. Até os últimos momentos em vida, sentiu-se na necessidade de perdoar a todos que a caluniaram, como consta na carta ditada ao Padre Carbella e nas marcações de seu túmulo.

As representações de Iria Alves Ferreira foram responsáveis por moldar o mundo a sua volta e daqueles que as vivenciaram. Nesse sentido, compreendemos como conservadora a lógica de Iria para o alcance do trono da “Rainha do Café”, tal qual os momentos em que preservou sua majestosa imagem. Conservadora na fala, na benevolência, nas roupas, no lidar com os filhos, mas empreendedora na implementação de novas tecnologias, na administração de suas terras, nas amizades com os homens de poder. Enfim, trata-se de uma “Rainha moderna” que carrega consigo o maior dos elementos modernos: a *contradição*. Como já disse Berman, ser moderno é ser antimoderno.

Depois de verificarmos estas apropriações de Iria Alves Ferreira, ainda sobrou fôlego para realizarmos mais uma pergunta: “O que ficou de Iria Alves Ferreira?”. As imagens e mensagens em seu túmulo, fotos de logradouros públicos, serviram de material para que entendêssemos as formas com que ainda sua memória se faz presente nos dias de hoje.

E quando encaminhamos a argumentação para o último dos parágrafos, para muitos o último capítulo poderia padecer de uma informação ou posicionamento por parte de quem o escreve. Aqui, autor e leitor se separam movidos por uma inquietação: Iria Alves Ferreira esteve ou não relacionada ao Crime de Cravinhos?

Posto que justiça pode ser considerada uma *“noção poliforma que expressa direitos abstratos, que está estreitamente associada ao ideal de igualdade e sujeita a interpretações culturais e atribuições”*³⁴⁹, detenho-me a leitura das representações sociais de Iria e deixo para uma nova iniciativa acadêmica este esforço interpretativo. Que este infinito particular encontre ponto final não como fim de nossas investidas, mas

³⁴⁹ PATIÑO, Francisco Javier Uribe; ÁVILA, Maria Tereza Acosta. Você disse Justiça? Elementos de uma representação social. In: OLIVEIRA, Denize Cristina; CAMPOS, Pedro Humberto Faria. **Representações sociais, uma teoria sem fronteiras...** Op. cit., p.201.

quem sabe, pausa e busca de fôlego para imersões maiores cujos frutos ainda nos são desconhecidos...

Fontes e Bibliografia

Fontes

Testamentos, livros e atas:

Abertura de Testamento de Iria Alves Ferreira. 1º. Ofício Civil. Cx. 228-A. APHRP.

ALMANACH ILLUSTRADO DE RIBEIRÃO PRETO, Ribeirão Preto: Sá, Manaia & Cia., 1913, p.84-87. APHRP.

Auto de Abertura do Testamento do finado Antonio Honório Alves Ferreira. 1º Ofício Civil – Inventários. Cx. 16. APHRP.

Câmara Municipal, ato nº 6057 de 21 de agosto de 1991. Extraído do site:
<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/leis/pesquisa/ver.php?id=13070>

Livro Contrato de Locação de Serviços e Outros. APHRP

MEIRA JUNIOR, João Alves; BARRETO, Fábio de Sá; MATTOS, Joaquim Camillo de M. **O crime de Cravinhos**: razões de recurso e memorial dos recorrentes. (Tribunal de Justiça de São Paulo). Ribeirão Preto: Typografia Selles, 1920. Biblioteca Nacional.

Jornais:

A CIDADE – 1905; 1907; 1910; 1914; 1915; 1916; 1918

DIÁRIO DE MANHÃ – 1907, 1912, 1932;

O PARAFUSO - 1920

Atlas

LASTÓRIA, Andréa Coelho (org.) **Atlas Escolar Histórico, Geográfico e Ambiental de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, 2008. (CD-ROM)

Dicionários

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2000.

Historiadores locais e memorialistas:

CHIAVENATO, Júlio José. **Coronéis e Carcamanos**. 2. ed. Ribeirão Preto, SP: FUNPEC Editora, 2004.

CIONE, Rubem. **História de Ribeirão Preto**. (V5). 1. ed. Ribeirão Preto: IMAG, 1987.

_____. **Revivescências na história de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto, Ed. Legis Summa Ltda, 1994.

JARDIM, Renato. **Reminiscências**. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais Ltda, 1946.

MIRANDA, João Pedro. **Ribeirão Preto: de ontem e de hoje**. Ribeirão Preto: Eldorado, 1981.

PRATES, Prisco da Cruz. **Ribeirão Preto de outrora**. Ribeirão Preto: Bandeirantes, 1975.

_____. **Relembrando o passado**. 2^a. Ed. Ribeirão Preto: Gráfica União, 1979.

XAVIER, Valêncio. **Crimes à moda antiga**. Ilustrações de Sérgio Nicultchef. São Paulo: Publifolha, 2004.

Bibliografia

AMORIM, Galeno. (org.). **Os desbravadores**, personalidades que fizeram história no interior paulista. Palavra Mágica. Ribeirão Preto, 2001.

BACELLAR, Carlos de Almeida Prado & BRIOSCHI, Lucila Reis (orgs.). **Na estrada do Anhanguera**: uma visão regional da história paulista. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1999.

BALZAC, Honoré de. **O pai Goriot**. Trad. Celina Portocarrero e Ilana Heineberg. Porto Alegre: L&PM, 2006.

BARROS, Ricardo. **História da história da fundação de Ribeirão Preto**. Editora Legis Summa: Ribeirão Preto: 2005.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BÍBLIA. Evangelho de São Marcos. 8, 34-38, Editora Santuário e Editora Vozes: Rio de Janeiro.

BOTELHO JR., Martinho. **Brazil Magazine**: Revista Ilustrada d'Arte e Actualidades. Rio de Janeiro: s. ed., v.57, 1911.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S. A., 1989.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX**: o espetáculo da pobreza. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BROWN, Judith C. **Atos impuros**: a vida de uma freira lésbica na Itália da Renascença. Trad. Claudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

Câmara Municipal de Ribeirão Preto. **Memória**: as legislaturas municipais de 1874 a 2004. Ribeirão Preto: Editora COC, 2001.

CAMARGO, J. F. **Crescimento da população do Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos**. 2v. São Paulo: IPÊ/USP, 1981.

CARONE, Edgard. **A República Velha**: instituições e classes sociais. 2ª ed. São Paulo: Ed. Corpo e alma do Brasil, 1972.

CARVALHO, José Murilo. **Pontos e bordados**: escritos de memória e política. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2005.

CASALECCHI, José Enio. **A proclamação da república**. 4. ed. Editora Brasiliense: São Paulo, 1989.

CHIACHIRI FILHO, José. **Do sertão do rio Pardo a Vila Franca do Imperador**. Ribeirão Preto: Ribeira, 1982.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia a República**: momentos decisivos. 7.ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martin Guerre**. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: a formação do Estado e Civilização. V.2. Trad por Ruy Jungmann. rev. por Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder**: formação do patronato político brasileiro. 2. ed. Editora Globo: Porto Alegre, 1975.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. Trad. Leonor Martinho Simões e Gisela Moniz. Lisboa: Editorial Presença, 1986.

FÓLIS, Fransérgio. **Modernização urbana na Belle Époque paulista**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

FRAGOSO, J. L. R. **Homens de grossa ventura**: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830). 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

FRAGOSO, J. L. R.; FLORENTINO, M. **O arcaísmo como projeto:** mercado atlântico, sociedade e elite mercantil em uma economia colonial tardia Rio de Janeiro, c. 1790 e c.1840. 4ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FREITAG, Barbara. **Teorias da cidade.** Campinas/SP: Papirus, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala.** 45ª. ed. Editora Record: Rio de Janeiro, 2001.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes:** o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** 26. ed. Companhia das Letras: São Paulo, 1999.

HOBBSBAWM, Eric. **A era do capital:** 1848-1875. Trad. Luciano Costa Neto. 5ª. Ed. Revista. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1996.

HUNT, Lynn. (org.) **A nova história cultural.** Trad. de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônico. **O coronelismo:** uma política de compromissos. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

KASSAB, Pedro. **Culturalismo:** a educação paulista e sua academia. Barueri: Manole; Brasília-DF: Instituto Tancredo Neves, 2004, p.02-06.

LAGES, J. A. **Ribeirão Preto:** da Figueira à Barra do Retiro – o povoamento da região pelos entrantes mineiros da primeira metade do século XIX. Ribeirão Preto: VGA Editora e gráfica, 1996.

LE GOFF, Jacques. **São Luís:** Biografia. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Record, 1999.

_____. **História e memória.** Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. 5. ed. Editora da UNICAMP: Campinas, 2003.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo, no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana.** Heliana Angotti Salgueiro (org.) Tradução de Cely Arena. São Paulo: Edusp, 2001.

LIMA, Henrique Espada. **A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LOBATO, José Bento Renato Monteiro. **A barca de Gleyre.** 1º Tomo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1950.

MARQUES, A. M.; BERUTTI, F. C.; FARIA, R. C. **História moderna através de textos.** 7.ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MARX, Murillo. **Nosso chão: do sagrado ao profano.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

MATTOS, J. A. J. **Família Junqueira: sua história e genealogia.** Rio de Janeiro: Família Junqueira, 2004.

NEEDELL, J. D. **Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século.** São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahi. **História & História Cultural.** 2.ed. 1 reimp.. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

POSSAS, Lídia Maria Vianna. **Mulheres, trens e trilhos: modernidade no sertão paulista.** Bauru, SP: Edusc, 2001.

PRADO JÚNIOR, C. **História econômica do Brasil.** 12. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1970.

PRADO JÚNIOR, C. **Formação do Brasil contemporâneo: colônia.** 24ª. reimp. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. **A educação feminina durante o século XIX: o Colégio Florence de Campinas 1864-1889.** 2.ed. Campinas, SP: UNICAMP/CMU, 2006.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Literatura e cordialidade: o público e o privado na cultura brasileira.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
_____. (Org.) **Cordialidade à brasileira: mito ou realidade?** Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por detrás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ROSA, L. O.; REGISTRO, T. C. **Ruas e caminhos: um passeio pela história de Ribeirão Preto.** Ribeirão Preto: Editora e Gráfica Padre Feijó Ltda., 2007.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4.ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. **A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Adriana Capretz Borges da. **Campos Elíseos e Ipiranga: memórias do antigo Barracão.** 1.ed. Editora COC: Ribeirão Preto, 2006.

SIMILI, Ivana Guilherme. **Mulher e política: a trajetória da primeira-dama Darcy Vargas (1930-1945).** São Paulo: Editora UNESP, 2008.

SMITH, Bonnie G. **Gênero e História: homens, mulheres e prática histórica.** Trad. de Flávia Beatriz Rossler. Bauru: EDUSC, 2003.

STAROBINSKI, Jean. **As máscaras da civilização.** Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história: micro-história.** Rio de

Janeiro: Campus, 2002.

_____. **Traição:** um jesuíta a serviço do Brasil holandês processado pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

VILAÇA, Marcos Vinícios; ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti. **Coronel, coronéis.** Tempo Brasileiro e Universidade de Brasília, Rio de Janeiro, 1978.

WALKER, Thomas; BARBOSA, Agnaldo de Sousa. **Dos coronéis a metrópole:** fios e tramas da sociedade e da política em Ribeirão Preto no século XX. Ribeirão Preto/SP: Palavra Mágica, 2000.

Artigos e capítulos de livros

AMADO, Janaína. *História e região: reconhecendo e construindo espaços.* In SILVA, M. A. **República em migalhas:** história regional e local. São Paulo: Marco Zero, 1990.

AUGÉ, Marc. *O espaço histórico da Antropologia e o tempo antropológico da História.* In: _____. **Por uma antropologia dos mundos contemporâneos.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BURKE, Peter. *Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro.* In BURKE, P. (org.). **A escrita da história:** novas perspectivas. São Paulo: Ed. Unesp, 1992, p.07-38.

CARRATO, José Ferreira. *O Ribeirão Preto e a chegada da Mogiana.* In: **Ribeirão Preto:** a cidade como fonte básica de pesquisa. Curso de extensão universitária, USP, 1984.

CAVALCANTE, José Luiz. A Lei de Terras de 1850: e a reafirmação do poder básico do Estado sobre a terra. In: *Histórica – Revista eletrônica do Arquivo do Estado de São Paulo.* (<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao02/materia02>, acessado em 13 de janeiro de 2008, às 23:30)

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados.** São Paulo: USP, 11(5), 1991, pp.173-191.

_____. Por Uma sociologia histórica das práticas culturais. In _____. **História cultural:** entre práticas e culturais. Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1988, p.13-28.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORI, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (coord.). **História das mulheres no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 1997.

DOIN, J. E. M. A formação do Estado-Nação, a gênese da modernização conservadora e da dívida pública: questões preliminares, **Boletim do CELA** (Centro de Estudos Latino-Americanos), Ano III, n. 3, 1993.

_____. *Olhar, desejo e paixão: lazeres e prazeres nas terras do café (1864 – 1930)*. In: DOIN, J. E. M.; PEREIRA, R. M. (orgs.) **A Belle Époque Caipira: a saga da modernidade nas terras do café (1864-1930)**. Franca: UNESP-FHDSS/CEMUNC, 2005.

DOIN, José Evaldo de Mello; PAZIANI, Rodrigo Ribeiro. *Sob o manto do capitalismo bucaneiro: raízes e facetas da experiência moderna no Brasil*. **História Revista**, Goiânia, v.12, n.2.

DOIN, José Evaldo de Mello; Paziani, Rodrigo Ribeiro; CUELLO, Josué Peroni. *A saga de Ribeirão Preto na Belle Époque caipira: modernidade e urbanização na Primeira República*. **DIALOGUS**. Ribeirão Preto, v.1, n.2, 2006.

ESPIG, Márcia Janete. “*Uma poeira de acontecimentos minúsculos*”: algumas considerações em torno das contribuições teórico-metodológicas da micro-história. **História Unisinos**. 10(2):201-213, maio/agosto 2006.

JODELET, Denise. *Representações sociais: história e avanços teóricos*. Vinte anos de teoria de representações sociais no Brasil In: OLIVEIRA, Denize Cristina; CAMPOS, Pedro Humberto Faria. **Representações sociais, uma teoria sem fronteiras**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

LEVI, Giovanni. *Sobre a micro-história*. In: BURKE, P. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

LEPETIT, Bernard. A história leva os atores a sério? In: SALGUEIRO, H.A. (org.) **Por uma nova história urbana**. São Paulo: Edusp, 2001.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. *Recônditos do mundo feminino*. In: NOVAIS, Fernando (dir.); SEVCENKO, Nicolau (org.) **História da vida privada no Brasil: República, da Belle Époque a era do rádio**. Companhia das Letras: São Paulo, 1999, pp.367-421.

MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: NOVAIS, Fernando A. (dir.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. V. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 605-606.

MOTT, Maria Lúcia. *Maternalismo, políticas públicas e benemerência no Brasil (1930-1945)*. **Cadernos Pagu**, v. 16, 2001, pp.199-234.

PARIS, Robert. *Biografias e 'Perfil' do Movimento Operário – algumas reflexões em torno de um dicionário*. **Revista Brasileira de História**. v. 17, nº33, São Paulo: Anpuh/Ed.Unijuí, 1997.

PATIÑO, Francisco Javier Uribe; ÁVILA, Maria Tereza Acosta. Você disse Justiça? Elementos de uma representação social. In: OLIVEIRA, Denize Cristina; CAMPOS, Pedro Humberto Faria. **Representações sociais, uma teoria sem fronteiras**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

PAZIANI, R. R. *Outras leituras da cidade: experiências urbanas da população de Ribeirão Preto durante a Primeira República*. **Tempo**. Universidade Federal Fluminense, Departamento de História., v.10, n.19, Jul. – Dez. Rio de Janeiro: 2005.

PERINELLI NETO, Humberto; MELLO, Rafael Cardoso de. **Bucaneirismo: um conceito para análise histórica**. In: Anais Eletrônicos do Seminário de Pesquisa de Pós-graduação em História da UERJ - III Semana de História Política. Rio de Janeiro:PPGH/UERJ, 2008.

PERINELLI NETO, Humberto. *Micro-história: caracterizações de uma prática historiográfica*. **Anais do III Simpósio Internacional Cultura e Identidades**; Goiânia/GO, 2007.

PESAVENTO, S. J. *Em busca de uma Outra História: imaginando o imaginário*. In: **Revista Brasileira de História**. V.15, nº29, 1995, p.09-27.

REVEL, J. *Micro análise e construção social*. _____. (org.) **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ROCHA, M. A. S. B. *Viver e morrer em Cuiabá na segunda metade do século XIX*. **Revista Territórios e Fronteiras**. v.1 n.1 Jan/Jun, 2008.

SCOTT, J. *História das mulheres*. In: BURKE, P. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1993.

SETUBAL, Maria Alice. *Famílias paulistanas, famílias plurais*. In _____. (dir.) **Terra paulista: história, arte e costumes**. (V.2) Modos de vida dos paulistas: identidades, famílias e espaços domésticos. Imprensa Oficial: São Paulo, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. *O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso*. In: NOVAIS, Fernando (dir.) **História da vida privada no Brasil: República, da Belle Époque a era do rádio**. Companhia das Letras: São Paulo, 1999, p.07-48.

SOIHET, R. *História das mulheres*. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campos, 1995.

SCHWARZ, Roberto. **Cultura e política**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

Teses, dissertações e monografias

ALMEIDA, Vasni de. **Converter, ensinar e conformar: a missão metodista em Ribeirão Preto (1896-1950)**. Dissertação de Mestrado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 1997.

ALMEIDA, O. **Uma ponte entre o arcaico e o moderno: José Gabriel de Oliveira e Souza e a modernização urbana em Santa Bárbara D'Oeste (1892-1920)**. Dissertação de mestrado em História. FHDSS, Franca, 2003.

APARÍCIO, Letícia Ricci. **Forma e aparência: análise da moda feminina e seus sentidos sociais na Ribeirão Preto da Belle Époque (1883/1930)**. Monografia de conclusão de Curso. CUBM: Ribeirão Preto, 2007.

AZEVEDO, V. S. **Entre a tela e a platéia: theatros e cinematographos na Franca da Belle Époque (1890-1930)**. Dissertação de mestrado em História. FHDSS, Franca, 2001.

BORGES, Maria Elizia. **Arte tumular: a produção dos marmoristas de Ribeirão Preto**

no período no período da Primeira República. Tese de Doutorado em História. Departamento de Artes/USP: São Paulo, 1991.

CALDANA, Regina Helena Lima. **Ser criança no início do século: alguns retratos e suas lições.** Tese de Doutorado em Educação. UFSC, Universidade Federal de São Carlos, 1998.

CARVALHO, S. S. **Aluíso Azevedo: representações e imagens femininas (1881-1895).** Dissertação de Mestrado. Franca: Unesp, 1996.

CINTRA, Rosana Aparecida. **Italianos em Ribeirão Preto: vinda e vida de imigrantes (1890-1900).** Dissertação de Mestrado em História. FHDSS/UNESP. Franca: 2001.

CUNHA, Marcos Vinícius da. **Educação e política em Ribeirão Preto: a fundação e os primeiros anos do Ginásio do Estado.** Dissertação de Mestrado. (1907-1920). Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 1988.

DIAS, Patrícia Fiquini. **Encontro entre narrativas: a interpretação da obra Coronéis e Carcamanos de J. J. Chiavenato.** Monografia de conclusão de Curso. CUBM: Ribeirão Preto, 2008.

DOIN, José Evaldo de Mello. **Capitalismo bucaneiro: dívida externa, materialidade e cultura na saga do café (1889-1930).** Franca: NESP/FHDSS, 2001, 2 vols. (Tese de Livre docência em História).

FARIA, Rodrigo Santos de. **Ribeirão Preto, uma cidade em construção (1895-1930): o moderno discurso da higiene, beleza e disciplina.** Dissertação de Mestrado em História. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

FRANÇA. Jorge Luiz. **Meretrizes na Belle Époque do Café: cabaré e sociedade (1890-1920).** Monografia de Conclusão de Curso em História. Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, 2006.

FURTADO, A. C. **Mulheres cultas e devotas: o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Ribeirão Preto (1918-1960).** Dissertação de Mestrado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2001.

GARCIA, Maria Angélica Momenso. **Trabalho e resistência: os trabalhadores rurais na região de Ribeirão Preto (1890-1920).** Dissertação de Mestrado em História. FHDSS. Universidade Estadual Paulista. Franca, 2004.

INNOCENTI, Thaís Ferraz de Barros Pimentel. **Dona Veridiana Valésia da Silva Prado**: uma imagem e seus espelhos. Dissertação de Mestrado em História. FFLCH – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

JAYME, Lúcia de Rezende. **Nas sombras das luzes educacionais**: as escolas isoladas em Ribeirão Preto (1890-1920). Monografia de conclusão de Curso. CUBM: Ribeirão Preto, 2007.

JORGE, Janes. **O crime de Cravinhos**: oligarquia e sociedade em São Paulo 1920-1924. Dissertação de Mestrado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2004.

PONTES JUNIOR, Wilson. **A ópera das aparências**: uma análise social das apresentações de óperas no município de Ribeirão Preto entre 1910-1920. Monografia de conclusão de Curso. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2005.

OLIVEIRA, Jorge Henrique Caldeira. **Ribeirão Preto na República Velha**: economia e riqueza através das transações imobiliárias. Tese de Doutorado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2006.

PAZIANI, Rodrigo Ribeiro. **Construindo a Petit Paris**: Joaquim Macedo Bittencourt e a Belle Époque em Ribeirão Preto (1911-1920). Tese de Doutorado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2004.

PERINELLI NETO, Humberto. **A construção da Paisagem do Sertão no Brasil Moderno**: investigando e interpretando a Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos 1956/1972. Dissertação de Mestrado em História. FHDSS/Universidade Estadual Paulista, Franca: 2002.

REIS, Marcio Andreza dos. **O Eldorado dos imigrantes**: a trajetória das famílias espanholas em Ribeirão Preto de 1890-1910. Dissertação de Mestrado em História. FHDSS/UNESP. Franca: 2002.

ROSA, Lucas Augusto. **Sementes de macadame**: o florescer da (des)organização social: Ribeirão Preto e o moderno processo de urbanização. (1900 a 1930). Monografia de Conclusão de Curso de Pós Graduação Lato Sensu – História, Cultura e Sociedade. Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto: 2008.

SANTOS, J. R. **As transformações de riqueza em Ribeirão Preto, 1920-1950**. Tese de Doutorado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2004.

TICLI, Kátia Kiss. **As intuições totais e a cidade do século XIX:** uma análise da arquitetura disciplinar na cidade de Ribeirão Preto. Dissertação de Mestrado. Departamento de Arquitetura e Urbanismo: Universidade de São Paulo, São Carlos, 2000.

TUON, Liamar. **O cotidiano cultural em Ribeirão Preto (1880-1920).** Dissertação de Mestrado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 1997.

VARGAS, Claudia. Regina. **As várias faces da cidade:** Bento de Abreu e a modernização de Araraquara (1908-1916). Dissertação de mestrado em História. FHDSS, Franca, 2000.

VERONA, Elisa Maria. **Da feminilidade oitocentista.** Dissertação de Mestrado em História. FHDSS, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2007.